



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

BEATRIZ LEITE ANTUNES

**A AGROINDÚSTRIA CAFEEIRA DE BOTUCATU - SP:
ANÁLISE HEURÍSTICA DA FAZENDA SERRA NEGRA**

BEATRIZ LEITE ANTUNES

**A AGROINDÚSTRIA CAFEEIRA DE BOTUCATU-SP: ANÁLISE HEURÍSTICA
DA FAZENDA SERRA NEGRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", câmpus de Bauru, como requisito final para a obtenção do título de Mestre.

Orientador(a): Prof^a Associada Rosio
Fernández Baca Salcedo

FICHA CATALOGRÁFICA

Antunes, Beatriz Leite.

A agroindústria cafeeira de Botucatu-SP : Análise
heurística da Fazenda Serra Negra / Beatriz Leite
Antunes. - Bauru, 2021

290 p: il., fotos, mapas

Orientadora: Rosio Fernández Baca Salcedo

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação e Design, Bauru, 2021.

1. Agroindústria cafeeira. 2. Serra Negra. 3.
Patrimônio industrial. 4. Urbanismo Ambiental
Hermenêutico. 5. Botucatu I. Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE BEATRIZ LEITE ANTUNES, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 21 dias do mês de junho do ano de 2021, às 09:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de BEATRIZ LEITE ANTUNES, intitulada **A AGROINDÚSTRIA CAFEEIRA DE BOTUCATU - SP: ANÁLISE HEURÍSTICA DA FAZENDA SERRA NEGRA**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof.^a Associada ROSIO FERNANDEZ BACA SALCEDO (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo / FAAC/Unesp/Bauru, Prof. Dr. EDUARDO ROMERO DE OLIVEIRA (Participação Virtual) do(a) Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo / FAAC/Unesp/Bauru, Prof. Dr. MARCELO ZÁRATE MARSILI (Participação Virtual) do(a) Proyectos de La Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo / Universidad Nacional del Litoral de Santa Fé, Argentina. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: **APROVADA**. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Prof.^a Associada ROSIO FERNANDEZ BACA SALCEDO

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus avós, João Batista e Maria da Consolação, Benedito e Maria Aparecida, que inspiraram esta pesquisa, graças às histórias de fazenda que alimentaram minha infância e ao amor que nutre a minha alma todos os dias.

AGRADECIMENTOS

No intenso caminho desta pesquisa de mestrado, foram diversos obstáculos vencidos graças ao incentivo e ao apoio de pessoas incríveis que buscarei mencionar nessa breve homenagem.

Agradeço à professora Rosío F. B. Salcedo, a qual sempre dirigirei o título de orientadora tanto pela fé depositada em mim, quanto pelas oportunidades únicas e que, através de seu exemplo, levaram-me a desenvolver essa paixão pela docência. Isso me leva a agradecer, também, a todos os docentes e funcionários do PPGARQ, que dedicam seu trabalho em prol da ciência, inspirando a mim e a tantos outros no caminho da Universidade Pública e de qualidade. Assim como a CAPES, por subsidiar essa pesquisa e seguir investindo em estudantes das ciências humanas e das ciências sociais aplicadas.

Também deixo minha gratidão à minha base e inspiração: minha família. Na figura do meu pai, Ednei, agradeço por todos que me incentivaram à literatura, à cultura e à história de Botucatu e que renderam os frutos colhidos nesta entrega. À minha mãe, Cristiane, deixo minha gratidão por toda a orientação, o sustento e a força dedicada a mim neste período. E aos meus irmãos de sangue ou de alma, Isabella, Luís Felipe e Andressa, por serem meu apoio e meu suporte para todos os momentos difíceis enfrentados.

Minha gratidão aos colegas de mestrado e a todos os “dialógicos”, que dividiram parte dessa trajetória comigo. Da mesma forma, agradeço a todos os meus amigos que mesmo sem entender, ouviram carinhosamente sobre minha pesquisa, intercederam por minhas dificuldades e dividem mais uma vitória. Simbolizando também a todos que contribuíram diretamente com os dados coletados, gostaria ainda de expressar minha gratidão à família Carnietto, nas pessoas do Sr. Carlos e da D. Anita, pela cordialidade e pelo carinho com que abriram as portas de suas casas, acervos e museus para que eu pudesse realizar a pesquisa.

Por fim, ao meu querido Bruno que, junto de Deus, esteve comigo em todas as etapas dessa pesquisa, desde o primeiro encontro com a orientadora, as viagens aos exemplares, as coletas em museus e acervos, as medições e até as bancas. Espero poder retribuir, ao longo da vida, todo amor e toda dedicação que você colocou nessa aventura comigo.

Nós podemos viver sem ela [arquitetura], e orar sem ela, mas não podemos rememorar sem ela [...] há dois deveres em relação à nossa arquitetura nacional, cuja importância é impossível superestimar: o primeiro, tornar a arquitetura atual, histórica; e o segundo, preservar, como a mais preciosa de todas as heranças, aquela das épocas passadas

John Ruskin, A Lâmpada da Memória, p. 54-55

RESUMO

O processo industrial do café foi incentivado pelo incentivo à ferrovia, substituição da mão de obra escrava pelo trabalho livre imigrante e pelas políticas positivistas da proclamação da República. A configuração do território de Botucatu (urbano e rural) é resultado da influência exercida pela produção cafeeira paulista. Entende-se que o processo de urbanização da cidade ocorreu graças a articulação entre os serviços de comércio, saúde, educação e finanças, ocorridas no centro urbano, com a agroindústria cafeeira de Botucatu: as fazendas Monte Selvagem, Boa Esperança, Monte Alegre, Lageado e Serra Negra. A fazenda Serra Negra foi uma grande produtora de café durante o auge cafeeiro, e corresponde à um representativo patrimônio industrial no estado de São Paulo. Após a queda da produção cafeeira e do êxodo rural, algumas destas edificações foram ressignificadas e abandonadas, mesmo com o forte simbolismo de antigos moradores. A pesquisa objetiva analisar o processo agroindustrial cafeeiro do Município de Botucatu (contexto) e suas relações com a fazenda Serra Negra (texto), através dos cronotópos que marcaram sua trajetória: territorialização (1880 à 1950) e desterritorialização (1950 aos dias de hoje). A partir disso, propor a valorização do Patrimônio industrial da agroindústria cafeeira do Município de Botucatu, bem como a reterritorialização da Fazenda Serra Negra, com base no método Urbanismo Ambiental Hermenêutico. Os resultados apontam que o contexto foi fundamental para articulação e desarticulação da agroindústria com o centro urbano de Botucatu. A conservação das fazendas e a relação simbólica da população com as mesmas nos levou a uma proposta de valorização do patrimônio agroindustrial por meio da reconexão entre o espaço urbano (Botucatu) e rural (Fazenda Monte Alegre, Boa Esperança, Monte Selvagem, Lageado e Serra Negra) através da proposta da “Rota do Café”. Na reterritorialização da Fazenda Serra Negra (texto), como parte da Rota do café, são propostas a reabilitação e o restauro das 4 unidades ambientais identificadas: Casa-Sede, Casa dos Colonos, Plantação e Núcleo Industrial. Ao fim, conclui-se que a pesquisa contribuiu com os estudos sobre o método Urbanismo ambiental hermenêutico, auxiliando no desenvolvimento de ferramentas para identificação dos ambientes físicos, sociais e simbólicos dos sítios históricos; com a valorização do patrimônio agroindustrial e o incentivo às políticas de educação e cultura patrimonial.

Palavras-chave: Agroindústria cafeeira, Serra Negra, Patrimônio industrial, Urbanismo Ambiental Hermenêutico, Botucatu.

RESUMÉN

El proceso industrial del café se vio favorecido por las políticas de transporte ferroviario, la sustitución de la mano de obra esclava por la libre inmigrante y las políticas positivistas de la proclamación de la República. La configuración del territorio de Botucatu (urbano y rural) es el resultado de la influencia ejercida por la producción de café en São Paulo. Se entiende que el proceso de urbanización de la ciudad se produjo gracias a la articulación de los servicios, el comercio, la salud, la educación y las finanzas que se produjo en el centro urbano con la agroindustria del café de Botucatu: las haciendas Monte Selvagem, Boa Esperança, Monte Alegre, Lageado y Serra Negra. La hacienda Serra Negra fue una de las principales productoras durante el apogeo de la producción de café y corresponde a un patrimonio industrial representativo en el estado de São Paulo. Tras el declive de la producción de café y el éxodo rural, algunos de estos edificios adquirieron un nuevo significado y otros, aunque conservados por el fuerte simbolismo de los antiguos residentes, fueron abandonados. La investigación tiene como objetivo analizar el proceso agroindustrial del café en el municipio de Botucatu (contexto) y sus relaciones con la Hacienda Serra Negra (texto), a través de los cronotopos que marcaron su trayectoria: la territorialización (1880 a 1950) y la desterritorialización (1950 a la actualidad). A partir de esto, proponer la valoración del patrimonio industrial de la agroindustria del café en el Municipio de Botucatu, así como la reterritorialización de la Hacienda Serra Negra, con base en el método del Urbanismo Ambiental Hermenéutico. Los resultados muestran que el contexto fue fundamental para la articulación y desarticulación de la agroindustria con el centro urbano de Botucatu. La preservación de las fincas y la relación simbólica de la población con ellas nos llevó a proponer la valorización del patrimonio agroindustrial a través de la reconexión entre el espacio urbano (ciudad de Botucatu) y el espacio rural (Finca Monte Alegre, Boa Esperança, Monte Selvagem, Lageado y Serra Negra) mediante la propuesta de la "Ruta del Café". En la reterritorialización de la Hacienda Serra Negra (texto), se propone la rehabilitación y restauración de las 4 unidades ambientales identificadas: Casa Sede, Casa de los Colonos, Plantación y Núcleo Industrial. La investigación contribuyó con los estudios sobre el método de urbanismo ambiental hermenéutico, ayudando en el desarrollo de herramientas para la identificación de entornos físicos, sociales y simbólicos de los sitios históricos; con la valorización del patrimonio agroindustrial y el incentivo a las políticas de educación y cultura patrimonial.

Palabras clave: Agroindustria del café, Serra Negra, Patrimonio Industrial, Urbanismo Ambiental Hermenéutico, Botucatu.

ABSTRACT

The coffee industrial process was encouraged by railroad transportation policies, substitution of slave labor by immigrant labor, and by the positivist policies of the proclamation of the Republic. The configuration of Botucatu's territory (urban and rural) is the result of the influence exerted by the coffee production in São Paulo. It is understood that the urbanization process of the city occurred because of the articulation of services, commerce, health, education and finances which occurred in the urban center with the coffee agro-industry of Botucatu: the Monte Selvagem, Boa Esperança, Monte Alegre, Lageado and Serra Negra farms. The Serra Negra farm was a major producer during the peak of coffee and corresponds to a representative industrial heritage in the state of São Paulo. After the decline of the coffee and the rural exodus, some of these buildings were given new meaning and others, although preserved by the strong symbolism of the old residents, were abandoned. The research aims to analyze the coffee agro-industrial process in Botucatu (context) and its relations with the Serra Negra Farm (text), through the chronotopes that marked its trajectory: territorialization (1880 to 1950) and deterritorialization (1950 to the present day). From this, to propose the valorization of the industrial heritage of the coffee agro-industry in Botucatu, as well as the reterritorialization of the Serra Negra Farm, based on the Hermeneutic Environmental Urbanism method. The results show that the context was fundamental for the articulation and disarticulation of the agroindustry with the urban center of Botucatu. The conservation of the farms and the symbolic relationship of the population with them led us to propose the valorization of the agro-industrial heritage through the reconnection between the urban (Botucatu city) and rural (Monte Alegre, Boa Esperança, Monte Selvagem, Lageado and Serra Negra farms) spaces through the "Coffee Route" proposal. In the reterritorialization of the Serra Negra Farm (text), as part of the Coffee Route, the rehabilitation and restoration of the 4 identified environmental units are proposed: Workers House, Main House, Plantation and Industrial Nucleus. The research contributed: to the studies on the hermeneutic environmental urbanism method, helping in the development of tools for the identification of physical, social and symbolic environments of the historical sites; with the valorization of the agro-industrial heritage and the incentive to heritage education and culture policies.

Keywords: Coffee Agroindustry, Serra Negra, Industrial Heritage, Hermeneutic Environmental Urbanism, Botucatu.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ciclo Hermenêutico de Paul Ricoeur.....	12
Figura 2: Os processos de territorialização do Lugar	16
Figura 3: Esquema de Territorialização fictícia.....	17
Figura 4: Esquema de Desterritorialização fictícia	18
Figura 5: Esquema de Reterritorialização fictícia	19
Figura 6: Relações sóciofísicas, sóciosimbólicas e simbólico físicas do Contexto....	30
Figura 7: Mapa Heurístico do Contexto.....	31
Figura 8: Esquema das fontes e técnicas utilizadas no Ambiente Físico	34
Figura 9: Fontes e Técnicas utilizadas no Ambiente Social	36
Figura 10: Fontes e Técnicas utilizadas no Ambiente Simbólico.....	37
Figura 11: Matriz de Relação entre Grupos sociais e Atividades	38
Figura 12: Sinergias entre cenários, atividades ou grupo sociais e simbolismos	39
Figura 13: Ficha Catalográfica - Unidades Ambientais	44
Figura 14: Diagrama de relações entre texto e contexto.....	44
Figura 15: Diagrama síntese do método apresentado na pesquisa	47
Figura 16: A expansão cronológica do cultivo de café no Estado de São Paulo.....	50
Figura 17: Esquema de processos do beneficiamento do café	53
Figura 18: Esquema de mecanização do beneficiamento do café	55
Figura 19: Nacionalidade dos imigrantes entrados no Estado de São Paulo 1872 -1971	67
Figura 20: Aspecto da Vila Criada em 1855.....	73
Figura 21: Mapa do Centro Urbano de Botucatu em 1872.....	75
Figura 22: Linha do tempo da história de Botucatu - Principais fatos até 1889.....	76
Figura 23: Mapa da conexão da Avenida Floriano Peixoto com a Rua do Comércio e Av. Sant'Anna.....	77
Figura 24: Esquema de relações entre a Morfogênese e o Texto.....	78
Figura 25: Implantação da Fazenda Serra Negra na gênese.....	80
Figura 26: Implantação da Fazenda Lageado – Em destaque vermelho casa-sede.	81
Figura 27: Canaletas de Transporte dos grãos e vagonetas sob trilhos na Fazenda Lageado - Botucatu (SP).....	81
Figura 28: Tulha e passarela da Fazenda Lageado - Botucatu (SP).....	82
Figura 29: Casa-Sede da Fazenda Lageado.....	82
Figura 30: Implantação da Fazenda Monte Alegre.....	83

Figura 31: Casa-sede da Fazenda Monte Alegre	84
Figura 32: Implantação da Fazenda Monte Selvagem	85
Figura 33: Colonos manuseando os rodos espalhando os grãos na Fazenda Monte Selvagem - Botucatu (SP)	85
Figura 34: Lavador dos terreiros da Fazenda Boa Esperança - Botucatu (SP).....	86
Figura 35: Fachada da Casa-Sede da Fazenda Boa Esperança e esquema da Tulha	87
Figura 36: Articulação das fazendas entre si e com o centro urbano.....	88
Figura 37: Gráfico do aumento populacional de Botucatu no período de 1760 à 1920	89
Figura 38: População estrangeira (% no total da população) em 1950 – destaque em amarelo para o município de Botucatu	92
Figura 39: Mapa Heurístico - Contexto na Territorialização	97
Figura 40: Mapa com indicação aproximada das regiões concentradores de unidades industriais sucroalcooleiras em São Paulo – Região de Botucatu em Amarelo	102
Figura 41: Mapa das Regiões Turísticas estabelecidas pela Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo.....	106
Figura 42: Capela Santo Agostinho.....	110
Figura 43: Fazenda Monte Selvagem - Comemoração de Imigrantes sobre o dia da Itália 1940.....	111
Figura 44: Estado de conservação da Casa-Sede - Fazenda Monte Selvagem	111
Figura 45: Núcleo Industrial Fazenda Boa Esperança	112
Figura 46: Diagrama de Fluxo Turístico em Botucatu 2019	114
Figura 47: Diagrama de articulação das legislações incidentes sobre Vitoriana	116
Figura 48: Área de Tombamento da Fazenda Lageado, do complexo ferroviário, Instituto Cardoso de Almeida e Fórum de Botucatu respectivamente	118
Figura 49: Planta de Zoneamento da Cidade de Botucatu.....	119
Figura 50: Gráficos respostas reconhecimento físico do Patrimônio Agroindustrial	120
Figura 51: Gráfico reconhecimento da nomenclatura.....	121
Figura 52: Gráfico de reconhecimento espontâneo dos proprietários	121
Figura 53: Gráfico de reconhecimento dos proprietários e personagens da territorialização	122
Figura 54: Reconhecimento Simbólico acerca do patrimônio industrial	122

Figura 55: Mapa Heurístico da Desterritorialização.....	124
Figura 56: Croquis de Carlos Schmitt.....	126
Figura 57: Carta Topográfica IBGE/ICG-SP 1:50.000 - Detaque para a Fazenda Comur	127
Figura 58: Implantação da Estrada de Ferro Sorocabana em 1949.....	128
Figura 59: Fazenda Victória, dos Condes de Serra Negra - Botucatu, SP.....	128
Figura 60: Fazenda da Baronesa de Serra Negra.....	129
Figura 61: Croqui de Implantação da Fazenda na Gênese	132
Figura 62: Croqui de Implantação da fazenda após alteração da tulha e dos terreiros	132
Figura 63: Aplicação do quadro Fazenda da Baronesa de Serra Negra	133
Figura 64: Recorte do Quadro Fazenda Victória, dos Condes de Serra Negra - Botucatu, SP	134
Figura 65: Fachada do Casarão - Quadro de Maximiliano Sekolas	135
Figura 66: Planta de Revestimentos do Pavimento Principal - Fazenda Serra Negra	136
Figura 67: Planta do 1º Pavimento (Porão) - Fazenda Serra Negra	137
Figura 68: Figura do Caipira no interior da Fazenda Serra Negra - Quadro Ferrigno	138
Figura 69: Repuxo d'água e aspecto do jardim lateral na década de 1960.....	139
Figura 70: Terreno onde era implantada a casa do administrador na configuração atual da Fazenda Serra Negra.....	141
Figura 71: Colonos indo ao trabalho (1898) - Fazenda Victória - Botucatu, SP	142
Figura 72: O Barão de Serra Negra sentado à direita rodeado por seus filhos.....	147
Figura 73: Palacete do Barão do Rio Pardo na cidade de São Paulo em 2009 - antes da demolição	149
Figura 74: Retrato do Conde Serra Negra	150
Figura 75: Fotografia da Condessa de Serra Negra em 1950.....	151
Figura 76: Reunião da família Serra Negra - Condessa ao centro.....	152
Figura 77: Monjolo - Fazenda Victória (1895) - Botucatu SP - Antonio Ferrigno.....	154
Figura 78: Retrato de Guido Zanotto	155
Figura 79: Colonos indo ao trabalho (1898) - Fazenda Victória - Botucatu, SP	157
Figura 80: Recorte de publicidade impressa em Periódico Botucatuense	173

Figura 81: Mapa de Viabilidade Urbana da Fazenda Serra Negra- Acessos por meios de transporte	174
Figura 82: Atual Grupo Escolar Raimundo Cintra - Antiga Estação Ferroviária	175
Figura 83: Mapa de Uso do Solo de Vitoriana (Botucatu - SP)	176
Figura 84: Atual capela Nossa Senhora das Vitórias	176
Figura 85: Tanque de represamento do Córrego Bom Jardim	177
Figura 86: Delimitação da Área de Proteção Ambiental Corumbataí-Botucatu-Tejupá	178
Figura 87: Implantação da Fazenda no Cronotópo Atual	179
Figura 88: Tulha no Cronotopo Atual	180
Figura 89: Reminiscências do Antigo Terreiro de Café e Casa do administrador ao Fundo	180
Figura 90: Estábulo da Fazenda Serra Negra	181
Figura 91: Casa do Administrador atualmente	182
Figura 92: Planta do Pavimento principal nos dias de hoje	182
Figura 93: Entrada do Casarão e Abobadilha de Tijolos	183
Figura 94: Acréscimos na fachada posterior da casa-sede.....	184
Figura 95: Acréscimo do Terraço Hexagonal	184
Figura 96: À esquerda parede divisória no banheiro e à direita parede divisória na cozinha.....	185
Figura 97: Fissura no batente da porta e fachada leste com diferenciação do anexo	185
Figura 98: Fachada da Casa-Sede	186
Figura 99: Cores nos cômodos internos, presença de mofos e rachaduras nas paredes	186
Figura 100: Contraste espaço interno do banheiro e fachada externa, presença de mofos e rachaduras nas paredes	187
Figura 101: Detalhes da estrutura de madeira e telhas cerâmicas	187
Figura 102: Caimento da Cobertura na Fachada Oeste.....	188
Figura 103: Revestimento cerâmico dos banheiros e assoalho de madeira da sala de Jantar	188
Figura 104: Aspecto das aberturas internas e Porta com elemento decorativo externa	189
Figura 105: Luminária e lavabo existente na sala de jantar	190

Figura 106: Armário embutido revestido com pastilha cerâmica e fogão a lenha presentes na cozinha	190
Figura 107: Vestígios do Jardim e à esquerda repuxo d'água	191
Figura 108: Atual estado de conservação do repuxo d'água.....	191
Figura 109: Colheitadeira de Cana de Açúcar e ao fundo Casa-Sede fazenda Serra Negra	194
Figura 110: Bica para abastecimento do Caminhão pipa localizada ao lado da Tulha	195
Figura 111: Unidade Ambiental - Casa-Sede	207
Figura 112: Unidade Ambiental - Casa dos Colonos.....	208
Figura 113: Unidade Ambiental - Núcleo Industrial	209
Figura 114: Unidade Ambiental - Plantação	210
Figura 115: Restauro e Reabilitação Moinho em Ilópolis - Museu do Pão de Ferraz e Fanucci.....	216
Figura 116: Rota do Vinho - São Roque	217
Figura 117: Proposta para Rota do Café em Botucatu-SP.....	219
Figura 118: Ilustração do Centro de Botucatu de Sebastião Xavier de Lima	220
Figura 119: Perímetro sugerido de concessão no raio de 300m	225
Figura 120: Aspectos externos do restauro na Fazenda do Pinhal	230
Figura 121: Aspectos internos do restauro na Fazenda do Pinhal	231
Figura 122:Isométrica da proposta de reabilitação.....	232
Figura 123: Isométrica de Restauro da Casa-Sede da Fazenda Serra Negra	234
Figura 124: Proposta de implantação das novas janelas	235
Figura 125: Implantação da Proposta de Reterritorialização da fazenda Serra Negra	236
Figura 126: Planta pavimento principal	268
Figura 127: Planta do Porão - Pavimento Térreo	269
Figura 128: Cortes da Fazenda Serra Negra	270
Figura 129: Elavações Frontal e Lateral Fazenda Serra Negra	271

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Parâmetros de Análise Ambiente Físico na Territorialização	33
Quadro 2: Parâmetros de Análise do Ambiente Social na Territorialização	36
Quadro 3: Parâmetros de análise do Ambiente Simbólico na Territorialização	37
Quadro 4: Parâmetros de Análise do Ambiente Físico na Desterritorialização	40
Quadro 5: Parâmetros de análise do ambiente social na Desterritorialização	42
Quadro 6: Parâmetros de análise do Ambiente Simbólico na Desterritorialização....	43
Quadro 7: Atrativos turísticos e visitas estimadas no Município de Botucatu	115
Quadro 8: Ambiente Físico na Territorialização	144
Quadro 9: Famílias estabelecidas na Fazenda Serra Negra.....	156
Quadro 10: Ambiente Social na Territorialização	160
Quadro 11: Ambiente Simbólico na Territorialização	165
Quadro 12: Matriz de Aceitação entre os grupos sociais na territorialização	166
Quadro 13: Matriz de compatibilidade entre as atividades da territorialização.....	167
Quadro 14: Matriz de congruência sociofísica na territorialização	168
Quadro 15: Tabela de Sinergias Topofílicas na Territorialização	170
Quadro 16: Tabela de Sinergias Topofóbicas na Desterritorialização.....	171
Quadro 17: Ambiente Físico na Desterritorialização	192
Quadro 18: Ambiente Social na Desterritorialização	196
Quadro 19: Ambiente Simbólico na Desterritorialização	197
Quadro 20: Matriz de aceitação entre os grupos sociais na territorialização	200
Quadro 21: Matriz de compatibilidade entre as atividades da desterritorialização ..	201
Quadro 22: Matriz de congruência sociofísica na desterritorialização.....	202
Quadro 23: Tabela de Sinergias Topofílicas na Desterritorialização	204
Quadro 24: Tabela de Sinergias Topofóbicas na Desterritorialização.....	205
Quadro 25: Quadro de conservação das esquadrias	271

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	1
2.DIÁLOGOS DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL	5
2.1.PATRIMÔNIO INDUSTRIAL	5
2.1.1 Salvaguarda e métodos de intervenção.....	7
2.2.URBANISMO AMBIENTAL HERMENÊUTICO	10
2.2.1 Arquitetura como lugar e a topogênese	13
2.2.2 A teoria sociofísica aplicada ao urbanismo.....	15
2.2.3 Diálogos do Lugar com o seu contexto	19
2.2.4 Fase Propositiva.....	26
3.MÉTODO.....	27
3.1.CONTEXTO – A AGROINDÚSTRIA DE BOTUCATU	28
3.1.1 Territorialização.....	28
3.1.2 Desterritorialização	29
3.2.TEXTO – A FAZENDA SERRA NEGRA	31
3.2.1 Territorialização.....	32
3.2.2 Desterritorialização	40
3.3.PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DE BOTUCATU E RETERRITORIALIZAÇÃO DA FAZENDA SERRA NEGRA.....	45
4.CONTEXTO: AGROINDÚSTRIA DO MUNICÍPIO DE BOTUCATU – SP.....	48
4.1.TERRITORIALIZAÇÃO: AUGUE DA PRODUÇÃO CAFEEIRA.....	48
4.1.1 Macroescala – Agroindústria no Estado de São Paulo.....	48
4.1.1.1 Morfogênese	48
4.1.1.2 Sociogênese	66
4.1.1.3 Semiogênese	68
4.1.2 Microescala – A Agroindústria de Botucatu	71
4.1.2.1 Morfogênese	71
4.1.2.2 Sociogênese	89
4.1.2.3 Semiogênese	95
4.1.3 Mapa Heurístico da territorialização.....	96
4.2.DESTERRITORIALIZAÇÃO: DECLÍNIO DA PRODUÇÃO CAFEEIRA.....	98
4.2.1 Macroescala: Agroindústria no Estado de São Paulo	98
4.2.1.1 Morfogênese	98
4.2.1.2 Sociogênese	100

4.2.1.3 Semiogênese	103
4.2.2 Microescala – A Agroindústria De Botucatu.....	107
4.2.2.1 Morfogênese	107
4.2.2.2 Sociogênese	113
4.2.2.3 Semiogênese	115
4.2.3 Mapa Heurístico da desterritorialização	123
5.TEXTO – FAZENDA SERRA NEGRA.....	125
5.1.TERRITORIALIZAÇÃO DA FAZENDA SERRA NEGRA.....	125
5.1.1 Ambiente Físico da Fazenda Serra Negra.....	126
5.1.1.1 Infraestrutura.....	126
5.1.1.2 Núcleo Industrial	129
5.1.1.3 Arquitetura Complementar	131
5.1.1.4 Arquitetura destinada ao habitar	133
5.1.2 Ambiente Social da Fazenda Serra Negra	146
5.1.2.1 Proprietários (GP)	146
5.1.2.2 Administradores (GA).....	152
5.1.2.3 Trabalhadores Fixos (TF)	153
5.1.2.4 Trabalhadores Temporários (TT)	158
5.1.3 Ambiente Simbólico da Fazenda Serra Negra	162
5.1.4 Matrizes de congruências e correspondências Na Territorialização	166
5.1.5 Quadros de sinergias da Fazenda Serra Negra na Territorialização.....	169
5.2.DESTERRITORIALIZAÇÃO DA FAZENDA SERRA NEGRA (1950 aos dias de hoje).....	172
5.2.1 Ambiente físico da Fazenda Serra Negra.....	173
5.2.1.1 Infraestrutura.....	177
5.2.1.2 Núcleo Industrial	179
5.2.1.3 Arquitetura Complementar	181
5.2.1.4 Arquitetura destinada ao habitar	181
5.2.2 Ambiente Social da Fazenda Serra Negra	194
5.2.3 Ambiente Simbólico da Fazenda Serra Negra	197
5.2.4 Matrizes de congruências e correspondências da Desterritorialização ..	200
5.2.5 Quadro de Sinergias da Fazenda Serra Negra da Desterritorialização....	203

5.3.UNIDADES AMBIENTAIS DA FAZENDA SERRA NEGRA.....	206
6.PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DO MUNICÍPIO DE BOTUCATU.....	211
6.1.PROPOSTA MACRO-ESCALA – RELAÇÃO ENTRE O ESTADO DE SÃO PAULO E O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DE BOTUCATU.....	211
6.2.PROPOSTA MICRO-ESCALA – RELAÇÃO ENTRE BOTUCATU E O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL – A “ROTA DO CAFÉ”	214
6.2.1 Exemplos de ressignificação entre o espaço urbano e rural	215
6.2.2 Rota do Café	217
6.2.3 Educação Patrimonial	224
6.3.RETERRITORIALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DA FAZENDA SERRA NEGRA	224
6.3.1 Relação entre a usina e a Fazenda.....	225
6.3.2 Unidade Ambiental - Plantação	226
6.3.3 Unidade Ambiental – Núcleo Industrial.....	227
6.3.4 Unidade Ambiental – Casa dos Colonos	228
6.3.5 Unidade Ambiental – Casa-Sede	229
6.3.5.1 Exemplo de reterritorialização do patrimônio industrial: o caso da Fazenda do Pinhal	229
6.3.5.2 Reabilitação da Casa-Sede na Fazenda Serra Negra	231
6.3.5.3 Restauro da Casa-Sede na Fazenda Serra Negra	233
6.3.6 Implantação completa da proposta.....	235
7.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	237
REFERÊNCIAS	249
APÊNDICE 1	261
APÊNDICE 2	263
APÊNDICE 3	265
APÊNDICE 4	268

1. INTRODUÇÃO

A consolidação de um território urbano ou rural é reflexo de um contexto histórico, econômico, político, social e cultural. No território paulista, o advento do café, somado às políticas de incentivo às ferrovias e à substituição da mão de obra, foi responsável pelas transformações sociais, urbanas e arquitetônicas que fazem parte das raízes, da expansão e da consolidação do estado.

Usado na Europa a partir do século XVII, o café tornou-se alvo da agricultura brasileira no final do século XVIII, graças a experiências realizadas no Rio de Janeiro. Em São Paulo, o produto adentra o território através do Vale do Paraíba e, no final do século XIX, a expansão cafeeira atingiu as altas terras do Oeste paulista, atraídos pelas suas condições favoráveis de clima e de solo. Grandes empresários agrícolas oriundos das cidades de Piracicaba, de Itu e do sul de Minas Gerais iniciaram a aquisição de terras na região oeste do Estado, outrora ocupadas pela cultura canieira. Com o café, vem a modernidade que, através da malha ferroviária (Ituana e Sorocabana), adentra territórios ainda não explorados, a fim de facilitar o escoamento da produção dos novos proprietários.

No interior de São Paulo, com o avanço da malha ferroviária, as práticas e estilos adotados na capital e na Europa vão paulatinamente substituindo estilos arquitetônicos e técnicas construtivas. No século XIX, inspirado nos moldes europeus e costumes higienistas, a arquitetura teve a influência do ecletismo. A arquitetura cafeeira expressa no território rural as atividades do processo agroindustrial ocorridas no núcleo industrial, arquitetura complementar, infraestrutura e arquitetura destinada ao habitar, formando a paisagem que compõe o patrimônio cultural-industrial. O processo artesanal cafeeiro foi substituído por maquinários para aperfeiçoar a produção industrial do café até a sua exportação. Na arquitetura residencial, observa-se a composição, ornamentação e acabamentos das esquadrias das fachadas, a predominância dos cômodos sociais relacionados a hábitos de receber, manifestava a ostentação do poderio da família.

Com a queda da produção cafeeira, no início do século XX, as estruturas foram gradualmente sendo abandonadas, resultando no panorama atual de séria degradação. Apesar de a questão patrimonial ter sido cada vez mais percorrida pelas pesquisas na arquitetura, no Brasil pouco se relaciona o advento da indústria com o

patrimônio localizado no meio rural. Podemos atribuir a isto: a ocupação latifundiária; o êxodo rural a partir da década de 1960; e o apelo dos conjuntos urbanos em relação à simplicidade do campo. Além destes fatores, a população não possui relação afetiva com as edificações, continuamente desconhecendo sua existência, o que contribui para o esquecimento e a degradação desse patrimônio.

Neste cenário, Botucatu – SP é um dos exemplos de cidades que se desenvolveu em decorrência da produção cafeeira. Já consolidada como Boca-de-sertão, a cidade sempre recebeu grande fluxo de migrantes que com a chegada da ferrovia e a consolidação da agroindústria, se tornaram grandes investidores. Graças à geografia diferenciada e aos recursos naturais abundantes, o solo botucatuense foi capaz de produzir uma variante do grão de café que levou o produto a exposições internacionais graças ao impulso da linha férrea. A configuração social, arquitetônica, econômica e política moldou a urbanização de Botucatu, a qual funcionava como fonte de abastecimento para a agroindústria, como por exemplo as fazendas Monte Selvagem, Boa Vista, Monte Alegre, Lageado e Serra Negra.

A Fazenda Serra Negra foi uma grande produtora de café durante o auge da produção do Estado de São Paulo, seus proprietários contribuíram com a consolidação do centro urbano do município de Botucatu. A fazenda, exemplar representativo do patrimônio agroindustrial, foi preservada por seus antigos moradores e mantém-se conservada até os dias de hoje após sua incorporação por uma empresa sucroalcooleira. Entretanto, assim como os demais exemplares supracitados (com exceção da Fazenda Lageado), a Fazenda Serra Negra tem sucumbido ao abandono de suas estruturas.

O patrimônio industrial localizado no meio rural de Botucatu, em detrimento daquele localizado no meio urbano, não detém a mesma visibilidade, tampouco dispõe dos escassos instrumentos para salvaguarda na instância municipal, estadual e nacional. Além disso, o abandono, o desuso e a degradação das estruturas físicas da fazenda a levaram ao esquecimento. A partir disso, assiste-se à perda do patrimônio de um período que contribuiu para o avanço tecnológico, econômico e arquitetônico do Estado de São Paulo.

Mediante a isso, esta pesquisa tem como objetivo: Analisar o processo agroindustrial cafeeiro do Município de Botucatu (Contexto) e suas relações com a fazenda Serra Negra (texto), através dos cronotópos que marcaram sua trajetória:

territorialização (1880 a 1950) e desterritorialização (1950 aos dias de hoje). A partir disso, propor a valorização do patrimônio industrial do município de Botucatu e dentro dela, a reterritorialização da Fazenda Serra Negra com base no método Urbanismo Ambiental Hermenêutico (UAH), proposto por Zárate (2014)

O UAH está fundamentado nas teorias de Bahktin, Ricoeur, Muntañola e Zárate, visando a compreensão da relação entre texto (Fazenda Serra Negra) e seu contexto (Processo agroindustrial cafeeiro de Botucatu), por meio da articulação e relação entre os três principais ambientes: físico, social e simbólico em seus cronotopos (territorialização e desterritorialização). A análise da problemática leva à identificação das Unidades Ambientais, mediante o processo de reterritorialização, o qual reconecta texto e contexto através de diretrizes projetuais. O método UAH outrora foi aplicado para analisar os ambientes físico, social e simbólico de diversos espaços públicos urbanos: Castro (2016), Boni (2018), Silveira (2018), Fernandes (2019). Entretanto, não há registros de aplicação do método apresentado por Zárate para análise dessa conexão simbólica entre território urbano e rural, tendo como objeto de estudo o patrimônio agroindustrial. Com isso, pode-se observar a contribuição deste trabalho perante o desenvolvimento do método UAH, além da valorização do patrimônio industrial.

Para tanto, a dissertação está estruturada em sete capítulos, dentre os quais, os capítulos 2 a 6 abordam os dados e revisões bibliográficas realizados ao longo desta pesquisa. O capítulo 1, aborda a introdução deste trabalho e a descrição dos capítulos apresentados na dissertação.

O segundo capítulo, **“Diálogos do Patrimônio Industrial”**, compreende o embasamento teórico da pesquisa, abordando os seguintes temas: “Patrimônio Industrial” e “Urbanismo Ambiental Hermenêutico”. Busca-se demonstrar a relevância do estudo através do levantamento bibliográfico que justifica a pesquisa. Desde a definição dos conceitos de Patrimônio Industrial, sua relevância para a construção de uma identidade territorial até como o Urbanismo Ambiental Hermenêutico pode auxiliar na salvaguarda e proteção deste patrimônio, através da valorização de suas potencialidades identificadas através dos ambientes físicos, sociais e simbólicos em uma interpretação holística de sua gênese (ZÁRATE, 2014).

O terceiro capítulo, **“O Método”**, consiste na aplicação da teoria proposta por Bahktin, Ricoeur, Muntañola e Zárate para a definição de uma metodologia específica

para o objeto de estudo deste trabalho, ou seja, a análise da Fazenda Serra Negra (texto) e a gênese da sua relação com o Município de Botucatu urbano e rural (contexto), fazendo com que o estudo seja uma reunião de práticas que possam ser aplicadas a todos os interessados na salvaguarda do patrimônio industrial botucatuense.

O quarto capítulo, **“Contexto - Processo agroindustrial cafeeiro de Botucatu”**, tem como foco a gênese e o declínio da relação entre a agroindústria e o município de Botucatu, ou seja, o período de territorialização e desterritorialização. O cronotopo correspondente à gênese é reflexo da relação da macroescala: O café no território Paulista - expansão, mão de obra e a Arquitetura do Café, com a Microescala: Formação urbana de Botucatu, mão de obra e ocupação e a Agroindústria cafeeira. Já o cronotopo que apresenta o declínio traz novamente a relação da Macroescala: Processo de industrialização paulista, mecanização dos processos agrícolas e o exôdo rural; com a micro-escala: o declínio da produção cafeeira e o abandono das fazendas em detrimento da monocultura. Todos os aspectos e fatos históricos serão analisados de acordo com a Morfogênese, Sociogênese e Semiogênese, identificando os ambientes físico, social e simbólico da gênese e as suas relações que guiarão a proposta de valorização deste patrimônio industrial por meio de um mapa heurístico.

O quinto capítulo, **“Texto - a Fazenda Serra Negra”**, evidencia o papel da Fazenda Serra Negra na relação heurística do patrimônio industrial de Botucatu, no auge de sua produção agroindustrial cafeeira (de 1880 a 1950) e no momento de ressignificação deste lugar topofísico (de 1950 aos dias de hoje). Através desta análise, é possível compreender a relevância histórica, física, e simbólica da fazenda Serra Negra, levando a compreender os motivos pelos quais ela se encontra preservada até os dias de hoje. Para tanto, serão aplicadas as estratégias do método para a identificação dos ambientes físico, social e simbólico, que posteriormente serão relacionados em tabelas de congruências e correspondências sociofísicas, sociosimbólicas e simbólico-físicas. Os dados também serão relacionados, de acordo com as matrizes, quadros de sinergia, e identificadas as unidades ambientais, que guiarão a reterritorialização deste patrimônio industrial.

No sexto capítulo, **“Proposta de Valorização Do Patrimônio Industrial Do Município De Botucatu”**, a partir da leitura da morfogênese, sociogênese e semiogênese no contexto, foi sugerido o tombamento das fazendas na macroescala

(estadual), por meio do CONDEPHAAT e na microescala foi traçada uma proposta de roteiro turístico para rearticular a antiga agroindústria cafeeira entre si e com o município de Botucatu, exercendo o papel outrora praticado pela Estrada de Ferro Sorocabana, buscando valorizar cada fazenda e suas relações com o café. Dentro dessa proposta, a identificação dos ambientes físico, social e simbólico, permitiram chegar às 4 unidades ambientais da Fazenda Serra Negra (texto): Plantação, Núcleo Industrial, Casa dos Colonos e Casa-Sede e de suas relações topofílicas e topofóbicas. A partir delas, foram estipuladas diretrizes de intervenção e de reabilitação e restauro para a Fazenda Serra Negra, que evidenciam sua potencialidade em relação ao patrimônio industrial do Município de Botucatu. Por fim, o capítulo 7 apresenta uma visão geral dos resultados obtidos ao longo da pesquisa.

2. DIÁLOGOS DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

2.1. PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

A arquitetura agroindustrial do período cafeeiro é a expressão das manifestações sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais de uma sociedade, representando, portanto, seus valores históricos, sociais, estéticos, científicos e tecnológicos.

Considerando seus valores históricos, artísticos e culturais, determina-se assim que a arquitetura do café compreende um rico patrimônio industrial do Estado de São Paulo.

A Carta de Nizhny (TICCHIH, 2003) expressa que o patrimônio industrial corresponde:

Aos vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico e social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinários, oficinas, fábricas, minas e locais de processo e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou educação (TICCHIH, 2003, p. 2).

Pode-se concluir que, o patrimônio industrial corresponde às atividades que tiveram e continuam tendo efeito sobre a história e a vida de antigos trabalhadores.

Dessa forma, a Carta de Dublin (TICCHIH, 2011) complementa:

Esse patrimônio contempla tanto os bens materiais – imóveis e móveis – quanto as dimensões intangíveis, tais como o conhecimento técnico, a organização do trabalho e dos trabalhadores e o complexo legado social e cultural que moldou a vida de comunidade e provocou grandes mudanças organizacionais em sociedades inteiras e no mundo em geral (TICCHIH, 2011).

Os valores que tangem o patrimônio industrial são intrínsecos aos próprios sítios industriais, às suas estruturas, ao maquinário e à paisagem, à documentação e aos registros pertencentes à memória do antigo morador e de suas tradições. De acordo com a Carta de Nizhny (TICCHIH, 2003), os principais valores que revestem o patrimônio são: o histórico, o social, o científico e tecnológico, e o estético.

Um dos autores que aborda a teoria dos valores é Alois Riegl. Para Riegl (2014), os valores se dividem em: rememoração e contemporaneidade. Dentre os valores de rememoração, destaca-se o valor histórico e, entre os valores de contemporaneidade, os valores artísticos e de uso.

O valor histórico supõe que um determinado monumento representa um estado particular e único do desenvolvimento de um domínio da criação humana (RIEGL, 2014, p. 73). Os valores artísticos, ou valor de arte relativo, referem-se à capacidade que o monumento antigo mantém de sensibilizar o homem moderno, ou seja, ainda que tenham sido criadas por uma *kunstwollen* (vontade artística) radicalmente diferente da atual, alguma característica de concepção, forma, ou cor específica desse monumento, a despeito de sua aparência não moderna, torna-o capaz de satisfazer a *kunstwollen* moderna (CUNHA, 2006, p. 13). O valor de uso, por sua vez, considera que o monumento deve atender às necessidades materiais do homem, sendo um fator inerente a todos os monumentos históricos que tenham conservado seu papel memorial original ou adquirido um novo uso (CHOAY, 2001, p. 169).

Apesar de seus inúmeros valores, o patrimônio industrial está constantemente em risco, devido à falta de conscientização, de documentação, de proteção e de reconhecimento da população. A Carta de Dublin (TICCHIH, 2011) aponta que as alterações na economia, as percepções negativas, a grande dimensão das propriedades e a complexidade de suas estruturas são fatores que atenuam o risco de desaparecimento das estruturas industriais.

São Paulo conta com importante testemunho da arquitetura industrial, e, como tal, este deveria ser protegido para sua salvaguarda através dos métodos de intervenção que preservem a história, a identidade e a memória coletiva.

2.1.1 Salvaguarda e métodos de intervenção

Entenda-se por salvaguarda “a identificação, a proteção, a conservação, a restauração, a reabilitação, a manutenção e a revitalização dos conjuntos históricos ou tradicionais e de seu entorno” (UNESCO, 1976 apud SALCEDO, 2015, p. 150). Os conceitos chave para a salvaguarda de um patrimônio são a identificação, a conservação, o restauro e a reabilitação.

O processo da **identificação** do patrimônio industrial corresponde aos levantamentos de campo e a realização de inventários de todos os sítios que tenham potenciais valores reconhecidos. O inventário constitui um componente fundamental para o estudo patrimonial e deve ser realizado levando em consideração as características físicas e condições de preservação do bem inventariado. “Devem incluir descrições, desenhos, fotografias, e um registro de vídeo do referido sítio industrial” (TICCHIH, 2003, p. 4).

A **conservação** são os “cuidados para a preservação das particularidades culturais de um bem. Pode implicar ou não no restauro, em mínimas reconstruções ou adaptações que contemplem o novo usuário” (ICOMOS, 1980). Ruskin (1910), um dos principais teóricos a favor da conservação preventiva, defendia o privilégio à integridade e à autenticidade física do bem, fazendo com que os materiais originais sejam preservados e salvos de qualquer degradação.

Sabe-se hoje em dia que, não se trata de aplicar a conservação indiscriminadamente. Considera-se que ações culturais e pragmáticas são concomitantes e que o uso do patrimônio industrial é fundamental para sua conservação (KUHL, 2006, p. 4). Dessa forma, a **reabilitação** é uma ação que visa a readaptação do edifício para um uso compatível com sua infraestrutura, desde que essas não descaracterizem o ambiente construído herdado. São permitidas reformas mínimas, que mantenham o caráter original do ambiente construído, e que garantam o conforto ambiental, a acessibilidade e a estabilidade estrutural da edificação (MARICATO, 2001, p. 126). De acordo com a Carta de Dublin, no que se refere aos novos usos, estes devem “respeitar os materiais significativos, componentes e padrões de circulação e atividade” (TICCHIH, 2011).

O **restauro** é uma ação que deve ter caráter excepcional, ou seja, é preferível prevenir a conservação do patrimônio a recorrer ao restauro. De acordo com a Carta de Veneza (ICOMOS, 1964), a restauração tem por objetivo:

Conservar e revelar os valores estéticos e históricos do monumento e fundamenta-se no respeito ao material original e aos documentos autênticos. Termina onde começa a hipótese; no plano das reconstituições conjecturais, todo trabalho complementar reconhecido como indispensável por razões estéticas ou técnicas destacar-se-á da composição arquitetônica e deverá ostentar a marca do nosso tempo. A restauração sempre será precedida e acompanhada de um estudo arqueológico e histórico do monumento (ICOMOS, 1964, p. 3).

A teoria do restauro é um campo de estudo abordado desde a Revolução Francesa ocorrida no século XVIII. Dentre os principais teóricos, destaca-se neste trabalho os estudos de Camilo Boito (2003), Giovannoni (2013) e Césare Brandi (2004) que embasaram o conteúdo dos documentos que são utilizados na prática coesa do restauro atualmente: as Cartas Patrimoniais.

A Restauração Moderna, de **Camilo Boito**, consiste na recuperação do edifício de uma cultura anterior para cumprir uma necessidade contemporânea, em uma restituição histórica, estética e material do edifício (BLANCO, 2008 apud SALCEDO, 2015, p.33). Na prática, segundo Boito, deveria ficar evidente a diferença entre a nova intervenção e o aspecto original do edifício, a supressão de ornatos em elementos a serem substituídos, a impreterível presença da data em que foi realizado o restauro e a exposição de elementos antigos.

Para **Luca Beltrami**, na intervenção, trata-se de realizar deliberadamente uma cópia exata sem a menor alteração, com iguais significados simbólicos, artísticos e urbanos, com os materiais mais parecidos que pudessem encontrar, e com iguais ornatos (BLANCO, 2008, p. 156 apud SALCEDO, 2015, p. 35). Apesar disso, Beltrami enfatiza a ideia de que reconstituições e intervenções, seguindo o estilo original da obra, somente seriam realizadas com base em documentos.

Giovannoni (2013), através do Restauro Científico, é o primeiro teórico a abordar contribuições relacionadas diretamente à conservação do patrimônio urbano. Reconhece a dúbia visão patrimonial: o monumento enquanto documento histórico e obra de arte. Segundo o restauro científico, o restauro defenderia as ideias de consolidação, de recomposição, de liberação, de complementação e de inovação. Na prática, é a favor da mínima intervenção e do mínimo acréscimo e aborda em seus estudos a questão da Anastilose.

Césare Brandi (2004) expressa que as intervenções devem ser facilmente reconhecíveis, sem a necessidade de instrumentos especiais. Estas também devem

ser de fácil remoção, visando futuras intervenções. A teoria do Restauro Crítico propõe ainda duas instâncias de análise da obra: a histórica e a estética.

De acordo com **Brandi** (2004, p. 32, 46), o estado de conservação da obra de arte delineará a ação do restauro sob a instância histórica ou a estética. Sob o ponto de vista histórico, limitam-se a desenvolver sugestões implícitas nos próprios fragmentos ou em testemunhos autênticos do estado original, reconhecendo-a como produto humano realizado em certo tempo e lugar, que visa a transmissão dessa história às gerações futuras. Já do ponto de vista estético, a ação do restaurador se delineará no reconhecimento da consistência material original da obra, como obra de arte, mantendo sua consistência estética, somando a essa análise o reconhecimento coletivo da obra, e não somente de um único indivíduo.

A instância estética corresponde ao fato de basilar da artisticidade pela qual a obra de arte é considerada como tal; já a instância histórica compete como produto humano realizado em certo tempo e lugar (BRANDI, 2004, p. 112). A dúplici instância visa à transmissão de tais valores ao futuro. A título de exemplo, se for necessário um restauro que sacrifique a consistência material de uma obra de arte, a intervenção deverá tender para a instância estética, caso prevaleça a história do monumento em que foi concebida a obra de arte, ou do tempo que perduraram seus vestígios, então a instância histórica se sobrepõe (BRANDI, 2004, p. 32).

A teoria de Brandi respalda a Carta de Veneza (1964), principal referência atual acerca da restauração arquitetônica. Apesar dos esforços conjuntos, da Carta de Veneza, da Carta do Restauro (1972), da Carta de Washington (1986) e da Carta de Petrópolis (1987), prevalece nas instâncias públicas e privadas a prática do Restauro Histórico.

A Carta de Nizhny (TICCHIH, 2003, p.7) prevê ainda que “adaptar e continuar a utilizar edifícios industriais evita o desperdício de energia e contribui para o desenvolvimento econômico sustentável”. Nesse sentido, a Carta de Dublin (TICCHIH, 2011) complementa que as intervenções físicas devem ser reversíveis, respeitando os valores e marcas temporais significativas e, por consequência, documentadas em cada um de seus processos.

Com semelhantes ideias, no Estado de São Paulo, têm proliferado iniciativas, como o “*retrofit*”¹, que combinam o patrimônio histórico a novos usos sustentáveis, o que tem sido palco de práticas inadequadas do Restauro com tendência, sobretudo, aos princípios de Beltrami.

Apesar da Carta de Nizhny (2003) e a Carta de Dublin (2011) considerarem os novos usos, elas atentam para que sejam protegidas as comunidades industriais e deve-se assegurar que a participação da população seja efetiva para a proteção e a conservação de seu patrimônio industrial. É justamente nesse contexto que o método Urbanismo Ambiental Hermenêutico auxilia na identificação, na análise e na interpretação heurística do patrimônio industrial, tendo como principais eixos de análise os ambientes físico, social e simbólico, os quais articulam as atividades, os atores sociais, o cenário e seu respectivo uso.

2.2. URBANISMO AMBIENTAL HERMENÊUTICO

A visão ambiental urbanística aborda o espaço urbano como uma complexa articulação de lugares gerados por um sistema, no qual os cenários físicos interagem, constantemente, com o comportamento de seus grupos sociais, tratando-se de uma combinação de ações contínuas com seu meio (RAPOPORT, 2003). Ao longo dos anos, os estudos urbanísticos se tornaram um campo multidisciplinar e estratégico, no qual o Urbanismo Ambiental Hermenêutico destaca-se como uma estratégia capaz de estabelecer diálogos entre o objeto de estudo com seu contexto, por meio da análise dos ambientes físico, social e simbólico, ao longo dos processos que caracterizaram suas territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

O Urbanismo Ambiental Hermenêutico é o resultado de múltiplos conceitos propostos por Bahktin (1988), Ricoeur (2002), Muntañola (2000), Alexander (1981), Magnaghi (2011) e Zárata (2014).

¹ “Retrofit” - *retro* do latim “movimentar-se para trás” e *fit* do inglês, adaptação, ajuste é um termo cada vez mais ouvido no mercado de construção civil, aplicado ao processo de reabilitação de edifícios. Além de reforma, ele envolve uma série de ações de modernização e readequação de instalações. O objetivo é preservar o que há de bom na construção existente, adequá-la às exigências atuais e, ainda, estender a sua vida útil. No Brasil, a demanda concentrou-se, sobretudo no Estado de São Paulo, onde a preocupação crescente com o patrimônio histórico somado ao potencial construtivo do patrimônio industrial das cidades paulistas surtiu um novo olhar para essas edificações.

O termo “Hermenêutico”, no grego “hermeneuein”, trata da filosofia que estuda a interpretação, capaz de levar o homem à compreensão. Para Gadamer (1976 apud Muntañola 2000), a correta interpretação não se restringe à ciência, mas à experiência humana e, principalmente, à linguagem. Para tanto, em seus estudos Ricoeur busca a interpretação do diálogo entre autor e leitor por meio da narratividade, enquanto

Muntañola articulará a narratividade com a arquitetura por meio de sua interpretação como texto.

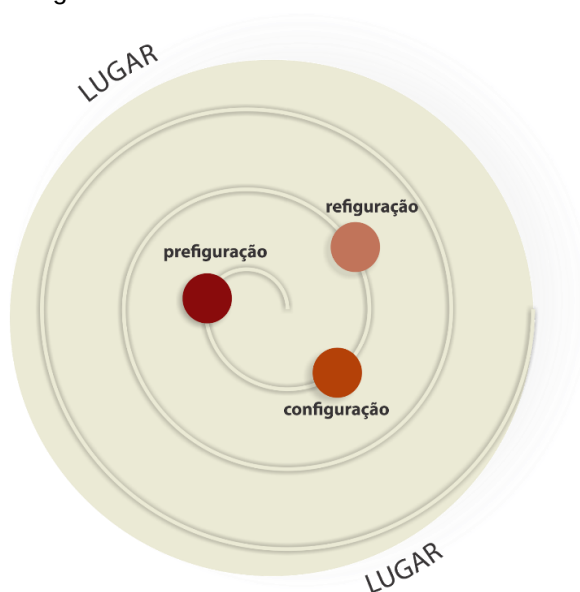
Para Ricoeur (2002), a narratividade pode ser traçada paralelamente à arquitetura. A arquitetura pode ser capaz de contar uma história sobre seu contexto, contribuindo com a memória do mesmo: “A arquitetura é para o espaço o que o relato é para o tempo” (RICOEUR, 2002, p. 11). Construir uma narrativa arquitetônica é cruzar o espaço e o tempo (cronotopo) através dos atos de construir e narrar; é unir a espacialidade do relato e da temporalidade do ato arquitetônico.

El vínculo que existe entre el tiempo contado y el espacio habitado-construido que da sentido al doble paralelismo entre relato/arquitectura y tiempo contado/espacio construido-habitado— está construido por la dualidad que caracteriza los dos elementos: así como el tiempo contado se sitúa en el cruce entre el tiempo cósmico, mensurable, y el tiempo vivido, dilatado entre el presente, el pasado y el futuro, el espacio arquitectónico es una dimensión que se puede calcular pero también un lugar donde se puede vivir (MUNTAÑOLA, 2006, p. 37-38)²

Através da narratividade, é possível compreender que um mesmo lugar pode sofrer interferência de diversos cronotopos ao longo de sua história (FERNANDES, 2019, p. 32), conforme a figura 1, atravessando as fases da prefiguração ou projeto, configuração ou construção e refiguração ou uso social. Este é o caminho que permite evidenciar a fundamentação espaço-temporal da linguagem, seja ela narrativa, seja ela arquitetônica. (MUNTAÑOLA, 2006, p. 38).

² “O vínculo que existe entre o tempo contado e o espaço habitado construído que dá sentido ao duplo paralelismo entre o relato/arquitetura e tempo contado/espço construído-habitado é construído pela dualidade que caracteriza os dois elementos: assim como o tempo contado se situa no cruzamento entre o tempo cósmico mensurável, e o tempo de vida, estendido entre o presente, o passado e o futuro, o espaço arquitetônico é uma dimensão que pode ser calculada mas também um lugar onde você pode viver (MUNTAÑOLA, 2006, p. 37-38; tradução nossa)

Figura 1: Ciclo Hermenêutico de Paul Ricoeur



Fonte: MARTINS, 2016, p. 41; Editado pela autora

O termo **cronotopo**, na interpretação de Bakhtin(1988, p. 84), resgata a afinidade das relações espaciais e temporais artisticamente expressas na literatura. O tempo se revela acima de tudo na natureza, sendo lido como “tempo cíclico” e “tempo histórico”. Tempo cíclico é representado pela vida humana (cultura, costumes, atividades sociais, etc.), e o tempo histórico é representado pelas marcas impressas pela mão humana e seu espírito no espaço (monumentos, cidades, casas, etc) (BAKHTIN, 1997, p. 243). Dessa forma, toda produção humana em um determinado espaço é responsável por mostrar a passagem no tempo. Por fim, podemos concluir que Bakhtin (1997, p.244) lê o espaço, como um pano capaz de sofrer mutação, mediante a leitura do tempo, do homem, das gerações, das épocas, dos povos, dos grupos e das classes sociais.

Para Muntañola (2006, p. 64), a estrutura cronotópica na arquitetura ocupa um lugar específico na construção sociofísica de um território, onde construir e habitar estão relacionados no tempo e espaço. Tal como a noção de tempo e espaço é indispensável para a literatura, assim também é para a construção; tal como um livro segue um enredo descrito por um autor e lido por um interlocutor, também o lugar arquitetônico passa pelas etapas do projeto, da construção e do uso social. O que concerne ao ambiente construído é a possibilidade de ler e reler nossos lugares de vida a partir da nossa maneira de habitar (RICOEUR, 2002, p. 27).

2.2.1 Arquitetura como lugar e a topogênese

A complexidade ambiental atual é uma discussão sensível, pois o lugar é capaz de afetar (positiva ou negativamente) o modo de vida dos usuários. Essa tendência foi influenciada pelo debate sobre a desconstrução e o significado hermenêutico da arquitetura (MUNTAÑOLA, 1995, p. 16). Nesse contexto, a obra de Muntañola (1995), “A arquitetura como lugar”, busca desvendar através da discussão filosófica, o conceito do lugar sociofísico. Para Muntañola, a arquitetura é capaz de gerar lugares ou lugares para viver, trata-se de uma interpretação sociofísica em que se entrecruzam de forma ,simultânea o falar e o habitar, o meio físico e o meio social, o conceitualizar e o figurar (MUNTAÑOLA, 1995, p. 55).

A dimensão HABITAR-FALAR produz itinerários sociofísicos transmitidos oralmente por gerações, diz respeito ao tempo histórico retomando conceitos de Ricoeur acerca da narratividade; a dimensão MEIO FÍSICO-MEIO SOCIAL determina os eixos que atuam como linhas de força do espaço físico e ordenam a hierarquia sociofísica entre o indivíduo e o cenário; e a dimensão FIGURAR-CONCEITUAR diz respeito à interação entre as duas anteriores, apresentando um equilíbrio entre a inteligibilidade conceitual da sociedade e a figuração do lugar (CASTRO, 2016, p. 25).

A noção sociofísica de lugar só poderá acontecer na medida em que as inter-relações entre as três significações descritas sejam analisadas tanto ao nível biográfico individual quanto ao nível coletivo, tratando-se do indivíduo ou da arquitetura (MUNTAÑOLA, 1995, p. 46). Se tivermos em mente, que cada um dos três binômios expressa algum tipo de entrelaçamento sociofísico fundamental, através do qual o meio interno se relaciona com o meio externo, podemos também entender o paradigma das relações entre o homem e o meio ambiente.

Pode-se concluir que o “Lugar” se entende a partir de uma experiência individual e pessoal, não sendo algo distante como um programa televisionado no qual o usuário é convidado a assistir, mas o Lugar é compreendido através da participação e da vivência neste cenário. Para Muntañola (1995), cada Lugar é específico, ou seja, único e tende a exigir suas especificidades, para tanto surge aí o papel do arquiteto e urbanismo: reconhecer e captar o melhor deste lugar, “sin la representación de

lugares, la arquitectura hubiese sido imposible en cualquier cultura [...]” (MUNTAÑOLA, 1995, p. 23)³.

Somado aos conceitos até agora estabelecidos de dialogia e cronotopo (Bakhtin), hermenêutica e narratividade (Ricoeur), e lugar (Muntañola) pode-se construir o estudo da Topogênese (topo [lugar] + génesis [origem]) que, neste caso, por mais que a linguagem nos leve a interpretar como início/origem, cabe compreender que trata-se de identidade, de genética. Para tanto, o estudo da topogênese deverá interpretar (hermenêutica) o que leva aquele lugar a ser único, aquilo que compõe o seu contexto e que subsidiará o anteprojeto arquitetônico (a ideia), conforme a citação:

Cada edificio y cada ciudad son la “memoria técnica” en una larga historia del desarrollo topogenético. Cada proyecto es una propuesta tridimensional virtual, un “relato” para ser edificado, un “relato” para vivir: una prefiguración de “memorias” para ser configuradas y refiguradas (MUNTAÑOLA, 2000, p. 144)⁴

Muntañola (2000, p. 67), estrutura o estudo por meio das categorias da ética, lógica e estética. A ética é a compreensão da estrutura social, da política, da economia, das leis, que fazem parte do contexto, visando uma arquitetura sinérgica à cultura envolvida, permitindo a capacidade de avaliar até que ponto tais medidas devem permanecer ou alterar-se.

A lógica refere-se à compreensão da “visão de mundo”, que os habitantes do lugar possuem aplicada à materialidade da obra e nos métodos construtivos, visando a coerência interna e externa do edifício com o entorno (SANCHÉZ, 2020, p. 63). Para Muntañola (2000, p. 21), a estética da topogênese é estruturada em dimensões que se sobrepõem sem se confundir: a dimensão poética, a retórica e a hermenêutica.

A poética faz referência ao processo criativo do arquiteto, a composição de um “lugar para se viver”, a fim de constituir um espaço capaz de ser lido em diferentes escalas formais (MUNTAÑOLA, 2000, p. 23). O arquiteto baseia suas imagens poéticas em condensações de inúmeras experiências, percepções, pensamentos e ideias (PALLASMAA, 2017, p. 94). Ainda segundo Gadamer (1976): “O arquiteto é o

³ Sem a representação do “lugar”, a arquitetura teria sido impossível em qualquer cultura [...] (MUNTAÑOLA, 1995, p. 23; tradução nossa)

⁴ “Cada edificio e cada cidade são a “memória técnica” em uma vasta história de desenvolvimento topogenético. Cada projeto é uma proposta tridimensional virtual, um “relato” para ser edificado, um “relato” para viver: uma prefiguração de “memórias” para ser configuradas e refiguradas”. (MUNTAÑOLA, 2000, p. 144; tradução nossa)

poeta das formas, porque sabe construí-las (tramá-las) poeticamente, mediante o encadeamento (organização) de seus elementos (caracteres) dentro de uma mesma tonalidade”. A retórica refere-se ao processo de argumentação, no qual o arquiteto irá utilizar de suas ferramentas para persuadir o cliente, de modo a tornar clara a relação entre o projeto e o contexto histórico-geográfico e arquitetônico. Já a hermenêutica, essa é a arte de interpretar o texto (arquitetura já concebida) com a característica de seu contexto, a partir de um contexto diferente do autor (MUNTAÑOLA, 1981).

2.2.2 A teoria sociofísica aplicada ao urbanismo

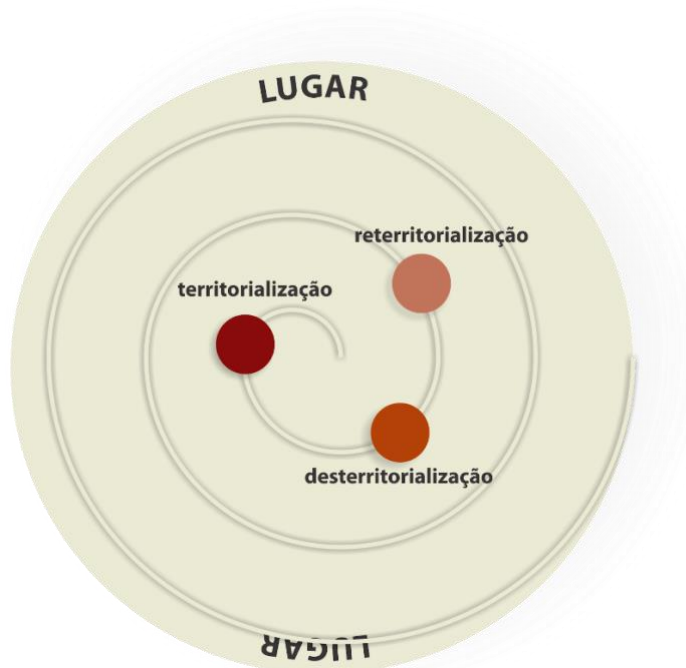
Tendo conhecimento de todos os conceitos abordados até o momento, pode-se compreender que a reflexão de Zárate (2014) avança na compreensão do território e da paisagem, visando compreender o “Lugar” e suas intercorrências ao longo de seus cronotopos na escala urbana. De tal modo, o que vivenciamos no ambiente urbano, não se caracteriza somente por ordens econômicas e sociais, mas visa uma construção do ambiente humano, da sustentabilidade socioambiental e da interpretação profunda do Lugar proposta por uma hibridação de saberes.

Uma estratégia possível para abordar a complexidade sociofísica do Lugar, somado aos conceitos de um urbanismo alternativo (culturalista, ambientalista e territorialista), é a proposta do Urbanismo Ambiental Hermenêutico (UAH). A proposta de Zárate tem como referência o enfoque territorialista italiano de Magnani (2000) e a teoria sociofísica do lugar de Muntanola (1995), desenvolvendo sua própria estratégia de conhecimento projetual e visando a flexibilidade e diálogo com instâncias transdisciplinares.

O UAH tem a visão urbanística do território como uma complexa articulação de lugares sociofísicos, ou seja, os aspectos humanos fundamentais e suas práticas sociais articulam a produção e a reprodução de lugares significativos a um determinado grupo.

Como visto, o Lugar está em um processo constante de territorialização-desterritorialização-reterritorialização, ou seja, de rearranjo e de assimilação, assumindo o caráter de constante atualização e de mudança (Figura 2), sem fazer com que este perca seu significado ou desapareça na era da globalização (ZÁRATE, 2015a, p. 25).

Figura 2: Os processos de territorialização do Lugar



Fonte: Elaborado pela autora

Territorialização

Assume-se a territorialidade como o conjunto de relações estabelecidas pelo homem enquanto pertencente a uma sociedade, como a exterioridade e a alteração através do auxílio de mediadores ou instrumentos (ZÁRATE, 2015, p. 173). Assim sendo, a territorialização assemelha-se ao processo da narratividade, pois realiza a leitura do território como texto sociofísico, a partir de um enredo de fragmentos narrativos gerados por seus lugares em particular e de suas múltiplas relações que requerem uma interpretação hermenêutica dos momentos cronotrópicos deste processo de apropriação.

De acordo com Magnaghi (2011), o território funciona como um sistema vivo de alta complexidade, composto pelo encontro entre os eventos culturais e a natureza, além do Lugar, que por sua vez é dotado de identidade e história, características que perduraram ao longo do tempo. Zárate (2015) propõe que há duas conexões inseparáveis para que se desenvolva a territorialização:

NATUREZA x CULTURA: Corresponde às interações humanas, com os espaços naturais e antrópicos.

TERRITÓRIO x HISTÓRIA: Responsável pela intervenção ativa na existência individual e coletiva nos processos mentais, linguísticos, perceptivos, sensoriais e também em formas latentes de identidade (ZÁRATE, 2015, p. 149).

Para melhor compreender a aplicação dos conceitos, toma-se como base um recorte espacial fictício, retratado na figura 3. O cenário é composto por edifícios de diferentes tempos históricos, frequentados por diferentes usuários com suas respectivas atividades associadas ao ambiente natural e construído e expectativas que trazem assuntos relacionados ao lugar. O conjunto das relações estabelecidas entre esses ambientes torna esse fragmento único, caracterizando a territorialização.

Figura 3: Esquema de Territorialização fictícia



Fonte: Ilustração elaborada pela autora

Desterritorialização

Já a **desterritorialização** corresponderia ao momento cronotópico de ressignificação do território, não ao desaparecimento de sua essência, mas equivale a uma crise, que poderia levar a um abandono por não obter significação com a população. Para tanto, de acordo com Zárate:

El propósito de la presente estrategia metodológica es brindar un marco de referencia general sobre el estado de situación de un lugar, para, una vez conocido el mismo, utilizarlo como marco de referencia para interpretar las causas y repercusiones, de orden físico, social y simbólicas, que un problema particular pudiera tener dentro de ese lugar (ZÁRATE, 2015, p. 162).⁵

Além disso, a proposta de Zárate permite uma visão sobre as desconformidades do urbanismo na América Latina. O complexo fenômeno da globalização atinge as cidades latinas de maneira diferenciada pois, acelera o abismo social e histórico, contribuindo para as problemáticas da desterritorialização e da descaracterização dos

⁵ O objetivo desta estratégia metodológica é fornecer um quadro de referência geral sobre o estado da situação de um lugar, para que, uma vez conhecido, possa ser usado como referência para interpretar as causas e repercussões de natureza física, social e simbólica, que um problema específico poderia ter nesse local (ZARATE, 2015, p. 162; tradução nossa)

lugares tradicionais (ZARATE, 2015, p. 119). Para Magnaghi (2011), os espaços de uso público têm desaparecido em função da perda progressiva de poder sobre o público por parte da comunidade local (MAGNAGHI, 2011, p. 60). Quando os valores comerciais se sobrepõem aos valores históricos e naturais de um lugar, trata-se do processo de desterritorialização, conforme descrito na afirmação:

Il territorio delle funzioni si sovrappone al territorio storico e all'ambiente senza più relazioni sinergiche: la città e il territorio storici sono ridotti a "contesto", mero supporto inanimato e strumentale di funzioni produttive e riproduttive la cui valorizzazione è tutta interna alla costruzione di una seconda natura artificiale. Questa organizzazione territoriale, astratta dalla natura e dalla storia, produce grandi effetti di de-territorializzazione: decostruzione e crisi dei sistemi ambientali, decontestualizzazione dei paesaggi storici, sradicamento delle comunità, atomizzazione individuale delle società locali, dissoluzione dello spazio pubblico, "scomposizione" degli abitanti in produttori, consumatori, utenti, ecc (MAGNAGHI, 2011, p. 68)⁶

Retoma-se o cenário fictício da figura 3 em comparação à figura 4. Caso ocorresse a desterritorialização, a estrutura dos edifícios seria ressignificada com novos usos que não correspondessem à demanda da população que se reconhecia naquele lugar. Assim sendo, assistiríamos ao abandono das estruturas, a descaracterização de suas fachadas devido aos novos usos e também ao péssimo estado de conservação do entorno, fazendo com que a paisagem fosse associada à insegurança e hostilidade, além da ressignificação.

Figura 4: Esquema de Desterritorialização fictícia



Fonte: Ilustração elaborada pela autora

⁶ O território funcional se sobrepõe ao território histórico e ao meio ambiente, sem relações mais sinérgicas: a cidade histórica e o território são reduzidos a um "contexto", um mero suporte inanimado e instrumental de funções produtivas e reprodutivas cujo aprimoramento é inteiramente interno à construção de uma segunda natureza artificial. Esta organização territorial, abstraída da natureza e da história, produz grandes efeitos de desterritorialização: desconstrução e crise dos sistemas ambientais, descontextualização de paisagens históricas, desenraizamento de comunidades, atomização individual das sociedades locais, dissolução do espaço público, "Decomposição" dos habitantes em produtores, consumidores, usuários, etc. (MAGNAGHI, 2000, p. 68; tradução nossa)

Reterritorialização

A contrapartida consiste, justamente, na **reterritorialização**, ou seja, na construção de uma identidade social e de lugar como fator existencial básico para o ser humano, invocadas para poder construir essa identidade dentro de um ambiente e marco físico particular.

No cenário fictício da figura 4 em relação à figura 5, a reterritorialização contribui para a reconstrução da identidade do cenário. Os edifícios passam por uma reabilitação para se adequarem a novos usos contemporâneos, mas levando em consideração um imaginário coletivo significativo, atraindo além de novos usuários, aqueles que tinham relação de pertencimento com ele. A presença das pessoas faz com que o lugar retome sua vida e ganhe novas significações dentro da identidade pré-existente.

Figura 5: Esquema de Reterritorialização fictícia



Fonte: Ilustração elaborada pela autora

2.2.3 Diálogos do Lugar com o seu contexto

A leitura do contexto se dá através dos processos denominados sociogênese, morfogênese e semiogênese (ZÁRATE, 2015, p. 181). Através dele, é possível determinar os momentos cronotópicos chave geradores do lugar. De acordo com Zárate (2015), podemos definir:

- A **morfogênese** faz referência ao processo histórico de configuração do espaço físico, natural e construído, que ocasionou padrões característicos da forma urbana e territorial;

- A **sociogênese** faz referência ao processo histórico de organização da vida social, através dos distintos grupos, das atividades e da institucionalização das mesmas, que geram regras de interação e de organização social, tanto explícitas quanto implícitas, próprias da cultura específica;
- A **semiogênese** faz referência ao processo histórico de conformação do ambiente simbólico criado por uma sociedade determinada, a partir dos significados, das representações sociais, dos imaginários urbanos, dos mapas mentais que atuaram como código de sentido profundo desde o qual se afirma determinada significação e valorização aos grupos sociais, e as atividades do espaço;

Compreender esse processo, segundo Zárate (2015), é fazer uma interpretação genética do lugar para determinar a origem dos processos que a produzem e se reproduzem.

Lugar: Ambientes, matrizes, sinergias e unidades ambientais

O conceito de lugar implica na concepção de um sistema complexo de interações entre o cenário físico, grupos humanos e suas práticas sociais mediadas pelo mundo simbólico, que serão melhor detalhadas a seguir. O lugar é entendido como um processo constante de transformação, segundo cronotopos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, que estão em constante relação com seu contexto. Neste estudo, a Fazenda Serra Negra é concebida como um sistema complexo que integra o patrimônio industrial de Botucatu. Desta forma, caracterizado pelos ambientes físico, social e simbólico, e suas relações.

Ambiente Físico

O ambiente físico é o suporte material, a partir do meio natural e construído, que atua como cenário para o desdobramento do ambiente social e do ambiente simbólico em seu processo de transformação do território (ZÁRATE, 2018). Com base nisso, no caso deste estudo, vale retomar a Carta de Nizhny (TICCHIH, 2003, p. 2) e, tratando-se de um patrimônio industrial, o ambiente físico deve ser composto por

todos os cenários que englobam a atividade industrial ou atividades sociais relacionadas com a indústria, como habitações, locais de culto ou educação.

Argollo Ferrão (2015) categoriza esse território cafeeiro em quatro instâncias: Núcleo industrial, paisagem agrícola, arquitetura complementar e a arquitetura dos edifícios destinados à habitação. Unindo os conceitos da Carta de Nizhny a Argollo Ferrão e Lamas (1993), entende-se:

- Núcleo Industrial: plantações, edificações e estruturas que contenham o maquinário e o produto nas diversas fases do processamento, tais como as usinas, engenhos, casas de máquinas, terreiros de secagem, viveiros, casas de vegetação, equipamentos de produção agroindustrial, armazéns e silos, edifícios para administração comercialização e transporte do produto.
- Infraestrutura: resultante da integração dos sistemas hídricos e territoriais, corresponde:
 - Solo - é a topografia e modelação do terreno, mas são também os revestimentos e pavimentos, os degraus e passeios empedrados, os lancis, as faixas asfaltadas, os carros elétricos e tantos outros aspectos
 - Traçado - Assenta num suporte geográfico preexistente, regula a disposição dos edifícios, liga os vários espaços e partes do território e confunde-se com o gesto criador. “O gesto do traçado quase um fenômeno cósmico enraizado na humanidade”.
 - Árvore e vegetação: Têm individualidade própria; desempenham funções precisas: são elementos de composição e do desenho paisagístico; servem para organizar, definir e conter espaços.

A construção do território tanto pode utilizar elementos duros ou minerais como vegetais ou plantados. Trata-se de um mesmo problema de desenho arquitetônico em que a árvore, as plantações, se encontram na mesma escala de valores que a parede, a fachada ou outro elemento construtivo. Um traçado pode ser definido tanto por um alinhamento de árvores como por um alinhamento de edifícios (LAMAS, 1993, p. 82).

Podem ser remanescentes de mata natural, pelos campos de pastagem e bosques implantados artificialmente, os jardins e pomares, a lavoura ou o campo cultivado (ARGOLLO FERRÃO, 2015, p. 8)

- Cursos d'água: Podem ser corpos d'água naturais como canais, açudes, largos naturais e artificiais, rios, córregos e riachos, fontes e nascentes, lençóis.
- Arquitetura complementar: atividades complementares ao beneficiamento dos grãos, como os currais, paióis, barracões diversos, escritórios, canais, açudes, barragens, pontes e estruturas diversas.
- Arquitetura destinada à habitação: Sede de propriedades rurais, casas de trabalhadores rurais, colônias implantadas em bairros rurais ou nas franjas do rural-urbano, agrovilas e ecovilas, assentamentos rurais, etc.

Ambiente Social

Para Zárte (2015, p. 28): “O ambiente social é o contexto de especificação histórica, no tempo, espaço e tradição, no qual se manifestam as distintas práticas sociais e seus processos organizativos, funcionais, ideológicos e de poder”. É a somatória dos diversos grupos sociais que atuam no ambiente físico segundo suas necessidades, valores, crenças, ou seja, segundo sua cultura. O ambiente social é protagonizado pelos atores, sejam eles principais, sejam eles secundários, e suas respectivas atividades. As atividades correspondem à vida social do lugar, podem ser: programadas, espontâneas, localizadas ou de circulação; sendo assim, manifestações a partir da relação e apropriação do lugar. Além disso, neste trabalho, a atividade industrial e todas as relações de cultivo também ganham destaque para a compreensão do papel do trabalhador neste patrimônio:

- **Atividades programadas:** ações que são obrigatórias, ou que acontecem com regularidade (diariamente, semanalmente, etc.);
- **Atividades espontâneas:** contrárias às ações programadas não possuem regularidade, e ocorrem em função da configuração física do local, se o mesmo é convidativo. Podem oferecer interações sociais, ou favorecer às atividades contemplativas;
- **Atividades localizadas:** ações que são atraídas por determinado fragmento do local e que são dependentes do mesmo;
- **Atividades de circulação:** são as ações que podem ser consideradas de passagem e que não envolvem permanência, quando o lugar compõe o caminho do transeunte;

- **Atividades de cultivo:** são as atividades relacionadas ao plantio, colheita, beneficiamento e armazenamento da agroindústria, que caracterizam o processo industrial de uma propriedade.

Aqui se leva em consideração todo tipo de vida social, tanto positivas quanto negativas ao lugar, já que ambas fazem as características da sua vida social (ZÁRATE, 2018).

Também os atores sociais podem ser classificados, de acordo com Tuan (2012), pelas suas diferenças individuais. Neste estudo, destacamos os fatores: sexo e idade. De acordo com Tuan (2012, p. 84): as diferenças entre homens e mulheres podem afetar o modo de responder ao mundo. Em toda cultura conhecida, o sexo é responsável por diferenciar papéis sociais, desde a infância seu comportamento é influenciado para se divergir, e, apesar de ser um fator biológico, impacta diretamente nessa questão cultural. Além disso, comumente, ao abordarmos a palavra “homem”, pelo discurso da ciência social, tendemos a imaginar uma pessoa adulta ativa, ignorando o fato de que existem outras etapas da vida que afetam a sua percepção do espaço, como a infância, adolescência, velhice etc. (TUAN, 2012, p. 85). Dessa maneira, dentro da diferenciação entre sexos, também serão classificadas as faixas etárias dos atores sociais identificados.

Ambiente Simbólico

“Aquilo de quem interpreta é o que interpreta do lugar”, afirma Zárate (2015). Para ele, o lugar compreende a complexidade das relações humanas e daquilo que corresponde às suas expressões verbais e escritas, seguidas do gestual e do comportamental das pessoas, a expressão de valores, de significados, de representações sociais e de imaginários sociais construídos, isto é, aquilo que faz com que as pessoas se reconheçam como parte do lugar.

Para compor este mundo simbólico, será necessário se aprofundar pela mente das pessoas, entrevistá-las, capturar seus relatos e histórias de vida. Zárate (2016) ainda complementa: Interpretar como é o ambiente simbólico de um lugar é essencial para encontrar o sentido aos ambiente anteriores (físico e social), já que toda ação humana está mediada por conteúdos simbólicos que orientam nossa ação e o valor que agregamos sobre os cenários, as pessoas e as ações.

Acerca do assunto Le Goff (1990, p. 539) acrescenta: “Onde faltam os monumentos escritos, deve a história demandar às línguas mortas os seus segredos... Deve escutar as fábulas, os mitos, os sonhos da imaginação... Onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história”. A informação falada carrega consigo a impressão pessoal do interlocutor, é capaz de revelar sentimentos, percepções e pontos de vista tão diferenciados quanto uma fotografia ou uma notícia de jornal. “A memória coletiva, dificilmente deixa de existir, porque basta que se conserve em uma parte limitada do corpo social, para que possamos encontrá-la sempre ali” (HALBWACHS, 1990, p. 84). Conclui-se que as entrevistas também possibilitam manter vivo os simbolismos que os edifícios carregam, levando em consideração os fatos históricos como determinantes das verdades pronunciadas ao longo das conversas.

Mapa Heurístico

O mapa heurístico é um diagrama pelo qual, através dos fluxos traçados, pode se estabelecer as relações chave entre os componentes de cada um dos ambientes (físico, social e simbólico). Para Zárate (2015, p. 264), trata-se ainda de uma aproximação ou representação lógica que propicia a estruturação do problema dentro de seu contexto de apropriação do lugar.

Através desse modelo, pretende-se evidenciar as congruências ou as correspondências que contém o lugar, observados a partir da sua complexidade sócio-física-simbólica. Busca-se compreender a paisagem problemática do lugar, a qual deve servir como hipótese interpretativa para a fase subsequente: o projeto.

Congruências e Correspondências

As relações entre os ambientes físico, social e simbólico afirmam o processo histórico, o que gera um sentido inigualável, além da possibilidade de identificação, de apropriação e de apego com o lugar, tanto de forma física quanto simbólica (ZÁRATE, 2010, p. 34)

A partir da identificação dos elementos mais representativos dentre os diversos ambientes, buscar-se-á analisar a procedência dos mesmos. As relações entre os ambientes podem retratar as correspondências sociossimbólicas, simbólico-físicas e as congruências sociofísicas. Vale ressaltar que estas podem ocorrer de forma positiva, de maneira que favoreçam ou desfavoreçam o lugar, sendo que nenhuma delas será descartada da análise.

Correspondências: podem ser sociossimbólicas, caso ocorra o reconhecimento e aceitação entre grupos sociais, ou distintos grupos sociais podem compartilhar uma significação sobre uma atividade particular; também podem ser simbólico-físicas, caso diferentes grupos assimilem um mesmo sentido a um cenário.

Congruências: fazem referência ao maior (congruência) ou menor (incongruência) nível de adaptação do cenário físico para responder de forma adequada às demandas de atividades dos distintos grupos sociais.

Por fim, conclui-se que todas as articulações anteriormente expostas são responsáveis pelas particularidades que compõe a identidade do lugar e que fazem dele único, pois: “Las combinaciones nunca generán dos lugares iguales” (ZARATE, 2015, p. 179)⁷.

Unidades Ambientais

As unidades ambientais representam as situações de maiores correspondências e congruências. Para tanto, devem ser consideradas aquelas que possuem uma escala territorial e tangível, ou seja, as correspondências simbólico-físicas e congruência sociofísica. Para Zárate (2018), trata-se do ponto chave dessa fase interpretativa, porque representa os diferentes ambientes (físico-social-simbólico), sinalizando as potencialidades do lugar.

Segundo Fernandes et al. (2020), as unidades ambientais atuam como referência básica para a elaboração de hipóteses projetuais, as unidades orientam as intervenções a partir de novas unidades ambientais, que devem estar em diálogo com as existentes. As hipóteses projetuais são desenvolvidas através de um modelo exemplar em que as unidades ambientais são associadas às hipóteses projetuais de ordem física, social e simbólica, em correspondência com os ambientes físico, social e simbólico identificados.

Código Genético

É possível relacionar o código genético com um diamante lapidado, difícil de encontrar, trabalhoso para lapidar e prazeroso de se contemplar. Sendo também a peça chave para a composição final de uma joia, assim como o elemento vital para o entendimento do lugar (SILVEIRA, 2018, p. 25).

⁷ As combinações nunca geram dois lugares iguais (ZÁRATE, 2015, p. 179; tradução nossa).

O código genético do lugar corresponde às articulações entre as congruências e correspondências entre os ambientes, é aquilo que o torna único e essencial, é o que viabiliza uma solução urbana coerente.

Como o código genético é próprio de cada lugar urbano, e como os problemas de estudo se manifestam dentro de distintos tipos de lugares urbanos, resulta dele que, o ambiente epistémico dentro do qual constitui cada objeto de estudo, será distinto segundo a natureza do lugar, dentro da qual se manifesta o problema (ZÁRATE, 2015, p. 168)

Nessa perspectiva, o estudo de qualquer problema urbano será orientado pela análise do seu contexto ambiental, ao seu lugar de pertença e sentido (ZÁRATE, 2015, p. 164), e ainda:

Según sea la característica configurativa del Código Genético de un lugar particular directamente vinculado al Sistema de Esquemas Cognoscitivos de cada grupo social de un lugar particular, a partir de los contenidos específicos que definen cada esquema componente, se puede llegar a obtener un panorama con alta probabilidad de suceso respecto al nivel de interés, compromiso, valoración, de la población de un lugar particular por los problemas urbanos propios de su lugar y por los problemas o proyectos urbanos de la ciudad en su conjunto (ZÁRATE, 2015, p. 142).⁸

O código genético é o ponto chave para esta estratégia, pois permite criar um cronotopo alternativo, o qual representa os grupos sociais atuantes de um lugar particular, pois viabiliza uma interpretação hermenêutica sobre a configuração atual, sob um compromisso que vai não só na escala urbana, mas também engloba a dimensão ética e social do desenho

2.2.4 Fase Propositiva

Todas as fases realizadas até o momento servem para orientar as ações projetuais sobre o lugar, visando a reterritorialização, ou seja, proporcionar equilíbrio ao conflito ambiental reconhecido ou preservar o lugar e melhorá-lo, caso esteja em equilíbrio. Aos moldes de uma proposta dialógica, busca-se trabalhar em um modelo prefigurativo, colocando em diálogo o saber técnico-científico e a percepção política, com a opinião dos habitantes do lugar. Zárate (2018) propõe que predomina-se uma visão comunitária do lugar, para que o processo seja o mais realista possível, prevê-se a participação popular por meio de oficinas, trabalhando em conjunto para um futuro hipotético.

⁸ Dependendo da característica configurativa do Código Genético de um determinado Lugar diretamente vinculado ao Sistema de Esquemas Cognitivos de cada grupo social de um determinado local, a partir do conteúdo específico que definem cada esquema de componentes, é possível obter um panorama com alta probabilidade de sucesso quanto ao nível de interesse comprometimento, valorização da população de um lugar particular pelos problemas urbanos próprios de seu lugar e pelos problemas ou projetos urbanos da cidade em seu conjunto (ZÁRATE, 2015, p. 142; tradução nossa)

A seguir, deverão ser propostas novas unidades ambientais, que serão incorporadas àquelas já identificadas. Através delas, será possível gerar sinergias efetivas e produzir as mudanças desejadas. Para tanto, o projeto deverá apresentar alguns modelos projetuais como:

- Modelo de Reterritorialização: Trata-se da proposta de novas unidades ambientais, a fim de reinserir a estrutura em seu contexto, baseado nas unidades ambientais da desterritorialização do objeto de estudo.
- Modelo de Restauro e reabilitação: trata-se de destinar o patrimônio localizado no lugar para novos fins de acordo com seus valores históricos, artísticos e de uso, em função da valorização contemporânea do bem e conservação dos pontos de congruência e correspondência.
- Modelo de cidade análoga: Por meio desse modelo, utilizaram-se de referências de lugares similares com propostas semelhantes à ideia projetual, para que a população possa ter uma percepção aproximada e possa contemplar com um reajuste de desenho, o que viabilizaria o projeto.
- Modelo Exemplar: busca-se criar um quadro geral em que se definirá para cada unidade ambiental, projetos de ordem física, social e simbólico que geraria novas unidades e relações sinérgicas.
- Modelo de Gestão: Define-se a estratégia de articulação entre os atores sociais e o projeto: por meio de metas e responsabilidades de cada um deles. Além de colocar o processo em etapas de concretização (Curto, médio e longo prazo).

3. MÉTODO

A partir dessa revisão, compreendemos que a utilização do método UAH torna-se uma solução viável para definir os objetivos traçados. Proposto por Marcelo Zárate (2014), com bases filosóficas e teóricas da dialogia de Bahktin (1997, 1988), da narratividade e hermenêutica de Ricoeur (2002), do lugar sociofísico de Muntañola (2010, 2006, 1995) e da territorialização de Magnaghi (2011). O método nessa pesquisa, complementa-se com autores como Argollo Ferrão (2015), Yi-Fu Tuan (1974), Boito (2003), Brandi (2004), Giovannoni (2013), Salcedo (2009 e 2013), que auxiliam para a compreensão da morfologia do território rural, dos métodos de restauração e da percepção do espaço.

O método relaciona o Contexto, a agroindústria do Município de Botucatu com Texto, a Fazenda Serra Negra, em dois cronotopos: a análise na territorialização (século XIX até 1950) e na desterritorialização (1950 até os dias de hoje). A análise levanta a problemática do lugar, bem como evidencia pontos chaves para uma proposta de valorização do patrimônio industrial de Botucatu e a reterritorialização da Fazenda Serra Negra.

3.1. CONTEXTO – A AGROINDÚSTRIA DE BOTUCATU

O Contexto refere-se aos fatores (sociais, econômicos, arquitetônicos, territoriais, políticos, etc) que influenciaram na agroindústria de Botucatu-SP nos diferentes cronotopos que a relacionaram à Fazenda Serra Negra: territorialização e desterritorialização, evidenciando o papel do texto, dentro do contexto. Os fatores do contexto foram analisados em duas escalas: Macro e Micro.

- **Macroescala:** Compreende os aspectos sociais, econômicos, políticos e arquitetônicos externos (internacionais, nacionais e paulistas) que influenciaram diretamente os fenômenos ocorridos na cidade de Botucatu.
- **Microescala:** Compreende as relações entre o ambiente urbano e rural, através dos aspectos sociais, econômicos, arquitetônicos, territoriais e políticos estabelecidos entre a cidade de Botucatu com as fazendas produtoras de café (agroindústria).

3.1.1 Territorialização

A macroescala e microescala foram estudadas segundo a morfogênese, sociogênese e semiogênese, ou seja, os fatores sociais, econômicos e políticos que influenciaram na relação do município de Botucatu com a agroindústria.

- **Morfogênese:** Trata dos fatos históricos e os cenários físicos correspondentes na consolidação do lugar sociofísico e da relação de Botucatu com a sua agroindústria, sobretudo, as fazendas destacadas neste estudo: Fazenda Serra Negra, Fazenda Lageado, Fazenda Monte Alegre, Fazenda Monte Selvagem e Fazenda Boa Esperança. Nesta análise, vale destacar: A atividade agroindustrial cafeeira em seu percurso internacional até o Oeste Paulista e o município de Botucatu; A ascensão do transporte ferroviário e o seu papel na ocupação do Oeste Paulista; e as transformações ocorridas na Arquitetura do Café.

- **Sociogênese:** Destaca os atores sociais vinculados ao café e as principais atividades relacionadas à divulgação, ao trabalho, ao comércio, à industrialização, ao transporte e ao lazer desses personagens. Aborda-se, também, as composições familiares, os principais costumes, as atividades culturais e as regras implícitas às transformações sociais ocorridas na época.
- **Semiogênese:** Relaciona-se o simbolismo que envolve atividades, personagens e cenários, sendo, basicamente, a motivação que orienta cada um dos elementos como eles são. Além disso, também representa as legislações que orientam costumes, atividades e cenários. No cronotopo da territorialização, valem destaque os Códigos de Postura municipais, os Códigos Sanitários Estaduais e as Leis Nacionais de incentivo à economia cafeeira e à ferrovia.

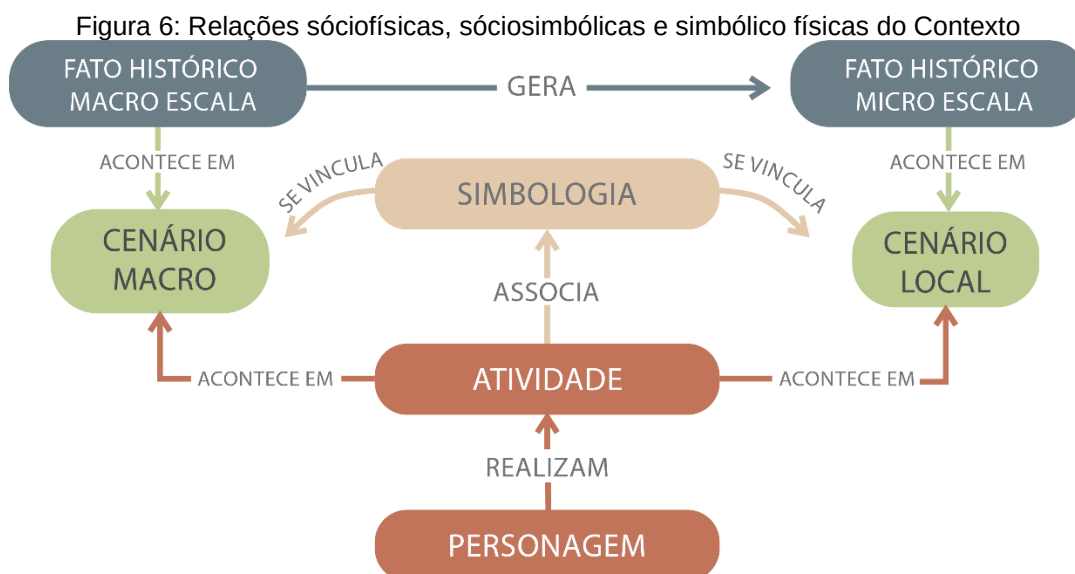
3.1.2 Desterritorialização

- **Morfogênese:** Trata dos fatos históricos e os cenários físicos correspondentes à ressignificação e ao abandono das estruturas cafeeiras (Fazenda Serra Negra, Fazenda Lageado, Fazenda Monte Alegre, Fazenda Monte Selvagem e Fazenda Boa Esperança) e o desligamento das relações entre o espaço urbano de Botucatu com a sua agroindústria. Vale destacar: A mecanização dos processos agrícolas, o êxodo rural e o aumento dos latifúndios e da soberania nacional da monocultura.
- **Sociogênese:** Nela destacamos os atores sociais ainda vinculados ao patrimônio industrial e as principais atividades relacionadas a ele, sendo elas de lazer, ou de turismo, ou de saudosismo, ou de trabalho, ou de interesse econômico, político etc. Aborda-se, também, o perfil social dessas pessoas, o tipo de atividades de lazer consumidas, suas principais atividades laborais e onde estas se especializam.
- **Semiogênese:** Corresponde ao simbolismo que envolve as atividades, os personagens e os cenários, sobretudo, as transformações simbólicas que levaram ao abandono das estruturas cafeeiras localizadas no meio rural, em detrimento das localizadas no meio urbano. Para isso, através da aplicação de questionários online (conforme anexo I), verificou-se a

atual relação e o conhecimento da população de Botucatu com este patrimônio agroindustrial. Também através desse questionário, foi realizado um reconhecimento físico, social e simbólico das Fazendas Serra Negra, Lageado, Monte Alegre, Monte Selvagem e Boa Esperança pela relação entre a iconografia e as palavras chave, também por meio de personagens importantes e simbolismos. Busca-se vincular os fatos históricos apresentados com: o fechamento das Linhas Férreas, as Leis de Proteção Ambiental Permanente, o Programa de Regionalização do Turismo paulista, o Plano Diretor Municipal, as leis de Zoneamento e o Plano Diretor de Município de Interesse Turístico.

Ao final da análise, foram relacionados os principais acontecimentos históricos da macro e microescala, com: os cenários, os personagens, as atividades e os simbolismos locais por meio de um Mapa Heurístico.

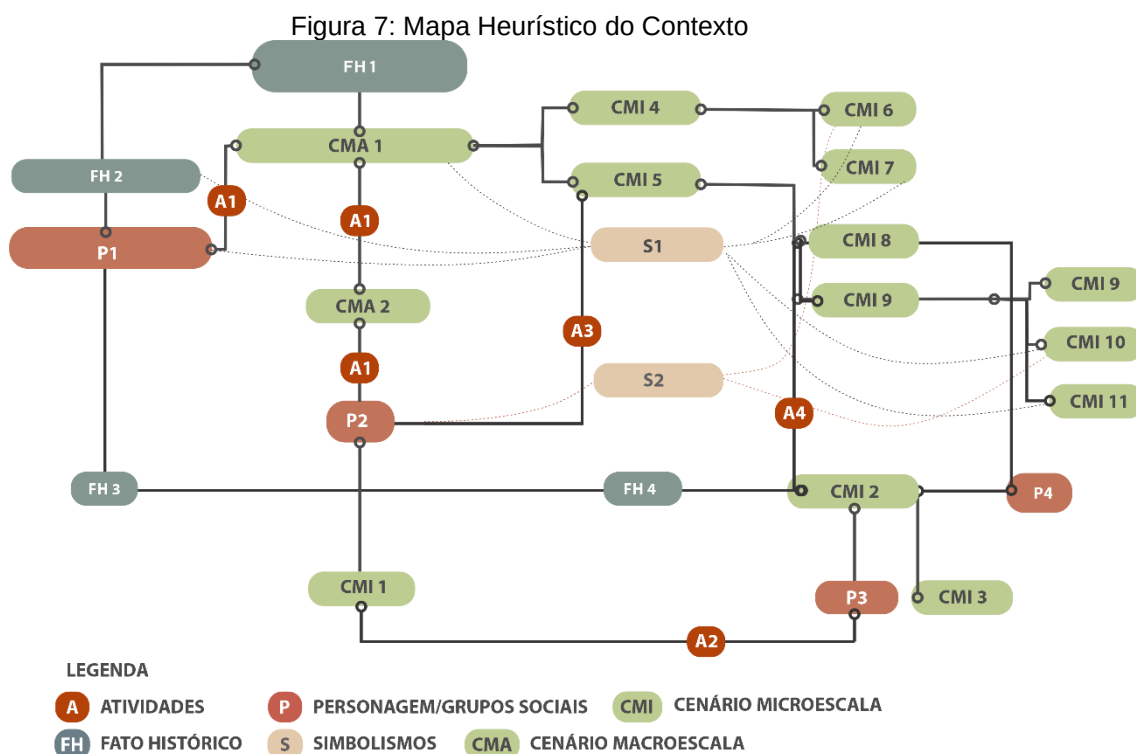
O Mapa Heurístico, neste caso, corresponde a interligação de cada elemento individualmente, conforme a figura 6:



Fonte: Elaborado pela autora

Através dele, é possível visualizar o papel de influência do contexto para cada um dos elementos da morfogênese, sociogênese e semiogênese, tal como observar como o contexto pode afetar a relação entre os cenários, atividades, personagens e simbolismos. A figura 7 apresenta um esquema de organização do Mapa Heurístico: Em cinza os fatos históricos da macro e micro escala, em verde os cenários físicos da macro e micro escala, em terracota os personagens, em vermelho as atividades e em cor de rosa os simbolismos. De cada um dos elementos, sai uma linha que a interliga

com outro elemento, demarcado pela circunferência, que representa sua influência sob aquele elemento.



Fonte: Elaborado pela autora

O mesmo cenário físico será analisado nos cronotopo da territorialização e desterritorialização, podendo ser observado como são estabelecidas ou novas conexões, ou o desaparecimento, ou a manutenção das mesmas. O Mapa Heurístico busca mostrar que nenhum elemento é um evento isolado, mas faz parte de uma teia justaposta de cenários, personagens e simbolismos.

3.2. TEXTO – A FAZENDA SERRA NEGRA

Após a leitura do texto analisa-se as relações da Fazenda Serra Negra com o seu contexto, segundo os cronotopos de territorialização (1880 a 1950) e desterritorialização (1950 aos dias de hoje). A análise ocorre nas seguintes etapas:

- Identificação e interpretação dos ambientes físico, social e simbólico
- Matrizes e Tabelas de Sinergias
- Unidades Ambientais

3.2.1 Territorialização

O recorte temporal da territorialização abrangeu todos os cenários, personagens, atividades e simbolismos a partir da compra das terras da fazenda pelo Conde Serra Negra, que a tornaram importante elemento sociofísico.

Ambiente Físico

O cenário Físico da Fazenda Serra Negra pode ser subdividido em:

- Arquitetura destinada ao habitar: Casa-Sede, Casa do Administrador e Casa dos Colonos
- Núcleo industrial: Plantação, Casa de Máquinas, Tulhas e Terreiros
- Arquitetura complementar: Capela, estábulo e armazém.
- Infraestrutura: Roda d'água, caminhos de acessos, jardim fronteiro, pomar, Córrego Bom Jardim, tanque de represamento, vegetação ciliar, Estrada de Ferro Sorocabana.

Os parâmetros de análise para cada uma das unidades estão descritos no quadro 1 e respectiva legenda, a seguir:

Quadro 1: Parâmetros de Análise Ambiente Físico na Territorialização

Quadro 11 Parâmetros de Análise Ambiental Físico na Territorialização							
PARÂMETRO	ARQUITETURA DESTINADA AO HABITAR						
	1	2	3	4	5	6	7
	IMPLANTAÇÃO	COMPOSIÇÃO DA FACHADA	SISTEMA CONSTRUTIVO	FORMATO DA PLANTA E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	PISO	PAREDES	FORRO
CASA -SEDE							
CASA DO ADMINISTRADOR							
CASA DOS COLONOS							
NÚCLEO INDUSTRIAL							
CULTIVO	Análise da topografia do terreno, tipo de colheita (manual ou mecanizada), tipo de beneficiamento (via seca ou via úmida).						
TERREIRO	Implantação, tipo de revestimento (pedra, cimento ou tijolos), sistema de condução dos grãos para secagem, número de quadros.						
TULHA	Número de pavimentos, implantação, tipo de ligação com os terreiros, composição da fachada e aberturas, sistema construtivo, acabamentos, cobertura e formato da planta.						
CASA DE MÁQUINAS	Número de pavimentos, implantação, composição da fachada, sistema construtivo, cobertura, formato da planta e revestimentos.						
ARQUITETURA COMPLEMENTAR							
ESTÁBULO	Implantação e sistema construtivo						
ARMAZÉM	Implantação, número de pavimentos, formato da planta e revestimentos						
CAPELA	Implantação, formato da planta (nave central, laterais, campanario, etc.), composição das fachadas e revestimentos.						

INFRAESTRUTURA	
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Sistema de abastecimento de água, qual o principal afluente utilizado.
ENERGIA ELÉTRICA	Abastecimento de Energia Elétrica integral ou parcial, tempo de utilização recomendado.
ESGOTO	Coleta e despejo do esgoto doméstico, com ou sem tratamento antes do descarte.
TRANSPORTE	Meios de transporte que conectavam a fazenda com o seu contexto, seja na escala local (Município de Botucatu e o distrito de Vitoriana) ou na Macro-Escala, conectando a fazenda à cidade de São Paulo, ao porto de Santos e por consequência à Europa.
CAMINHOS	Sem pavimentos, ou, com pavimento típico aplicado (pedra, ladrilho, lajotas cerâmicas ou de concreto)
JARDIM E POMARES	Projeto paisagístico, espécies de flora predominantes, tamanhos e formas, caminhos internos.

Fonte: Elaborado pela autora

- 1- **Implantação** – Localização da estrutura em relação a implantação geral, número de pavimentos, bem como a forma que o edifício está alocado em relação ao terreno através de intervenções na topografia: muros de arrimo, platôs, taludes, meia encosta, etc
- 2- **Composição da fachada** – composições simétricas ou assimétricas, predominância de elementos e ornamentos neoclássicos, ecléticos, art déco, art nouveau, etc, com ou sem ritmo, organização e material das aberturas (portas e janelas) predominantes.
- 3- **Sistema Construtivo** – Sistema estrutural escolhido para embasamento e vedações. Estrutura de Pedra, Malha de madeira, vedação por tijolos, alvenaria estrutural, etc. Estrutura do telhado, número de águas (quedas) e tipo de cobertura: capa-canal, telhas em madeira, cerâmicas estilo francesa ou romana; Acabamento do telhado: presença de beirais ou platibandas.
- 4- **Formato da Planta e Organização Espacial** - Planta Retangular, formato de “L”, formato de “U”, etc. Cômodos sociais (sala de estar, jantar, vestíbulo), privados (dormitórios, quartos de banho e escritório) e de serviço (cozinha, despensa, porão).
- 5- **Piso** – Análise dos acabamentos: assoalhos de madeira, pisos cerâmicos, lajotas cerâmicas, ladrilhos hidráulicos, etc;
- 6- **Parede** - Análise dos acabamentos: sem acabamento (tijolo aparente), reboco e pintura em cal, uso de papéis de parede, e pinturas parentais;
- 7- **Teto** - Análise dos acabamentos: ausência de forro, forros de madeira com acabamento, forros de gesso com acabamentos.

As fontes bibliográficas e técnicas utilizadas para a análise do ambiente físico em ambos os cronotópos (territorialização e desterritorialização) estão dispostos na figura 8, a seguir:

Figura 8: Esquema das fontes e técnicas utilizadas no Ambiente Físico



Fonte: Elaborado pela autora

Ambiente Social

Neste trabalho, o ambiente social da territorialização compreende os grupos sociais (proprietários, administradores, trabalhadores fixos e trabalhadores temporários) identificados com a produção do café e as atividades realizadas por cada grupo (cultivo, programadas, espontâneas ou localizadas e de circulação)⁹. Para os grupos sociais, serão levados em consideração os parâmetros de gênero Masculino e Feminino (TUAN, 2012). Já para as atividades, a divisão será realizada, com base na proposta de Zárate (2014), conforme quadro 2. Além disso, a tabela já propõe a espacialização das atividades realizadas pelos grupos sociais, dessa forma, o resultado obtido a partir dessa análise são as congruências e as incongruências sociofísicas.

Os grupos sociais identificados na Fazenda Serra Negra são:

- **Proprietários:** Correspondem à família que adquiriu, edificou e morou nas dependências da fazenda, sobretudo, na Casa-Sede; Família Serra Negra – Conde, Condessa, filhos.
- **Administradores:** Compreende o grupo de pessoas que trabalhou, organizou e morou em edificação diferenciada dos demais trabalhadores e que mantinham contato próximo com o proprietário.
- **Trabalhadores Fixos:** São aqueles que executavam atividades laborais no plantio, na colheita e no beneficiamento do café, bem como realizavam atividades domésticas no interior de suas propriedades particulares ou da casa do proprietário. São caracterizados por residirem na propriedade rural, podendo eles serem imigrantes ou trabalhadores livres (escravos libertos);
- **Trabalhadores Temporários:** São os prestadores de serviço tanto rurais quanto comerciais e domésticos. Diferenciam-se dos demais por não manterem residência na fazenda, realizando atividades esporádicas na propriedade.

⁹ Ver item 2.2.2 – página 42

Quadro 2: Parâmetros de Análise do Ambiente Social na Territorialização

GRUPO SOCIAL	Gênero	ATIVIDADES									
		CULTIVO	CF	PROGRAMADAS	CF	ESPONTÂNEAS	CF	LOCAIS	CF	CIRCULAÇÃO	CF
Proprietários - Família Serra Negra Conde, esposa e filhos	M										
	F										
Administradores	M										
	F										
Trabalhadores Fixos	M										
	F										
Trabalhadores Temporários	M										
	F										

Fonte: Elaborado pela autora

- **M** – Sexo Masculino
- **F** – Sexo Feminino
- **CF** – Cenário Físico

As fontes bibliográficas e técnicas utilizadas para a análise do ambiente social em ambos os cronotopos (territorialização e desterritorialização) estão dispostas na figura 9 a seguir. Vale destaque para as práticas estabelecidas por Careri (2013) e por Gehl (2015) acerca da percepção, através do caminhar e da observação ativa.

Figura 9: Fontes e Técnicas utilizadas no Ambiente Social



Fonte: Elaborado pela autora

Ambiente Simbólico

O ambiente simbólico relaciona as identidades, as expectativas, os significados, os valores, as memórias, as sensações, a fé e as crenças e o imaginário dos grupos sociais. As questões simbólicas expressas, são caracterizadas como sendo topofílicas ou topofóbicas (TUAN, 2012). Os elementos relacionam-se entre os grupos sociais e suas atividades e o cenário físico no qual desenvolvem tais

atividades, conforme o quadro 3. A leitura do quadro 3 permitirá a compreensão das correspondências sociossimbólicas e simbólico-físicas, sejam elas positivas (topofílicas), sejam elas negativas (topofóbicas).

Quadro 3: Parâmetros de análise do Ambiente Simbólico na Territorialização

GRUPO SOCIAL	Gênero	TOPOFILIA		TOPOFOBIA	
		Simbolismo	Cenário Físico	Simbolismo	Cenário Físico
Proprietários	Masculino				
	Feminino				
Administradores	Masculino				
	Feminino				
Trabalhadores Fixos	Masculino				
	Feminino				
Trabalhadores Temporários	Masculino				
	Feminino				

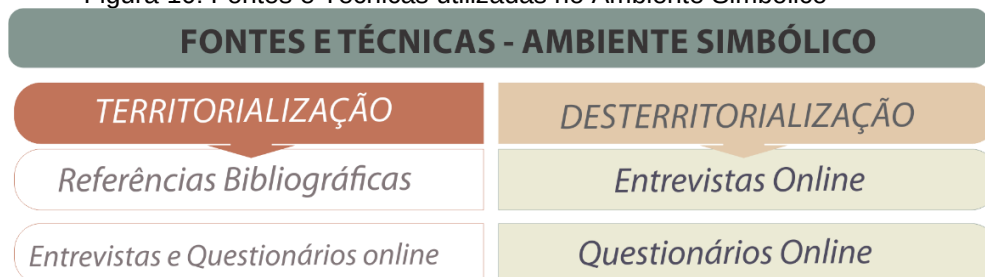
Fonte: Elaborado pela autora

Os parâmetros dos simbolismos podem ser divididos em:

- Identidades: Apropriação e desapropriação do espaço;
- Expectativas: Entretenimento, fonte de renda, fonte de trabalho e descanso;
- Valores: Afetivos, históricos, artísticos, cultural, de uso;
- Memórias: Lembranças, paisagens, agradáveis, aromas;
- Sensações: Alegria, prazer, salubridade, segurança, sons e cheiros agradáveis;
- Fé e Crenças: Lendas e Religiosidade.

Comumente, os simbolismos são coletados por meio de questionários e entrevistas, como ocorrido na desterritorialização. Neste caso, como trata-se de um cronotopo não mais existente, os elementos são baseados no modo de vida e costumes da época expostos na bibliografia, assim como a memória passada por gerações e coletadas durante as entrevistas. Ademais, as técnicas e métodos utilizados para a coleta de dados e informações referentes ao ambiente simbólico estão dispostos na figura 10.

Figura 10: Fontes e Técnicas utilizadas no Ambiente Simbólico



Fonte: Elaborado pela autora

Destaca-se que desde a suspensão de atividades presenciais e a recomendação pelo isolamento social em março de 2020 em decorrência da Pandemia do novo coronavírus, SARS-CoV2, a pesquisa passou por reformulação e todas as entrevistas e questionários foram aplicados por meio de softwares gratuitos e de maneira online. Por essa razão, nenhum nome ou opinião será retratada de forma explícita ao longo da pesquisa.

Matrizes

As relações entre os ambientes físico, social e simbólico da Fazenda Serra Negra foram representadas através de Matrizes (ZÁRATE, 2018). As matrizes, descritas na figura 11, foram marcadas pelos sinais de “+”, quando apresenta valor positivo, e “-” para valores negativos, auxiliando na identificação da problemática do lugar, perante a aceitação ou não entre os grupos sociais, suas atividades e simbolismos:

- Reconhecimento e aceitação entre os diversos grupos sociais: GRUPOS X GRUPOS
- Identificação da compatibilidade entre as atividades desenvolvidas pelos diversos grupos sociais existentes: ATIVIDADES X ATIVIDADES

Figura 11: Matriz de Relação entre Grupos sociais e Atividades

	G1	G2	G3
G1		-	
G2	-		+
G3		+	

aceitação

	A1	A2	A3
A1		+	
A2	-		+
A3	+		

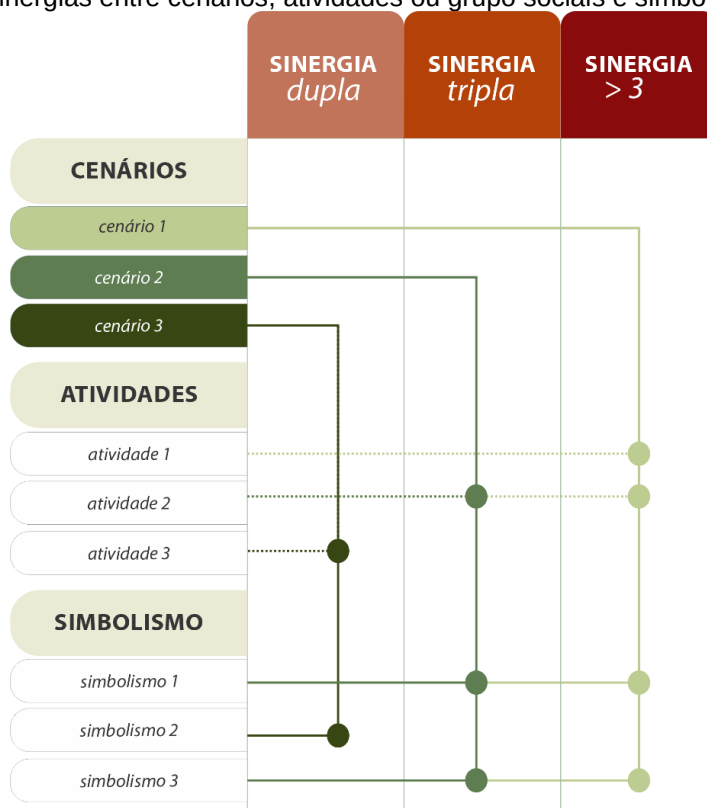
compatibilidade

Fonte: Elaborado pela autora

Sinergias

A figura 12, tabela de sinergias serviu para a identificação das maiores relações sócio simbólicas, simbólico-físicas e sócio físicas. As sinergias são as correspondências e congruências entre os cenários que foram destacados com cores, individualmente. Depois, foram relacionados com as atividades e simbolismos que as correspondem por meio das linhas de conexão. A cada nova ligação, o vínculo foi demarcado com uma circunferência da cor correspondente.

Figura 12: Sinergias entre cenários, atividades ou grupo sociais e simbolismos



Fonte: Elaborado pela autora

Os cenários selecionados são aqueles que foram mencionados ao longo dos ambientes físico, social e simbólico, além do município de Botucatu e da macroescala. As sinergias podem ter duas, três ou mais conexões demarcadas seja elas com a atividade ou o simbolismo, quanto mais conexões sejam elas topofílicas ou topofóbicas, maior o potencial do cenário em tornar-se uma Unidade Ambiental. Tomemos como exemplo, o cenário 1: O cenário 1 relaciona-se com a atividade 1 e 2, assim como os simbolismos 1 e 3, dessa forma, o cenário 1 tem 4 conexões demarcadas pelas circunferências verde clara e provavelmente será considerada como uma Unidade Ambiental.

3.2.2 Desterritorialização

A desterritorialização abrange todas as alterações significativas ocorridas no objeto de estudo a partir da queda da produção cafeeira em Botucatu e, após a morte do Conde Serra Negra que leva a venda da fazenda e o uso das terras para o plantio da Cana de Açúcar ocorrido em 1950. A fazenda é ressignificada, e na década de 1990 incorporada à uma grande empresa sucroalcooleira. A partir de então, paulatinamente o uso e a visitação da Fazenda passaram a se tornar cada vez mais restritos, além disso, a fazenda passa parte do ano, encoberta pela imensidão da Cana de Açúcar o que não contribui para o interesse da população, fazendo com que o espaço fosse novamente ressignificado, e aos poucos, sucumbisse ao abandono.

Ambiente Físico

No processo de desterritorialização, o ambiente físico como já citado, foi deteriorado e abandonado. Desta forma, serão analisadas as alterações e permanências sob o cenário físico, bem como o grau de conservação e preservação de suas estruturas no processo de territorialização, conforme o quadro 4 e respectiva legenda.

Quadro 4: Parâmetros de Análise do Ambiente Físico na Desterritorialização

CENÁRIO FÍSICO	ARQUITETURA DESTINADA AO HABITAR				
	1	2	3	4	5
	EDIFÍCIO DEMOLIDO OU EXISTENTE	USO ATUAL DA PROPRIEDADE	ESTADO DE PRESERVAÇÃO DA PROPRIEDADE	ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA PROPRIEDADE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL
CASA-SEDE					
CASA DOS COLONOS					
CASA DO ADMINISTRADOR					
NÚCLEO INDUSTRIAL					
CULTIVO					
TULHA					
CASA DE MÁQUINAS					
TERREIROS					
ARQUITETURA COMPLEMENTAR					
ESTÁBULO					
CAPELA					
ARMAZÉM					
INFRAESTRUTURA					
CAMINHOS					
JARDIM E POMARES					
ÁGUA E ESGOTO					
TRANSPORTE					

Fonte: Elaborado pela autora

- 1- **Manutenção da Estrutura:** Demolição ou permanência das edificações na implantação da Fazenda;
- 2- **Uso atual da propriedade:** Quais, dentre os edifícios restantes, permanece em uso ou abandonado;
- 3- **Estado de Preservação da propriedade:** Análise da preservação do estilo arquitetônico predominante na territorialização ou possíveis alterações ocorridas no cenário físico.
- 4- **Estado de Conservação:** Bom (não há necessidade de intervenção), ruim (há possibilidade de restauro), Péssimo (há necessidade de substituição ou demolição da estrutura).
- 5- **Organização Espacial:** Disposição das estruturas em sua implantação que gerará o mapa de implantação atual da fazenda.

Ambiente Social

Com a morte do Conde Serra Negra, a fazenda foi repartida entre os herdeiros e aos poucos sendo comprada, por empresas sucroalcooleiras. O ambiente social da Fazenda, por essa razão é totalmente reformulado. o abandono das estruturas, o ambiente social da Fazenda Serra Negra foi totalmente descaracterizado e reorganizado em novos grupos.

Os grupos sociais identificados foram:

- **Proprietários:** Correspondem aos administradores da Empresa Sucroalcooleira que atua sob as dependências da fazenda.
- **Administradores:** São a família que atualmente possui residência no sítio histórico, afastada da casa-sede.
- **Trabalhadores Fixos:** Os trabalhadores fixos atuais são aqueles que executam atividades laborais no plantio, colheita e manutenção da Cana de Açúcar.
- **Antigos trabalhadores fixos:** São os antigos moradores da fazenda, que muitas vezes nutridos de saudosismo, frequentam as dependências da fazenda para contar histórias, relembrar, pescar, entre outros.

- **Visitantes esporádicos:** São o grupo de pessoas que não visita as dependências da Fazenda com frequência, podem ser trilheiros, turistas, amantes da historiografia cafeeira, a população de Botucatu, etc. Também corresponde ao grupo de pessoas que utiliza desse isolamento e abandono e invadem as dependências da fazenda para práticas religiosas ou sexuais.

Os grupos identificados tiveram suas atividades classificadas, analisadas sua frequência e especializadas em seu cenário físico, conforme mostra o quadro 5. Através dele, é possível ter uma noção sociofísica da relação entre os espaços e seus atores sociais, o que podemos caracterizar como congruências.

Quadro 5: Parâmetros de análise do ambiente social na Desterritorialização

GRUPO SOCIAL		ATIVIDADES													
		CULTIVO	CENÁRIO FÍSICO	FREQUÊNCIA	PROGRAMADAS	CENÁRIO FÍSICO	FREQUÊNCIA	ESPONTÂNEAS	CENÁRIO FÍSICO	FREQUÊNCIA	LOCAIS	CENÁRIO FÍSICO	FREQUÊNCIA	CIRCULAÇÃO	CENÁRIO FÍSICO
Proprietários															
Administradores															
Trabalhadores Fixos															
Antigos Trabalhadores Fixos															
Visitantes Esporádicos	Fotógrafos														
	Pescadores														
	Casais de namorados														
	Práticas religiosas														
	População de Botucatu														

Fonte: Elaborado pela autora

Ambiente Simbólico

O ambiente simbólico relaciona as identidades, expectativas, significados, valores, memórias, sensações, fé e crenças, o imaginário dos grupos sociais. As questões simbólicas expressas tanto na escala do Núcleo produtivo quanto na escala das edificações, são caracterizadas como sendo topofílicas ou topofóbicas (TUAN, 2012). Os elementos simbólicos pode ser Topofílicos ou Topofóbicos, e relacionam-

se entre os grupos sociais e suas atividades e o cenário físico no qual se desenvolvem tais atividades, conforme quadro 6.

Quadro 6: Parâmetros de análise do Ambiente Simbólico na Desterritorialização

GRUPO SOCIAL		TOPOFILIA		TOPOFOBIA	
		Simbolismo	Cenário Físico	Simbolismo	Cenário Físico
Proprietários					
Administradores					
Trabalhadores Fixos					
Antigos Trabalhadores Fixos					
Visitantes Esporádicos	Fotógrafos				
	Pescadores				
	Casais de namorados				
	Práticas religiosas				
	População de Botucatu				

Fonte: Elaborado pela autora

Matrizes

Assim como na territorialização, as matrizes buscam analisar a:

- As relações de aceitação dos grupos sociais entre si
- As relações de compatibilidade entre as atividades

As demais congruências e correspondências podem ser analisadas ao longo das tabelas dos ambientes físico, social e simbólico.

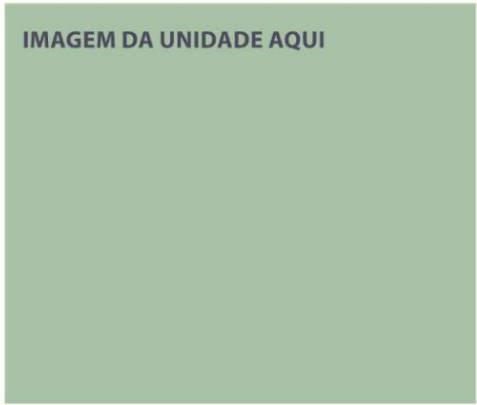
Sinergias

A tabela de sinergias na desterritorialização é fundamental para que fique evidente, como as relações entre os cenários decresceu muito, se comparado às da territorialização, caracterizando o abandono sofrido por suas estruturas e a baixa frequência de visitação e atividades realizadas na fazenda. O processo metodológico é o mesmo citado no item 3.2.1: conectar o cenário físico aos atores sociais e simbolismos correspondentes, podendo ter duas, três ou mais conexões, sejam elas topofílicas ou topofóbicas. Esse processo norteia a escolha das Unidades Ambientais.

Unidades Ambientais

As unidades ambientais são delimitadas pelos lugares com maior concentra o de congruências e correspondências anteriormente identificadas. Estas são demarcadas na implanta o do território analisado e devidamente identificadas por suas especificidades físicas, sociais e simbólicas em uma ficha catologr fica   exemplo da figura 13.

Figura 13: Ficha Catalográfica - Unidades Ambientais

IMAGEM DA UNIDADE AQUI 	FÍSICO	SOCIAL	SIMBÓLICO
	<i>principal elemento do cenário físico</i>	<i>principais grupos e atividades</i>	<i>significados atribuídos</i>
NOME DA UNIDADE <i>descrição do local, das atividades que ali ocorrem, os grupos sociais que a frequentam e se é uma potencial problemática ou congruência</i>	LOCALIZAÇÃO DESTACADA NA IMPLANTAÇÃO 		

Fonte: Elaborado pela autora

Todos os processos metodológicos executados até momento são fundamentais para a próxima etapa, que corresponde à fase projetual. As unidades ambientais com maior grau de tofília são aquelas que deverão ser preservadas na fazenda, já as unidades ambientais com maior grau de topofobia são aquelas que terão diretrizes direcionadas à solucionar as incongruências e não correspondências.

A figura 14 busca sintetizar as relações estabelecidas entre o contexto e os ambientes físico, social e simbólico, resultando na união que corresponderia à Unidade Ambiental.

Figura 14: Diagrama de relações entre texto e contexto



Fonte: Elaborado pela autora

3.3. PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DE BOTUCATU E RETERRITORIALIZAÇÃO DA FAZENDA SERRA NEGRA

Nesta etapa do método, tendo como base, os elementos estudados no contexto e texto, tem-se uma proposta de valorização do Patrimônio Industrial de Botucatu. A proposta foi elaborada com objetivo de ressignificar a relação simbólica entre o espaço urbano e rural por meio de uma identidade social e da valorização do lugar, na macroescala (Estado de São Paulo) e microescala (Botucatu). Dentro dessa proposta, propõe-se a reterritorialização da Fazenda Serra Negra através da leitura do ambiente físico, social e simbólico, como um modelo a ser aplicado nas demais agroindústrias cafeeiras analisadas na pesquisa: Monte Alegre, Boa Esperança, Monte Selvagem e Lageado.

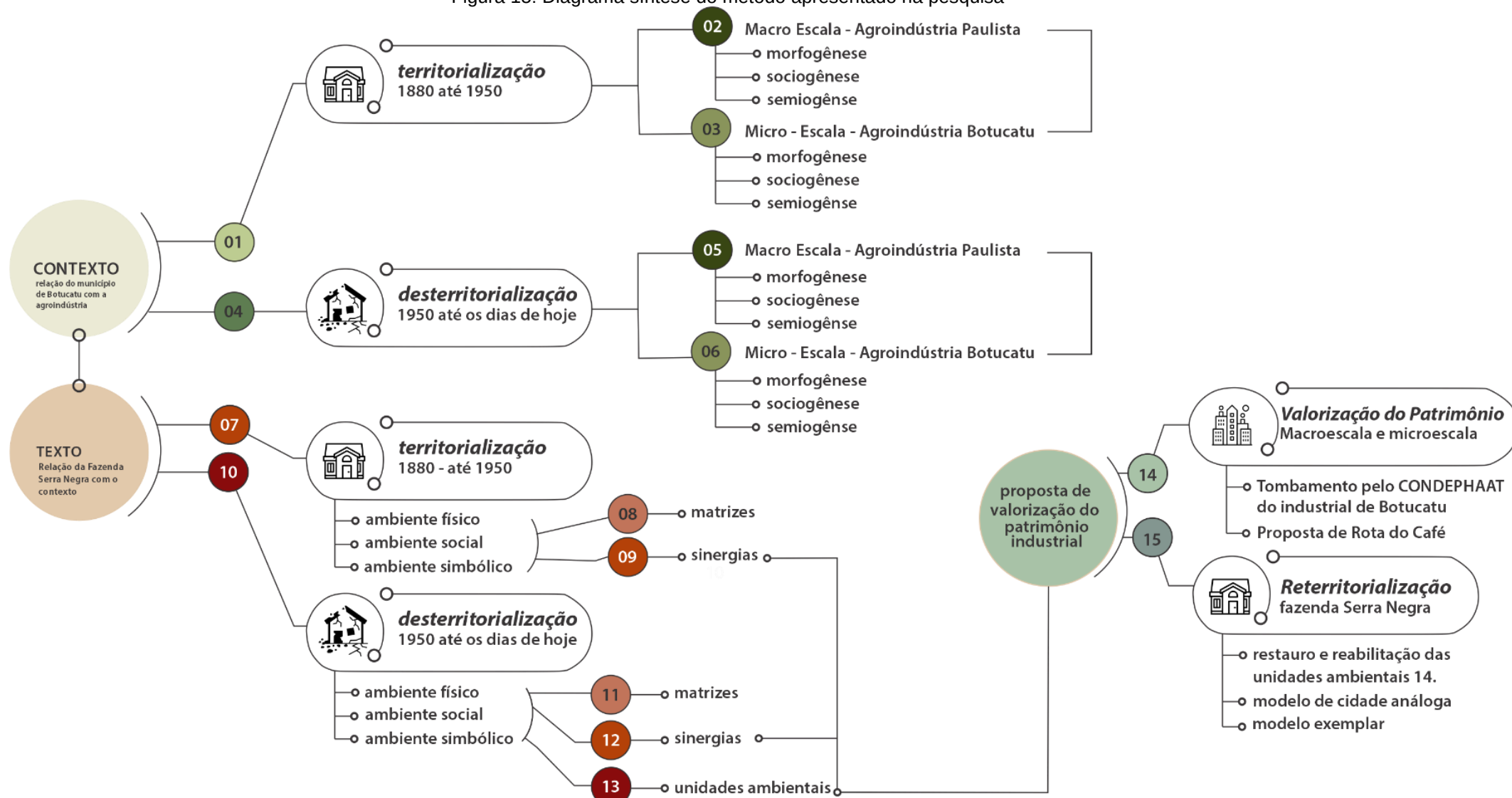
Para tanto, foi levado em consideração:

- Macroescala (Estado de São Paulo): A relevância à nível estadual do patrimônio industrial de Botucatu por meio do tombamento e salvaguarda junto ao CONDEPHAAT, principalmente das agroindústrias citadas: Serra Negra, Monte Selvagem, Monte Alegre e Boa Esperança, já que a fazenda Lageado já é tombada. Uma proposta de incorporação das fazendas nos projetos de investimento do Pólo-Cuesta, que faz parte do Programa de Regionalização do Turismo do Estado de São Paulo.
- Microescala (Município de Botucatu): A valorização da agroindústria cafeeira de Botucatu, tem como base o Plano Diretor Participativo do Município de Botucatu (Lei nº 1224/2017), Plano Regional de Turismo do Estado de São Paulo e Plano Diretor de Turismo (2019) e as relações simbólicas da população de Botucatu analisadas na Semiogênese. Em cada uma das agroindústrias analisadas, evidencia-se o seu potencial cafeeiro, para que conectadas com o centro urbano de Botucatu, haja a proposta de um circuito cultural.
- Reterritorialização (Fazenda Serra Negra): Conectada ao contexto e ao percurso sugerido, a reterritorialização da Fazenda Serra Negra consiste na leitura das congruências, incongruências, correspondências, não correspondências e Unidades ambientais levantadas ao longo do estudo. A proposta leva em consideração:

- O estabelecimento de parcerias público-privada entre a empresa proprietária e a administração municipal a fim de que todas as partes interessadas possam ser beneficiadas.
- O Restauro e a Reabilitação do Núcleo Industrial e da Arquitetura Destinada ao Habitar da Fazenda Serra Negra, em função da preservação da cultura local e conservação do patrimônio. Além da recuperação da memória da antiga moradia dos trabalhadores, por meio de uma intervenção contemporânea no antigo local de sua implantação.
- Modelo de Gestão: Todas as medidas são respaldadas na Lei de Incentivo à Cultura brasileira, no Plano Diretor de Turismo, nas Cartas Patrimoniais e nos simbolismos identificados. Além de estabelecer processos a serem realizados à curto prazo, médio prazo e longo prazo.
- Modelo de cidade análoga: Modelos de propostas de restauro e reabilitação do patrimônio industrial que possam viabilizar a ideia apresentada;
- Modelo Exemplar: para cada problemática encontrada nas unidades ambientais são propostas soluções práticas, apesar de hipotéticas, para vislumbrar um cenário exemplar somente com sinergias positivas e maiores congruências entre os elementos.

A seguir o diagrama da figura 15 apresenta uma síntese dos passos propostos por essa metodologia

Figura 15: Diagrama síntese do método apresentado na pesquisa



Fonte: Elabora pela autora

4. CONTEXTO: AGROINDÚSTRIA DO MUNICÍPIO DE BOTUCATU – SP

4.1. TERRITORIALIZAÇÃO: AUGUE DA PRODUÇÃO CAFEIEIRA

A territorialização compreende o período auge da produção cafeeira e seus impactos no território paulista (macroescala) e no município de Botucatu (microescala), como a expansão da ferrovia, a arquitetura do café, a mão de obra imigrante e a urbanização das cidades. A análise foi dividida segundo a Morfogênese, a Sociogênese e a Semiogênese.

4.1.1 Macroescala – Agroindústria no Estado de São Paulo

4.1.1.1 Morfogênese

O uso do café generalizou-se na Europa, a partir do século XVII, após o reconhecimento como bebida estimulante e aumento da capacidade física e intelectual dos consumidores (ARGOLLO FERRÃO, 2015, p. 43).

No Brasil, a produção em grande escala do café ocorreu no final do século XVIII. As primeiras propriedades estavam localizadas no Rio de Janeiro, enquanto que, no estado de São Paulo, apenas alguns registros do novo produto agrícola surgiram pelo Vale do Paraíba e pelo Litoral Norte, sobretudo, nas cidades de Areias, Bananal e São José do Barreiro.

Vale lembrar que, até o século XVII, com a Cana de Açúcar, a economia no meio rural paulista não tinha obtido sucesso, como ocorreu no Nordeste. Na década de 1880 a produção de São Paulo ultrapassa a do Rio de Janeiro, os planaltos de São Paulo praticamente substituem o Vale do Paraíba (SILVA, 1986, p. 50). As terras entre as cidades de Moji-Guaçu, Jundiaí, Sorocaba e Piracicaba, passaram a ser atrativas para povoamento, trazendo levas de imigrantes vindos de Minas Gerais. (BENINCASA, 2008, p. 15).

Através da exploração de terras, diversos caminhos foram abertos rumo à região de Campinas, Batatais e Franca, e, principalmente, no Vale do Paraíba, cuja particular arquitetura revela influência tanto da tradição paulista quanto de uma dita “influência mineira” (BENINCASA, 2008, p. 28). O franco desenvolvimento estagnou-se por volta de 1780, com o fim do ciclo aurífero e a inexistência de relações comerciais externas, até a chegada do café (MILLIET, 1941, p. 11).

Lentamente, as lavouras de café substituíram as de cana de açúcar, principalmente, na região do Vale do Paraíba, onde a altitude e as terras ainda não

cultivadas protegiam as lavouras dos ventos, garantiam boa insolação e favoreciam os cafezais (PRADO JR., 1977, p. 162). Até que em 1830, a plantação de café supera a produção de açúcar e se estabelece como principal produto da exportação brasileira.

Até então, o transporte dos grãos era realizado no lombo dos burros, o que buscou-se sanar com a instalação da ferrovia D. Pedro II, a qual unia o Rio de Janeiro à capital paulista (BENINCASA, 2008, p. 30). Do centro do Rio de Janeiro, saía o trem convencional no primeiro trecho que levava até o pé da serra fluminense (CASTRO, 2016, p. 55). A riqueza gerada pelo café se refletia em todos os setores, importava-se mão de obra africana e o porto do Rio de Janeiro era a principal conexão de exportação do produto. (OLIVEIRA, 1993, p. 260).

Benincasa (2008) designa 4 zonas de análise da economia cafeeira e, em particular, a região de análise deste trabalho: Vale do Paraíba, Quadrilátero do Açúcar (Oeste Paulista), Sertões do Rio Pardo e de Araraquara, Frentes Pioneiras do Século XX.

Após ocupar o Vale do Paraíba, a lavoura do café expandiu-se em direção às terras férteis de Santana do Parnaíba, às margens do Tietê, e seguiu avançando para a direção de Itu, de Jundiaí e de Campinas (ARGOLLO FERRÃO, 2015, p. 58). Para Monbeig (1977, p. 105), as terras roxas ali existentes para além da região de Campinas foram determinantes para a ocupação de outras até então pouco povoadas, instalaram-se as fazendas, configuraram-se as cidades e instalaram-se as ferrovias. O café chega às regiões de Limeira, de Rio Claro e dos então chamados Campos de Araraquara, conforme demonstra a figura 16 (BENINCASA, 2008, p. 247).

Até que no século XX, estabeleceram-se as frentes pioneiras em favor da ferrovia, já que pela Sorocabana alcançava as terras de Agudos, pela Paulista alcançava Jaú e Jaboticabal e Orlândia pela Monjiana (MONBEIG, 1977, p. 124). Buscando vencer o caminho percorrido entre Sorocaba e o município de São Paulo, a instalação da Sorocabana foi um fator determinante para a expansão da economia cafeeira nos antigos sertões de Botucatu, propiciando o desenvolvimento e a consolidação de diversos núcleos urbanos ao longo dessa linha férrea. O mapa a seguir mostra a expansão da cultura do café ao longo do século XIX e início do século XX, ilustrando a marcha desenvolvimentista que se abordou até o momento no texto.

Figura 16: A expansão cronológica do cultivo de café no Estado de São Paulo



Fonte: MILLIET, 1941, p. 22 - Editado pela autora.

Apesar de tardio, o café desponta em Botucatu a partir de 1870 e tem um crescimento significativo em um curto espaço de tempo, as fazendas despontam no território e passam a ser interligadas pela ferrovia. Os acontecimentos políticos que antecedem e sucedem a chegada do café a essas propriedades transformaram a paisagem e a ocupação paulista: a chegada da ferrovia em 1870, a Abolição da Escravatura em 1880 e a Proclamação da República em 1889.

A expansão da ferrovia

A revolução científica, marcou o advento das máquinas a vapor na Inglaterra, suscitando na primeira linha férrea do mundo em 1825 (LANG, 2007, p. 10). A ferrovia seria a primeira grande máquina da era industrial que se tornaria símbolo da tecnologia, vencendo a natureza (CORRÊA, 2014, p. 50). Em alguns casos, a estrada de ferro foi revestida de tanta força simbólica que representou em si o progresso e as diversas transformações sociais da época.

As primeiras iniciativas da instalação das malhas férreas relacionam-se com o escoamento da produção, a fim de substituir o transporte pouco eficaz de mulas. Para as fazendas de café no Estado de São Paulo, o transporte ferroviário permitiu com que fossem realizadas com maior frequência viagens entre a capital paulista, o porto de Santos, a cidade do Rio de Janeiro, e, muitas vezes, a Europa.

As primeiras iniciativas relativas à construção de ferrovias aconteceram ainda no Governo Imperial. Após a instalação da Ferrovia D. Pedro II, foram instaladas: Recife and São Francisco Railway em 1858 (PE); Estradas de Ferro Dom Pedro II em 1858, entre Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo – hoje Central do Brasil; Bahia and San Francisco Railway em 1860 (BA); São Paulo Railway em 1868 (SP); Companhia Paulista de Estradas de Ferro em 1872 (SP); Estradas de Ferro Ytuana em 1873 (SP); Sorocabana em 1875 (SP); Estrada de Ferro Baturité em 1873 (CE); Estrada de Ferro Leopoldina em 1874, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo; The Porto Alegre & New Hamburg Brazilian Railway em 1873, (RS) (FINGER, 2009, p. 42). Vale acrescentar que na era imperial:

O faturamento das ferrovias paulistas estava 80% ligado ao transporte de carga, sendo os outros 20% de passageiros. A diversidade das mercadorias era pequena: o café era o principal produto, seguido do algodão, do fumo e de animais de exportação (início do século XX). Vinham da Inglaterra não só o conhecimento técnico, mas também os materiais e equipamentos (exceto os dormentes de madeira) utilizados na construção das estradas de ferro; assim como o estilo arquitetônico das estações (DELLELLIS et al. 1999 apud LANG, 2007, p. 14).

A linha férrea assumiu o potencial de articulação territorial, e promoveu a abertura dos sertões pelos cafeicultores. Também serviu como proteção de fronteiras, para crescimento urbano em regiões ainda não ocupadas e para negociação política entre países vizinhos (CASTRO, 2016, p. 58). Além disso, a ferrovia foi a porta de entrada para as inovações técnicas, bem como para a entrada da nova mão de obra das lavouras: o imigrante.

A arquitetura do café

Como visto, de acordo com a Carta de Dublin (2011) e a Carta de Nyzhy (2003), o patrimônio industrial não se restringe apenas à edificação da indústria, mas estende-se a todas as edificações vinculadas à vida do trabalhador. Dessa forma, além do núcleo industrial no qual se destacam os terreiros, as tulhas e as casas de máquina, todo o universo de elementos que compunham a vida do trabalhador marcou a trajetória de territorialização das agroindústrias paulistas, dentre eles, destacam-se: a paisagem agrícola acerca da implantação do cafezal e a arquitetura destinada ao habitar, abordam-se as Casas-Sede e a Casa dos Colonos e demais trabalhadores

Núcleo Industrial: O cafezal, colheita, transporte e secagem

A fim de sustentar-se no cenário econômico mundial, a produção cafeeira em São Paulo não podia continuar reduzida à escala artesanal, o que resultava na incorporação da visão empresarial sobre a unidade rural cafeeira a fim de direcioná-

la ao comércio exterior. “O processo produtivo era realizado de forma autárquica, ou seja, desenvolvia-se inteiramente no âmbito da propriedade, de onde saía o produto praticamente pronto para exportação” (ARGOLLO FERRÃO, 2015, p. 130). Os processos de produção industriais do café consistem nas seguintes atividades: plantação, cultivo, colheita, secagem de cunho mais artesanal e, posteriormente, passando pelo beneficiamento, o grão seria: descascado, limpo, classificado, embalado e, finalmente, transportado para os portos. Nessas regiões, onde o café desenvolveu-se, as relações capitalistas são mais aceleradas, e, por essa razão são também nessas regiões que se encontram a maior parte da indústria nascente brasileira (SILVA, 1986, p.17)

O desenvolvimento do pé de café está diretamente vinculado às características do solo e ao clima da região que estão instalados, podendo afetar diretamente na qualidade da bebida, a qual é classificada no mercado internacional de acordo com seu odor e sabor (ARGOLLO FERRÃO, 2015, p. 135). A variedade que despontou no mercado externo foi a produção de *Coffea arabica*, gozando do clima do planalto paulista e toda região do Sudeste brasileiro.

Argollo Ferrão (2015) e Benincasa (2003 e 2008) traçam os perfis fisiológicos das propriedades rurais instaladas nos anos pioneiros do século XX, dispostos nos itens a seguir:

- Localização próxima ao curso d'água maximiza a energia fornecida pelo rio ou córrego, por meio das rodas d'água;
- Predominam os sítios de meia encosta, a declividade do terreno auxilia a mecanização dos processos;
- Vantajosa exposição ao sol para favorecer o processo de secagem dos grãos;
- Presença de vegetação nativa a fim de favorecer a proteção dos grãos de geadas e ventos fortes, chamadas de quebra-ventos;
- As glebas eram, majoritariamente, retangulares e possuíam a racionalização da divisão do espaço;
- Traçado de uma estrada central e principal, e vicinais que permitissem o tráfego a cavalo entre os talhões de café.
- O cultivo do café permitia uma cultura intercalar, pois levava quatro anos até atingir sua produção ótima com outras plantas, como as

leguminosas. Essa prática conservava o solo e permitia o auto abastecimento da propriedade.

- Após a escolha do terreno, eram dispostas as principais edificações da fazenda de acordo com as seguintes premissas:
 - Núcleo industrial: implantação dos terreiros, local para a sede de máquinas que determinava o gabarito e as condições da unidade produtiva;
 - Residência do proprietário localizada no lugar mais seco e enxuto do estabelecimento e onde era deixado um espaço próximo para a implantação de um pomar e uma horta;
 - Residências dos escravos e colonos e administrador já eram planejadas para que não sofressem com insalubridade, comumente eram voltadas para o poente ou para o nascente;
 - Edificações complementares: engenho de serrar madeira, moinho para a fabricação de fubá, pastos, estábulos e currais, oficinas, armazéns, capelas, grupos escolares, etc.

Após a maturação do grão, o café era colhido e seu processo de beneficiamento seguia o esquema da figura 17.



Fonte: Elaborado pela autora

Lonas eram dispostas embaixo dos cafezais, onde, aos montes, o café era separado da planta, para que, posteriormente, fosse transportado através de carros puxados por animais para os lavadores. Este ficava localizado próximo às bicas, onde os grandes tanques movimentavam os grãos a fim de tirar excedente de terra, de galhos e de impurezas que porventura eram transportadas junto ao grão (ARGOLLO FERRÃO, 2015, p. 151). Na lavagem, os grãos que estavam bons afundavam e seguiam por bicas inferiores, enquanto os grãos ruins eram descartados junto às impurezas através do transbordo.

Após lavado, o café era manejado por meio de canaletas em caixas de alvenaria levados pela corrente de água graças à sutil declividade, os grãos podiam ser desviados mediante a comportas acionadas por chapas de madeiras ou chapas

de ferro ligadas à uma rede de manilhas até que chegassem aos terreiros de secagem (BENINCASA, 2008, p. 557).

De acordo com Argollo Ferrão, os “terreiros deveriam ficar localizados em topografia plana, em nível inferior às instalações de preparo do café e superior aos das instalações de armazenamento e beneficiamento” (ARGOLLO FERRÃO, 2015, p. 147). Quando a topografia não era plana, realizavam grandes obras de terraplanagem, compondo muros de arrimo feitos em pedras ou em tijolos para formação de platôs. O avanço dessas obras foi possível graças ao avanço das técnicas agrícolas e do estudo de engenharia especializada.

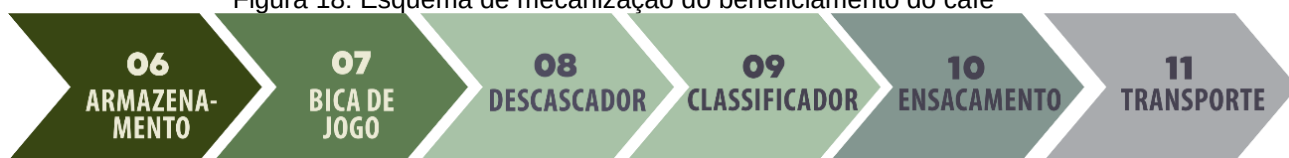
Os terreiros eram construídos em calçada de tijolos, bem próximos, e na aplicação de uma tênue camada de cimento como rejunte. Os tijolos possuíam alta propriedade de absorção e reflexão dos raios solares e por não transmitirem gosto ao grão. Eram subdivididos em quadras ou tabuleiros, a fim de facilitar a secagem do café em lotes. Ao fim de cada lote, uma guarnição era construída por uma fileira de tijolos cravados verticalmente ao redor das leiras, a fim de impedir que o café escorresse com a água da chuva.

O café era acumulado em “coroas” ou “meias-luas” no terreiro, em semicírculo, para proteger os montes de café. Os grãos eram revolvidos e espalhados com um rodo e dispostos linearmente, permitindo a ação do sol e do ar sobre as superfícies. Após seco, o café era transportado por carrinhos de mão ou trilhos especiais em vagonetas, em ambiente que ligava o conjunto às tulhas e à casa de máquinas.

Núcleo Industrial - Casa de Máquinas e Tulhas: A mecanização do processo

O café, depois de seco e transportado pelas vagonetas, era depositado nas tulhas. As tulhas caracterizaram todas as unidades produtoras de café, principalmente, depois que se passou a produzir de forma industrial. Os processos subsequentes (descritos na figura 18) dependiam do porte (pequeno, médio ou grande) da fazenda, que lidavam com o beneficiamento no interior de sua propriedade, ou que já encaminhavam os grãos para serem manuseados em cooperativas rurais ou em indústrias no espaço urbano.

Figura 18: Esquema de mecanização do beneficiamento do café



Fonte: Elaborado pela autora

As tulhas eram construídas em nível inferior ao dos terreiros, onde pelo telhado se fazia acesso por meio de uma passarela, na qual grãos eram depositados. De acordo com Argollo Ferrão (2015, p. 154): “Quando tais condições não podiam ser satisfeitas, usavam-se elevadores de caçamba para o recebimento dos cafés dos terreiros”.

De plantas comumente retangulares, buscavam otimizar o espaço interno para armazenar as safras da produção. No final do século XIX, a técnica tijoleira já havia atingido também o núcleo de beneficiamento, porém o interior das tulhas deveria ser diferenciado. Recomendava-se revestir as paredes com tábuas de madeira de lei, já que ela é má condutora de calor, mantendo o teor e a umidade do café em coco (THOMAZIELLO et al., 1996, p. 45).

As edificações das tulhas construídas no final do século XIX e no início do século XX demonstram transformações nas fachadas simples e sem ornamentos que faziam referência ao início da exploração da cultura cafeeira em São Paulo. As fachadas receberam aberturas marcadas por vergas em arco, além de janelas com duplas folhas, por vezes emolduradas com elementos decorativos. O revestimento da alvenaria com argamassa permitia o emprego de cismalhas e de falsas pilastras, o que revelava um aumento da preocupação com a estética dos edifícios no início do século XX (BENINCASA, 2008, p. 577).

As coberturas variavam entre a madeira hermeticamente fechada ou a própria telha cerâmica, buscando evitar as goteiras. Quando havia ligação com a casa de máquinas, era essencial que o assoalho fosse construído em rampa, em forma de moega, para permitir a saída do café por baixo (ARGOLLO FERRÃO, 2015, p. 153).

Com a otimização da produção, proliferam-se tulhas com aspecto de grandes galpões industriais urbanos, de planta longínea e de cobertura em duas águas, sem ornamentações.

Aconselhava-se o armazenamento do grão até a negociação da safra, para que aí sim fosse realizado o processo de beneficiamento, porque o café em coco mantinha sua cor original e permanecia conservado por mais tempo (THOMAZIELLO et al.,

1996, p. 46). O café era transportado à Casa de Máquinas por meio das bicas de jogo, no qual era realizada mais uma etapa de limpeza do grão, facilitando o beneficiamento ali realizado (ARGOLLO FERRÃO, 2015, p 160). O beneficiamento em si consiste no descascamento e na classificação do grão que poderiam ser realizados de maneira mecanizada por meio dos descascadores. Referência na industrialização Botucatuense, o Cavalheiro Serafim Blasi foi pioneiro na invenção de maquinário que correspondesse às novas demandas dos cafeicultores no início do século XX.

Com o aperfeiçoamento do maquinário, a dimensão das casas de máquinas, quando ainda existentes na fazenda, ficou cada vez mais reduzida. As transformações das técnicas exigiram grandes modificações a esses edifícios, o que levou à reforma, à reconstrução e à adaptação destes ao novo programa de necessidades. A exemplo a tulha, que em comparação à redução da casa de máquinas, adquire grandes dimensões para acumular safras por mais tempo (BENINCASA, 2008).

No início do século XX, o café era preparado e ensacado nas próprias fazendas em sacos de juta, depois transportado por meio da linha férrea para o consumo interno brasileiro, e, dependendo da qualidade do produto, para o abastecimento do comércio externo. Todo esse complexo processo dava o aspecto de indústria as fazendas de café, como nas palavras de Argollo Ferrão (2015, p. 160): “fazendas de São Paulo são instalações-modelo, que surpreendem o viajante estrangeiro e são dignas de figurar ao lado das indústrias mais bem aparelhadas da Europa”.

Além das edificações principais, a fazenda era subsidiada por edificações complementares que subsidiavam atividades paralelas ao plantio, conforme a classificação à seguir:

- Trato de Animais: Estábulos, Currais, Galinheiros;
- Subsídios da Construção Civil: Serrarias e Olarias;
- Armazenamento e Mecânica: Silos, Garagem, Oficinas mecânicas;
- Energia: Pequenas Usinas Hidrelétricas e Casas de distribuição de Energia
- Construções para as colônias: Escolas, Igrejas ou Capelas, Vendas de Secos e Molhados, Monjolo para Beneficiamento de grãos produzidos pelos colonos, entre outros.

Arquitetura destinada ao habitar: Casa-Sede

Ainda com forte influência da arquitetura colonial, a arquitetura residencial era a única maneira possível de demarcar as posses. No final do século XVIII, o café desponta no Vale do Paraíba, fato que foi catalisador de uma série de mudanças de costumes e de práticas sociais, e, por consequência, do ambiente construído. Argollo Ferrão (2004, p. 54) aponta que o complexo industrial cafeeiro se baseou num modelo de produção escravocrata, passando rapidamente para outro de predominância do trabalho livre, mesmo antes da abolição. Com o avanço das viagens de negócio entre a capital, a residência era o principal símbolo da presença do proprietário com a manutenção constante do trabalho servil consolidada no casarão sede da fazenda. Com a mudança do trabalho servil para o livre e a instalação da República, a forma de morar provocou mudanças na casa-sede da fazenda paulista (HOMEM, 1996, p. 13).

Com a explosão do comércio exterior, o desenvolvimento do “ouro verde” no Oeste paulista alvoreceu uma nova classe: a elite cafeeira - o fazendeiro. Os filhos dos latifundiários vão estudar na capital e voltam doutores ilustrados com hábitos refinados. Este é o prenúncio do afastamento da cultura tradicional (SETUBAL, 2004, p. 39). Assim, não será na tradição local que os grupos sociais em ascensão buscam constituir seus meios materiais de distinção social, abraçam-se as tradições francesa e inglesa, capazes de marcar distâncias sociais locais (CARVALHO, 2008, p. 133). Somado a isso, a ferrovia foi porta de entrada para a imigração, vinham como mão de obra em decorrência da libertação dos escravos, mas a influência de sua cultura na arquitetura paulista torna-se inegável.

A ferrovia facilita a obtenção de materiais importados e a chegada de arquitetos-engenheiros, artesãos e mão-de-obra mais refinada para erguer as sedes rurais cada vez mais requintadas. A chegada de objetos mais refinados como cristais, louças e porcelanas, a transformação dos costumes e a introdução de um comportamento cerimonial com maneiras formais de servir a mesa, não se conformavam com a presença bruta do trabalhador, sobretudo, à sombra da escravidão, fazendo com que novos padrões de relação entre trabalhador e proprietário fossem estabelecidos, conferindo ao conjunto a reprodução da vida nas residências europeias (FILHO, 1995, p. 119).

Para Lemos (1999, p. 12), o café foi o divisor de águas entre o homem moderno e o caipira, estabelecendo padrões qualitativos da moradia rica, sendo que, até então,

levava-se em consideração o tamanho das propriedades e seu “número de janelas”. A técnica da taipa de pilão, a mais categorizada das que tinham servido à arquitetura do café, paulatinamente, foi sendo substituída em detrimento da técnica tijoleira, das telhas francesas e do uso do ferro. Esta foi a primeira grande oportunidade da classe dominante paulista de assemelhar-se aos palacetes urbanos europeus, instaurando uma técnica que permitia enfeitar a fachada e utilizar este enfeite como um elemento de valorização social (SAIA, 2005, p. 215).

Em meados do século XIX, a arquitetura residencial sofre a influência da arquitetura trazida pela missão cultural francesa, com traços neoclássicos nas fachadas dos casarões, que pouco a pouco vão disseminando-se também para a arquitetura residencial urbana. Filho (1995, p. 117-119) traça o perfil da arquitetura sob a influência da Academia, enquanto Benincasa (2008, p. 74) mostra a influência do neoclássico na composição das fachadas nas sedes rurais, dessa forma, a seguir, delineamos um partido adotado pelo estilo na arquitetura residencial rural da época:

- Clareza construtiva e simplicidade das formas;
- Poucos elementos construtivos: cornijas e platibandas;
- Linhas de composição da fachada simétricas e harmônicas, marcadas por pilastras e vãos, decorados com louças do Porto, como compoteiras, figuras que representassem as estações do ano, os continentes, as virtudes, etc;
- Adoção do porão (mesmo em casa térrea, para evitar o contato com o solo);
- Paredes revestidas e pintadas de cores suaves (branco, rosa, amarelo, azul pastel);
- Janelas e portas molduradas, arrematadas por arco pleno e bandeiras; com rosáceas fechadas por vidros nas portas principais. Folhas de portas e janelas almofadadas;
- Cômodos sociais: salas de estar, sala de entrada, salas de música, capelas, corredores e salas de jantar;
- Cômodos privados: Sala de almoço e dormitórios.

Apesar da influência, o neoclássico não foi o principal estilo adotado, sobretudo, na arquitetura dos novos centros urbanos. De acordo com Filho (1995), o estilo arquitetônico que representou a proclamação da República (1889) foi o Ecletismo.

Sinônimo de inovação e modernização, a linguagem do ecletismo era multifacetada e se inspirava na recuperação das linguagens construtivas do passado europeu como o Românico, o Gótico, o Renascimento, o Maneirismo, o Barroco. Amplamente difundidos pela Europa, os elementos trazidos nos palacetes urbanos eram transpostos para as residências rurais, buscando sempre o rompimento das tradições arquitetônicas coloniais (MARTINS, 1989, p.141). O fenômeno da arquitetura eclética eclode em São Paulo, tornando-se uma marca das cidades paulistas entre as últimas décadas do século XIX e a primeira metade do século XX.

Os padrões construtivos e os critérios higienistas levam a introdução de novas técnicas, como: a água encanada, a iluminação natural em todos os cômodos, a privacidade. A técnica tijoleira instala-se, definitivamente, ganhando maior difusão apenas nas últimas décadas do século XIX. Esta traz consigo o gosto por uma linguagem abarrotada de elementos clássicos, localizados, fundamentalmente, nos adereços das platibandas coroadas por vasos, pinhas ou estátuas de louça. Paulatinamente, a casa burguesa tornou-se a expressão da individualidade do proprietário, e, no caso das sedes de fazendas, a exibição das conquistas realizadas pelos cafeicultores. No interior dessas edificações, os detalhes antes considerados fúteis, tornam-se essenciais para demonstrar o novo *status* do proprietário.

As casas, principalmente nas salas da frente, já começam a apresentar objetos importados. Casas já fornidas de coisas supérfluas, ao contrário das moradias coloniais, que só possuíam o equipamento absolutamente indispensável. Bens importados sugerindo nova ambientação que o “saber fazer” local (...), porque da taipa pouco se podia obter além daquilo já obtido (LEMOS, 1989, p.34).

Segundo Maria Alice Setúbal (2004, p. 161), durante o século XX, três tipos básicos de implantação da arquitetura residencial foram encontrados no Estado de São Paulo, tanto no meio urbano quanto no rural: as térreas, as de sobrado de meia encosta e as de sobrado pleno, decorrentes das influências neoclássicas nessas construções. As sedes rurais, neste momento, sofrem grande influência da arquitetura da capital paulista, ainda aquelas que adotaram a linguagem neoclássica, pouco a pouco, incorporam traços da linguagem eclética em suas construções. Filho (1995), Martins (1978), Lemos (1999) e Benincasa (2008) traçam o perfil da arquitetura eclética paulista, tanto nos palacetes urbanos quanto nas sedes rurais. A seguir, são dispostos os principais parâmetros do partido arquitetônico utilizado no período:

- Paredes de tijolos aparentes ou revestidas com massa segundo caráter decorativo. Presença de papéis de parede e de pintura parentais;
- Revestimentos cerâmicos, com barrados decorativos de azulejo, aplicados sobretudo nas cozinhas e banheiros. Substituição de assoalhos comuns de madeira por envernizados;
- Substituição das estruturas simples da cobertura, por tesouras de madeira complexas, sob elas não mais as telhas de capa e canal, mas telhas de barro ou lâminas de ardósia;
- Arremates da cobertura com platibandas, ocultando os telhados;
- Aberturas com peças de madeira, vidros, ferragens de melhor qualidade, presença de peitoris de alvenaria com elementos decorativos de massa. Presença de venezianas surgiram nos dormitórios, com bandeiras de vidro abertas na parte superior. As portas eram geralmente de duas folhas, com três almofadas cada uma;
- Forros de madeira com painéis quadriculados pintados ou envernizados. Os forros e lambris artesoados possuíam labores entalhados, haviam festões de gesso e mosaicos nos desenhos dos azulejos;
- Presença de alpendres, quase todos tinham escada para acesso principal à residência;
- Cômodos sociais: Sala de visitas à frente, Sala de Jantar, cozinha e banheiro;
- Cômodos privados: Supressão das alcovas e aumento da iluminação dos dormitórios;

Tais padrões construtivos estão explícitos em construções cafeeiras da região de Botucatu, principalmente, naqueles que foram construídos já no período em que o ecletismo tinha se estabelecido no estado.

As alterações ocorridas na planta indicam os novos hábitos de receber, e, também, a necessidade de conservar a privacidade dos ambientes, fazendo com que a circulação seja pauta obrigatória para cômodos sociais; além disso, as mudanças nas alcovas possuem relação com hábitos de modernização higiênicos, garantindo iluminação e ventilação adequadas aos ambientes internos, e os novos sistemas de água encanada, que renovam os hábitos higiênicos pessoais ao se prever a instalação de lavatórios nos dormitórios.

Além das inúmeras modernidades fornecidas, a ferrovia e as visitas à capital deram ao fazendeiro o acesso a uma nova sofisticação: o mobiliário importado, escolhido através de catálogos disponíveis nas grandes lojas de importação e difundidos pelas revistas de comportamento da época. A capacidade de obter prazer visual depende não somente dos objetos em si, mas da relação espacial que eles mantêm; em outras palavras, o prazer visual depende da decoração (CARVALHO, 2008, p. 278).

Os que podiam compravam diretamente da França e da Inglaterra, em casas como Jansene Mercier ou Maple. [...] Além das compras diretas, muitas encomendas internacionais podiam ser feitas a partir de importadores como a Casa Allemã, a Casa Garraux, a Casa Worms, Ao Financeiro, entre outros. [...] Ao lado do Lyceu de Artes e Officios estavam fabricantes como a Casa Malta Armadores-Fábrica de Móveis Especiais de Carlos Scholz & Cia., Tapeçaria de Henrique de Mauro, José Fioranti & filhos, Casa Llaverias, A Fábrica de Móveis-Tapeçaria Santa Maria. Esta última, fundada em 1880 por Ignácio Uchôa divulga um resumo de seu balancete [...] (CARVALHO, 2008, p. 127)

O interior das residências era responsável por definir os costumes e práticas sociais realizadas internamente nas fazendas. Entretanto, raros foram os exemplares que mantiveram a composição dos móveis sem alterações. Adiante, serão especializadas diversas atividades no interior da residência, de acordo com o grupo social e o gênero do ator, buscando reconstruir no imaginário o interior das grandes sedes. As características são associadas comumente aos palacetes paulistanos, e que, por consequência, tornaram-se definitivas para o partido arquitetônico utilizado nas sedes-rurais graças à vida dúbia do proprietário

Organização espacial

O **acesso** das residências era realizado através de um cômodo de transição entre o exterior e o interior da edificação, podendo ser através de uma sala de estar, um vestíbulo ou hall de entrada, permitindo acesso à sala de visitas, áreas íntimas e circulação (LEMOS, 1976), mesmo que rápido, era o local de encontro entre os moradores e os empregados. Centros de interesse do lar, eram compostos por “fortes cabides”, porta-chapéus (vestimenta comum à época), cadeiras, mesa com tinteiro, porta-canetas, cachepots e plantas.

Quando o acesso se dava diretamente pela **sala de estar**, esta recebia trato especial por tratar-se de um local de encontro e reuniões familiares, além de grandes jantares sociais. Até então, os móveis utilizados nesse ambiente refletiam a figura masculina e eram executadas em superfícies pouco reflexivas, madeiras nobres escuras e muito pesados (CARVALHO, 2008, p.120). Entretanto, surge, com a

modernização, a necessidade de flexibilização dos espaços e os móveis serão substituídos por clássicos alemães, como cadeiras, poltronas e sofás de palhinha, que contrapõem justamente a dureza dos assentos mais comuns durante o período colonial (SETUBAL, 2004, P.147).

As **salas de visitas**, quando existiam, eram comumente associadas às mulheres, pois ali seriam realizadas as atividades como: oração, conversas, costura, bordado, etc. Um lugar para a exibição não só da riqueza de suas peças, mas dos trabalhos manuais das mulheres da casa, que utilizam as superfícies para expor suas obras em renda e crochê as quais, de forma alguma, estão desobrigadas de apresentar “muita variedade e perfeição”. A sala está equipada com a infraestrutura necessária para que a mulher apresente, publicamente, as suas habilidades no campo da conversação, da música e da literatura. (CARVALHO, 2008, P. 157). Aqui, os objetos e a arquitetura de interiores se fazem essenciais para representar não somente a elegância, mas, se possível, a suntuosidade dos donos da residência. O assoalho deveria ser sempre encerado e ali ficariam armazenados os espelhos, mobiliário Thonet¹⁰, aparadores, mesas de centro com tampos de mármore, lustres de metal com pingentes de cristal, cristaleiras e guarda-louças conhecidos como Ètagères, pinturas à óleo, louças de porcelana, entre outros, que serão expostos pela citação de Carvalho (2008), que detalha com esmero, como era composta a Sala de Visitas do palacete paulistano.

A sala de visitas deveria ser “confortável em tudo” e estar “em perfeita harmonia com a sua fortuna e posição social”. “Um número infindável de móveis e acessórios decorativos cumpririam essas funções: cadeiras, poltronas, puffs, banquetas, sofás, espelhos mesa com porta-cartões, colunas, cachet-pots, cestinha de vime dourado”, “frasco de crystal”, “bibelots bons, artísticos”, jarras com flores mesa com pote de flores formando um “enorme ramilhete vivo”, colunas com estátuas “representando personagens de operas e romances de autores nacionais”, “grande cavalete artisticamente guarnecido de um chale decorativo quadros de artistas de nomeada”, bronzes e mármore autênticos”, mesinhas, “diferentes em feitio e tamanho”, decoradas com “toalhinhas de crochet-guipure, filet-guipure, frivolité (entremeadas de quadrados ou tiras de pelúcia ou forradas de seda de côr), de renda irlandesa de etamine, de rócócó, de pelúcia bordada com sedas multicôres, e, finalmente o piano” (CARVALHO, 2008, p. 156).

¹⁰ Móveis de madeiras leves, com detalhes facilmente entalháveis: alemão, mas com presença maciça na Áustria, Michael Thonet (1796 – 1871) desenvolveu a sua carreira no ramo de construção de móveis, onde conseguiu, sem grandes pretensões, produzir uma série de cadeiras baratas e que, com o tempo, evoluiu em um furor de exportações e imitações futuras.

A inclusão da **cozinha** no programa da casa é uma grande inovação, acompanhada ainda do preconceito, visto que seria uma área de trabalhadores e que a senhora da casa apenas supervisionaria o serviço executado. Havia sempre uma área destinada à despensa de alimentos. A cozinha tinha acesso para o pomar ou para a área externa, relacionando-se ainda com as questões de higiene da casa.

Uma boa dona de casa deve zelar particularmente pela sua cozinha, que é o laboratório da família, para que haja o maior asseio, a maior comodidade, o preciso conforto. Lembre-se também que a economia é uma das mais importantes virtudes e veja se pode poupar na lenha, no carvão, no gaz, na luz, nos mantimentos, etc, etc. O que não deve poupar é no sabão e na lixeira para manter a mais escrupulosa limpeza (SALLES, 1917, p. 54)

Nas paredes, os azulejos são usados como revestimentos que escondem as novas instalações hidráulicas. Os fogões a lenha também foram introduzidos no interior das edificações e os novos equipamentos de ferro, como a chaminé acoplada ao fogão (por convecção de fumaça) – técnica trazida pelo imigrante italiano - e o ferro de passar, o moedor de carne, entre outros, marcam a influência da ferrovia e da imigração dentro das residências.

A configuração dos novos **dormitórios** os dispõe de maneira a todos possuírem iluminação e ventilação naturais ligados às fachadas laterais. Os dormitórios, principalmente os infantis, tinham a responsabilidade de definir a personalidade de seus usuários. O quarto dos meninos deveria prescrever simplicidade nos móveis, ausência de luxo ou futilidade, devendo contar com instrumentos que alimentem a inteligência, a música e “armas que suscitem a lógica”, já para meninas, deveria ser repleto de detalhes e “conselhos do que não fazer” (CARVALHO, 2008 p. 159). Apesar das diferenças estabelecidas, eram comuns nos dormitórios a presença de urinóis de louça, camas requintadas com relevos e marchetarias, cômodas com tampo de madeira, invariavelmente, acompanhadas de espelhos que lhe conferiam o aspecto de penteadeira, além de algumas *psychés*, sempre de madeira decorada e entalhada.

Os **banheiros** foram considerados artigos de luxo, apesar de serem coletivos, sendo símbolo de grande despesa, devido à sua construção complexa à época e ao emprego de cerâmica importada em seus revestimentos, para que contivesse a umidade do ambiente. Os sanitários eram comumente importados da Inglaterra, entre os anos de 1880 e 1910, sendo sempre ostentosos.

Arquitetura destinada ao habitar: Casa dos Colonos

As primeiras sedes das fazendas, inspiradas no modelo escravocrata de produção, mantinham as habitações de todos os trabalhadores próximos à sua residência. De acordo com Argollo Ferrão (2015), o fazendeiro estava ligado aos seus escravos, depois aos colonos e a terra unia-lhes de posse de todos os seus simbolismos. A proximidade das habitações promovia vigilância ao mesmo tempo que fortalecia os vínculos entre os atores sociais envolvidos (ARGOLLO FERRÃO, 2015, p. 202).

O trabalho do imigrante, sendo ele homem, mulher ou criança, tinha início ao raiar do sol com pausas para o almoço ainda pela manhã e café da tarde ao meio dia e terminavam com o jantar ao final da tarde (MONBEIG, 1977, p. 333). Diariamente, contavam também aos cuidados com as pequenas criações de animais e gado leiteiro, ao cultivo das hortas e árvores frutíferas atividades a céu aberto, a fim de acumular riquezas, com a venda desses itens, para a vida na cidade. Dessa forma, a casa da colônia funcionava, principalmente, como um abrigo, destinado às atividades de preparo de alimentos e de descanso (BENINCASA, 2008, p. 297).

O avanço das técnicas construtivas no início do século XX foi responsável por novas tipologias arquitetônicas e inovações, mas, de acordo com Benincasa (2008), as colônias não refletiram tais avanços, visto que os proprietários não buscavam tais investimentos. Com isso, os agrupamentos de casas não tinham água ou esgoto encanados, às vezes sequer a presença de energia elétrica.

A implantação das casas ocorria, preferencialmente, em fundo de vales, áreas inundáveis ou locais impróprios para as plantações de café. As edificações, normalmente pequenas, eram geminadas, instaladas de maneira linear e agrupadas em diversas localizações da plantação. A falta de abastecimento de água também levou alguns fazendeiros a construir, por vezes, tanques coletivos para lavagem de roupa e de louça, que se tornavam ponto de convívio entre as donas de casa (BENINCASA, 2008, 297).

A técnica construtiva aplicada foi diversa: casas de madeira; com taipa de mão e estrutura de madeira; ou com alvenaria de tijolos, um elemento também muito divulgado pelos italianos (BENINCASA, 2008, p. 594). Na região da Sorocabana, com o intenso fluxo de italianos, proliferaram as casas de alvenaria cobertas com telhas

cerâmicas. As aberturas comumente possuíam vergas retas e sem adornos, com folhas de madeira como vedação, sem a aplicação da folha de vidro.

A planta retangular estava dividida em um programa usual de sala, dois dormitórios e cozinha, com poucas repartições internas. Naquelas construídas no início do século XX, os colonos já realizavam alguns acréscimos e melhorias estéticas, como a presença de banheiro aos fundos e alpendres fronteiros (BENINCASA, 2008, p. 595).

A estrutura do telhado permanecia aparente sem a presença de forros. Os pisos podiam ser de terra batida, revestidos com uma camada de cimento ou com tijolos. Internamente, sem muitos objetos decorativos, os imigrantes utilizavam tecidos baratos e coloridos para adornar e conferir maior privacidade aos cômodos.

Os ambientes eram demasiadamente precários e a dieta dos colonos não era rica em variedades, sendo predominante as farinhas de milho e mandioca, em detrimento do consumo de carne e ovos. Somado a isso, as condições de higiene pessoal e a insalubridade das residências foram causas de diversas moléstias aos trabalhadores (MONBEIG, 1977, p. 333).

As casas dos colonos, embora não representassem grandes avanços técnicos na produção arquitetônica, simbolizavam o aumento da mão de obra imigrante para o trabalho da lavoura, o qual abandona seu caráter bucólico e toma aspectos de indústria, graças às edificações de preparação do grão para a exportação, enquanto que a Casa-Sede representa a ascensão da classe econômica que foi fundamental para o desenvolvimento da fase industrial urbana em São Paulo. O ecletismo, presente nas sedes, era meramente um fenômeno formal, que abria condições para o avanço tecnológico e que reforçava a dependência cultural e material do mercado externo (FILHO, 1995, p. 179).

Os vestígios desta trajetória encontram-se nas fazendas do interior paulista, as quais são capazes de criar imagens do passado, através de revelações dos valores estéticos, sociais e econômicos, que, preservados, podem perpetuar a memória dessa região (PELLEGRINI, 2016, p. 462).

O patrimônio histórico industrial tem sido considerado, como um acervo cultural que deve ter o apoio do poder público e da população na preservação e documentação da vida cultural de outros períodos históricos. É preciso compreender que as fazendas fazem parte de um patrimônio industrial responsável por compor uma teia de

memórias que justapõe a cultura rural com a urbana ascendente, que estão essencialmente interligadas. Em regiões como a de Botucatu, dotadas de exemplares cafeeiros, sua preservação como patrimônio industrial é relevante.

As transformações sociais, econômicas, tecnológicas, arquitetônicas e das paisagens das fazendas são reflexos de acontecimentos políticos que antecedem e sucedem à chegada do café a essas propriedades, desde a ocupação paulista: a chegada da ferrovia em 1870, a Abolição da Escravatura em 1880 e a Proclamação da República em 1889.

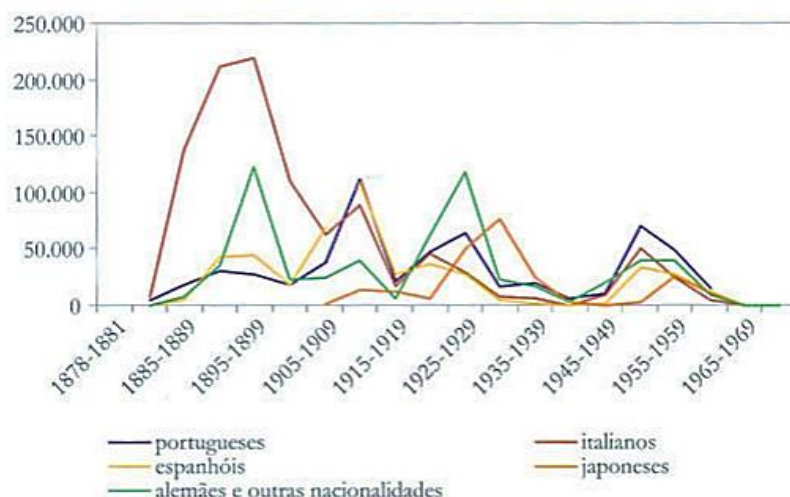
4.1.1.2 Sociogênese

Com a extinção do tráfico negreiro imposta em 1850, a principal força de trabalho responsável pela agricultura de exportação estava com sua expansão ameaçada. A escravidão predominou até o final do século XIX, fazendo com que a abolição marcasse uma profunda reforma social e econômica (ARGOLLO FERRÃO, 2015, p. 56). A escravidão não foi um fato histórico isolado, ao contrário, nas fazendas o debate era crescente sobre a questão do trabalho e a experiência dos fazendeiros paulistas, que fazem uma transição suave para o trabalho livre. A produção do Vale do Paraíba que já se encontrava fragilizada, sofreu com a alteração da técnica de trabalho, em um primeiro momento, experienciando a escassez de mão de obra, fez com que o principal foco voltasse para a região de Campinas e do Planalto Ocidental (BENINCASA, 2008, p. 32). A principal alternativa utilizada na região de Botucatu, para vencer o trabalho em seus grandes latifúndios, foi o fomento da imigração em larga escala (MARTINS, 1973).

Quando se aborda o termo “colono”, logo nos remetemos a figura de um homem forte imigrante, trabalhando sobre o campo. Entretanto, quando o fazendeiro contratava um trabalho imigrante, ele estava contratando todos os elementos da família, e não apenas o trabalhador isolado, isso possibilitava ao proprietário criar maior intimidade entre o colono e a terra, o sistema de trabalho, e a estabelecer vínculos e raízes no Brasil (BASSANEZI, 2019, p. 79). Pode-se considerar que a imigração e o desenvolvimento das ferrovias ocorreram em paralelo. O fazendeiro era chefe de uma organização praticamente industrial, realizava acordos e financiava o transporte da mão de obra vindos de imigrantes majoritariamente italianos, conforme pode ser observado na figura 19 até a primeira década do século XX, além de grandes contingentes da Espanha, de Portugal, da Alemanha e do Japão que chegavam ao

Porto de Santos, assim como a passagem de trem do porto de Santos até as dependências da fazenda, antes passando pela Hospedaria em São Paulo, onde era realizado o registro de sua chegada.

Figura 19: Nacionalidade dos imigrantes entrados no Estado de São Paulo 1872 -1971



Fonte: BASSANEZI, 2008. p. 19

Forneciam ao trabalhador imigrante gêneros e instrumentos necessários, até que pudessem ser pagos com o produto das colheitas. De acordo com Argollo Ferrão (2015, p. 57), para cada família imigrante, era destinado um número não especificado de pés de café e o fazendeiro cedia um pedaço de terra para criação própria de gêneros alimentícios. Além disso, ao chegar à fazenda, já encontravam casa disposta para morar, e por ela não lhe era cobrado nada.

Cabia aos colonos metade do rendimento líquido do café e das culturas alimentares. Ficavam obrigados a reembolsar as despesas feitas pelo fazendeiro em seu benefício com pelo menos metade de seus ganhos anuais com o café. O contrato inicial não especificava sua duração, mas o montante da dívida referente aos custos com transporte e outros adiantamentos [...] Não lhes era permitido abandonar a propriedade até terem reembolsado suas dívidas, sob pena de pesada multa [...] O colono sob o sistema de parceria, apto a lide no cafezal contando com o trabalho de sua família, saldaria sua dívida para com o fazendeiro num prazo de quatro anos, em média (ARGOLLO FERRÃO, 2015, p. 58).

O sistema de colonato é basicamente uma transição entre o regime escravocrata e um trabalho exclusivamente assalariado. De acordo com Stolcke (1986), o colonato era baseado na mistura entre o trabalho familiar e individual, que combinava a remuneração por tarefa (na plantação cafeeira) e por produção (ou trabalho por “conta própria”, em sua propriedade particular). Por muitas vezes, utilizavam as terras para vender o excedente no âmbito urbano, logrando assim uma fonte adicional de renda (HOLLOWAY, 1984). O acordo entre o proprietário e o colono

poderia ser diverso, caso o plantio de alimentos estivesse vingando, os fazendeiros poderiam variar os salários e a oferta de mão de obra. O preço da saca do café, era um termômetro para o pagamento dos trabalhadores, que muitas vezes, eram compensados por condições mais favoráveis para o plantio de subsistência, especialmente quando havia substituição de plantio, após a realização de toda colheita (STOLCKE, 1986).

Para Monbeig (1984, p. 172), eram um total de 123.069 imigrantes distribuídos pelas fazendas de São Paulo entre 1898 e 1902. A população paulista foi inflada com imigrantes europeus e asiáticos, e migrantes de todas as partes do país, chegando a mais de 4 mil habitantes (BENINCASA, 2008, p. 275). De acordo com Milliet (1941, p. 52), os imigrantes das lavouras cafeeiras vindos no final do século XX, tiveram mais chances de conseguir melhores níveis econômicos, chegando a compor a classe média local após deixarem as sedes rurais e abrirem o próprio negócio. Apesar das dificuldades encontradas pelo imigrante, o sistema de colonato, possibilitou a mobilidade social, sustentado na disponibilidade de terras, em que parte dos imigrantes constituiu sua ascensão (HOLLOWAY, 1984).

4.1.1.3 Semiogênese

O incentivo da política local foi determinante para subsidiar novas propostas econômicas, legislativas e sanitárias, o que consequentemente provocou a urbanização e o crescimento das cidades.

Ainda no governo imperial, em 1835, Regente Feijó sancionou a Lei Geral nº 101 que concedia uma carta de privilégios à várias Companhias para a construção de estradas de ferro, a fim de melhor articular o Rio de Janeiro (atual capital) a diversas províncias, conforme contemplado na morfogênese (CASTRO, 2016, p. 57). A partir de 1852, os investidores foram atraídos pela ferrovia após Decreto nº 641 que prometia às empresas nacionais ou estrangeiras vantagens, como a isenção e garantia de juros sobre o capital investido. Esse decreto, conhecido como Lei da Garantia de Juros fez com que surgisse o interesse em construir e explorar estradas de ferro em várias partes do país (LANG, 2007, p.13).

Os trilhos chegam em São Paulo em 1866 e aficcionados com os avanços que a ferrovia poderia proporcionar, os grandes investidores cafeeiros, aplicam recurso próprio para formação de uma nova empresa: a Companhia Paulista de Estradas de Ferro. A linha interligava os municípios de Jundiaí e Campinas e foram inauguradas

em 1872, e em decorrência do seu sucesso, acelerou a expansão da malha férrea em direção ao interior de São Paulo, servindo de modelo para que outras ferrovias fossem fundadas (LANG, 2007, p.17).

Diferentemente das demais, na tentativa de dinamizar a produção agrícola na região de Sorocaba, a Lei provincial nº 34 autorizou uma linha que ligasse essa cidade a Itu e a Jundiaí (CORRÊA, 2014, p. 84). A construção da estrada de ferro Sorocabana iniciou-se em 1875, visando escoamento das produções agrícolas, porém, no final dos anos 1880, passando por problemas financeiros, decidiu-se unir em 1893 à companhia Ituana.

Apesar do crescimento, as políticas de ferrovia tornam-se mais influentes a partir da Proclamação da República, onde são formadas comissões, a fim de elaborar o Plano Geral de Viação Federal, como previa a lei de 16 de junho de 1890 (GHIRARDELLO, 2002, p. 21). Um dos exemplos da interferência estatal nas políticas de ferrovia é a alteração da administração da Estrada de Ferro Sorocabana aos domínios públicos em 1905, como uma iniciativa do Governo estadual em garantir o funcionamento dos trilhos para o bem de sua economia local.

A República foi proclamada em 1889, frente à uma forte influência dos grandes proprietários de terra em favor da liberdade no mercado. Os latifundiários dividiam-se na aquisição de terras, no recrutamento de mão de obra, na organização e na direção da produção, no transporte interno, na comercialização nos portos, nos contatos oficiais, na interferência na política financeira e na econômica. Essa tendência à subordinação do instrumento político aos interesses de um grupo econômico alcançará sua plenitude com a conquista da autonomia estadual, ao proclamar-se a república (ROCHA, 2008, p. 31).

Os ideais republicanos misturam-se com filosofias positivas e exaltam a figura de ordem e progresso, buscando representação em diversos elementos, fotografia, jornais, da educação e sobretudo na arquitetura. Novos estilos arquitetônicos foram adotados e, com o capital financiado pelo poderio do café, os centros urbanos foram sendo alterados. O aumento da população urbana na província de São Paulo é visível, de 258.901 em 1826 para 837.354 em 1872 (Relatório da Comissão Central de Estatística, 1888 apud GHIRARDELLO, 2013, p. 53), ou seja, um acréscimo de cerca de 600 mil habitantes em 50 anos. Cria-se um centro de articulação dos poderes públicos políticos, que envolvem as práticas educacionais, de lazer, religiosas e

políticas, simbolizadas pela edificação do Fórum e Câmara-Cadeia. A exemplo das grandes construções na capital paulista, a arquitetura refletirá tais manifestações dentro das propriedades rurais, sendo elas grandes responsáveis por demonstrar os valores remanescentes do ávido período cafeeiro.

Um dos principais reflexos de novos ideais na arquitetura está relacionado ao processo de expansão urbana, que, acelerado graças às lavouras de café, passou a ser uma discussão em busca de um ambiente saudável e regular, sobretudo na Europa e Estados Unidos, para a criação de novas cidades (GHIRARDELLO, 2015, p. 49). Neste sentido, o Código de Posturas, trabalhou como um retificador da malha urbana de diversas cidades, legalizando a implantação de vias de comunicação, criando condições para a construção de edificações, trouxe à tona questões de higiene e salubridade preventiva, visando a limpeza pública, a criação de animais, o comércio de alimentos, etc, bem como contribuiu para o abastecimento dos serviços urbanos, como água e esgoto, assistência médica e educacional, transporte coletivo e particular (GHIRARDELLO, 2015, p. 51).

Houve um simbolismo muito forte, um orgulho paulista, e a crença de que São Paulo era a mais dinâmica das regiões brasileiras e que assumia todos os progressos das civilizações mais desenvolvidas, como a Europa, onde a saúde pública era a mais discutida. Foi graças a proclamação da República que, os estados tiveram uma maior autonomia, e, com isso, São Paulo formulou uma política sanitária do Estado. A Lei estadual nº12, de 1891, estabeleceu o primeiro Serviço Sanitário de São Paulo (BLOUNT, 1972, p. 42).

Mas foi somente em 1917, que um Código Sanitário atingiu o âmbito da higiene rural. Este estabeleceu regras para a construção de prédios, poços, estábulos, etc., em conformidade com os princípios de higiene. O código recomendava, a título de exemplo, que os donos da fazenda, providenciassem assistência médica aos colonos e exigia que os habitantes deveriam usar sapatos, para evitar doenças (BLOUNT, 1972, p. 45).

4.1.2 Microescala – A Agroindústria de Botucatu

4.1.2.1 Morfogênese

O município de Botucatu está localizado na região Centro-Sul do Estado de São Paulo, correspondendo a uma área de 1.486,4 km². O clima predominante é tropical de altitude, é reflexo da vegetação e do relevo acidentado, possuindo diferenças entre 400 a 900m de altitude, o que a faz conhecida como a terra dos bons ares¹¹. O território apresenta um relevo acidentado, formado através de erosões e sobreposições de sedimentos de Arenito e Basalto, o que compôs a configuração definida como Cuesta¹².

A decomposição basáltica contribui para os denominados Latossolo e Nitossolo vermelho ou a popularmente conhecida: Terra Roxa. São solos férteis para Agricultura e presentes na região do Rio Pardo, no caso de Botucatu. Tal formação, somada à presença de afluentes do Rio Tietê e da Bacia do Rio Pardo, proporcionam diferentes pontos de altitude no município, que chega a marcar de 400m a 800m em relação ao nível do mar.

O município é drenado por duas bacias hidrográficas: Rio Tietê, ao norte, onde está localizada a Fazenda Serra Negra, e Rio Pardo, ao sul. Do Rio Tietê, bifurcam-se os rios Alambari (Córregos Nova América, Rodrigues, Petição, Oiti e Sete Garantãs) e Capivara (Córregos Araquá e Capivara), possuindo este último diversas propriedades rurais históricas implantadas que desfrutavam de seu curso natural como força motriz. Além disso, no interior do município, nasce o Ribeirão Lavapés, o qual corta praticamente toda a extensão urbana e desaguará no Rio Tietê, onde encontra o Córrego do Comur, que abastece a Fazenda Serra Negra. Outro Ribeirão que vale ressaltar é o Ribeirão Tanquinho e os respectivos córregos que desenharam o relevo da paisagem.

A primeira ocupação da cidade foi realizada por comunidades indígenas, Monbeig (1984, p. 88) aponta que era comum entre as aldeias instalar-se de preferência na proximidade de cursos d'água. As primeiras aparições da Serra de

¹¹ <http://botucatu.sp.gov.br/>

¹² Cuesta é uma forma de relevo em que colinas e montes têm um declive não simétrico, ou seja, suave de um lado e íngreme do outro. A palavra tem origem no idioma espanhol e significa encosta de uma colina ou monte. Em geologia e geomorfologia, *cuesta* refere-se especificamente a um cume assimétrico com inclinação longa e suave.

Botucatu na Cartografia se devem a essa ocupação, visto que foram os indígenas que etimologicamente a batizaram com tal nomenclatura.

Já por volta do final do século XVII e meados do século XVIII, as expedições de tropeiros visavam uma tomada estratégica do interior da Capitania de São Paulo e chegavam às terras ocupadas pelos indígenas. Os primeiros sinais de urbanização são provenientes de uma congruência de caminhos que necessariamente acabavam passando por esse território, sendo eles caminhos de socorro, religiosos ou militares (MICHELIN, 2010, p. 24). O mais famoso dentre esses caminhos era conhecido como Peabiru, que partia da Capitania de São Vicente em direção ao interior desconhecido (BOTARO, 2015, p. 22). O Peabiru foi um caminho aberto pelos indígenas a fim de atravessar fronteiras por meio do Vale do Rio Tietê e, paradoxalmente, quando ocorreram as missões de catequização Jesuíta e as bandeiras, foi também o caminho utilizado pelos tropeiros para apresamento de indígenas.

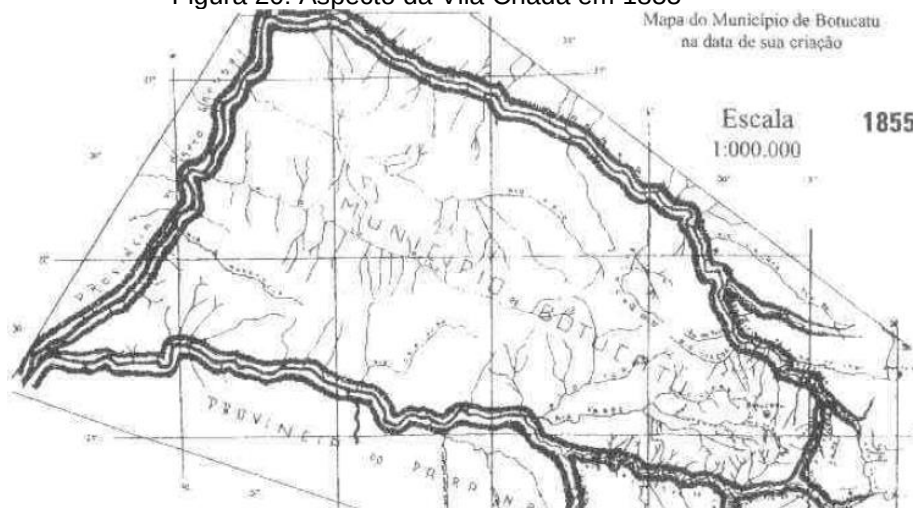
Entre os anos 1722 a 1766, foram destinadas aos Jesuítas duas fazendas, conhecidas como “Guareí” e “de Botucatu” (AGUIAR, 2001, p. 24). O documento manifestava a esperança de auxiliar o Colégio de São Paulo, pelo fato de as terras se localizarem a caminho “das minas” e serem ponto estratégico para desenvolvimento de comércio (DONATO, 2008, p. 52). É fator determinante que a paisagem escolhida como base para tais fins seja dotada de acessos, de transporte, de facilidade em conseguir alimentos e água, e permitir grandes visuais para segurança (MICHELIN, 2010, p. 25). Com tantos predicados, a cidade acaba atraindo tropeiros vindos de Franca, Itapetininga e um grande contingente do Sul de Minas Gerais. Botucatu carrega o posto de “boca de sertão”, dada sua localização privilegiada nesses caminhos.

Os cursos de água delimitavam de maneira decisiva o povoamento, ao longo de seus espigões (MONBEIG, 1984, p. 41). O território de Botucatu estendia-se durante o período das sesmarias, desde o Rio Jacu e Santo Inácio até as barrancas do Rio Paraná, abrangendo cerca de um quarto da conformação de São Paulo nos dias de hoje (PUPO, 2002, p. 12). As primeiras fazendas e terras de sertão promoviam uma posse provisória do solo, favorável à lavoura e à criação e venda de porcos (GHIRARDELLO, 2002, p. 171). A partir de 1822, com a Proclamação da Independência, o efeito da derrubada de leis de sesmarias foi determinante para a ocupação do oeste paulista (PIZA, 2015, p. 85).

O histórico de doação, de ocupação e de consolidação do território botucatuense foi marcado por conflitos de terra, por perseguições políticas ligadas à revolta liberal, por embates entre colonizadores e nativos e pelo banditismo. Desde então, a arquitetura residencial é utilizada como forma de demarcar sua propriedade, um exemplo é o que Donato cita acerca do conflito entre um tropeiro mineiro e um poderoso capitão vindo de Itapetininga nas terras de Botucatu (DONATO, 1985, p. 55): “Sucedeu que o tropeiro voltou e poseu quanto pode. Fez casa, curral e lavoura. Chamou, da terra natal, parentes e amigos, seguidores da política conservadora”.

O Capitão José Gomes Pinheiro, para amenizar o conflito, oferta uma parte de suas terras para constituição de uma freguesia - *Sant'Anna de sima da Serra*. Um modesto arraial começava a se instalar para além das estruturas das fazendas, a praça Coronel Moura apresentava algumas casas sem alinhamento e uma capela plantadas na encosta leste do principal espigão da cidade, entre os Ribeirões Lavapés e Tanquinho, lugar que hoje corresponde às proximidades da Praça Paratodos. Somente em 19 de fevereiro de 1846, em uma manobra do governo, é criada a freguesia, a fim de instalar um posto de controle que pudesse evitar o contrabando de muares (AGUIAR, 2011, p.27), pois, de acordo com Donato (2008, p. 87): “já se contam duzentos e tantos fogos (...) gente rude, de pouca ou nenhuma obediência às autoridades e grande parte criminosos”. A Freguesia é elevada à condição de Vila em 14 de abril de 1855, demarcada pela criação de uma câmara-cadeia e da participação da Legislatura, conforme a figura 20. Através da figura, é possível reconhecer que nessa época Botucatu possuía uma vasta extensão territorial, pois seus limites encontravam os antigos limites da província do Mato Grosso e do Paraná.

Figura 20: Aspecto da Vila Criada em 1855



Fonte: Acervo Casa da Cultura

Em 1862, o relatório da Câmara ao presidente da província já anunciava a introdução do café na economia local, até o momento exportado pela companhia Ituana (DONATO, 2008, p. 254). Em 1869, outro relatório da Câmara já apontava a produção de um milhão de pés, exportando 10.000 arrobas do produto (PIZA, 2015, p. 234). A partir desses dados, é possível notar que o café se tornou centro da economia botucatuense, transformando gradativamente a Botucatu “boca-de-sertão” no que virá a conformar-se em município.

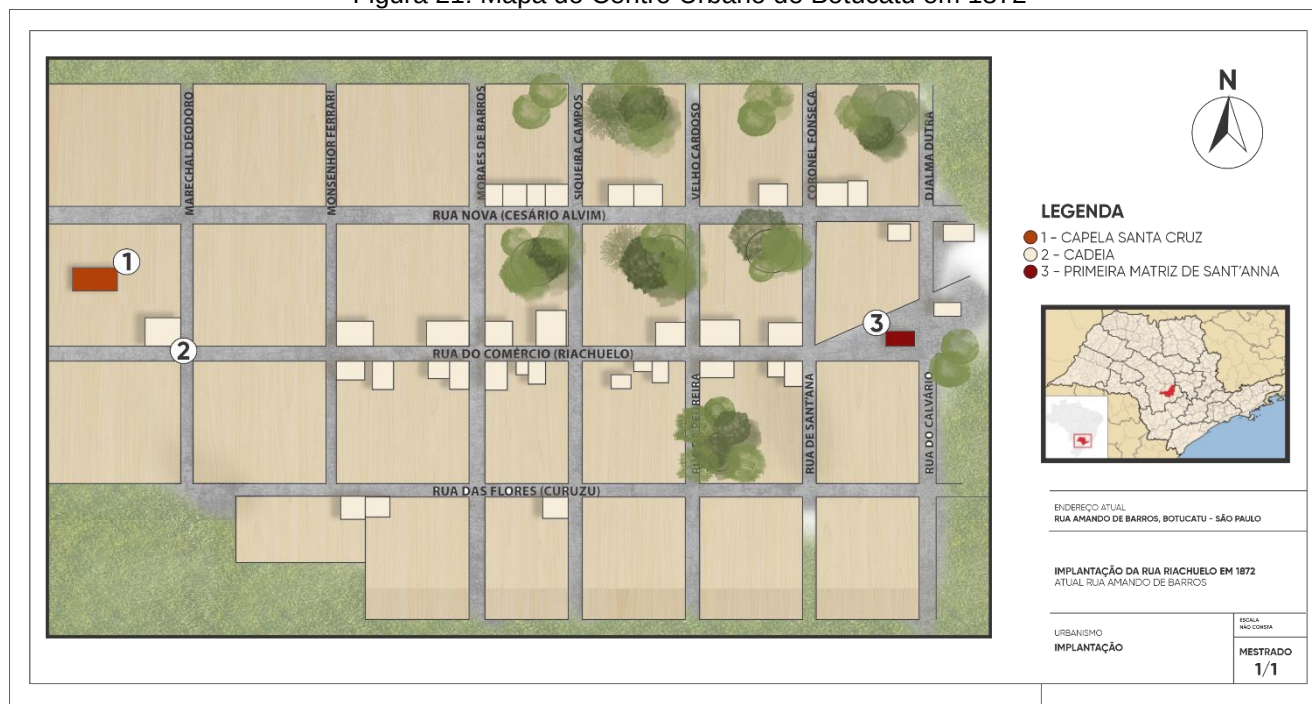
O caráter mineiro de “sertão” permanecerá na Vila até a chegada tardia do café em 1870. A cultura do café assume novos rumos a partir da abertura da ligação ferroviária Santos-Jundiaí, facilitando a exportação do produto. À luz de novas ferrovias que irradiaram pelo Oeste, os processos orientados por manuais agrícolas e incentivados pelo empresariado, já motivado pela experiência brasileira do Vale do Paraíba, atingem as terras botucatuenses (PIZA, 2015, p. 233). A cafeicultura paulista amarra-se em três grandes pilares: a titulação das terras do sertão, que estavam sendo incorporadas à economia imperial; o desenvolvimento de conhecimentos específicos e tecnológicos para lastrear a evolução do complexo agroindustrial; e a garantia sem traumas da substituição da mão-de-obra escrava pela de trabalhadores assalariados, os imigrantes europeus (MICHELIN, 2010, p. 36). Em Botucatu, a cafeicultura paulista adquire ainda mais um pilar: o tipo de solo. Uma vez transposto o Tietê, as plantações de café estão cada vez mais acentuadas à margem da cuesta, aproveitando-se de uma variedade original frutos da terra roxa: o café amarelo (ou café Botucatu) (MONBEIG, 1984, p. 171).

Os pequenos produtores davam espaço e vendiam suas terras aos que buscavam investir no café. O Café fomentou a aquisição de terras e a ampliação daquelas já existentes por investidores, como exemplo, em 1873, desponta a figura de Antônio de Carvalho Barros como um dos principais cafeicultores de Botucatu, proprietário da Fazenda Monte Selvagem (PIZA, 2015, p. 271). Além destas, outras estruturas, como a Fazenda Monte Alegre, passaram a se adaptar para receber a nova cultura.

Nos moldes do avanço que representou a cafeicultura para Botucatu, a vila é elevada à comarca e então a Município de Botucatu. Em 1876, o traçado urbano ainda se concentrava nas proximidades da primeira capela edificada conforme figura 21, o traçado retilíneo do rocio, uma rua principal se consolidava entre as duas capelas:

Sant'Ana e Santa Cruz, onde ficaram localizadas as primeiras edificações residenciais e comerciais. As quadras tinham, aproximadamente, 90 m e se dividiam por ruelas, nas quais os edifícios se implantavam voltados, principalmente, para a Rua Riachuelo. Os edifícios comerciais se dividiam em 9 armazéns de molhados, 2 padarias, 3 farmácias, 3 hotéis, 3 alfaiatarias, 4 ferrarias, 1 ourives e 2 selarias, além das fazendas e seus respectivos armazinhos (PINTO, 1994, p. 17-18 apud BOTARO, 2015, p. 14).

Figura 21: Mapa do Centro Urbano de Botucatu em 1872

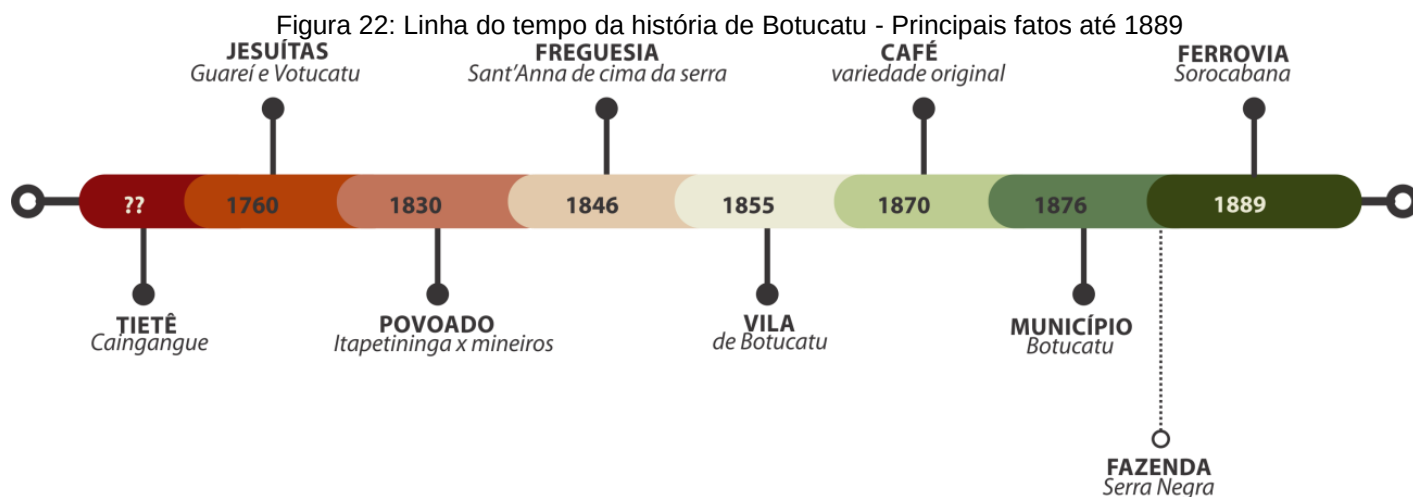


Fonte: PUPO, 2001, p. 88 - organizado pela autora

Em 1880, os engenheiros da Ferrovia Sorocabana e da Ituaana passaram a retratar em desenhos a serra de Botucatu, procurando cafezais e trajetos viáveis para suas locomotivas, como é o caso do engenheiro Carlos Schimdt (PIZA, 2015, p. 266), o que atraiu ainda mais investidores para o produto botucatuense, por exemplo, a família Conceição/Serra Negra.

Em 1889, após alcançar as estruturas das Fazendas Serra Negra e Lageado, e, apesar da arquitetura modesta, os trilhos alcançaram o perímetro urbano em Botucatu. As transformações da cidade tornaram-se dinâmicas com a criação de bairros, de indústrias de máquinas agrícolas, de pequenas oficinas, de residências de engenheiros e empregados (DONATO, 2008, p. 357) até comporem uma nova linha de povoamento que partia em direção a São Manuel, formando novos bairros, como a Vila dos Lavradores e a Vila Maria (BOTARO, 2015, p. 15), além da própria povoação do entorno da nova estação. A figura 22 faz uma síntese dos principais fatos

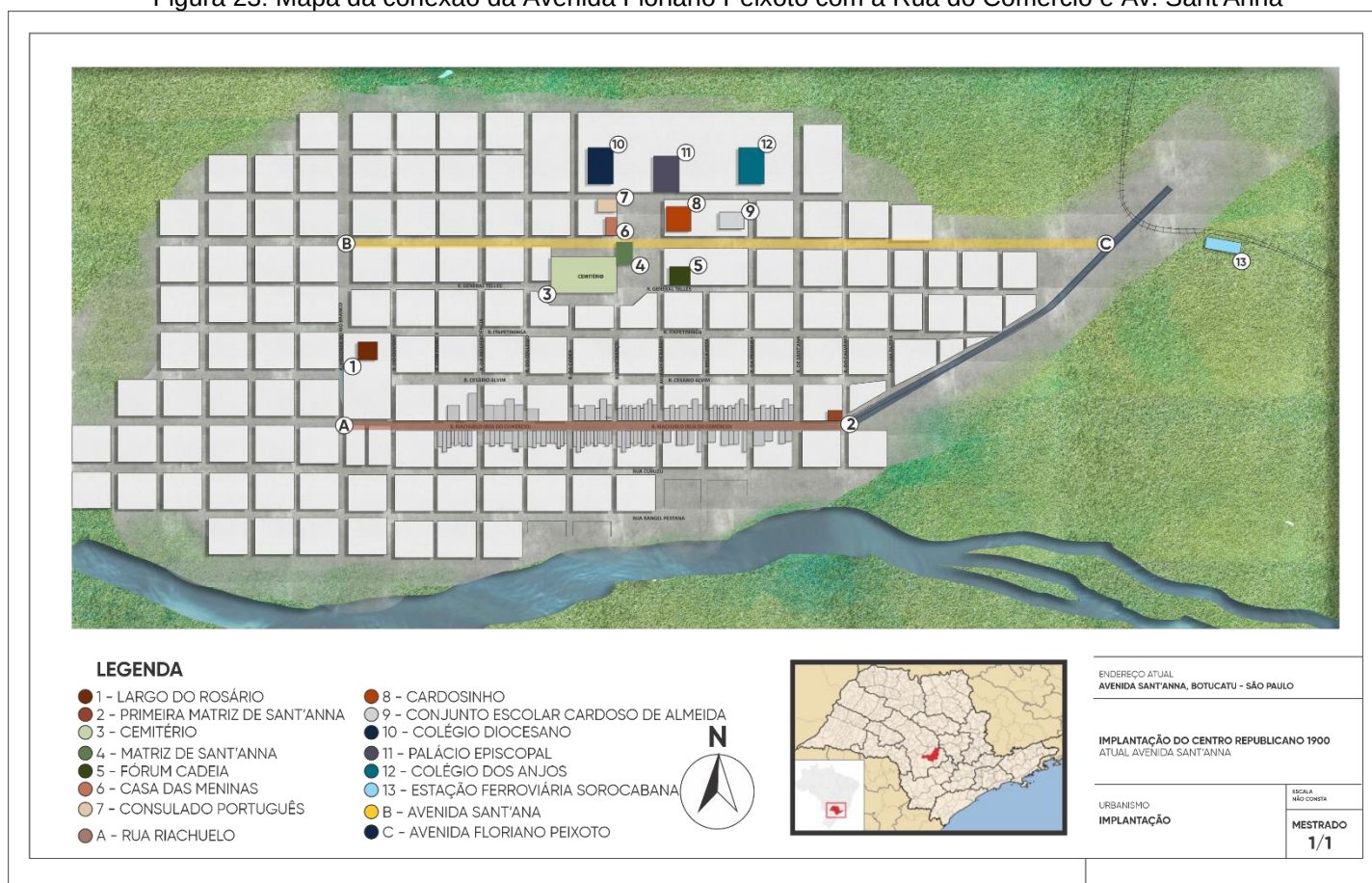
narrados que ocorreram até 1889, também destacando o período em que as primeiras construções da Fazenda Serra Negra surgiram no território e evidenciando quais os aspectos da formação histórica e urbana influenciaram diretamente no contexto da fazenda.



Fonte: Elaborado pela autora

Em 1892, subsidiado pelo capital cafeeiro, Botucatu ganha traços maiores de urbanização (Figura 23) com um plano estabelecido pelo Engenheiro Antônio Felix de Albernaz. O plano tinha como principal objetivo transformar o caráter rural das chácaras em um espaço higiênico e contemporâneo às medidas urbanistas da época, através do nivelamento das principais ruas da Cidade: Sapo (Rangel Pestana), Cesário Alvim (João Passos), Riachuelo (Amando de Barros) e Curuzu, ligando as referidas à Avenida Floriano Peixoto. Essa Avenida fazia a ligação com a estrada de Ferro e com a antiga rua do Comércio, Rua Riachuelo, que abrigava diversos estabelecimentos comerciais e industriais (BOTARO, 2015, p. 16).

Figura 23: Mapa da conexão da Avenida Floriano Peixoto com a Rua do Comércio e Av. Sant'Anna



Fonte: PUPO, 2001, p. 88 - organizado pela autora

Já na virada do século, a partir dos novos arruamentos, a arquitetura passa também por uma transformação com a introdução da técnica tijoleira. As residências passam a ter novo aspecto, poucos adornos, uma arquitetura sóbria própria de quem enfrenta gradativamente as novas tecnologias. As barreiras sociais entre o campo e a cidade passam a se aprofundar e, enquanto a vida na cidade crescia, o auge do ciclo do café na serra de Botucatu foi nos anos de 1880 a 1905 (PIZA, 2015, p. 292).

Concomitante ao declínio do campo, a vida na cidade aos moldes republicanos, crescia cada vez mais. A construção de uma nova igreja Matriz (1893), os complexos escolares públicos Cardosinho (1896), o serviço de Câmara e Cadeira (1898), a Santa Casa Misericórdia (1901), Cineteatros (1902), a chegada do serviço de água (1902), a Caridade Portuguesa (1906), a chegada da iluminação elétrica (1907), a Escola Estadual Cardoso de Almeida (1911), bem como os colégios vinculados à igreja Católica, como o Colégio Diocesano (1911) e o Colégio dos Anjos (1912), de Casinos (1914), Jardins públicos, como a praça Rubião Júnior (1914) e XV de Novembro, de um Palácio Episcopal

(1918), e Casas Filantrópicas como a Casa das Meninas (1927)¹³, além das obras que surgiam em paralelo, como hospitais e hotéis para atender as demandas ferroviárias na Vila dos Lavradores, e a Igreja Matriz própria do Bairro. Ao fim da década de 1920, a cidade de Botucatu abrigava 289 estabelecimentos comerciais, por volta de 67 grupos industriais dos mais diversos e 656 fazendas produtoras de café, demonstrando como a cidade crescia e o principal capital ainda era o campo, sendo que as indústrias e o comércio visavam subsidiar a produção, o beneficiamento e a exportação dos grãos para demais localidades.

A arquitetura dessa década já não caracterizava mais a Botucatu “boca de sertão”, novos estilos são adotados, como o Neoclássico, o Neogótico e o Art Decó, sendo facilmente reconhecidos: fachadas ornamentadas, projetos rebuscados com grandes aberturas e presença de dois pavimentos ou mais, projetos paisagísticos de estilo inglês e a influência da arquitetura francesa predominam na paisagem. Essa organização urbana delimita e organiza até os dias de hoje o município de Botucatu, que ainda conserva diversos dos prédios citados anteriormente.

Vale ressaltar que todo o processo de formação e de ocupação urbana e rural de Botucatu, refletirá diretamente no objeto de estudo deste trabalho, desta forma, a figura 24 visa expandir os principais fatos urbanos ocorridos destacados que têm relação com a Fazenda Serra Negra.

Figura 24: Esquema de relações entre a Morfogênese e o Texto



Fonte: Elaborado pela autora

Arquitetura do Café de Botucatu

A partir da chegada da ferrovia Sorocabana em 1889, as fazendas de Café multiplicam-se ao longo de seus trilhos, graças à interligação que esta permitia entre as propriedades com o transporte dos grãos para a exportação. As grandes propriedades investiam em tecnologias para o aumento de sua produção, comportando-se como verdadeiras indústrias; outras se reinventaram a fim de receber novas edificações e adaptar-se para o plantio do café. Neste estudo, destacam-se as Fazendas Serra Negra, Lageado, Monte Alegre, Monte Selvagem e Boa Esperança, que tiveram uma produção cafeeira significativa e, através de seus vínculos simbólicos, fizeram com que, mesmo após o declínio da economia, as estruturas permanecessem no espaço e permitissem os estudos da territorialização e desterritorialização destes sítios históricos.

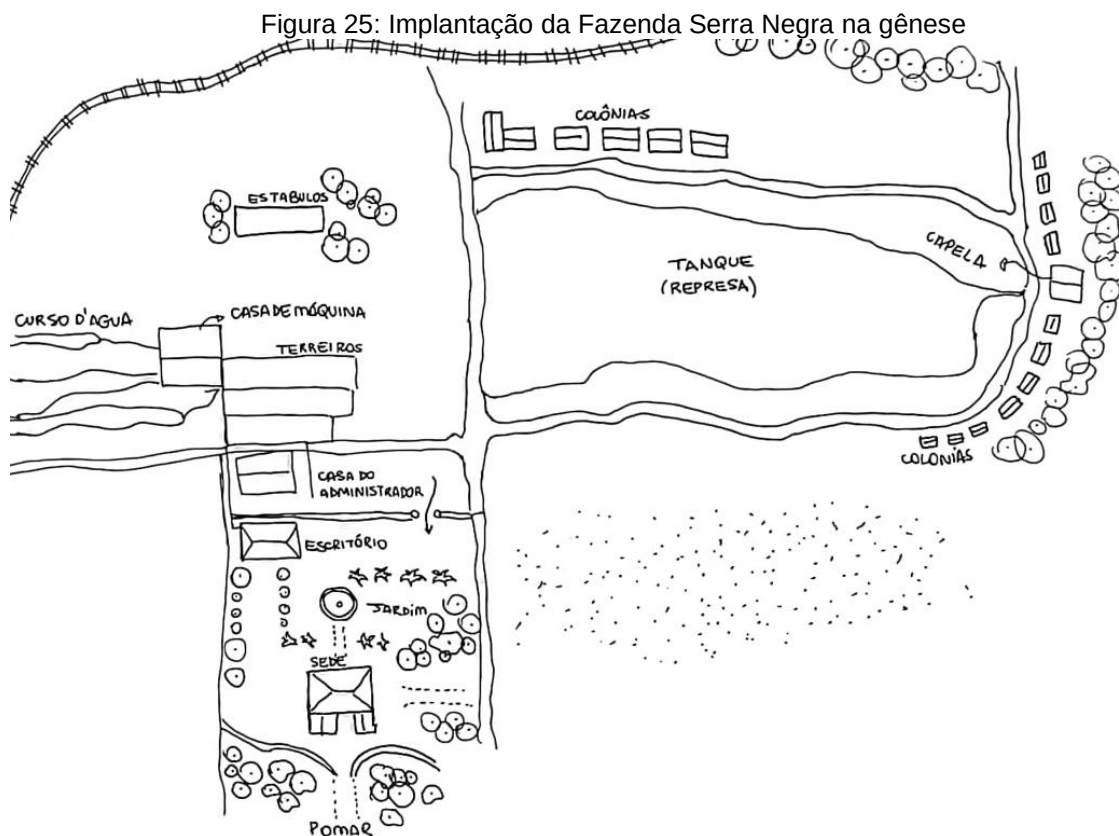
Fazenda Serra Negra

Localizada em Vitoriana, distrito municipal de Botucatu, a fazenda Serra Negra ou Vila Victória foi responsável pela entrada de diversas técnicas modernizadoras no município, bem como teve um papel fundamental na chegada da mão de obra imigrante, dado a sua proximidade com a primeira estação ferroviária instalada pela Sorocabana na cidade, em 1888, sendo que diversas famílias tinham sua primeira passagem na fazenda Villa Victória para, posteriormente, serem direcionados à outras propriedades.

Seu auge histórico foi protagonizado pela economia cafeeira e pela figura do Conde Serra Negra (Manuel Ernesto da Conceição), filho do Barão de Serra Negra. Os irmãos Conceição chegaram a dominar quase todas as terras entre os Rios Lavapés e Capivara (PIZA, 2015) e foram fundamentais para a urbanização do distrito e da área leste do Município de Botucatu.

Apesar das grandes estruturas construídas, o Conde passava pouco tempo em sua residência. As viagens às exposições do café brasileiro à Europa eram constantes, bem como os negócios realizados com a Capital. Essa relação com o espaço urbano também foi vivenciada pelos trabalhadores imigrantes, que faziam da fazenda um degrau de ascensão social, para conquistar seu espaço na cidade posteriormente. A relação do contexto histórico e social reflete diretamente na arquitetura da fazenda, trazendo à tona diversos costumes e práticas em alta na época.

A implantação (Figura 25) da fazenda ocorre em terreno acidentado, conta com um vasto lago, casas e colonos, casa sede e jardins, casa de máquinas, estábulo, casa do administrador. As estruturas, ou seja, o ambiente físico, assim como o ambiente social e simbólico da Fazenda Serra Negra, serão melhor detalhados no capítulo 6.



Fonte: Elaborado pela autora

Fazenda Lageado

O início da trajetória histórica da Fazenda Lageado ocorre em 1836 ainda com terras cobertas pela vegetação sem limites definidos. Com o indício das passagens da ferrovia pela propriedade, a expansão das terras e a consolidação da cafeicultura se dará com a compra das terras e terras subjacentes por João da Rocha Conceição, filho do Barão de Serra Negra. Tal fato corroborou para a transformação vigorosa do desenho da paisagem local (MICHELIN, 2004).

João Conceição adquiriu as terras da Fazenda em 1882 e substituiu antigas estruturas, construindo terreiros, arrimos, tulhas, casas de máquinas, passadiços, a casa-sede e a tulha, soerguidas por volta de 1882 e 1910, conforme figura 26 (PIZA, 2015, p. 302). A ferrovia alterou a paisagem da Fazenda, permitindo a inclusão de reservatórios de água, plataformas de embarque e de outras estruturas.

A unidade também demonstra técnicas e edificações aplicadas neste período de transformações sociais. Na figura 28, a tulha da Fazenda Lageado exibe a conexão feita por meio de uma passarela aos terreiros de café, além do apreço estético na fachada, com aberturas em arco pleno emolduradas e falsas pilastras nas fachadas mesmo que não revestidas por argamassa.

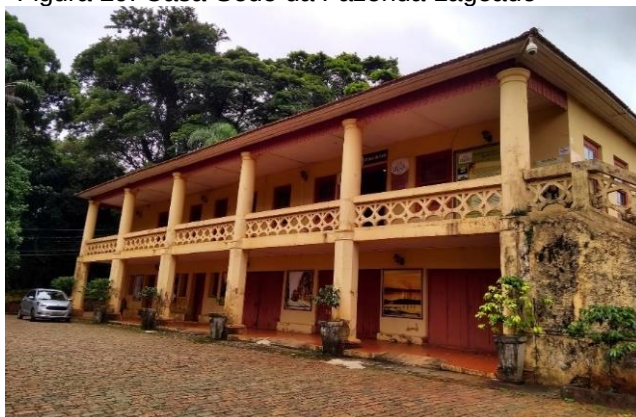
Figura 28: Tulha e passarela da Fazenda Lageado - Botucatu (SP)



Fonte: Acervo da autora

A fazenda Lageado é um dos principais modelos construídos em um novo sistema, da técnica tijoleira. A exemplo disso, a residência principal reflete a transição da economia e do sistema de trabalho, ao invés de estar voltada às plantações e terreiros como as estruturas do período escravista, esta conta com uma visão direta e privilegiada para a tulha, e conjunto de máquinas manipuladas pelos imigrantes. Com dois pavimentos a casa incorpora a topografia à sua implantação, criando diversos muros de arrimo. A entrada é promovida por uma escada lateral que dá acesso à um alpendre (Figura 29). A planta se desenvolve em L, a casa apresenta paredes rebocadas com cal, forro, assoalho e telhas cerâmicas (PIZA, 2015). A arquitetura do café em Botucatu, à exemplo a fazenda Lageado, irá antever a arquitetura e técnicas aplicadas na arquitetura urbana.

Figura 29: Casa-Sede da Fazenda Lageado

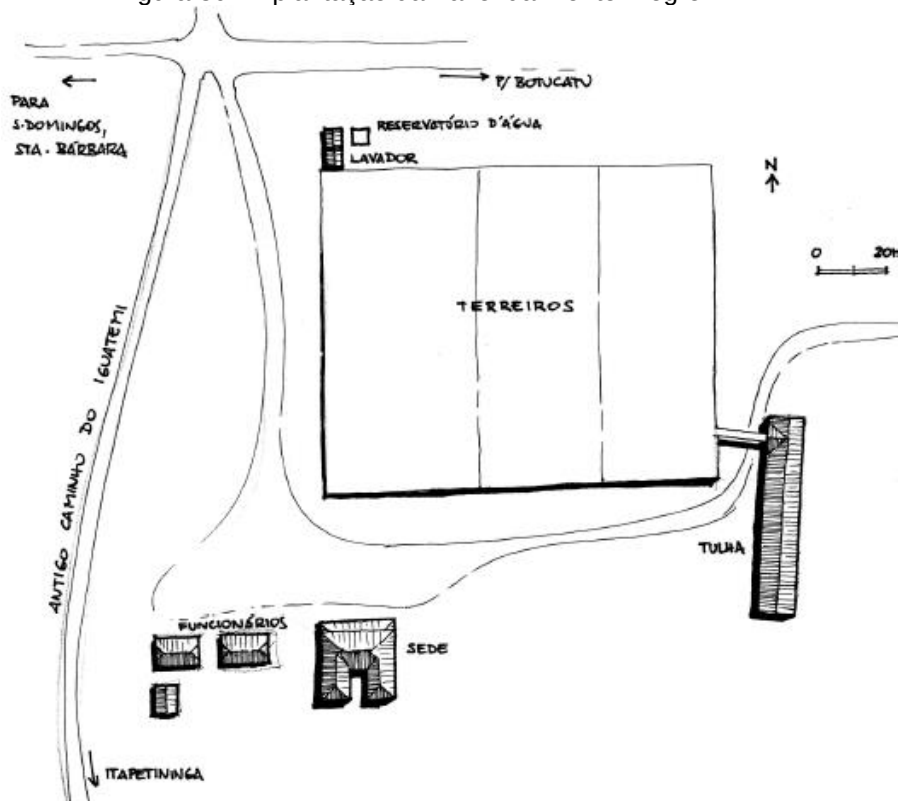


Fonte: <https://www.fca.unesp.br/> - Acesso em 10 de novembro de 2020

Fazenda Monte Alegre

A propriedade da fazenda foi de José Gomes Pinheiro e Ana Florisbela, família vinculada à fundação da cidade. Até a consolidação do café, a fazenda dedicou-se majoritariamente para criação de animais, tal como as fazendas jesuítas, a fim de demarcar o território através de uma ocupação. Contava com uma casa sede, senzalas, paióis e currais, conforme figura 30.

Figura 30: Implantação da Fazenda Monte Alegre



Fonte: Piza, 2015, p. 268

As terras foram adquiridas por José Gomes Pinheiro em 1808 e partilhadas entre seus herdeiros que, até 1873, não haviam explorado a economia cafeeira em suas terras. Segundo Piza (2015), a fazenda apareceu em 1910 pela primeira vez entre as maiores produtoras de café do município de Botucatu: contava com cerca de 300.000 pés de café produzindo. Em 1914, a fazenda se tornou um empreendimento da Companhia Cafeeira Paulista que adicionou duas tulhas sofisticadas à implantação da fazenda.

A casa segue o modelo de implantação da região, regida por costumes ecléticos: dois pavimentos inseridos na topografia. A fachada da edificação conta com o acréscimo de um alpendre, destacado pela diferença de telhados. A planta desenvolve-se em “U”, tal qual o exemplar da Fazenda Serra Negra. Não se pode

dizer que a composição da fachada atual (Figura 31) remonta aos moldes construídos por Gomes Pinheiro, dada as diversas intervenções ocorridas desde a aquisição das terras em 1914. As telhas possuíam um trabalho complexo de marcenaria e a estrutura dos terreiros seguiu as construções de seus primeiros proprietários: paredões e pisos de pedra seca.

Figura 31: Casa-sede da Fazenda Monte Alegre



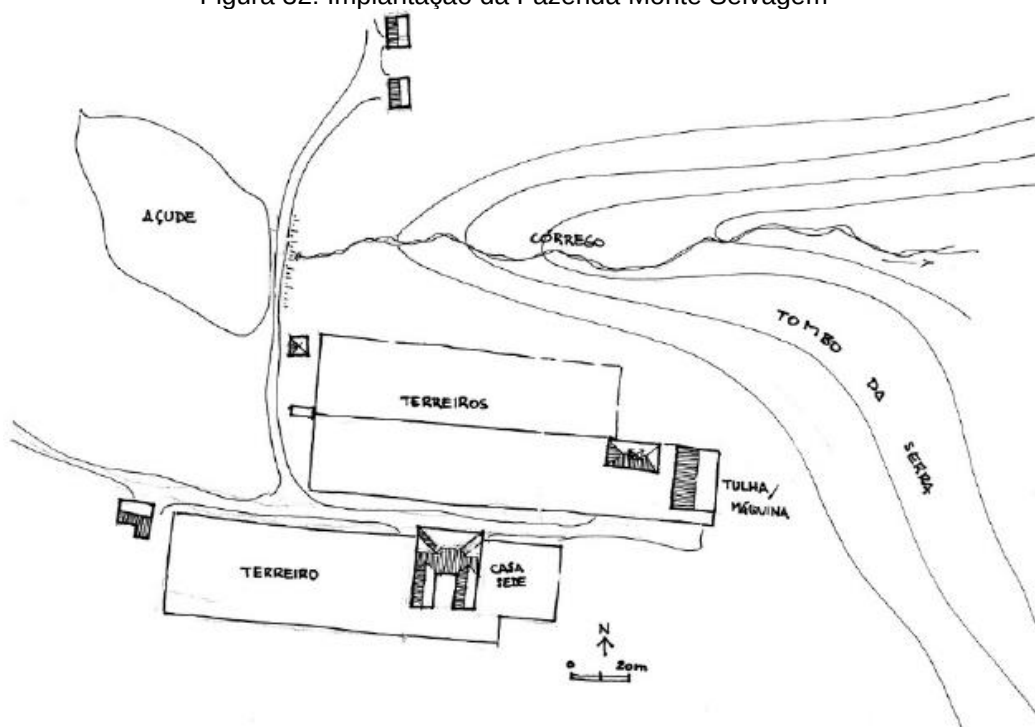
Fonte: <https://arquidiocesebotucatu.org.br/> - Acesso em 20 de novembro de 2020

Fazenda Monte Selvagem

Localizada na região do Vale do Aracatu, a posse das terras foi iniciada ao redor de 1837, mas foi somente a partir da chegada do café que as terras foram compradas por Antônio Carvalho de Barros. Antônio amplia a propriedade a fim de investir na cultura cafeeira, despontando já em 1873 como um dos principais cafeicultores de Botucatu (PIZA, 2015, p. 271). O proprietário teve um papel social fundamental na urbanização de Botucatu, deixando evidente a interlocução entre o campo e a cidade.

A fazenda apresentou crescimento lento na cafeicultura se comparado às grandes produções da Fazenda Serra Negra e Lageado. Foi uma das grandes receptoras da imigração italiana, que tinha uma relação diferenciada com a casa-sede, como é possível ver nas figuras 32 e 33 abaixo. A área de trabalho e de secagem do café ficava localizado próximo à moradia do proprietário e, provavelmente por essa relação simbólica, seja um dos únicos edifícios conservados atualmente.

Figura 32: Implantação da Fazenda Monte Selvagem



Fonte: PIZA, 2015, p. 274

Figura 33: Colonos manuseando os rodos espalhando os grãos na Fazenda Monte Selvagem - Botucatu (SP)



Fonte: Acervo do Museu Histórico Pedagógico de Botucatu (MuHP)

A construção da casa-sede foi pautada por costumes ainda mineiros, visto que a casa apresenta uma malha estrutural de madeira, sugerindo que a técnica tijoleira foi uma intervenção ocorrida ao longo dos anos. A implantação se dá sob platô único, porém a organização do pavimento superior não ocupa plenamente o mesmo espaço

no pavimento térreo, o pavimento do porão. A planta desenvolve-se em formato de “U”, dispõe as alas de serviço, sobre o solo, enquanto a outra ala está disposta sobre o porão. Chama atenção, a técnica utilizada nos frontões, que imita técnicas utilizadas em exemplares urbanos, com sutil modinatura classicizante (PIZA, 2015, p. 272).

Fazenda Boa Esperança

Também localizada na região da Cuesta, propriedade da família Aranha desde 1865, foi adquirida para a produção do café e interligada com a Vila Urbana. O ambiente social desta fazenda diverge dos padrões patriarcais da sociedade botucatuense. Viúva muito jovem, Isabel Arruda assumiu os negócios e tornou-se uma das mulheres mais poderosas de Botucatu (PIZA, 2015, p. 248).

A implantação destaca a preocupação com o planejamento e este é um dos exemplares que mais conserva os equipamentos relacionados às técnicas ligadas à cafeicultura, como os lavadores, os vagonetes e os trilhos de transporte, os terreiros etc. Como exemplo, tem-se a figura 34 abaixo:

Figura 34: Lavador dos terreiros da Fazenda Boa Esperança - Botucatu (SP)



Fonte: BENINCASA, 2008, p. 474

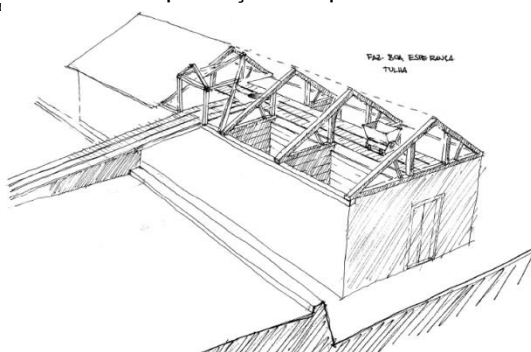
Nesse primeiro momento da arquitetura do café Botucatuense, em alusão à ocupação mineira de Botucatu, as feições arquitetônicas são mais rústicas, com técnicas tradicionais, como é o caso da Fazenda Boa Esperança (Botucatu-SP) (BENINCASA, 2008, p. 473). Em 1873, de propriedade da família Aranha, a fazenda já produzia café e possuía uma das primeiras estruturas planejadas do território e um

dos raros exemplares em Botucatu com remanescentes da estrutura em pau-a-pique (PIZA, 2015, p. 248).

A implantação da fazenda conta com um conjunto de tulha e casa de máquinas desencostada, terreiros, casa sede e conjunto de colônias. A casa-sede (figura 35) domina a paisagem, com planta em L, disposta em dois pavimentos. A fachada é marcada pelas aberturas de vergas retas dispostas simetricamente, sendo que sua estrutura sofreu interferências das técnicas modernizadoras do café em 1889, estando presente atualmente as estruturas de pau a pique apenas nas estruturas da cobertura.

A carpintaria da tulha (Figura 35) e o conjunto de sistema de vagonetes que faziam a locomoção do café do terreiro para o seu interior mostram o processo adotado de beneficiamento do café e os avanços que as fazendas incorporaram em suas estruturas.

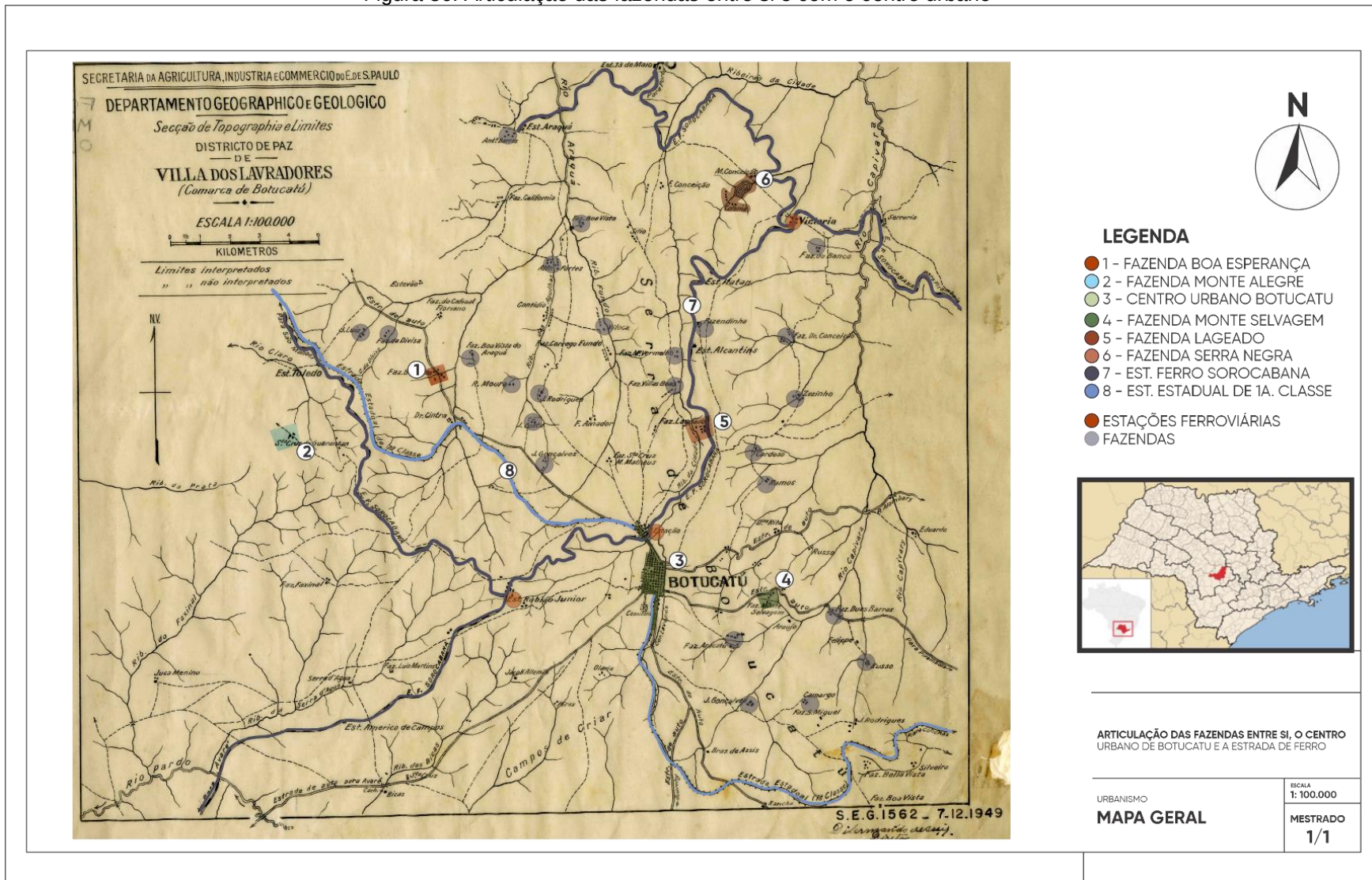
Figura 35: Fachada da Casa-Sede da Fazenda Boa Esperança e esquema da Tulha



Fonte: Piza, 2015, p. 252

As fazendas Serra Negra e Lageado, possuíam chaves da ferrovia para o transporte do produto ensacado e beneficiado até o Porto de Santos. Ademais, as fazendas utilizam técnicas agrícolas semelhantes e uma boa relação social, visto que os proprietários eram diretamente aparentados. Já as Fazendas Monte Alegre, Monte Selvagem e Boa Esperança, dependiam um pouco mais da articulação do Centro Urbano de Botucatu com a ferrovia para conseguir a comercialização de seu produto industrializado. Além disso, vale destacar que ao contrário do Conde Serra Negra e de seu irmão João, que estavam vislumbrando as relações internacionais e regionais do café, respectivamente, os demais proprietários ocupavam-se de atividades políticas e de lazer, também no centro urbano de Botucatu. A figura 36 visa demonstrar a implantação das principais fazendas que marcaram a ocupação rural em relação ao centro urbano e em relação à fazenda Serra Negra.

Figura 36: Articulação das fazendas entre si e com o centro urbano

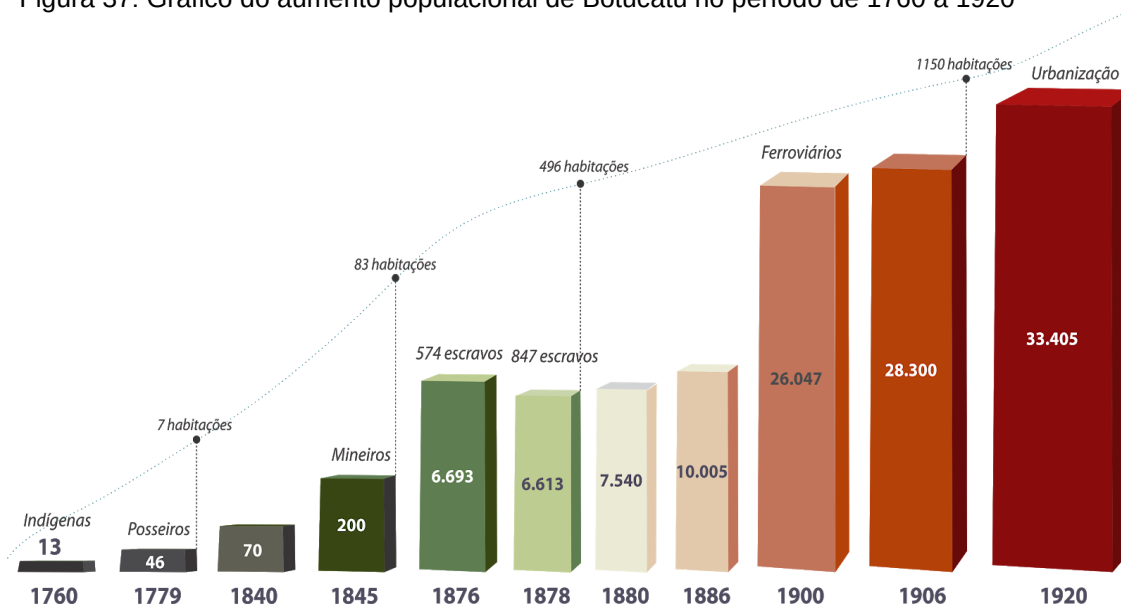


Fonte: <http://www.igc.sp.gov.br/> - Editado pela autora

4.1.2.2 Sociogênese

O primeiro registro da população indígena em é de 1760, sendo de 13 indígenas, conforme ponto inicial do gráfico na figura 37. Os Aweikoma eram nômades e viviam em função da caça e da coleta de frutos silvestres (FIGUEIROA, 2007, p. 44). Também foram registradas as comunidades dos Caiangangue¹⁴ e os Caiuás às margens do Rio Tietê (FIGUEIROA, 2007, p. 43). Os anos que sucederam o registro são marcados por conflitos de terra e pela chegada dos Jesuítas catequizadores. Além da missão catequética, os Jesuítas valorizaram as terras que lhes foram doadas por meio da criação de gado, tanto para seu próprio consumo quanto para comércio para aqueles que usavam o caminho rumo às Minas.

Figura 37: Gráfico do aumento populacional de Botucatu no período de 1760 à 1920



Fonte: Elaborado pela autora com dados de DONATO (2008, p. 12)

De acordo com Donato (2008, p. 73), logo no início do povoado, havia um aldeamento Caiuá na proximidade da Praça Coronel Moura (gênese da cidade), que foi dando lugar a agricultores vindos de Piracicaba, Tietê e Porto Feliz que ali fizeram lavouras e abriram novos caminhos, o que simbolizou o tímido crescimento da população entre os anos de 1760 a 1790, de 13 para 46 habitantes.

Até 1830, os paulistas que vinham a Botucatu estavam desacompanhados de família e buscavam oportunidades para desbravar terras novas. Os mineiros, vindos

¹⁴ Era grande família linguística Caiangangue. O primeiro grupo, subdividia-se em seis dialetos. Um desses grupos era o dos Aweikoma, também conhecido como Xocrés. A esses é que se dava o nome de Botocudos, pelo hábito que tinham de inserir pedaços de madeira no lábio inferior da boca. (FIGUEIROA, 2007, p. 43). Esse vocativo também é informalmente destinado aos nascidos em Botucatu.

do sul de Minas, foram os primeiros tropeiros a chegarem acompanhados de suas famílias e usavam as terras para a criação de gado, enquanto os paulistas se ocupavam da agricultura.

A partir de 1845, o registro da população aumenta de 200 para 6693 pessoas em 1876, como pode ser observado pelo avanço da curva no gráfico 37. Relaciona-se esse aumento com a consolidação da posição de “boca do sertão”, entre as regiões dos Rios Tietê e Aguapeí, bem como daquela entre o Peixe e o Paranapanema (GHIRARDELLO, 2002, p. 70).

Sem os cuidados da polícia, o sertão atraiu foragidos ao recrutamento militar, escapos à polícia, aos credores, foragidos políticos e seus caçadores. Botucatu funcionava como “reserva de sicários”, dos quais fazendeiros ou grandes posseiros se dispunham de forças armadas sem escrúpulos (DONATO, 2008, p. 112). Às vésperas da doação do patrimônio, o próprio Capitão José Gomes Pinheiro usufruía das terras botucatuenses como refúgio político em decorrência da Revolta Liberal. Além dele, Felizberto Antônio Machado e João da Cruz Pereira (mineiro) eram os posseiros mais influentes à época e encabeçaram a construção da pequena vila no entorno do soerguimento da Capela dedicada à Nossa Senhora das Dores (devoção tipicamente mineira).

Até a proclamação da República, em 1889, a igreja fazia as vezes de Estado e possuía supremacia na questão de documentação, tanto da população quanto do registro de propriedades rurais (GHIRARDELLO, 2002, p. 126). Não diferentemente, em Botucatu, os primeiros traços urbanos surgiram ao redor da Igreja Matriz, ali João da Cruz Pereira dispunha de algumas modestas residências de pau a pique que o próprio se encarregava de ocupar, através da divulgação do povoado em regiões vizinhas (DONATO, 2008). O desenvolvimento de Capela, à Vila e, por conseguinte, a município se dará, sobretudo, pelo afluxo de mineiros, principalmente, da Comarca do Rio das Mortes, que compreendia todo o sul de Minas Gerais (PIZA, 2015, p. 163). Esse perímetro urbano continuava a se envolver pelas diversas propriedades rurais, que, com o passar dos anos, multiplicaram-se através do desmembramento das propriedades.

A produção agrícola que moveu a economia anterior ao café era a plantação de milho (PIZA, 2015, p. 167), como já apontado por Ghirardello (2002, p. 73): “A produção de milho era basicamente para subsistência própria e dos animais. Os

porcos eram vendidos em Botucatu e Lençóis Paulista”. Pertencentes a esse período pré-cafeeiro, de forte influência mineira, Piza (2015) destaca a presença das Fazendas Moura, Santo Antônio do Araquá e a Fazenda São Miguel que pertenciam ao território outrora delimitado como Botucatu.

A partir de 1870, com a chegada do café, observa-se um verdadeiro boom populacional, passando de 200 habitantes em 1845 para 6.693 em 1876. A fama da fertilidade do solo, atraiu diversos grupos sociais, que Piza (2015) classifica em:

- Herdeiros da região açucareira com recursos moderados em pequenas posses, como por exemplo da herança podemos citar as estruturas da Fazenda Boa Esperança e Fazenda Monte Selvagem;
- Proprietários paulistas já residentes, que se desfazem das fazendas de criação para implantar a cultura cafeeira, como é o caso da Família Soares de Barros e instalações no território que hoje corresponde ao município de São Manuel;
- Grandes proprietários, possuidores de amplos recursos que adquirem diversas porções de terras, formando imensas propriedades em parte cafeeiras, mas que exploram outras atividades, como é o caso da família Conceição em Botucatu, proprietários da Fazenda Lageado e Fazenda Serra Negra no município, mas com investimentos em diversas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e até mesmo na escala internacional.

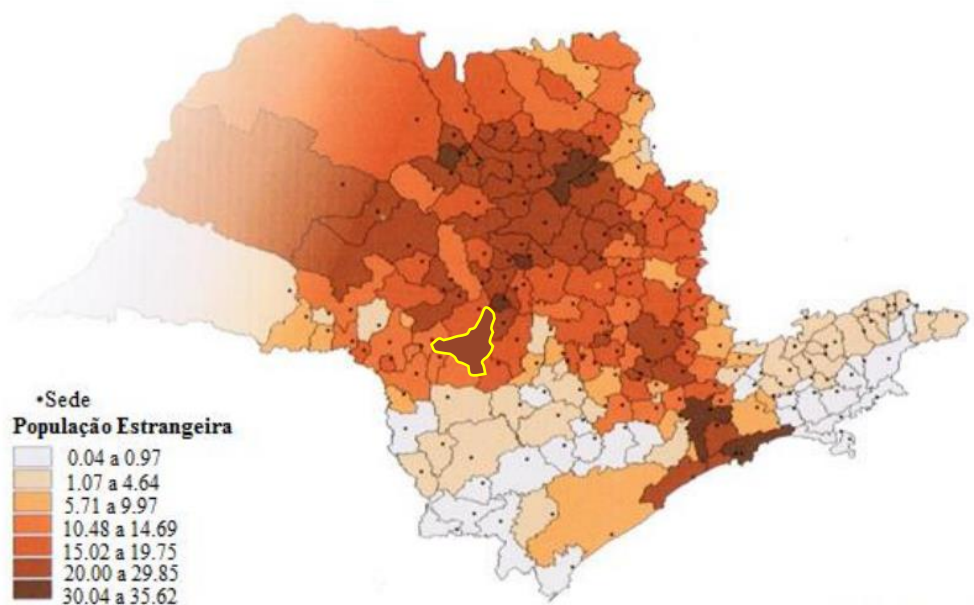
Além da aristocracia cafeeira, integram à população botucatuense os trabalhadores rurais, pequenos comerciantes e prestadores de serviços que residem no espaço urbano. Até a abolição da escravidão, a presença de negros no trabalho da lavoura e nos cuidados da casa eram presentes em Botucatu. Somado a isso, diversos imigrantes europeus e asiáticos são atraídos pelo avanço da cidade e tornam-se atores fundamentais na consolidação urbana.

A vida dos Negros em Botucatu possui boa parte de seus registros em crônicas de antigos moradores e contos que abordavam a vida da cidade. Além dos registros em atas das Câmaras, os desenhos do engenheiro Carlos Schmidt já evidenciam a presença de senzalas nas estruturas rurais. Fora os trabalhadores braçais, as mulheres destinavam-se aos cuidados da casa, como era o caso das amas de leite e mucamas que acompanhavam as crianças, filhas do proprietário. O papel do negro na historiografia ficou averbado através da devoção católica ao Rosário (DONATO,

2008, p. 132), o sítio delegado à construção de um elegante templo dedicado à Nossa Senhora do Rosário foi palco de teatros e festas negras até 1936.

Por sua vez, os imigrantes foram substanciais para o desenvolvimento econômico e cultural da cidade. De acordo com Bassanezi (2008), a população estrangeira em Botucatu chegava de 15 a 19 mil habitantes estrangeiros em 1920, conforme figura 38.

Figura 38: População estrangeira (% no total da população) em 1950 – destaque em amarelo para o município de Botucatu



Fonte: Bassanezi, 2008 – editado pela autora

Chegavam em grande número vindos de Portugal, da França, da Suíça, da Espanha, da Alemanha e do Oriente Médio. Desembarcavam no porto de Santos, os que eram destinados a Botucatu logo tomavam as locomotivas da Sorocabana e boa parte desembarcava logo na primeira estação do ramal, a Vitória, era ali a maior concentração de fazendas de café de Botucatu e, mesmo que viessem com intenção de adquirir posses na cidade, cumpriam em Vitoriana um período de serviço braçal. A coletânea de biografias da UNIFAC (1985), Donato (2008) e Piza (2015) traçam o perfil do trabalhador imigrante em Botucatu, aqui sintetizados em:

- Portugueses: são os primeiros a chegar no município, sendo que por volta de 1840 já constam nos registros da câmara. Em 1901, eles dão início à construção, até hoje conservada, da Caridade Maria Pia - Sociedade de Socorros mútuos que buscava dar auxílio social às viúvas, aos desempregados, aos expatriados etc. Estabelecem-se majoritariamente no comércio.

- Espanhóis: chegam em terras botucatuenses por volta de 1880 e são responsáveis por inserir a técnica dos moinhos movidos à água, muito utilizados pela indústria da época. Destacaram-se principalmente nas produções de arte e cultura, sobretudo nos cines, nos teatros e nas apresentações musicais. Também compuseram a Sociedade Espanhola de Beneficência, que até a crise do café apresentava constante atividade.
- Italianos: em Botucatu, chegavam às levas e partiam diretamente às plantações de café. Em um segundo momento, foram responsáveis por fazendas produtoras e chegaram a adquirir escravos. Unem-se e constituem indústrias, hotéis e pequenos comércios. Em 1887, as famílias Ferrari, Varoli e Santi se unem para fundar a Società Italiana de Beneficenza, situada na atual Praça do Bosque. Em 1896, criam o Club Italiano Conte di Torino, onde organizavam grandes festas em memória de sua terra natal. Ainda hoje, funciona, no antigo Clube 24 de Maio, O Centro Cultural Brasil-Itália - destinado a bailes e a oficinas.
- Árabes: Foram os pioneiros a empreender às margens das fazendas de Vitoriana, faziam dali verdadeiro centro de comércio de produtos que os trabalhadores poderiam vir a fazer uso. Ensejaram o grande fluxo de pessoas, que vinha a negócio usufruindo da ida e vinda de trens que iam até a sede do município.

Ainda sobre os trabalhadores, sobretudo daqueles que possuíam poucas terras de cafezais (entre 2 a 4 mil pés), vale destacar que, para estes, mais modestos, a época da colheita eram grandes feitos sociais. Se reuniam, em cooperação com as propriedades vizinhas, e promoviam os mutirões de colheita, que ao findar-se comemorava-se com grandes festejos (FIGUEIROA, 2007, p. 81). Nessas oportunidades, bem como nas festas religiosas e datas comemorativas, as moças e os rapazes se encontravam e davam margem para os namoros e os casamentos.

As transformações subsidiadas pela economia cafeeira e a inauguração dos trilhos na cidade em 1889 procedem à urbanização da singela vila e um afastamento da vida no meio rural. Os grandes produtores, mesmo tendo residência no campo, preferem a comodidade e a proximidade com os serviços existentes na cidade, tornando seus palacetes rurais, como casa de pouso e veraneio e, por vezes, adquiriu

a função de escritório (PIZA, 2015, p. 292). A aristocracia rural botucatuense enriqueceu-se no campo e foi buscar morada na Capital (São Paulo), onde educou seus filhos e realizou viagens, propagando a variedade do café amarelo em exposições nacionais e internacionais. A Europa era destino comum de lazer a todos, que paulatinamente deixaram a vida no campo e estabeleceram-se nos grandes centros urbanos. O abismo social entre o rural e o urbano fez com que os trabalhadores também optassem pela cidade, concentrando suas atividades de lazer e de educação fora das dependências da fazenda.

As entrevistas registradas nas Biografias da UNIFAC (1985) apontam que, no início do século XX, os fazendeiros se deslocavam através da linha férrea, a cavalo ou de trote para a sede urbana, a fim de negociarem sobre os maquinários de café (descascadores, torrefadores, máquina de beneficiamento etc.). Os trabalhadores rurais agrícolas eram organizados por feitores e tinham contato com carroceiros, contadores e prestadores de serviço sazonais ao sítio. Almejando o progresso, diversos relatos apontam que alguns destinavam parte do dia à lavoura e, por muitas vezes, frequentavam as escolas profissionalizantes à noite, até mesmo o casamento entre moradores rurais era realizado na igreja matriz urbana.

A vida citadina, em contrapartida ao declínio campesino, era cercada de atividades. A família botucatuense seguia o regime patriarcal e o homem era comumente o provedor das economias, era ele o responsável também pelas relações comerciais e políticas, participavam das reuniões da câmara e do cumprimento das leis. Os registros fotográficos apontam que as reuniões das sociedades beneficentes eram, majoritariamente, compostas também pela figura masculina. As moças, em Botucatu, tinham o hábito de, desde cedo, dedicar-se a atividades musicais e realizar visitas às demais damas da cidade. Ali protagonizaram tardes de café, com bolos, pães e bolachas fabricados por elas, animados com canções sertanejas que desde cedo aprendiam. As senhoras, de mais idade, dedicavam-se à vida familiar e à educação formal de seus filhos, consagrando seu tempo livre entre orações e peças de tricô e crochê (UNIFAC, 1985).

Ambos, homens e mulheres, encontravam-se nos passeios realizados no Bosque dos Namorados ao lado do largo da Santa Cruz¹⁵, nos coretos da praça XV

¹⁵ Atual Praça Emílio Pedutti ou como coloquialmente é chamada: Praça do Bosque.

de Novembro¹⁶, onde paravam para ouvir os ensaios das bandas, muito frequentado após o período escolar. Aproveitavam as áreas ainda não urbanizadas para realizar convescotes¹⁷, reuniam-se para partilha de refeições e dançar quadrilha. Frequentavam bailes noturnos promovidos pelos clubes da cidade e em comemorações religiosas. Além deles, também era costume da alta classe frequentar os Cineteatros como o Espéria, Santa Cruz, o Casino e o Paratodos¹⁸, este ao longo do século XX foi aos poucos popularizando seu uso.

4.1.2.3 Semiogênese

Devido a sua vasta extensão territorial, o Código de Posturas de Botucatu de 1865 reverberou por diversas cidades que foram se formando ao longo da expansão rumo ao Oeste Paulista. Este tinha por objetivo prever um alinhamento de todas as ruas e a retificação das edificações perante o desenho estabelecido. Além disso, o Código de Posturas direcionou a identidade visual da cidade, estabelecendo uma regulamentação para gabaritos, para maior higiene e para conforto térmico.

Com um traçado bem definido e impulsionado pela expansão da linha férrea, permeando o perímetro urbano de Botucatu, a expansão era eminentemente crescente, principalmente a partir da década de 1920, tal como o declínio da sociedade rural e sua migração para a cidade. As principais motivações tanto do fazendeiro quanto do trabalhador tinham relação com o desapego da figura do caipira, do imaginário criado acerca do morador do ambiente rural. No latifúndio e na cidade, o morador do meio rural é visto como alguém *desprovis*¹⁹. Os filhos dos latifundiários vão estudar na capital, voltam doutores ilustrados, com hábitos refinados e acham ridículo ser como eram. Este é o prenúncio do afastamento da cultura tradicional (SETUBAL, 2004, p. 39). Assim, não será na tradição local que os segmentos em ascensão buscam constituir seus meios materiais de distinção social. Abraça-se,

¹⁶ A Praça XV de Novembro ficava localizada à frente dos grupos escolares, foi desconfigurada para abrigar o antigo prédio dos correios, que atualmente é utilizado pela Prefeitura Municipal de Botucatu.

¹⁷ Na época era o termo da língua portuguesa utilizado para caracterizar uma espécie de piquenique compartilhado entre famílias. Com o tempo, caiu em desuso o termo assim como a prática.

¹⁸ Destes citados apenas o Cine Paratodos ainda possui sua arquitetura conservada, o prédio foi adquirido pela Prefeitura Municipal e abriga hoje o Teatro Municipal de Botucatu.

¹⁹ Palavra em latim que remete ao verbo desprover – privar-se de coisas necessárias. Como necessárias a autora insinua todo modo de vida elitista europeu estava sendo introduzido na cultura local.

portanto, as tradições francesa e inglesa, capazes de marcar distâncias sociais locais (CARVALHO, 2008, p. 133).

As fazendas, quanto mais desenvolvidas, mais necessitavam do suporte da vida urbana. Para isso, em 1928 foi criado o Distrito de Vitoriana do Município de Botucatu, pela Lei nº 2302/1928, com terras doadas pelo maior fazendeiro daquela região: Manoel Ernesto da Conceição. Em 1944, ocorre a alteração pelo Decreto-lei Estadual nº 14334/1944 do nome de Vitória, para Vitoriana, neste ano a população urbana de Botucatu já era superior à rural, enquanto Vitoriana ainda prevalece a preferência pelo campo.

Em 1954, o fechamento da estação ferroviária²⁰ assinala o abandono efetivo das fazendas e progressivamente a economia botucatuense passa a se vincular com as atividades do setor secundário e terciário: Indústria e Comércio.

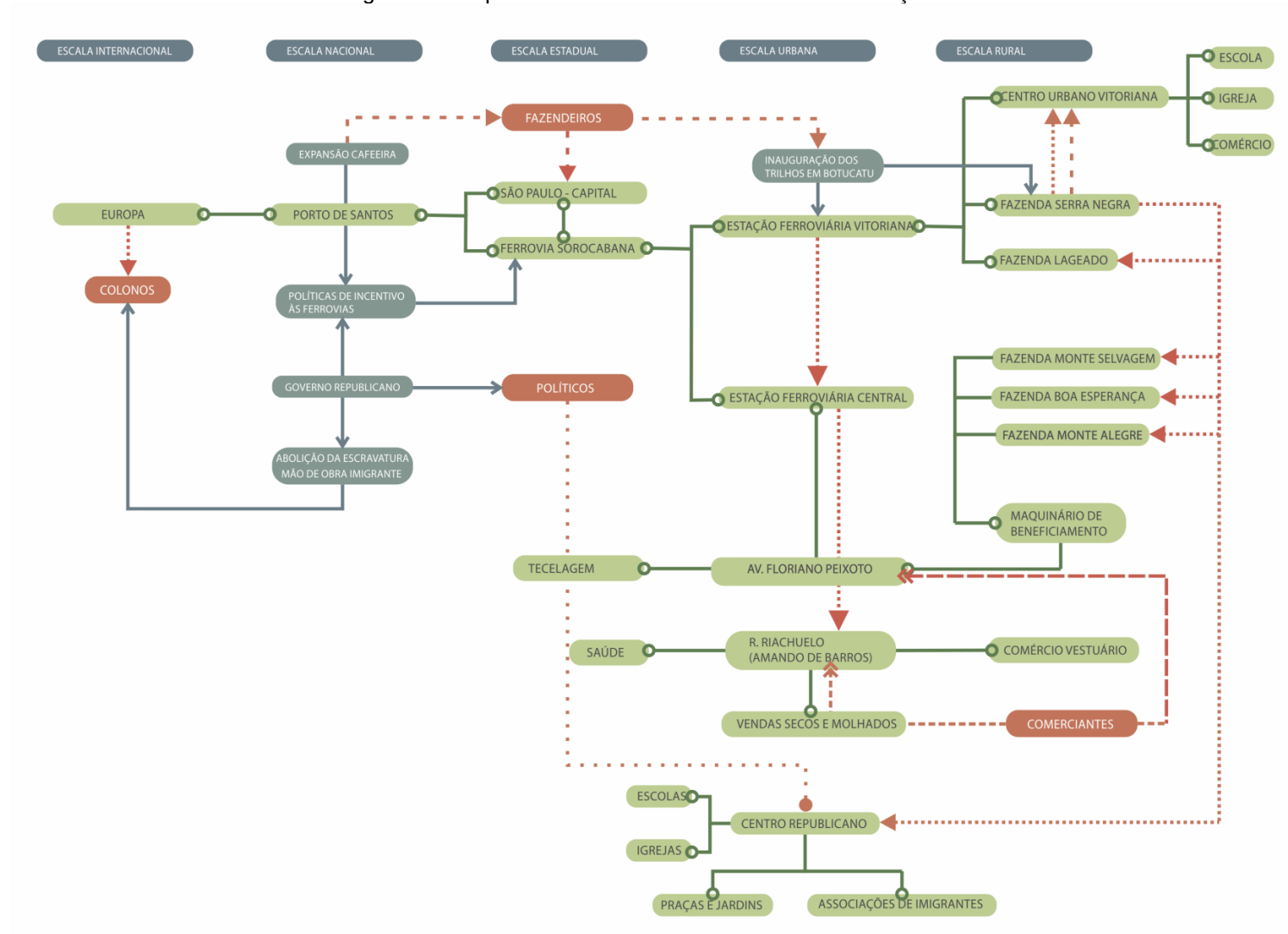
4.1.3 Mapa Heurístico da territorialização

As relações entre os elementos do mapa Heurístico apontam alguns fatores chaves pertencentes à territorialização, como por exemplo:

- O papel da Fazenda Serra Negra, enquanto articuladora da mão de obra imigrante entre a ferrovia e as demais fazendas;
- A conexão da Fazenda Serra Negra e da Fazenda Lageado com a Ferrovia, já que possuem interligação especial para suas propriedades;
- A relação existente entre todas as Fazendas e a R. Riachuelo e o Centro Republicano, para atividades desempenhadas no momento de lazer, comércio e saúde;
- O impacto dos ideais republicanos nas transformações sociais, como as políticas de incentivo às ferrovias, a vinda em massa da imigração e a participação dos fazendeiros em decisões políticas, além da transformação arquitetônica do centro urbano que busca transcender os valores republicanos e em nada rememorar os valores coloniais da Botucatu “boca de sertão”.

²⁰ <http://www.estacoesferroviarias.com.br>

Figura 39: Mapa Heurístico - Contexto na Territorialização



Fonte: Elaborado pela autora

4.2. DESTERRITORIALIZAÇÃO: DECLÍNIO DA PRODUÇÃO CAFEEIRA

A desterritorialização compreende o período após a queda massiva da produção cafeeira e seus impactos no território paulista (macroescala) ou no município de Botucatu (microescala). A análise será dividida em Morfogênese, Sociogênese e Semiogênese.

4.2.1 Macroescala: Agroindústria no Estado de São Paulo

4.2.1.1 Morfogênese

A economia cafeeira foi a principal produção na República Velha brasileira. Apesar disso, a valorização de um único produto promoveu um aumento significativo de sua produção, levando o mercado a sucumbir perante as crises internacionais promovidas pela grande depressão e a Crise da Bolsa de Valores de Nova York em 1929 (ALMEIDA, 2016, p. 581). Ocorre que a cafeicultura cresceu exacerbadamente em relação ao número do produto exportado, que se manteve estável, inclusive com redução dos investimentos externos, reflexo da falência de diversos bancos com a Crise de 1929 (FURTADO, 1980, p. 182).

As relações entre o comércio exterior e a economia cafeeira, de um lado, e a indústria nascente, de outro, implicam, ao mesmo tempo, a unidade e a contradição. A unidade está no fato de que o desenvolvimento capitalista baseado na expansão cafeeira provoca o nascimento e um certo desenvolvimento na indústria; a contradição, nos limites impostos ao desenvolvimento da indústria pela própria posição dominante da economia cafeeira na acumulação de capital (SILVA, 1986, p. 103).

Para proteger o setor, o apoio às atividades cafeeiras passou a ser responsabilidade do Governo Republicano Federal e uma das ações que mais interferiram no destino da economia cafeeira paulista foi a compra do excedente de café, mantendo o valor do produto comercializado no país.

Simultaneamente, ocorre o avanço da industrialização, estimulado pelo governo da Era Vargas (1930 a 1945) e da supremacia nacional, e a economia dá as costas para a produção de bens de consumo do gênero alimentício, passando a investir em bens de consumo duráveis. De país majoritariamente agrário, o Brasil assume uma sociedade urbana e industrial. Com a queda da produção cafeeira, os proprietários se vêem na situação de reduzir a mão de obra e os gastos em suas propriedades. Ademais, a industrialização propiciou a mecanização dos processos agrícolas, reduzindo ainda mais a demanda de trabalhadores manuais no campo.

A paisagem agrícola, paulatinamente, perde a sua pluralidade e torna-se uma monocultura homogênea. Os grandes latifúndios²¹ adquirem as propriedades nas zonas rurais e prevalecem as plantações de laranja, de cana de açúcar e de algodão. Sem os antigos trabalhadores, as estruturas passam a ser abandonadas e descuidadas, dado o isolamento da zona rural em detrimento da zona urbana promovido também pelo fechamento dos ramais ferroviários, após a falência de diversas Companhias Férreas. O transporte da produção agrícola, antes realizado exclusivamente pela ferrovia, ganha um novo concorrente: o modal rodoviário.

O rodoviarismo é a postura política adotada pelo Estado que privilegia a abertura e a ligação de cidades por meio de estradas. No estado de São Paulo, as iniciativas políticas rodoviárias iniciaram-se no mandato de Washington Luís em 1920 como governador. Ele implementou e modernizou estradas no interior do estado, a fim de povoar as terras, e também em direção ao porto de Santos para auxiliar no escoamento da produção cafeeira. Já na escala nacional, foi responsável pela criação de Fundos especiais para construção e conservação de estradas e criou a Polícia Rodoviária Federal. Mas foi na década de 1950, com o governo Kubitschek, que a instalação de indústrias automobilísticas consagraria a soberania do modal rodoviário em relação à ferrovia (RODRIGUES, 2000, p. 33).

As ferrovias colecionavam uma sequência de desastres como atrasos nas linhas e descarrilamentos de vagões, privilegiando ainda mais o transporte rodoviário para a agricultura. As companhias ferroviárias foram sucumbindo à falência e, através de uma iniciativa do governo paulista, uniram-se umas às outras e passaram a ser controladas pela FEPASA (Ferrovia Paulista S/A) em 1971, e, posteriormente, privatizadas em 1996.

Hoje a rede de 5 mil km de ferrovia, concedida à iniciativa privada, não opera nem a metade da carga de 1986, foi interrompida em trechos importantes para o desenvolvimento estadual, atua pouco no transporte para o porto de Santos (das 80 mil toneladas anuais ali operadas, apenas 20% chegam ou saem por ferrovia) fatos que resultam em ineficiências, altos custos e perda de competitividade." (BRANCO, 2008, p. 49)

Com diversos ramais fechados, o patrimônio da extinta rede ferroviária se soma à grande parte das estruturas cafeeiras, que antes utilizavam do trem como meio de comunicação com os centros urbanos. Espalhados e desconexos, os patrimônios industriais paulistas se agarram ao viés histórico, à imponente arquitetura e à memória de antigos trabalhadores para manter-se conservado. Neste cenário, graças às

²¹ Propriedades agrícolas multi familiares, que dão emprego a mais de 21 pessoas (DALL'ACQUA, 1975, p. 30)

exuberantes paisagens rurais, as estruturas cafeeiras vêm assumindo usos contemporâneos, adequando-se a novas culturas agrícolas ou desaparecendo em decorrência do abandono. A seguir, será melhor detalhado o destino dos antigos trabalhadores e as políticas públicas envolvidas com o patrimônio industrial.

4.2.1.2 Sociogênese

Pode-se dizer que a figura do colono imigrante foi indispensável não para a instalação da cultura cafeeira, mas para a manutenção e a expansão das fazendas. O colono, que pode aproveitar as primeiras leva de imigração para o trabalho na cultura cafeeira, acabou experimentando verdadeira ascensão social. Apesar da austeridade de seu empregador, estabelecer-se em um país diverso de sua cultura e de sua origem através do campo, permitiu com que o trabalhador imigrante obtivesse tempo para investir, chegando até mesmo a adquirir suas próprias terras e melhorar suas condições, enquanto em sua terra natal vivia em condições indigentes (HOLLOWAY, 1972, p. 175).

Em 1905 havia 8.412 propriedades rurais no Estado relacionadas como pertencendo a estrangeiros, das quais 7.274 pertencendo a italianos, espanhóis e portugueses, os três principais grupos de imigrantes. Dados sobre os imigrantes que passaram na hospedaria da capital mostram que nos anos de 1904 a 1909 a família média de trabalhadores recém-chegada era de 4,8 pessoas. Se supusermos para propósitos de discussão que as famílias rurais nos três grupos nacionais estavam em torno dessa média, as 7.274 propriedades abrigavam cerca de 35.000 pessoas (HOLLOWAY, 1972, p. 176)

O colono típico da primeira metade do século foi sendo transformado gradativamente num trabalhador assalariado residente. Entretanto, com a queda dos investimentos no café e a mecanização dos processos agrícolas, as leva que chegam a partir da década de 1920 provocam um excedente de mão de obra. Aos poucos, no pós guerra, o a figura do Colono foi desvincilhando-se da terra. Os colonos que chegavam já não possuíam sua pequena parcela de terras para subsistência, tornando sua relação comercial com o proprietário estritamente vinculada a produção do latifúndio. Com o processo de modernização da agricultura, acabaram privados do acesso ao meio de produção fundamental, a terra, e expropriados de seus animais e ferramentas de trabalho (STOLCKE, 1986).

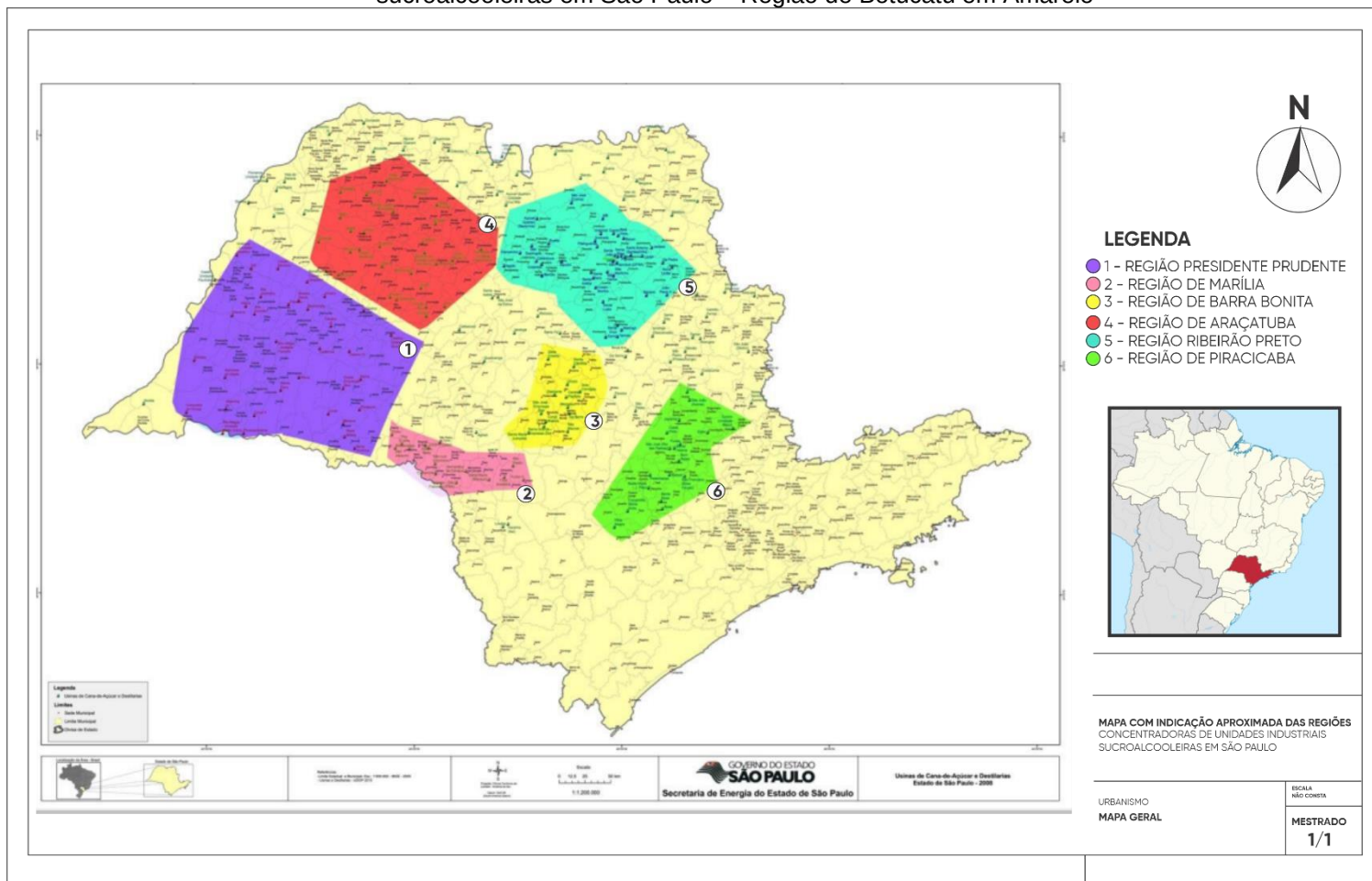
Somado a isso, o sucesso da industrialização cria um mercado de trabalho urbano diversificado, que, a partir da década de 1950, atraiu ainda mais a migração da população rural para a cidade, principalmente no Sudeste, que chega a perder 43,2% de sua população rural na década de 1960 (ALVES, 2011, p. 82). Este fenômeno de um setor agrícola que não absorve seus trabalhadores exerce uma

pressão sobre outros setores do mercado, os quais, estando sobrecarregados, não são capazes de assegurar o equilíbrio entre oferta e procura de emprego, fazendo com que essa população permaneça em uma condição de desamparo econômico (DALL'ACQUA, 1975, p. 28).

Em busca de emprego, essa parcela da população retorna à agroindústria e, na região de Botucatu, destacam-se as indústrias de cana de açúcar e de celulose, que a partir da era nacional-desenvolvimentista (1945 a 1964), se consolidam de maneira institucional e organizada. O perfil da mão de obra sofre transformação, e a imigração para as novas agroindústrias diminui sua proporção em favor dos operários, dos técnicos industriais essenciais para a expansão da indústria (BASSANEZI, 2008, p. 20)

Favorecido pelo crescimento econômico derivado do café, o Estado de São Paulo se consolida como protagonista na agroindústria sucroalcooleira nacional, se beneficiando de políticas governamentais da era nacional-desenvolvimentista, passando pela era do Proálcool, quando se forma um novo grupo social: os usineiros (PELEGRIN, 2016, p. 32). Movidos por capital nacional e internacional, os proprietários de usina dominam boa parte da paisagem rural da região de Botucatu, como é possível compreender na figura 38. Empresas como Raízen, Usina da Barra, Usina São Manoel, Usina São José, Usina Quatá e Usina Barra Grande são exemplos de atores sociais da paisagem atual da zona rural. Além da cana de açúcar, outro produto muito explorado na região é a celulose, sendo exemplo empresas como Duratex, Eucatex, Bracell e Suzano. Sendo assim, a paisagem recebe diversas fazendas arrendadas para a plantação de eucalipto na região.

Figura 40: Mapa com indicação aproximada das regiões concentradoras de unidades industriais sucroalcooleiras em São Paulo – Região de Botucatu em Amarelo



Fonte: PELEGRIN, 2016, p. 92 – organizado pela autora

Com o avanço da tecnologia da produção, além do êxodo rural, as formas tradicionais de articulação da produção também se tornam ameaçadas de extinção. Somado a isso, a sociedade passa a descobrir o valor estratégico de manutenção da paisagem rural. Este contexto tem propiciado a revalorização do modo de vida e o surgimento de novas funções econômicas, sociais e ambientais para o espaço rural, permitindo ao agricultor novas maneiras de garantir sua permanência no campo (BRASIL, 2010). Na União Europeia, a criação de um programa de desenvolvimento rural em 1991 fez com que outras atividades, não agrícolas, revitalizassem os territórios rurais (BRASIL, 2010, p. 13).

Muitos moradores urbanos viajam com o intuito de reencontrar suas raízes, interagir com a comunidade local, participar de suas festas tradicionais, desfrutar da hospitalidade e do aconchego nas propriedades, conhecer o patrimônio histórico e natural no meio rural, conviver com os modos de vida, tradições, costumes e com as formas de produção das populações do interior, vivenciar novas experiências, buscar novos conhecimentos, saberes, descansar física e mentalmente, fugir da rotina da vida urbana e adquirir produtos típicos [...] (BRASIL, 2010, p. 14)

Uma das atividades alternativas para o patrimônio industrial localizado no meio rural é o Turismo Rural. De acordo com o Ministério do Turismo Brasileiro (BRASIL, 2010, p. 17): “Turismo Rural é o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade”. Sabe-se que o Turismo por si só pode ter caráter exploratório e não colaborar para a salvaguarda do patrimônio, entretanto, uma das principais vertentes do Turismo Rural é justamente manter-se na pequena escala, permitir atendimento personalizado e causar o menor impacto possível ao meio (BRASIL, 2010, p. 23). Pode-se dizer então que, além dos saudosos trabalhadores e seus respectivos familiares, dos atuais trabalhadores dos grandes latifúndios, um perfil que atua sob o território da agroindústria é o perfil turista, o perfil consumidor. De acordo com o Ministério do Turismo (BRASIL, 2010, p. 28), o perfil social desse consumidor corresponde a:

- Jovens adultos: possuem entre 20 e 55 anos
- Frequentam esses espaços acompanhados, deslocam-se de grandes centros urbanos e permanecem no lugar por uma curta duração
- São apreciadores de culinária típica, valorizam produtos autênticos e artesanais e os consomem.

Os fatores físicos e sociais que levaram ao cenário atual da relação patrimonial do campo com a cidade são reflexos evidentes de políticas públicas adotadas ao longo dos anos, mas também são nutridos por uma cultura de afastamento entre rural e urbano e que hoje em dia, vem sendo retomado.

4.2.1.3 Semiogênese

Ao longo dos anos, no estado de São Paulo, a vida na cidade afastou-se dos costumes, das tradições e da paisagem rural. Após a industrialização, a vida urbana tornou-se tão singular que todas as relações de trabalho, o comércio, o lazer e a moradia passaram a se desenvolver na cidade. Atualmente, o campo também é um lugar de trabalho por conta dos latifúndios.

O resultado é a incrível redução da importância do campo para o desenvolvimento econômico regional. Mesmo a partir dos anos 80, com a grande expansão dos eucaliptais e canaviais e, posteriormente, com a grande expansão dos cítricos, essas lavouras são mantidas por poucas pessoas, operando cada vez mais máquinas complexas. É na industrialização desses produtos agrícolas que se dá a

geração de empregos, de forma que grandes extensões de eucalipto, cana ou citros não geram cidades ou crescimento de núcleos próximos, mas sim as fábricas de chapa, as usinas de açúcar e de álcool e as fábricas de suco. Contribuiu muito para isso, também, a urbanização do próprio trabalhador rural, sendo mais intensa após 1964. O surgimento da figura do bóia-fria, o trabalhador do campo que vive na cidade, intensificou o deslocamento entre a riqueza do campo e o progresso dos núcleos urbanos adjacentes.

A urbanização das cidades passou a ser redigida não mais por arruadores e Códigos de Posturas, mas, a partir de 1930 e do Plano Agache, os Planos Diretores e Código de obras passam a conduzir e orientar a ocupação do solo urbano, tendo como base, ao mesmo tempo, os interesses sanitários europeus e o interesse coletivo dos moradores de uma cidade, preservando seus aspectos econômicos, físicos e sociais.

Atualmente, a Constituição Federal (BRASIL, 1988) prevê que todas as cidades com mais de 20.000 habitantes (art. 182, §1º) tenham a obrigatoriedade de um Plano Diretor, a fim de fazer cumprir a função social da propriedade: fornecer às pessoas moradia, trabalho, saúde, educação, cultura, lazer, transporte etc. Mas o espaço da cidade é parcelado, sendo objeto de apropriação, tanto privada (terrenos e edificações) quanto estatal (ruas, praças, equipamentos, etc.). Dessa forma, seu objetivo geral é promover a ordenação dos espaços habitáveis do Município e estabelecer uma estratégia de mudança no sentido de obter melhoria de qualidade de vida da comunidade local, viabilizando o pleno desenvolvimento das funções sociais do todo (a cidade) e das partes (cada propriedade em particular) (SUNDFELD, 2001).

No estado de São Paulo, devido a sua consolidação urbana, os planos diretores são fundamentais para que a população possa criar seus imaginários e expectativas. Por exemplo, ter uma lei com o nome do seu bairro, com promessas políticas de melhorias e intervenções, é ter uma ferramenta para cobrar o poder público que execute as propostas, é destinar investimentos particulares, onde a própria prefeitura também pretende investir. Quando a legislação municipal não contempla as necessidades legislativas da população, cumpre-se a instância estadual dos decretos promulgados. Por exemplo, em Botucatu, o Conselho Patrimonial não tem forte atuação no município, o que fez com que a própria população, voluntariamente direcionasse seus esforços para proteção e tombamento de edificações históricas por

meio do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico – CONDEPHAAT.

Instaurado pela Lei Estadual nº 10.247/1968, o CONDEPHAAT é um órgão subordinado à Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. Tem a função de pesquisar, identificar, proteger, valorizar e divulgar o patrimônio cultural no Estado de São Paulo, a fim de permitir que um conjunto de bens continue fazendo parte da vida das pessoas. Esses bens podem ser: móveis, imóveis, edificações, monumentos, bairros, núcleos históricos, áreas naturais, bens imateriais, dentre outros²².

Uma das principais ações de salvaguarda patrimonial realizadas pelo CONDEPHAAT compreende o tombamento. Este, é um ato administrativo realizado pelo poder público, que visa o impedimento da destruição ou descaracterização de um bem, a fim de preservar para a população bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e até afetivo. Qualquer pessoa física ou jurídica pode pedir a abertura de estudo de tombamento de um bem.

A partir do tombamento, toda área em volta do bem tombado está sujeita a restrições de ocupação e intervenção. Até 2003, o raio mínimo de atuação da área envoltória era de 300 metros, e após Decreto Estadual nº 48.137, cada caso regulamenta sua respectiva área de proteção. Os bens tombados são inclusos nos livros do tombo que se subdividem em: Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, Tombo das Artes, Tombo Histórico e Tombo Paisagístico. Caso as normas de tombamento sejam desobedecidas, a Lei Estadual nº10774/2001 prevê aplicação de multas conforme gravidade da infração.

O tombamento, ao contrário do que muitos acreditam, não prevê o abandono e inutilização das estruturas, ao contrário, acredita-se que a divulgação, visibilidade e o uso consciente são grandes responsáveis pela manutenção e salvaguarda dos bens. Além disso, edifícios e sítios históricos podem contribuir para a promoção de um turismo interno ou, por muitas vezes, regional ao município conformando-se como uma das fontes de arrecadação e investimentos econômicos do estado.

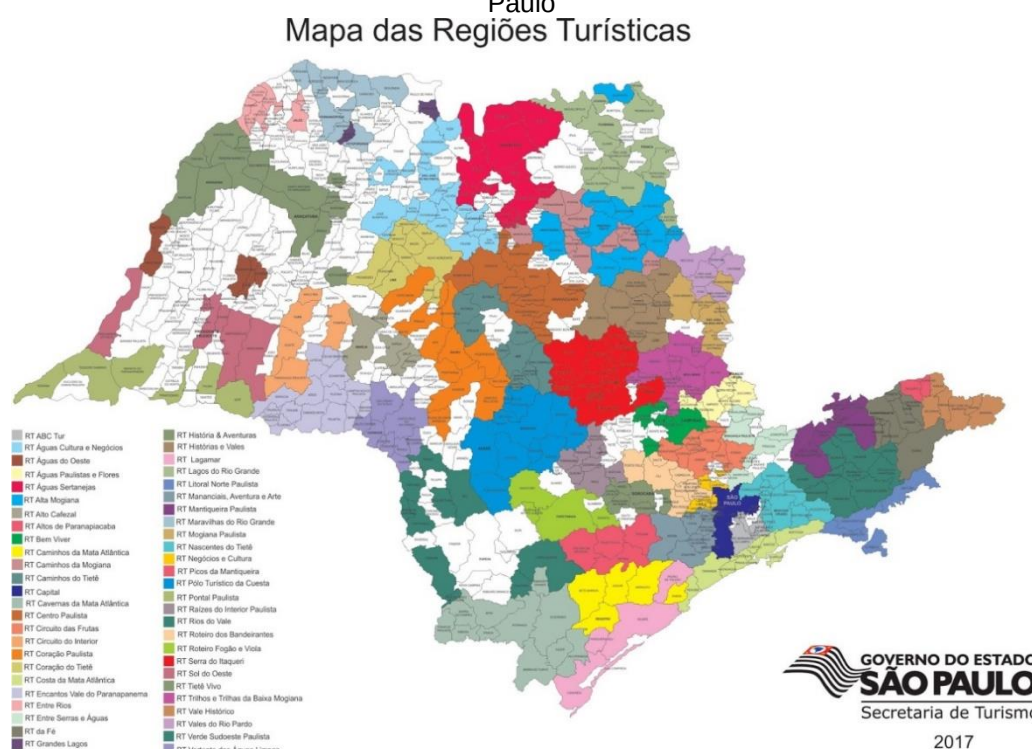
O governo federal desde 2004 vem investindo na Regionalização como ferramenta turística, a fim de promover um planejamento descentralizado e compartilhado entre as cidades vizinhas, assim muitos municípios de uma mesma região conseguem se beneficiar das atividades turísticas (BRASIL, 2004).

²² <http://condephaat.sp.gov.br/>

A regionalização do turismo representa uma nova concepção de relacionamento entre as diversas esferas do poder público e da sociedade civil, pois exige um esforço no sentido de construir coletivamente este novo modelo de gestão. O trabalho envolve negociações permanentes entre as instâncias envolvidas, articulação de acordos diversos e planejamento das ações de forma participativa, visando à integração entre municípios, estados e países. (Brasil, 2004, p. 11)

A mesma divisão é realizada em São Paulo por meio de “Macro Regiões Turísticas” e “Regiões Turísticas”, esta divisão foi estabelecida por dirigentes municipais e levou em consideração a proximidade geográfica e a ligação entre os “produtos turísticos”, a ideia é promover a soma, ao invés da competição. Somam-se ao todo 15 Macro Regiões que abarcam 34 Regiões Turísticas (SÃO PAULO, 2015). Dentre elas, podemos citar o consórcio municipal criado entre as cidades do Pólo Cuesta, em destaque no mapa abaixo, o qual pertence o município de Botucatu, bem como Anhembi, Areiópolis, Avaré, Bofete, Itatinga, Paranapanema, Pardinho, Pratânia e São Manoel.

Figura 41: Mapa das Regiões Turísticas estabelecidas pela Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo



Fonte: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/> - Acesso em 02/04/2021

Outrora a geografia uniu todas essas cidades como uma única Vila de Botucatu, promovendo uma linguagem urbana semelhante, que se repete em reflexo aos ciclos rurais vivenciados em cada uma delas. Hoje as reúne por conta das belas paisagens proporcionadas pela formação da Cuesta e do Aquífero Guarani, atraindo moradores

dos grandes Centros Urbanos como um refúgio da caótica paisagem da metrópole. A seguir, vamos conseguir contemplar como essa regionalização foi desfeita com o fim do ciclo cafeeiro, e novamente pode rever essa união por meio do turismo.

4.2.2 Microescala – A Agroindústria De Botucatu

4.2.2.1 Morfogênese

De acordo com Piza (2015, p. 330): “entre 1918 e 1929, gradativamente cessam os investimentos em cafezais, na região da serra de Botucatu”, em detrimento dos cafezais que explodem a Noroeste e misturam-se à cultura de algodão. O ano de 1918 é marcado por uma forte geada que abalou a produção e reduziu o número de investidores na cidade, mas foi a quebra da Bolsa, em 1929, que provocou uma desonra de compromissos entre fazendeiros e colonos, colonos e prestadores de serviço e prestadores de serviço com seus respectivos fornecedores (FIGUEIROA, 2016, p. 74-75). Até então, todas as organizações urbanas de Botucatu se estruturavam como locais de prestação de serviços e de fornecimento de gêneros para a população rural circundante, fazendo com que a cidade se alimentasse da riqueza do campo (PIZA, 2015, p. 331). Assim sendo, com a queda do café, aos poucos as estruturas são abandonadas e as famílias se mudam para outras regiões, enquanto os armazéns fecham as suas portas, pressionados pela falta de movimento. Até mesmo as poucas indústrias sofreram o baque da década de 1930, buscando a reinvenção, como foi o caso das metalúrgicas Blasi e Milanesi e as dedicadas a gêneros alimentícios Bacchi e Lunardi.

Neste cenário, as indústrias souberam lidar melhor com a crise e, por meio da reinvenção, conseguiram se desenvolver, levando a um público de 1500 pessoas dependentes da indústria neste período. Enquanto o café perdia seu lugar na economia, a ferrovia comportava-se como seio da vida urbana e, após a inauguração das oficinas em 1928, passou a ter 500 funcionários. Esses números somados atraíram para a cidade a população rural, que decide empreender na cidade.

Apesar da grande queda, Botucatu ainda conta com uma grande produção cafeeira em seu centenário (1955), correspondendo a 69,61% da produção da cidade (DONATO, 2008, p. 855). Grande exemplo da potência que representou o café para Botucatu, a Fazenda Lageado foi transformada na primeira Estação Experimental do Café no Brasil (DONATO, 2008, p. 617). No campo, o café, enquanto a indústria operava em 137 estabelecimentos e 519 pontos comerciais no centro urbano, foi crescendo cada vez mais em detrimento do espaço rural (DONATO, 2008, p. 856).

Atualmente, Botucatu, que se interligava às fazendas por diversos ramais da estrada de Ferro Sorocabana, hoje também sofre as consequências da rodoviarização com a abertura de variantes trechos entre Juquiratiba e Vitoriana. Os ramais foram suprimidos em 1952 e, em 1954, a ligação entre Vitoriana e Botucatu também é desfeita após o fechamento da navegação fluvial. Hoje, a principal forma de acesso ao município e de escoamento da produção agrícola acontece por meio das Rodovias, sobretudo após a construção da Rodovia Castelo Branco (SP 374), a qual dá acesso à Rodovia Prof. João Hipólito Martins (SP 209), e a Marechal Rondon (SP 300) juntamente à Rodovia Gastão dal Farra, assim como a Estrada Municipal Alcides Soares. Hoje, mantém-se apenas o antigo ramal tronco da Sorocabana, que liga Botucatu às cidades de Mairinque e de Presidente Epitácio.

O Eixo da rua comercial, onde se desenvolveu a gênese da cidade, a antiga Riachuelo e atual Amando de Barros, ainda se mantém com a concentração de edifícios voltados para serviço e comércio. As principais atividades da cidade, como educação, lazer e saúde concentram-se nas vias consolidadas após a instalação da ferrovia, como a Av. Sant'Anna, a Av. Floriano Peixoto e a Av. Major Matheus. O crescimento urbano de Botucatu também tem se expandido graças à implantação de bairros periféricos, por meio da instalação de habitações de interesse social vinculados ao programa "Minha Casa Minha Vida" desde 2014, o que caracteriza sua área de 1 482,874 km² de extensão.

As antigas fazendas de criação ou de cultivo do café (Serra Negra, Lageado, Monte Alegre, Monte Selvagem e Boa Esperança) ficaram em sua maioria isoladas do núcleo urbano, com exceção da fazenda Lageado, que a malha urbana já engloba. Em contrapartida, a arquitetura correspondente ao período do café manteve-se preservada, sobretudo no núcleo formado pelas edificações construídas no final do século XIX nas Av. Santana, Rua General Telles e Rua Dr. Costa Leite. A técnica tijoleira e as fachadas adornadas predominam na paisagem dessas ruas, mas a maior parte das tipologias recebeu novos usos e adaptou sua arquitetura interna à demanda dos novos usuários. A conservação dessas edificações é capaz de ilustrar quão significativa foi o período do café e a atuação das famílias de imigrantes e tropeiros que construíram a história da cidade. Algumas edificações foram tombadas pelo CONDEPHAAT, como por exemplo: A fazenda Lageado, a estação ferroviária, a Pinacoteca (antigo Fórum), a Escola Estadual Cardoso de Almeida e o Colégio Cardosinho e serão melhor detalhadas no item 4.1.2.3.

Arquitetura do Café nos dias de hoje

Fazenda Serra Negra

Com a morte do Conde e a divisão de terras entre os 9 herdeiros após a queda do café, a fazenda também precisou se reinventar e, tal qual a indústria no centro urbano de Botucatu, optou por mudar seu produto, trocando o café pela cana de açúcar. Em 1990, as terras foram compradas por uma grande empresa sucroalcooleira, que adquiriu esta e diversas propriedades ao redor, fazendo com que a vista da edificação histórica hoje ficasse parcialmente coberta pela plantação açucareira em massa. Quando a plantação ainda não apresenta relativo crescimento ao longo do ano, é possível notar o imponente casarão na paisagem, o que chama atenção de apreciadores da história do café e da fotografia, além de antigos moradores que ainda visitam o local.

Pela falta de manutenção, algumas edificações acabaram ruindo e devido ao alto grau de degradação foram demolidas. Resta hoje na paisagem: a casa-sede, a tulha e o estábulo. Parte do cenário natural também permanece, apesar de descaracterizado, sobretudo o largo e o jardim. A situação atual deste exemplar será melhor detalhada no capítulo 5.

Fazenda Lageado

Sem significativas alterações, o Instituto Brasileiro do Café adquire suas terras em 1934 dando início a um grande laboratório agrícola governamental. Na década de 1970, o local foi cedido à UNESP, que instalou a Faculdade de Ciências Agrônômicas e a Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Campus de Botucatu. Em 2013, a estrutura da Fazenda foi Tombada pelo CONDEPHAAT (Resolução 42 de 04/07/2013, número do processo 59527/09) e sua casa sede reabilitada para subsidiar um Museu Pedagógico sobre a cafeicultura.

A Lageado é uma fazenda com características nitidamente urbanas, explicitadas por seu uso universitário, pelo projeto urbanístico e pela tipologia das novas construções para suporte dessas atividades, além da sua localização territorial que hoje já absorveu a expansão urbana de Botucatu (MICHELIN, 2004). Por essas características, o fluxo turístico na Lageado é superior às demais unidades, aparecendo com 7 mil visitantes para o museu do café (BOTUCATU, 2018). Vale acrescentar que este exemplar também é o mais utilizado pela população como recinto recreativo: piqueniques, trilhas, caminhadas e esportes são realizados tanto no período diurno quanto noturno na fazenda, recebendo bastante atenção às suas estruturas patrimoniais.

Fazenda Monte Alegre

Em 1964, a propriedade foi vendida para o governo da Bélgica, fato que além de acrescentar arquitetonicamente à implantação, representou efetivo impacto cultural sobre a cidade: a fazenda foi o destino brasileiro escolhido para acolher cerca de 400 belgas, desabrigados após a independência da República Democrática do Congo.

A casa passou por reformas para adaptar-se à função de escola e de centro médico e administrativo. Foram construídas moradias de tábua para os imigrantes Belgas, usina de ração, laticínio, escola, igreja, silos, usina de arroz e transformadores de eletricidade e, posteriormente, uma fábrica de cerveja²³. A igreja (Figura 42), de arquitetura típica não nega as raízes de seu projetista: Sr. Hoppenbrouwers. Esta possui uma fachada triangular devida à cobertura em duas águas de inclinação exacerbada. A entrada é marcada por um arco pleno e por janelas adjacentes de semelhante característica. Dedicada a Santo Agostinho, a igreja permanece celebrando missas e recebendo fiéis com comemorações a seu padroeiro e atraídos por suas peculiares características.

Figura 42: Capela Santo Agostinho



ão arquitetônico a marcar a presença dos belgas em Botucatu. A Igreja
a Monte Alegre é vivo exemplo.

La petite église qui est l'orgueil architectural de
de la colonie.

Fonte: <http://www.belgianclub.com.br/> - Acesso em 01/02/2021

Em 2018, através de um convênio com o governo estadual e a Fazenda da Esperança, unidade filantrópica relacionada à Igreja Católica, foi aprovado um projeto para instalação de uma unidade de recuperação para dependentes químicos e etílicos. As obras ainda estão em andamento, porém pode-se assumir que a forte espiritualidade relacionada ao projeto promove certo fluxo de turistas religiosos.

Fazenda Monte Selvagem

A Fazenda Monte Selvagem foi uma das poucas propriedades a manter sua lavoura cafeeira ativa, mesmo após a queda da produção no município. Sua alta produção também era responsável por um vasto número de famílias imigrantes que residiam e trabalhavam na fazenda, vide a figura 43.

²³ Fonte: <http://www.belgianclub.com.br/pt-br/imigra%C3%A7%C3%A3o-dos-belgas-para-botucatu-sp> - Acesso em 01/02/2021

Figura 43: Fazenda Monte Selvagem - Comemoração de Imigrantes sobre o dia da Itália 1940



Fonte: Acervo Museu Histórico Pedagógico de Botucatu

Apesar disso, o seu estágio de degradação é crítico, apresentando um dos piores estados de conservação do conjunto, como pode ser observado na figura 44. Alguns edifícios foram destruídos ou substituídos por estruturas simples, que não destoam da simplicidade das estruturas. A casa-sede é o edifício que ainda chama mais atenção na paisagem, mas também está em processo de degradação. A cobertura apresenta falhas nas telhas e na estrutura, permitindo ação de intempéries no interior da residência. As paredes da fachada apontam patologias, falhas nos revestimentos, trincas, presença de infiltrações e de janelas com substituições.

Figura 44: Estado de conservação da Casa-Sede - Fazenda Monte Selvagem



Fonte: Acervo Pessoal

Atualmente, as terras cultiváveis da fazenda foram arrendadas para uma grande empresa de celulose da região e não possui manutenção de suas estruturas. Os principais frequentadores deste sítio histórico são os antigos moradores e os adeptos ao Ecoturismo, isto porque a Fazenda Monte Selvagem encontra-se no caminho da trilha que liga a cidade à Cachoeira Indiana e ao Vale do Aracatu.

Fazenda Boa Esperança

De acordo com Piza (2015, p. 254), a Fazenda Boa Esperança permaneceu em funcionamento e sob a propriedade da família Aranha até a década de 1970, vendendo-a para Amaral Amando de Barros. Até 2015, data de publicação do trabalho de João Fernando Piza, a propriedade ainda permanecia em funcionamento como produtora de café e pertencia à família Amando de Barros. Por essa razão, além do bom estado de conservação da Casa-Sede, a propriedade ainda compreende conservada toda a infraestrutura agroindustrial: lavadores, terreiros pavimentados, canaletas de transporte do grão, ligação para a casa de máquinas, tulha; sendo um ótimo exemplar para aprofundar os estudos acerca da linha de produção e do beneficiamento do café.

Figura 45: Núcleo Industrial Fazenda Boa Esperança



Fonte: BENINCASA, 2007, p. 474

Além da manutenção de seu uso, assim como a Fazenda Monte Selvagem, a Boa Esperança fica localizada no percurso ecoturístico para a Cachoeira Boa Esperança, além de sua proximidade com a cuesta que promove vislumbres paisagísticos a todos os turistas que a frequentam.

Pode-se dizer que os exemplares selecionados são capazes de nos traduzir os diversos fins que o patrimônio industrial botucatuense obteve após a queda da

economia cafeeira no município. A manutenção da produção cafeeira, como na Fazenda Boa Esperança; a reestruturação da fazenda para cultivo de Cana de Açúcar, Eucalipto, entre outros produtos agrícolas, como na Serra Negra, Monte Selvagem e Monte Alegre, respectivamente; e a urbanização das estruturas como visto na Lageado. Além do mais, pode-se constatar o abandono e demolição das estruturas pertencentes aos trabalhadores, como armazém, capela, e as próprias residências (Casa dos Colonos), assim como a conservação da Casa-Sede em todos os exemplares, apesar da subutilização ou abandono das mesmas.

Como observado na morfogênese, a paisagem da cidade (urbana e rural) é volátil e sofre constantes mudanças. Se considerarmos como a paisagem da cidade (urbana e rural) foi alterada nesse arco temporal do café até os dias de hoje, chega a ser curioso o fato de tantas edificações cafeeiras, embora algumas degradadas, tenham se mantido conservadas tal qual sua versão original até hoje. A seguir, buscaremos entender qual o papel dos atores sociais e de seus respectivos simbolismos para a salvaguarda deste patrimônio industrial.

4.2.2.2 Sociogênese

A quebra da Bolsa de Valores em 1929 tem forte impacto na desvalorização econômica nacional e regional, fazendo com que as plantações de café cessem, os salários atrasam e até mesmo a economia urbana fica estagnada em Botucatu, promovendo a falência de grandes fazendas (BOTUCATU, 2010, p. 6). Um reflexo dessa cadência, assim como em outras cidades paulistas, é o êxodo rural, observando uma migração majoritária da população para a zona urbana de Botucatu, bem como uma drástica redução no crescimento populacional com um crescimento de apenas 7 mil habitantes em 30 anos de história (33.405 mil habitantes em 1920 para 41.868 mil habitantes em 1950) (FIGUEIROA, 2016, p. 79). Uma nova classe social surge os safristas boias-frias, que trabalham no campo, mas tem sua vida na cidade. Em Vitoriana (Distrito Municipal de Botucatu), a agroindústria, somada ao aumento de safristas, foi responsável por transformar a paisagem rural e compor a primeira favela do distrito, a vila de Vitoriana.

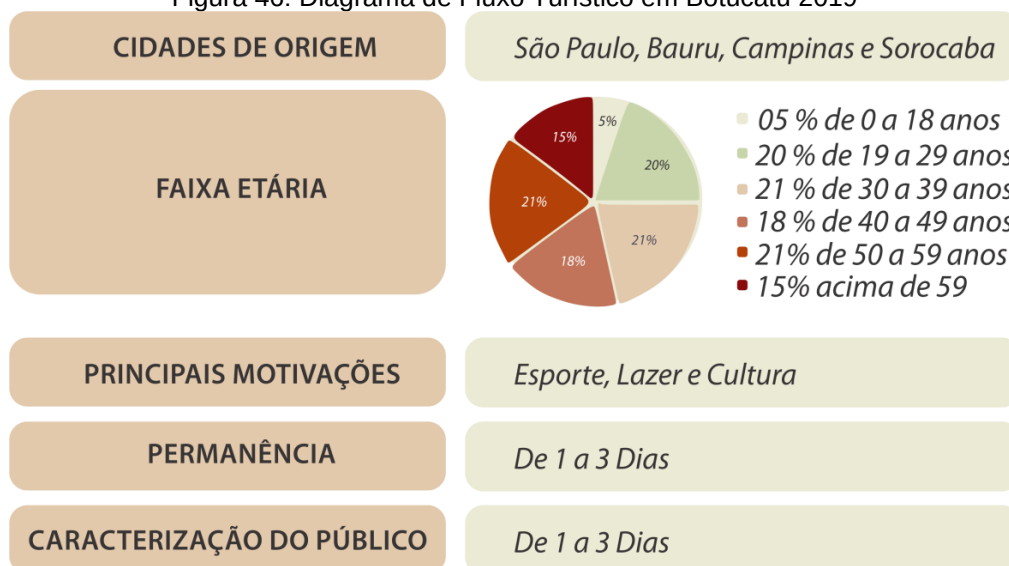
De acordo com o IBGE (2020), atualmente, a proporção é de 122.678 habitantes em situação domiciliar urbana, enquanto são 4.650 em situação domiciliar rural. Dados ainda apontam que a população estimada de Botucatu é de 148. 130 pessoas e o índice de desenvolvimento humano (IDH) um dos maiores do estado:

0,8²⁴. As atividades agrícolas que hoje preenchem o espaço rural são ligadas à plantação de cítricos, de cana de açúcar e ao arrendamento de terras para a indústria florestal, correspondendo a 1,06% da economia estadual e a 8,43% da economia municipal. Além das 230²⁵ indústrias, a taxa de escolarização do município é de 97,8% e possui tradição nos Campi instalados da Universidade Estadual Paulista (UNESP), referência nas áreas de Biomédicas, Veterinária, Zootécnica e Agrárias.

No setor rural, após a queda do café, as principais atividades agrícolas estão relacionadas a plantação de Braquiárias, Cana de Açúcar e Eucalipto (LUPA; CATI/SAA 2008). A ocupação do solo, entretanto, é predominantemente utilizada para pastagens, seguidas da vegetação natural e das culturas agrícolas temporárias. É justamente essa abundância de paisagens naturais que, somadas às condições geográficas, favorecem o ecoturismo.

Em 2019, foi publicada no Diário Oficial da União a aprovação do projeto de Lei 57/2018 que torna Botucatu reconhecida como Município de Interesse Turístico (MIT). Buscou-se elaborar diversos atrativos turísticos para a cidade, reconhecendo neste segmento uma nova vertente de sua economia. Um dos pontos apresentados no Plano Diretor reitera o perfil social do público turístico que frequenta o município: público majoritariamente jovem (19 a 39 anos), vindo de grandes centros urbanos e que está vinculado a áreas afastadas do centro urbano e com abundantes paisagens naturais, conforme resumo apresentado no diagrama 46.

Figura 46: Diagrama de Fluxo Turístico em Botucatu 2019



Legenda: Botucatu, 2019 – Organizado pela autora

²⁴ De acordo com último levantamento realizado no ano de 2010, disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/botucatu.html>. Acessado em: 24/09/2020.

²⁵ BOTUCATU, 2017, p. 6

O quadro 7 apresenta o fluxo de visitantes de acordo com o segmento turístico no Município de Botucatu. Fica evidente que a preferência turística tem relação com as paisagens naturais da cidade, como é o caso da Fazenda Demétria (30 mil visitantes/ano) e da Cachoeira Véu da Noiva (24 mil visitantes/ano). Ainda nesta figura vale destacar o Museu do Café na Fazenda Lageado e o chamado Centro Histórico que fazem parte da microescala de análise deste trabalho e que também chamam atenção dos turistas, somando 12 mil visitantes/ano.

Quadro 7: Atrativos turísticos e visitas estimadas no Município de Botucatu

Nome do Atrativo	Segmento Turístico	Visitas estimadas/ano
Fazenda Demétria	Rural / Estudos	30.000
Rio Bonito	Sol e Praia	26.000
Véu da Noiva	Ecoturismo	24.000
Estância Jacutinga	Rural	8.500
Pedra do Índio	Ecoturismo	7.300
Vale da Indiana	Ecoturismo	7.200
Base da Nuvem (festival de Vôo Livre)	Aventura	7.150
Museu do café (fazenda Lageado)	Cultural	7.000
Centro Histórico	Cultural	5.000
Hospital das Clínicas	Saúde	4.000

Legenda: Botucatu, 2019 – Organizado pela autora

Com os investimentos constantes em paisagens naturais, vale reconhecer as expectativas da administração pública com relação ao patrimônio histórico e com a zona rural do município que são o objeto de estudo (texto) deste trabalho.

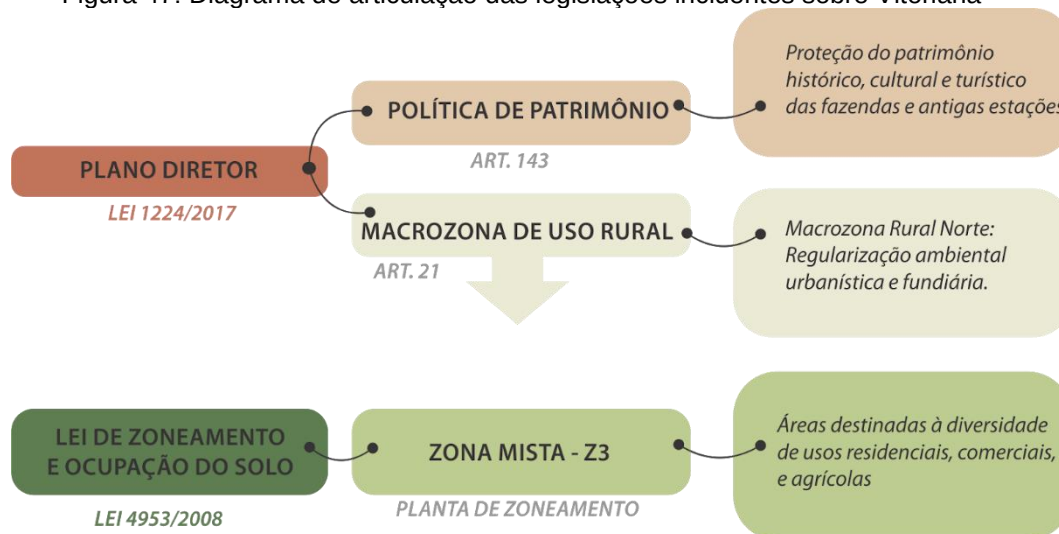
4.2.2.3 Semiogênese

O principal plano urbano que respalda a administração pública e que conduz o desenvolvimento da trajetória de Botucatu é o Plano Diretor Municipal, a fim de assegurar o bem estar de seus habitantes e fazer com que a propriedade cumpra o seu papel social. A Lei Complementar nº 1224/2017 dispõe sobre o Plano Diretor participativo do município de Botucatu e é complementada pela legislação municipal sobre planejamento urbano e rural, como por exemplo as leis de: Parcelamento do Solo, o Zoneamento e a ocupação do Solo, e os instrumentos de política urbana.

O Plano Diretor de Botucatu regulamenta a compatibilidade do uso de uma propriedade com serviços de: infraestrutura, transporte, equipamentos, bem com a preservação da qualidade dos ambientes urbano e rural e o equilíbrio na ocupação do solo, com acesso universal à toda a população (BOTUCATU, 2017). Dada as suas especificações e as divisões amplas por todo município, retoma-se o foco de análise

voltado para o estudo de caso, incidem sobre o patrimônio industrial de Botucatu às seguintes zonas legais, conforme figura 47:

Figura 47: Diagrama de articulação das legislações incidentes sobre Vitoriana



Fonte: Elaborado pela autora

Política do Patrimônio Material e Imaterial

A “Política de Patrimônio” consiste em proteger o patrimônio histórico, geológico, cultural e turístico do Município, as formas de expressão, os modos de viver de seu povo, as criações científicas e técnicas, os esclareça objetos e documentos, as edificações e outros espaços de valor histórico, paisagístico, entre outros (BOTUCATU, 2017). Sobre as fazendas cafeeiras, leva-se em consideração as seguintes diretrizes:

XI - Proteger o patrimônio histórico, cultural e turístico das fazendas cafeeiras no município (Fazenda Conde de Serra Negra, Fazenda Monte Alegre, Fazenda São José do Monte Selvagem, Fazenda Santa Maria do Araquá, Fazenda São João do Morro Vermelho, Fazenda Morrinhos e Usina Indiana, bem como, outras fazendas, ou fragmentos históricos relevantes a serem identificados e protegidos), identificando o núcleo das áreas históricas, onde concentram as relevantes construções e equipamentos do período cafeeiro, como a sede da fazenda, a casas da colônia, o terreiro de café, tulhas, armazéns, paióis, estábulos, aquedutos, capelas, jardins, pomares, lavoura, e todo e qualquer elemento histórico relevante (BOTUCATU, 201)

Como abordado na morfogênese, a linha férrea tem papel considerável na história de Botucatu e, dessa forma, também é considerado como parte fundamental do patrimônio histórico, cultural e industrial. Desde as antigas estações ferroviárias (Central, Rubião Júnior, Vitoriana) do município, a Estrada de Ferro Sorocabana e Ytuana, e demais elementos estruturais, como as plataformas, casas ferroviárias, armazéns, pátios, caixas d’água, bicas d’água, aquedutos, túneis, pontes, pontilhões, passagens e galerias pluviais, ou qualquer fragmento histórico relevante (BOTUCATU, 2017). O que encaixa também a ferrovia como parte do patrimônio

industrial de Botucatu, condizendo com a descrição do patrimônio industrial proposta pela Carta de Nizhny (TICCHIH, 2003)²⁶.

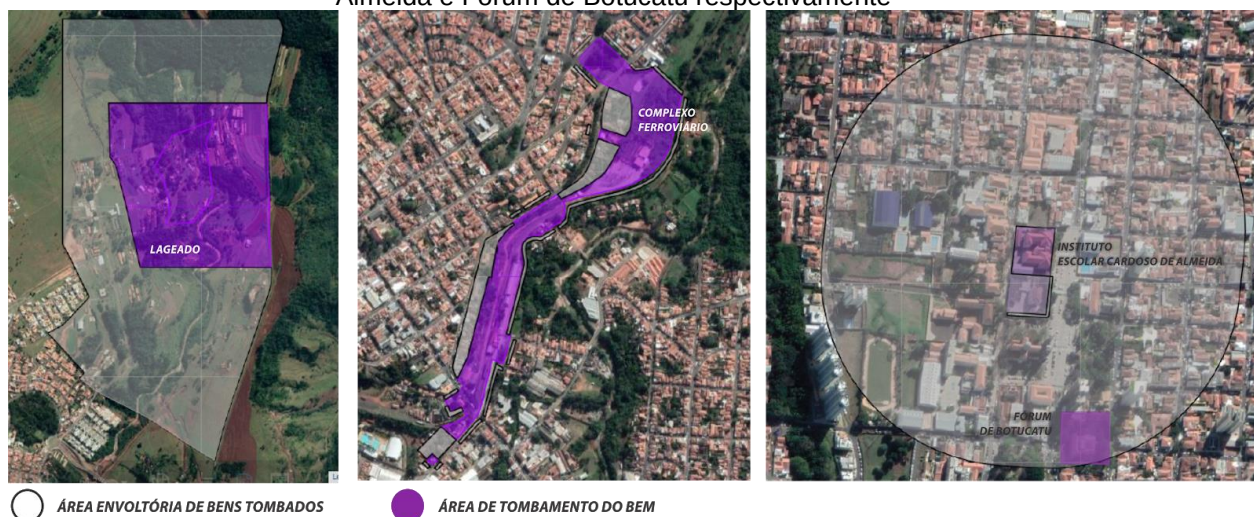
Embora citados no plano diretor, a inatividade de um Conselho Patrimonial não corrobora para a salvaguarda deste patrimônio, o que fica evidente pelo estado de conservação e intervenções ocorridas nos edifícios após a promulgação desta lei. Pode-se ponderar que a manutenção e salvaguarda destes edifícios têm-se dado pelo apreço dos próprios historiadores locais e das antigas famílias que moraram ou trabalharam nestes bens. Em contrapartida, a cidade é dotada de diversos edifícios de valor histórico, artístico e de interesse turístico, os quais são vestígios arquitetônicos símbolos da gênese do estado de São Paulo, tombados pelo CONDEPHAAT.

Além da instância municipal, incide sobre Botucatu a Lei de Tombamento e Proteção do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo através do CONDEPHAAT. Os Bens tombados do município atualmente são: O complexo da Estação Ferroviária de Botucatu²⁷ (Resolução 91 de 11/10/2012), a EMEI Dr. Cardoso de Almeida (Resolução 60 de 21/07/2010 - Livro do Tombo Histórico), Instituto de Educação Cardoso de Almeida (Resolução 9 de 4/5/89), Fórum de Botucatu (Resolução Resolução 108, de 07/11/2018) e Fazenda Lageado (Resolução 42 de 04/07/2013 - Livro do Tombo Histórico). Primordialmente, sabe-se que as resoluções acima citadas garantem a integridade das fachadas dos bens imóveis, bem como a conservação da área envoltória em um perímetro de 300m do bem tombado, conforme figura 48.

²⁶ Ver página 23.

²⁷ O complexo é constituído pelos seguintes elementos: Estação Ferroviária; Largo da Estação; Armazém de Cargas; Vilas Ferroviárias e Casas de Turma, de variadas tipologias e técnicas construtivas; Caixa D'água; Edifício da Administração (ou da Chefia); Mercearia; Oficinas de Locomotivas; Escola de Artífices; Reservatórios D'água; Triângulo de Manobras; Pontilhão Ferroviário Arlindo Granado; e os muros de arrimo e taludes circundantes.

Figura 48: Área de Tombamento da Fazenda Lageado, do complexo ferroviário, Instituto Cardoso de Almeida e Fórum de Botucatu respectivamente



Fonte: <http://www.idesp.sp.gov.br/> e editado pela autora

O tombamento dos Edifícios Escolares faz parte de uma iniciativa do CONDEPHAAT em salvaguardar o conjunto de 126 escolas públicas construídas pelo Governo do Estado de São Paulo entre 1890 e 1930, que compartilham valores da Primeira República ao instalar valores racionais ao novo programa pedagógico do Estado de São Paulo. Já o tombamento da Fazenda Lageado, do Fórum e do complexo ferroviário revelam o valor simbólico e cultural do município de Botucatu para o desenvolvimento econômico do estado de São Paulo. A fazenda Lageado, enquanto representação da cultura cafeeira, e o complexo Ferroviário da Estrada de Ferro Sorocabana são vestígios da expansão da malha férrea rumo ao oeste do Estado, enquanto os traços arquitetônicos utilizados no Fórum transparecem os valores republicanos.

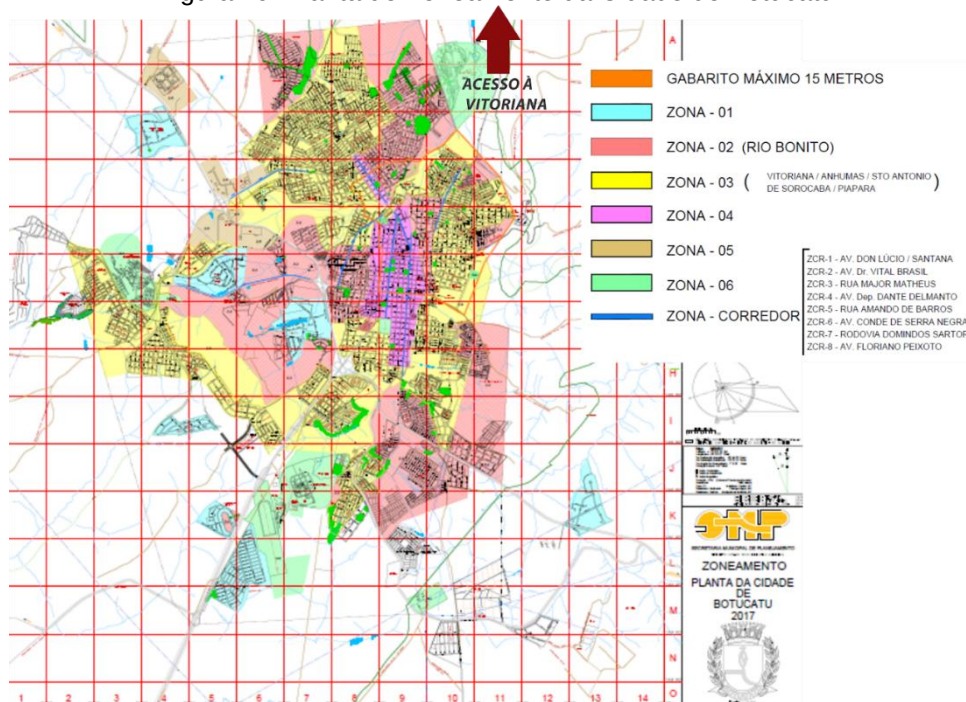
Além dos edifícios citados, também se encontram em estudo de tombamento: a Casa Sede do Conde Serra Negra (Processo 66571/12) e a Igreja de Santo Antônio ou Rubião Júnior (Processo 67966/13). Ao contrário dos bens que já se encontram tombados, estes estão afastados da malha urbana, o que pode corroborar para a falta de visibilidade e de cobrança por parte da população para a efetivação do processo. Como já visto, o patrimônio urbano, em detrimento daquele localizado no meio rural, está vinculado com um valor simbólico promovido após o êxodo rural e, embora a fazenda Lageado seja classificada como um exemplar relacionado ao patrimônio industrial, sabe-se que a malha urbana já avançou em direção a sua estrutura. No momento presente, ela encontra-se conectada com o município, que, além de abarcar a Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA) da UNESP, funciona como Área de Lazer e Esporte aos munícipes. Apesar da sua imponência arquitetônica e da

conservação de suas estruturas, a falta de articulação com o município promove um contínuo estado de degradação da fazenda, que arduamente resiste.

Zona Mista – Z3

A Lei de Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo (Lei nº 4975/2008) propõe alguns parâmetros que devem ser observados nas construções de acordo com as zonas pré-estabelecidas desde o ano da promulgação da mesma. Com foco de análise voltado para o objeto de estudo, buscou-se detalhar os parâmetros promulgados para a Zona 03 – Mista. Devido a sua grande extensão territorial, o Mapa de Zoneamento sob a planta da Cidade de Botucatu não consegue englobar o distrito de Vitoriana, conforme destacado na figura 49. Dessa maneira, o mapa da imagem 48 aproxima a legenda, evidenciando que a administração municipal deixa registrado que toda a parcela de ocupação do Solo de Vitoriana deverá seguir as diretrizes estabelecidas pela Zona Mista.

Figura 49: Planta de Zoneamento da Cidade de Botucatu



Fonte: <http://botucatu.sp.gov.br/> e editado pela autora

As zonas mistas são áreas destinadas à diversidade de usos residenciais e comerciais, residenciais e agrícolas e agrícolas e comerciais (BOTUCATU, 2017). Além disso, de acordo com o anexo I e II da Lei nº 4953/2008, tem-se que:

- Gabarito: O gabarito máximo permitido para Macrozonas Rurais e de uso sustentável devem respeitar o limite de 15m
- Uso Permitido: Residencial, Comercial e Industrial;
- Taxa de Ocupação: 0,50 a 0,70 de acordo com o tipo de uso em questão

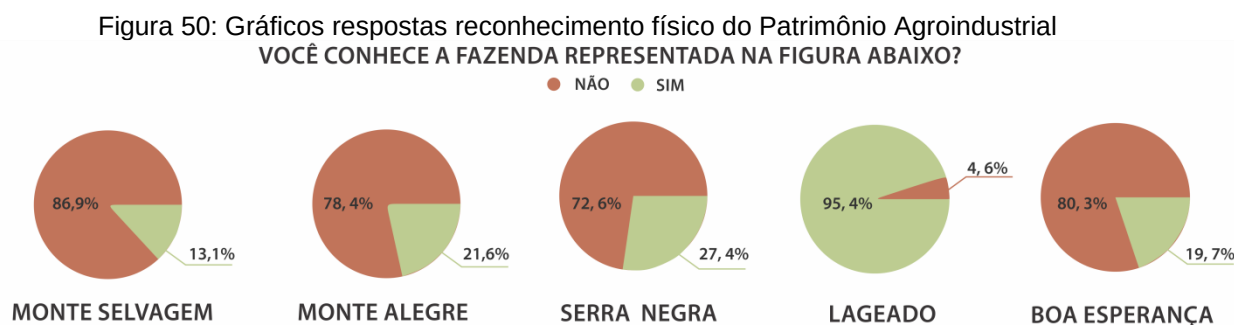
- Coeficiente de Aproveitamento: de 1 a 4, de acordo com o tipo de uso em questão.

Ainda que distante do crescimento urbano, a agroindústria de Botucatu, respaldada por projetos de lei em âmbito local (Plano Diretor) ou estadual (Tombamento CONDEPHAAT), resiste na paisagem, principalmente, por todo apreço e valor simbólico relacionada às raízes cafeeiras no município. Na tentativa de melhor compreender qual a relação da cidade com a agroindústria, sobretudo nos exemplares observados neste estudo (Fazenda Serra Negra, Lageado, Monte Alegre, Monte Selvagem e Boa Esperança), foi aplicado um questionário online (cujo roteiro encontra-se em anexo 1) e os resultados foram apresentados a seguir:

Agroindústria e a população de Botucatu

Para conhecer a relação dos moradores de Botucatu com o patrimônio agroindustrial foi aplicado um questionário online (apêndice 3) entre os dias 09/06/2020 e 09/07/2020. Houve adesão de 259 pessoas, das quais 68,7% declararam reconhecer-se com o gênero feminino e 31,3% com o gênero masculino, sendo que 83,4% são adultos e 11,6% idosos. Entre as respostas, 95,4% das pessoas apontam que já residiram em Botucatu e 81% ainda reside na cidade. Sendo assim, será possível ter uma noção, ainda que simbólica, do comportamento dos moradores de Botucatu em relação ao patrimônio agroindustrial local.

A fim de reconhecer a relação da população com os aspectos físicos das fazendas, o questionário possuía fotografias das casa-sede das fazendas por ser a edificação de maior apelo arquitetônico na maioria das fazendas. Lhes foi perguntado: ‘Você reconhece a fazenda representada na figura abaixo?’, a Fazenda que é mais reconhecida é a Fazenda Lageado com 95,4% de respostas afirmativas e, em contrapartida, a que possui menor reconhecimento seria a Monte Selvagem com 86,9% de respostas negativas, conforme figura 50.



Fonte: Elaborado pela autora

Ao abordarmos um reconhecimento social da agroindústria, foi perguntado: “Qual desses nomes abaixo, você já ouviu falar?”, a Fazenda Lageado desponta novamente, com 98,84% de reconhecimento (Figura 51), enquanto a Fazenda Monte Alegre aparece logo após com 59,45% de reconhecimento, o que pode indicar que a população já ouviu falar sobre a Fazenda, mas não conhece suas estruturas, visto que apenas 21,6% (Figura 50) da população reconheceu a fotografia de suas estruturas.

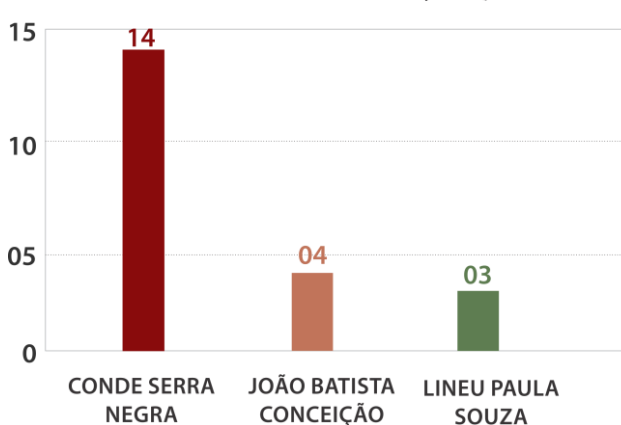
Figura 51: Gráfico reconhecimento da nomenclatura



Fonte: Elaborado pela autora

A fazenda Serra Negra, embora não apareça em destaque nas figuras 50 e 51, desponta na pesquisa quanto ao nome dos personagens. Quando questionado: “Você já ouviu falar sobre os antigos proprietários de algumas dessas fazendas? Se sim, qual o nome do proprietário e de sua fazenda? (Figura 52), o nome “Conde Serra Negra” já aparece como um dos mais lembrados (43,75% das respostas), seguido por João Batista Conceição (12,5%), dono da Fazenda Lageado e Lineu Paula Souza (9,3%), proprietário da Fazenda Paula Souza.

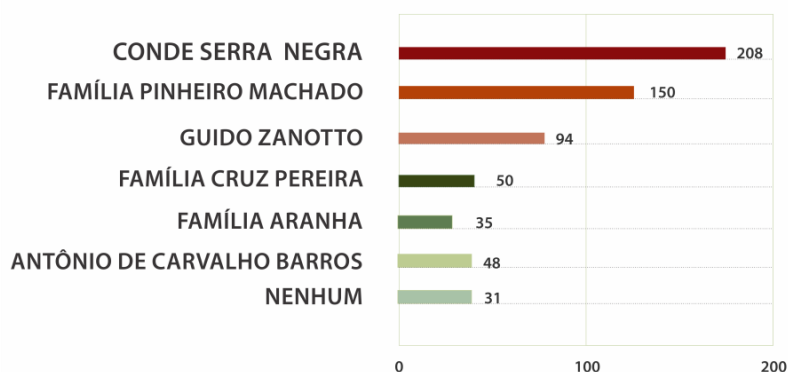
Figura 52: Gráfico de reconhecimento espontâneo dos proprietários



Fonte: Elaborado pela autora

Através de uma lista de nomes pré-estabelecidos, perguntamos: “Qual desses nomes já ouviu falar” (Figura 53), a maioria das respostas aponta, novamente, o Conde Serra Negra, como mais reconhecido (208 respostas) seguido da família Pinheiro Machado (150 respostas) e Guido Zanotto (94 respostas). Acredita-se que o alto número de respostas pela opção “família Pinheiro Machado” pode estar vinculado à família doadora do patrimônio para fundação da Vila em 1843, já Guido Zanotto foi um dos imigrantes responsáveis pela construção da Fazenda Serra Negra, e, posteriormente figura importante para as relações comerciais e políticas urbanas de Botucatu.

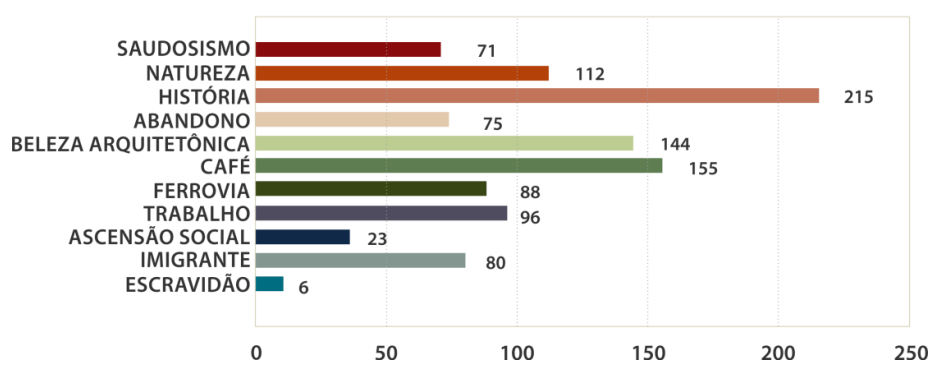
Figura 53: Gráfico de reconhecimento dos proprietários e personagens da territorialização
QUAL DESSES NOMES ABAIXO VOCÊ JÁ OUVIU FALAR?



Fonte: Elaborado pela autora

Por fim, o reconhecimento simbólico foi guiado através de palavras e de sentimentos chave, sejam eles positivos, sejam eles negativos. Houve também espaço para manifestação de palavras ou de sentimentos que não estivessem citados. A partir disso, lhes foi perguntado: “Ao rever essas imagens das fazendas, quais sentimentos afloram mais para você?” (Figura 54) Entre as respostas mais citadas constam: História (215 respostas), Café (155 respostas), Beleza Arquitetônica (144 respostas) e Natureza (112 respostas), como aponta a figura 54, em geral todos simbolismos toponímicos. Além disso, valem destacar as palavras saudosismo, abandono e escravidão, que foram associadas a simbolismos toponímicos.

Figura 54: Reconhecimento Simbólico acerca do patrimônio industrial
AO RELEMBRAR DAS FAZENDAS, OU CONHECÊ-LAS PELAS FOTOS,
QUAL O SENTIMENTO OU A PALAVRA QUE VEM EM SEU PENSAMENTO?



Fonte: Elaborado pela autora

Ao final da análise, é possível compreender que, após a queda do café, a agroindústria cafeeira precisou se reinventar para se adequar às políticas de incentivo a outras culturas agrícolas (cana de açúcar, eucalipto, cítricos, etc), modais de transporte (rodoviarismo) e mão de obra (êxodo rural). O resultado dessas intervenções, na maioria dos casos, foi o desuso das estruturas industriais da fazenda, e, apesar disso, a manutenção de sua arquitetura.

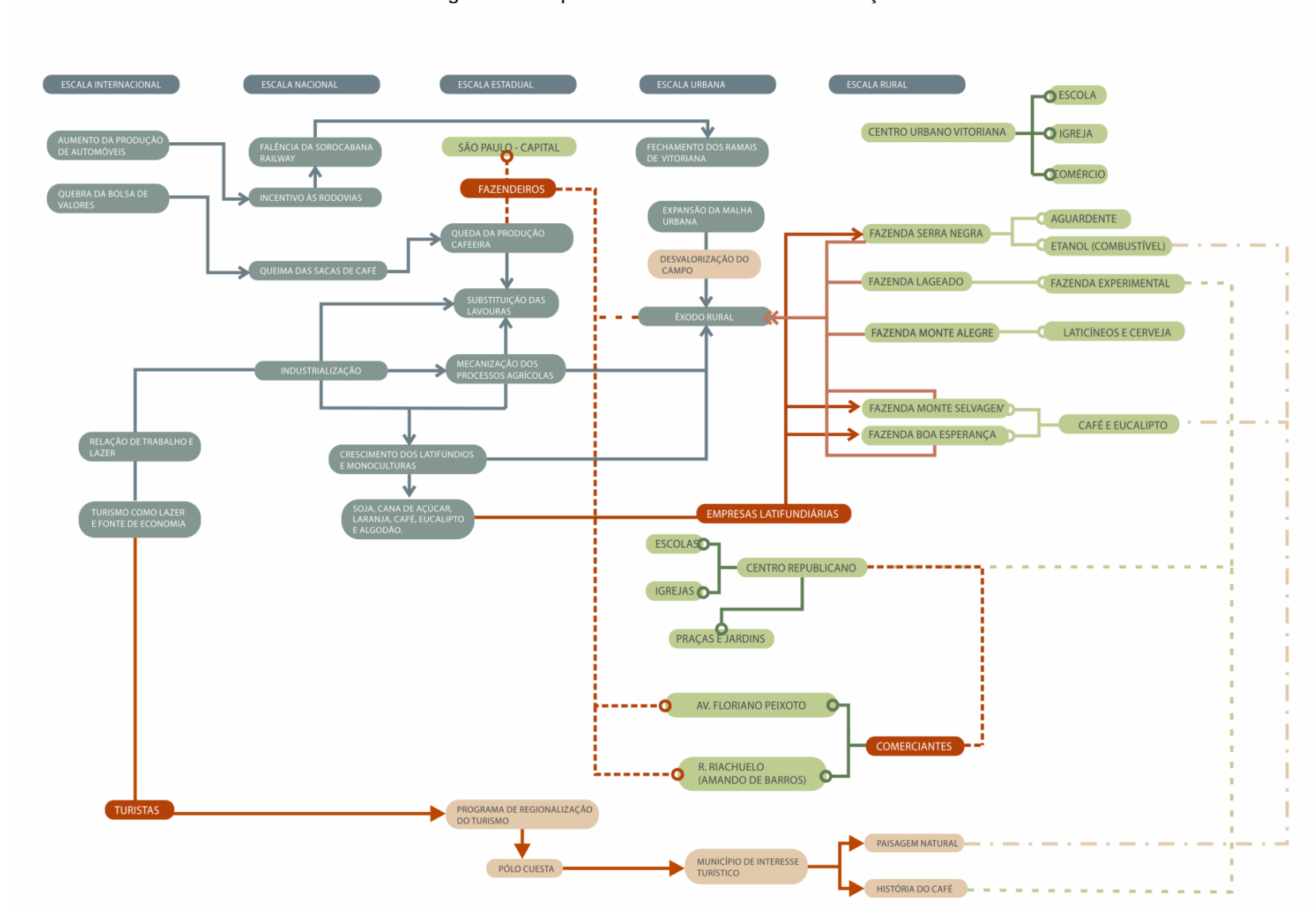
Podemos atribuir a isso: o isolamento das estruturas em relação a zona urbana, o valor histórico e simbólico em relação ao café, a relevância dos antigos proprietários para a construção da cidade, a memória dos antigos trabalhadores e a localização das estruturas em relação aos pontos ecoturísticos muito frequentados.

4.2.3 Mapa Heurístico da Desterritorialização

As relações entre os elementos do mapa Heurístico apontam alguns fatores chaves pertencentes à desterritorialização, como por exemplo:

- A desconexão das Fazendas Serra Negra, Lageado, Monte Selvagem, Monte Alegre, Boa Esperança entre si, e entre a cidade, devido a desativação da linha férrea
- O papel das empresas agrícolas atualmente na articulação da zona rural
- A articulação que o Município de Interesse Turístico realiza entre algumas propriedades agroindustriais, em função das paisagens naturais ainda conservadas
- O impacto das medidas governamentais desenvolvimentistas para a industrialização, para o rodoviarismo e consequentemente para o êxodo rural.

Figura 55: Mapa Heurístico da Desterritorialização



Fonte: Elaborado pela autora

5. TEXTO – FAZENDA SERRA NEGRA

5.1. TERRITORIALIZAÇÃO DA FAZENDA SERRA NEGRA

A partir da compreensão do Contexto na macroescala (São Paulo) e microescala (Município de Botucatu) que envolve o Texto (Fazenda Serra Negra), é possível observar as diversas influências que este Contexto exerce sob o texto. A fazenda Serra Negra tem sua territorialização marcada pela presença de proprietários diferentes e que irão influenciar diretamente no cenário físico da fazenda: 1880 a 1950 – Administração do Conde Serra Negra.

Noticiados de que a Estrada de Ferro Sorocabana ou Ytuana tinham perspectivas de expansão de sua malha férrea pelo município, a família Conceição surge como uma das principais investidoras de café no município. Em princípios de 1880, a família adquire a propriedade dos herdeiros de Antônio Soares de Barros, que por enfrentarem dificuldade financeira, dispõe da boa localização em função da oferta do Conde. Em 1882, o engenheiro Carlos Schmidt já retrata em seus croquis as diversas propriedades da família na região denominando as terras pertencente ao “Dr. Conceição” ou ao “Barão” (PIZA, 2011, p. 311).

A primeira sede construída da fazenda, é batizada com o nome de Vila Vitória, em alusão à Estação Ferroviária construída nas proximidades da propriedade em 1888. A Fazenda consta nos Almanques do Estado de São Paulo (1910), como uma das principais produtoras de café do município, sendo responsável, nesta data, por 300.000 pés da variedade do café amarelo (PUPO, 2002, p. 290). De acordo com as legislações observadas, no momento de sua construção, as terras da fazenda ficavam locadas no município de Botucatu, mesmo que afastado de seu principal centro urbano.

A propriedade foi utilizada na ampla campanha de divulgação do café Brasileiro em exposições internacionais e nacionais. Para retratá-la, foram encomendadas diversas obras de óleo sobre tela ao pintor Antônio Ferrigno, responsável por retratar essa e demais fazendas do Conde na época. Através de sua obra, do conhecimento acerca dos padrões sociais e construtivos adotados na região, mapas cartográficos e relatos pessoais é possível notar a fidelidade do pintor no retrato da fazenda, podendo compor, através da sobreposição destas fontes o cenário deste imóvel.

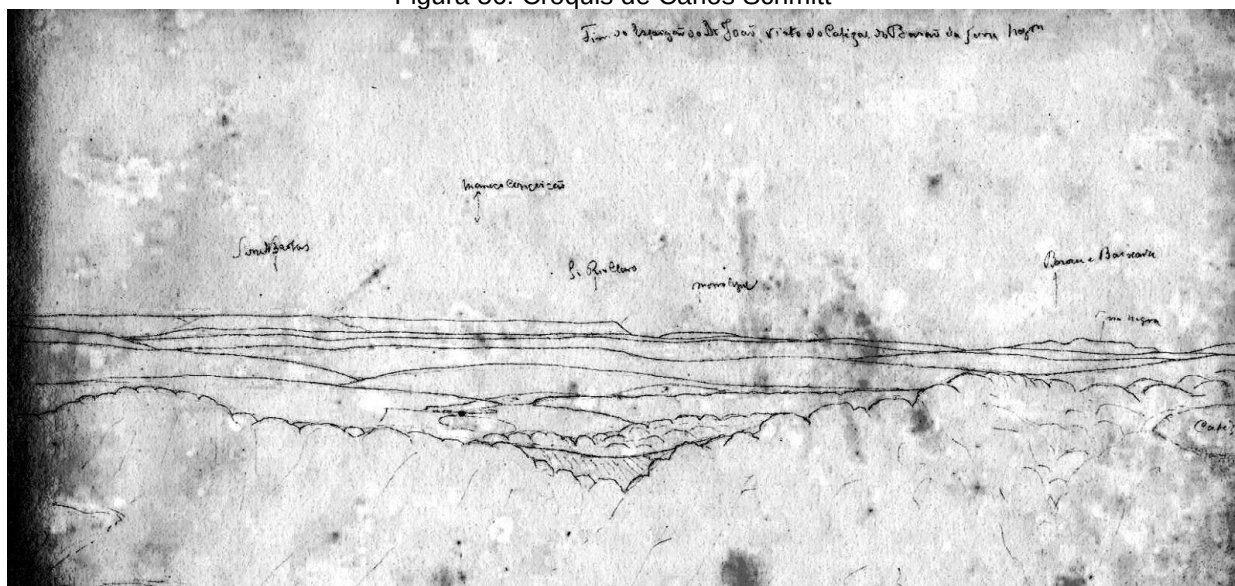
5.1.1 Ambiente Físico da Fazenda Serra Negra

O ambiente físico da Fazenda Serra Negra foi analisado de acordo com a classificação pré-estabelecida pelo método: Paisagem Agrícola, Núcleo Industrial, Arquitetura Complementar e Arquitetura destinada ao Habitar.

5.1.1.1 Infraestrutura

No período da gênese, a fazenda Serra Negra ficava localizada no município de Botucatu²⁸, num terreno acidentado, nos quais as curvas de nível seguem para o córrego Bom Jardim (ou córrego do COMUR) que corta a propriedade. A escolha do terreno para implantação da fazenda próxima a um curso d'água mostra a intenção de utilizá-la como força motriz. A figura 56 mostra o croqui de Carlos Schmitt com as terras de Manoel da Conceição destacadas em uma das planícies, já a figura 57 mostra as curvas de nível que circundam as edificações da fazenda.

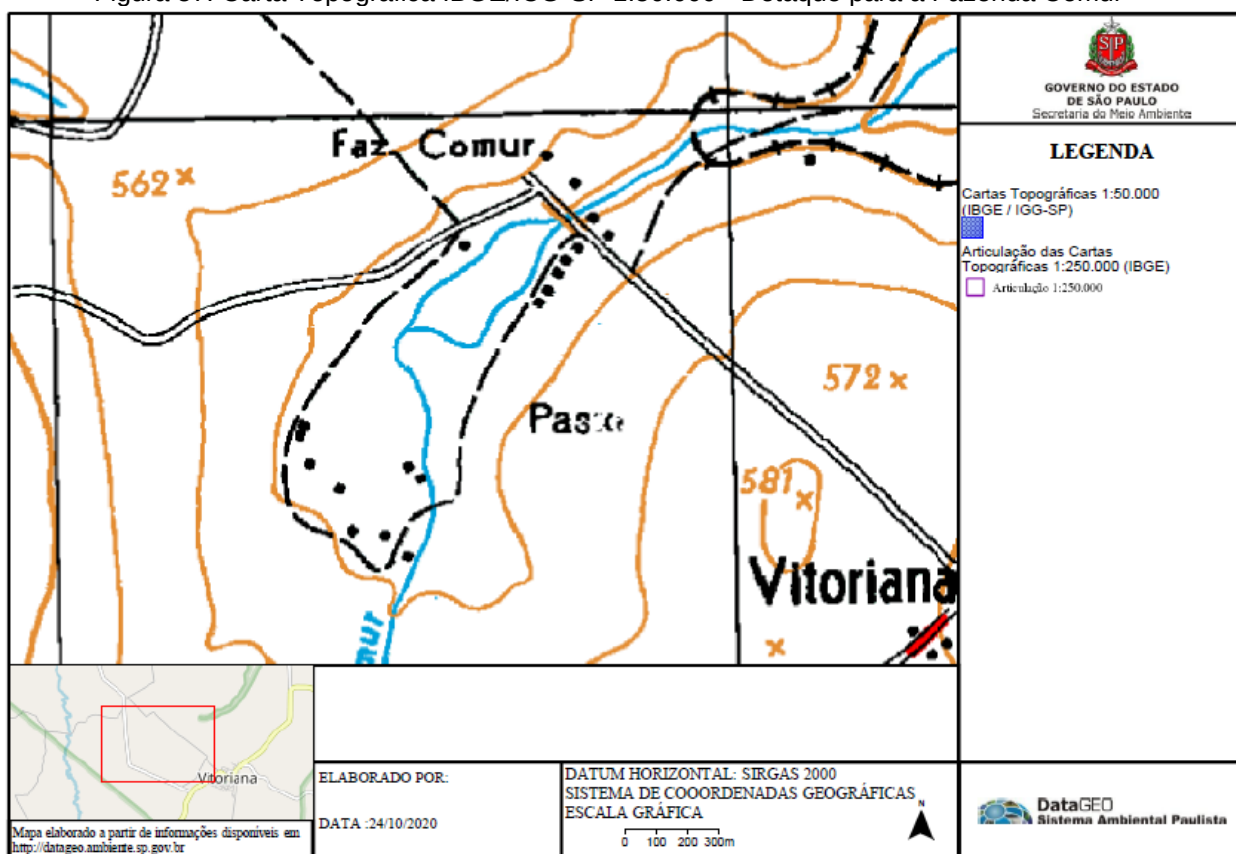
Figura 56: Croquis de Carlos Schmitt



Fonte: Casa da Cultura de Botucatu

²⁸ Hoje a fazenda ainda está localizada no município de Botucatu, mas corresponde à subprefeitura do distrito municipal de Vitoriana.

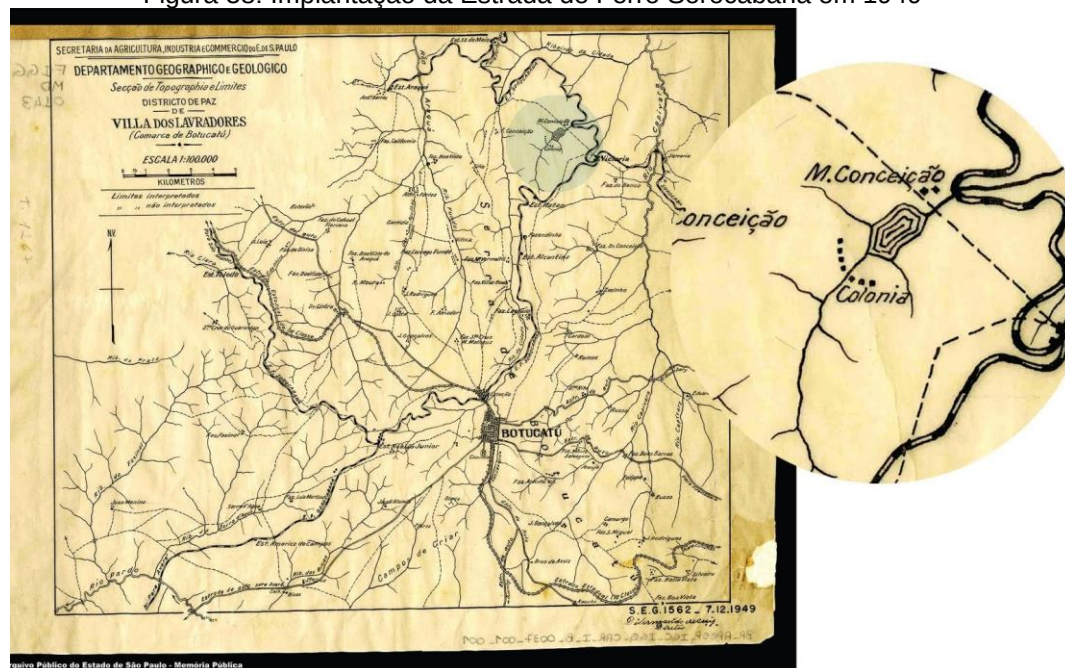
Figura 57: Carta Topográfica IBGE/ICG-SP 1:50.000 - Detaque para a Fazenda Comur



Fonte: <https://datageo.ambiente.sp.gov.br/> - Acesso em 07/11/2020

O quadro ainda revela a presença da **ferrovia** permeando a propriedade do Conde Serra Negra. Trata-se de um ramal da Estrada de Ferro Sorocabana, conforme o mapa da figura 58 que, de acordo com a posição retratada da locomotiva, iria findar em um entroncamento na estação Vitória. De acordo com a entrevista realizada no dia 09/10/2020 com antigos moradores, a linha férrea possuía uma chave, cujo ramal alcançaria as dependências da casa de máquinas, onde os vagões eram abastecidos com as sacas de café. De lá, partiam locomotivas em direção ao centro urbano de Botucatu, ao distrito de Porto Martins, ao distrito de Pirambóia, a São Manuel e, posteriormente, em direção a São Paulo e ao Porto de Santos. O ramal indicado acompanha o curso do Ribeirão da Cidade (atual Ribeirão Lavapés) e passa por diversas propriedades rurais no caminho até as dependências urbanas do município, incluindo a Fazenda Lageado, de propriedade do irmão do proprietário da Serra Negra.

Figura 58: Implantação da Estrada de Ferro Sorocabana em 1949



Fonte: Acervo Público do Estado de São Paulo editado pela autora

Adiante, na Figura 59, observa-se um grande tanque represado de forma artificial nas águas do Córrego Bom Jardim. Deste tanque, duas grandes comportas abriam-se, gerando força suficiente para mover a roda d'água e os demais equipamentos da casa de máquinas. Além do caráter funcional, esteticamente, o tanque proporciona uma paisagem natural à fazenda, sendo ladeado por espécies nativas que perdurarão ao longo do curso d'água presente no sítio em questão, conforme mostra o quadro “: Fazenda Victória, dos Condes de Serra Negra” (1898).

Figura 59: Fazenda Victória, dos Condes de Serra Negra - Botucatu, SP

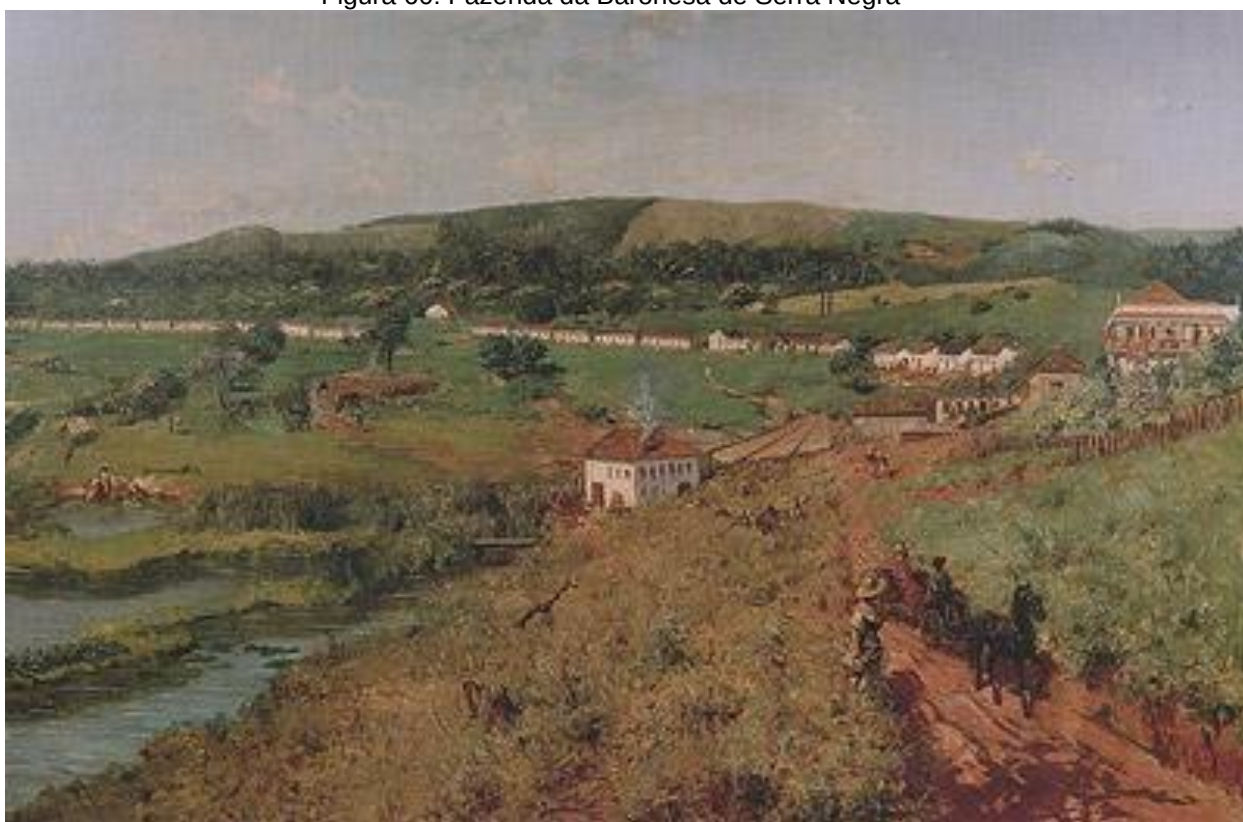


Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/> - Acesso em 07/11/2020

5.1.1.2 Núcleo Industrial

O quadro “Fazenda Victoria” (1896) – figura 59 revela a presença da vasta plantação de café através de via seca, respeitando o declínio das curvas de nível de tal maneira que permitisse a passagem das carroças e carros-de-boi puxados pela tração animal, retratados no quadro. O café era colhido manualmente e despejado nas lonas, que forravam o chão onde labutavam os colonos e depois eram enchidas as carroças, onde o café era levado para seu processo de beneficiamento. O fluxo intenso de animais não condizia com a presença de calçadas pavimentadas, com exceção da área envoltória da casa-sede. Em um dos planos do quadro, é possível observar uma densa camada de vegetação, que funcionaria tanto como isolamento da plantação em relação aos locais destinados à moradia e às atividades sociais, como uma barreira de quebra-vento. De acordo com Mesquita (2016, p.44), a vegetação é utilizada nas plantações de café como uma barreira física para as intempéries. Para Argollo Ferrão (2015, p. 136), os efeitos do vento podem causar dilaceração da folhagem, derrubada de flores e de frutos, crestamento por vento frio, abalo das mudas ou abertura para infecção de microrganismos.

Figura 60: Fazenda da Baronesa de Serra Negra



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/> - Acesso em 07/11/2020

Na figura 60, o registro da vazão do córrego, embora pictórico, mostra a sua importância com relação à **casa de máquinas**, instalada no nível topográfico próximo ao curso d'água. A casa de máquinas possui dois pavimentos e uma planta retangular simples. O pavimento superior tem acesso correlato com os terreiros, enquanto o pavimento inferior congrega as aberturas mais amplas para que pudesse ocorrer manutenção e instalação de maquinários.

O **terreiro**, embora apareça em segundo plano na figura 60, aparenta ser dividido em três quadras, as quais são revestidas com tijolos como já era comum em propriedades construídas no final do século XX. Até o registro de Ferrigno, ou seja, no período que corresponde à gênese da fazenda, os terreiros ficam localizados mais próximos à casa-sede, formando um núcleo mais denso, no que se refere à habitação e ao trabalho. Nota-se no quadro que os planos acompanham a leve declividade do terreno, o que potencialmente termina no escoamento de suas águas de volta ao córrego, bem como a ausência de vegetação no entorno, o que pode confirmar a fidelidade do retrato, pois comumente os terreiros necessitavam de alta insolação para não interferirem no paladar do café (ARGOLLO FERRÃO, 2015, p. 147).

Acredita-se que a fazenda passou por diversas obras de modernização de suas estruturas, marcada, principalmente, pelas inscrições na nova tulha, datadas do período pós-guerra (1917). A nova disposição dos terreiros e da tulha isola ainda mais a área de trabalho do núcleo do proprietário, conforme observado na figura 52, sendo que a nova tulha possui maiores dimensões, também contando com dois pavimentos, e maior requinte nas fachadas, com detalhes em gesso como molduras nas aberturas. Estas possuem vergas em arco pleno organizadas de forma simétrica, assim como um portão para o acesso de máquinas maiores e mais pesadas. As paredes de tijolos foram revestidas com reboco e pintura e ajudavam a conservar melhor o grão do café, pois mantinham a temperatura interna e evitavam a entrada de umidade. Outro grande auxílio, para a retenção da umidade, eram os pisos revestidos por pedra.

De acordo com entrevista realizada no dia 09/10/2020, o processo da colheita até o beneficiamento seguia o seguinte percurso:

- Após colhido, o café era lavado próximo à bica de água localizada no nordeste da figura;
- Depositavam-se os grãos em uma espécie de canaleta que, por meio da força da água e da gravidade, conduzia os grãos aos terreiros de secagem do café, onde eram despejados em comportas;

- Os grãos eram espalhados pelo terreiro ladrilhado por tijolos e aglomerado em círculos que evitavam o escoamento dos grãos e facilitavam o processo de tombamento para a secagem dos mesmos;
- Após secos, os grãos eram levados por carriolas ligadas a um pequeno trilho que despejavam os grãos na casa de máquinas;
- No interior da casa de máquinas, o grão passaria por uma máquina de descascar o café e passaria pela torrefação, ambos maquinários movidos pela roda d'água localizada próximo a essas edificações;
- Por fim, os grãos eram armazenados em sacas, na tulha.

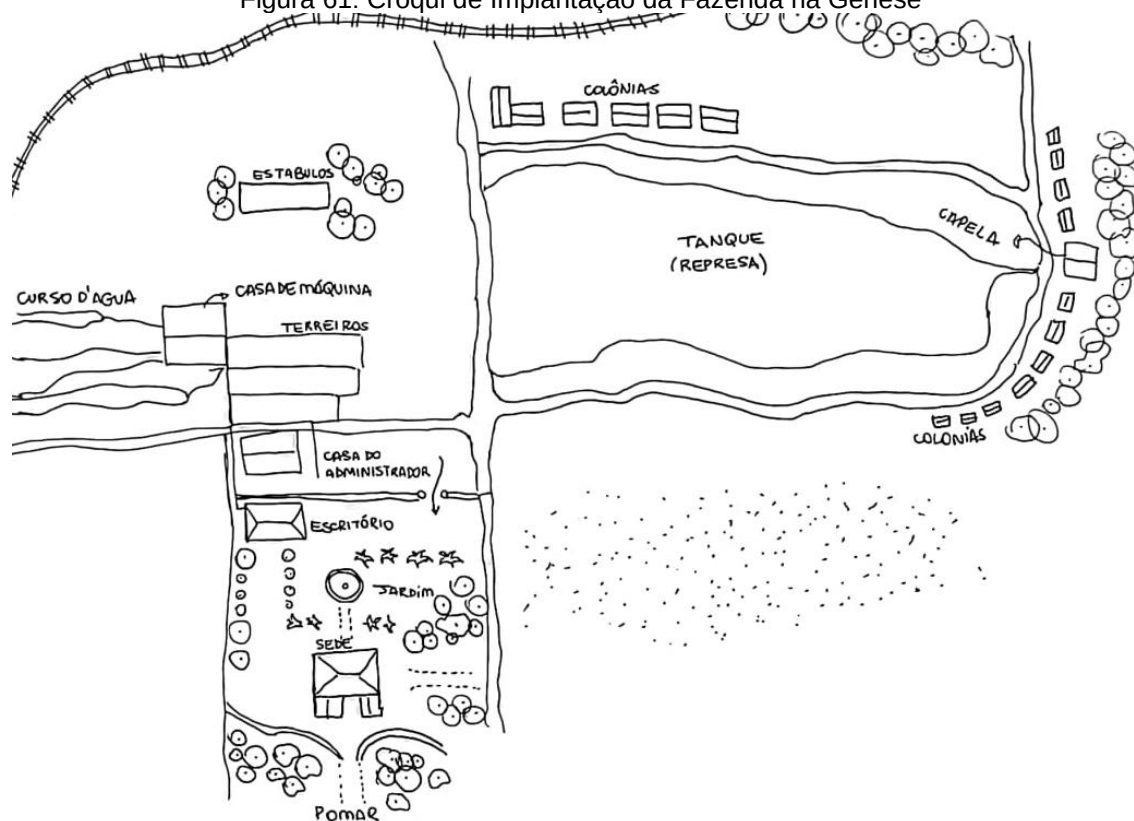
A última etapa consistia no transporte do grão já beneficiado, que era realizado através de uma chave que chegava até a propriedade, e depois seguia percurso para o porto Martins ou para o município de Botucatu.

5.1.1.3 Arquitetura Complementar

Ao lado esquerdo da gravura, em um segundo plano, é possível avistar a presença de um **estábulo ou um curral**, provavelmente de estrutura precária e cobertura de madeira, que é possível identificar na pintura. No meio desta implantação, pode-se observar uma construção mais afastada que, de acordo com os antigos moradores, corresponde a uma **capela**.

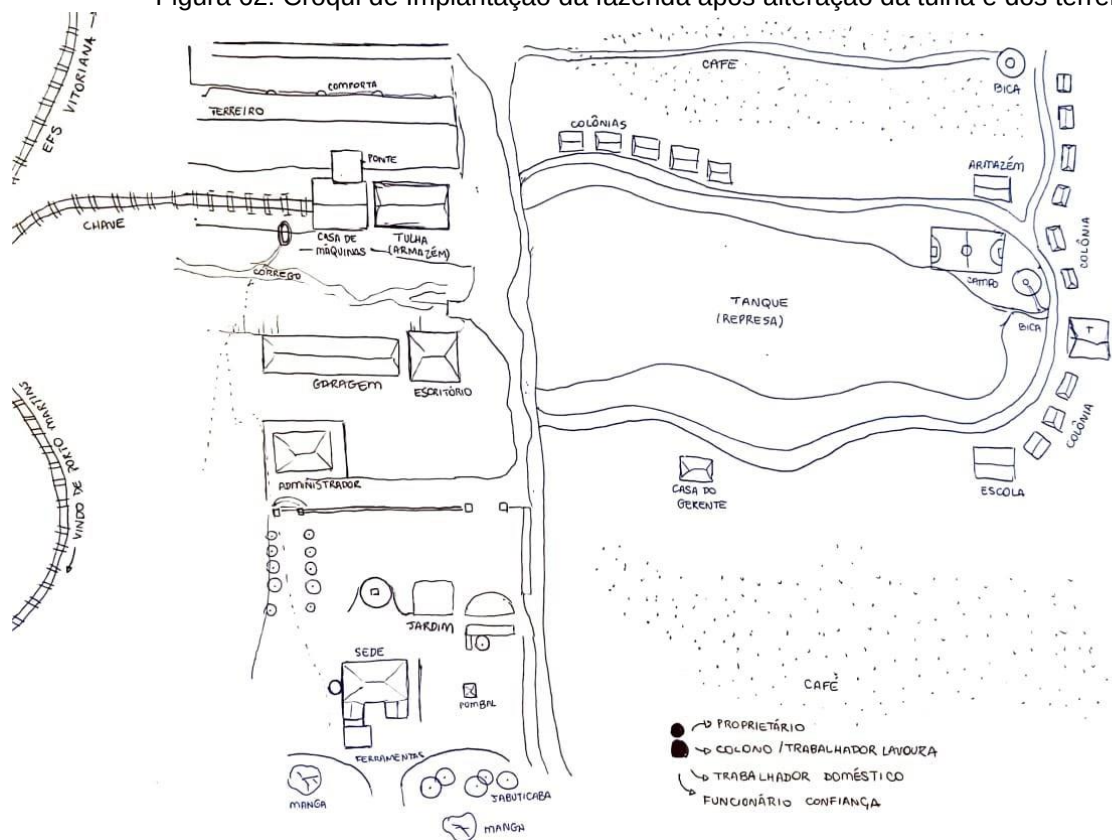
Por fim, não constam nos retratos, mas há evidências no ambiente social acerca da existência de um armazém de secos e molhados e uma pequena venda de funcionamento na fazenda, que ficavam localizados à margem sudoeste do tanque. Por fim, podemos compreender que a implantação da fazenda se organizaria da seguinte forma:

Figura 61: Croqui de Implantação da Fazenda na Gênese



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 62: Croqui de Implantação da fazenda após alteração da tulha e dos terreiros



Fonte: Elaborado pela autora

5.1.1.4 Arquitetura destinada ao habitar

Ao lado direito, separado por um **muro**, rompido apenas por duas entradas monumentais, que foram coroadas por duas figuras importadas de Portugal representantes dos continentes asiático e africano, ali encontra-se o núcleo do proprietário, que também pode ser observado no primeiro quadro, conforme recorte na figura 63.

Figura 63: Aplicação do quadro Fazenda da Baronesa de Serra Negra



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/> - Acesso em 07/11/2020 – Editado pela autora

Ao fundo da gravura, observamos diversos conjuntos de edificações que circundam toda a margem do tanque, são as **colônias** onde habitavam os trabalhadores. Dentro do núcleo do proprietário, acompanhando o aclave da topografia, fica localizada a **casa do administrador** com apenas um pavimento e dimensões reduzidas se comparada à **Casa-sede**, a propriedade do administrador aparenta ter poucas aberturas e uma cobertura de madeira, conforme figura 64. De acordo com os relatos, a edificação retratada, próxima ao administrador, corresponde ao **escritório** da fazenda, onde tratava-se do pagamento dos funcionários e da negociação do produto ali manufaturado. Já ao fundo, tem-se a imponente **casa-sede** que, diferentemente das demais edificações, é implantada no desnível do terreno, incorporando-a ao projeto. Também é possível contemplar, na figura 64, mais um conjunto de colônias, espalhadas à outra margem do tanque. Além dessas, outras estavam dispersas ao longo do curso d'água e não foram retratadas pelas pinturas de Ferrigno.

Figura 64: Recorte do Quadro Fazenda Victória, dos Condes de Serra Negra - Botucatu, SP



Fonte: Piza, 2015, p. 314

Casa-Sede

O Conde e sua família passavam apenas por temporadas residindo em suas casas, que foram diversas. A casa-sede da fazenda representava mais do que apenas a hospedagem em terras botucatuenses, mas também simbolizava aos que trabalhavam ali, como uma contínua presença do proprietário, ainda que em sua ausência.

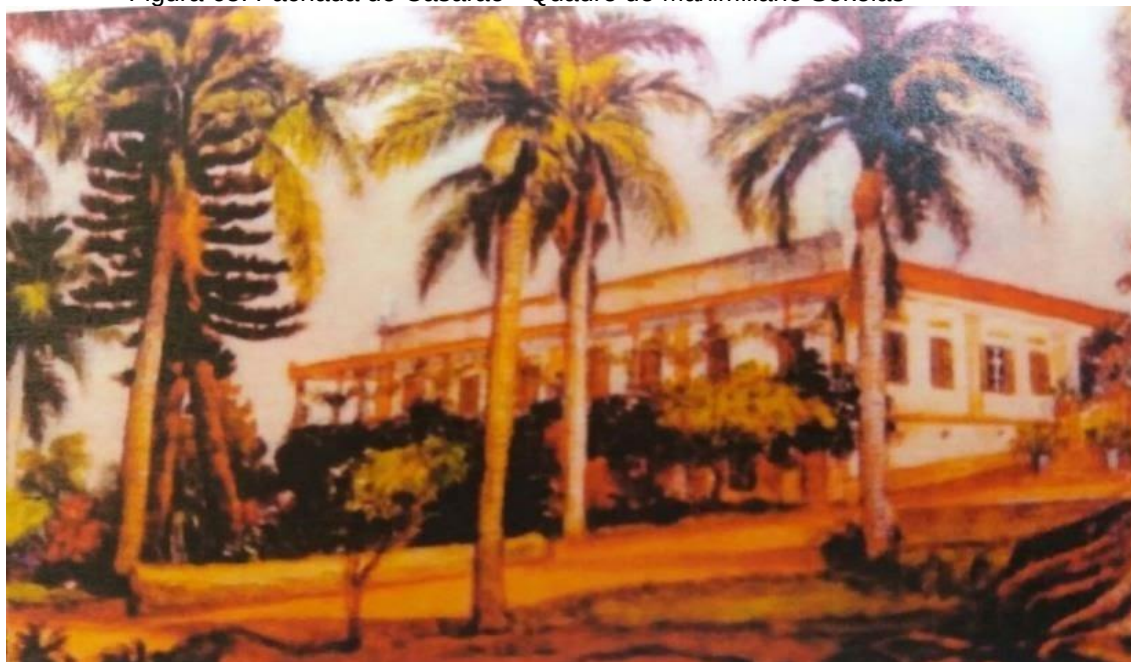
A implantação da casa assenta-se no declive do terreno, incorporando-o às suas fachadas laterais. De acordo com Setubal (2004), este é um traço que pertence à arquitetura mineira, visto que os casarões de café eram construídos em sua maioria sob platôs.

O outro tipo de sede rural atribuída aos mineiros, o de meia-encosta, esteve presente em diversas localidades do Oeste Paulista e também do Vale do Paraíba, já na época do café. Caracterizava-se basicamente por assentar em um declive, tendo apenas um andar pleno, o superior, enquanto o inferior tinha menores proporções, pois encaixava na encosta que suportava parte do piso superior. Um terreiro externo, chamado quadrado, era comum ao lado desse piso superior. (SETUBAL, 2004, p. 133)

A aparência retratada pelos quadros e pelos relatos dos antigos moradores é de que a casa foi construída com tijolos e recebeu reboco e pintura em todas as suas paredes. Embora o período em que foi construída a fazenda corresponda ao período eclético da arquitetura no Brasil, a principal hipótese levantada é que o estilo predominante da fachada da gênese corresponda ao Neoclássico. Com reminiscências de um Neoclássico tardio, a fachada possui alguns traços desse estilo: simplicidade construtiva, linhas de composição simétricas com as pilastras que adornam a fachada e as platibandas arrematadas com as figuras. Conforme aponta Filho (1995), outro traço no qual a casa assemelha-se ao neoclássico são as cores sutis com as quais são pintadas as fachadas, as aberturas possuem vergas em arco pleno, fechados por bandeiras envidraçadas e gradis metálicos, o que as diferencia

das demais. As janelas são em madeira, com duas folhas venezianas na parte externa e outras duas internas, envidraçadas, com bandeiras tripartidas, também envidraçadas. Com traços neoclássicos e simétricos, a fachada da residência possui uma platibanda que encerrava o telhado, ornado com 4 estátuas de porcelana que representavam as estações do ano, como visto na figura 65, do pintor Maximiliano Sekolas.

Figura 65: Fachada do Casarão - Quadro de Maximiliano Sekolas



Fonte: Piza, 2015, p. 314

Nos retratos de Ferrigno e Sekolas, não é possível afirmar o formato exato da planta na sua gênese. Porém, há relatos de antigos colonos e trabalhadores da fazenda, que descrevem sobre o quarto de banho, localizado em uma das alas da casa, o que confirmaria o formato da planta desenvolvida em U. Outro fator que poderia justificar o formato são as diversas propriedades ao longo da estrada de ferro Sorocabana (BENINCASA, 2007, p. 481). Ao todo a planta se desenvolve em 2 pavimentos. O 2º pavimento, considerado como principal, é composto por 12 cômodos, conforme a figura 66.

Figura 66: Planta de Revestimentos do Pavimento Principal - Fazenda Serra Negra



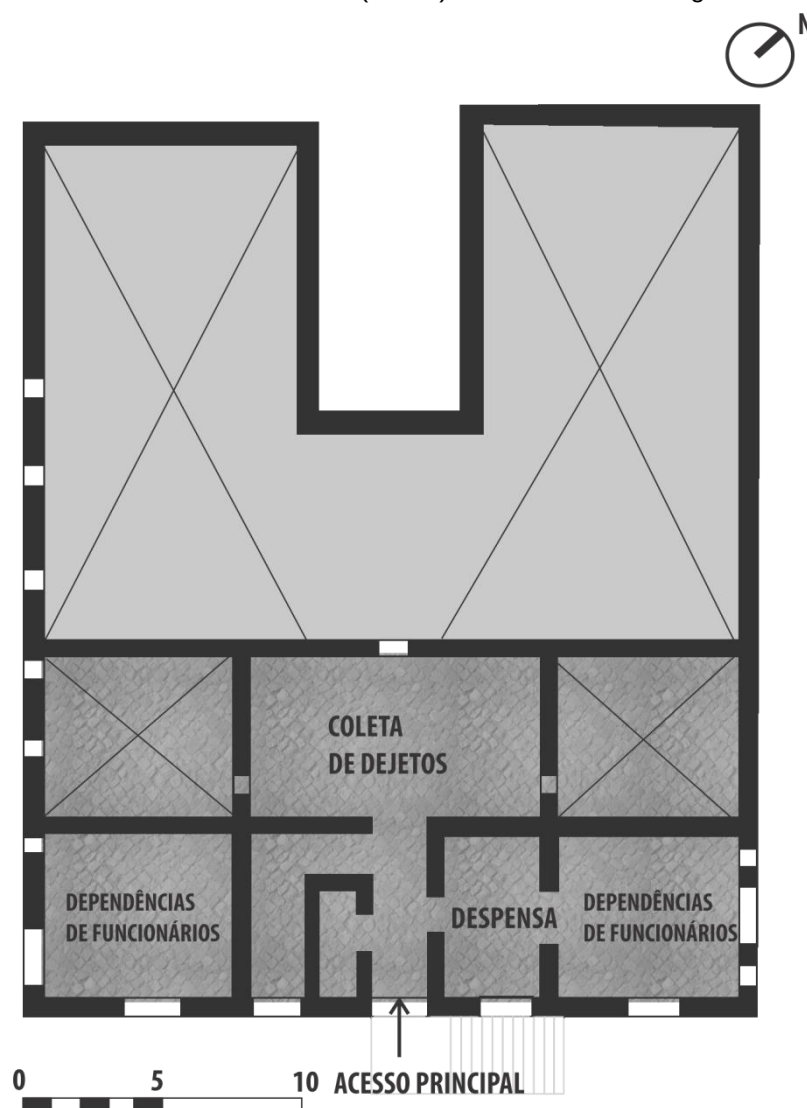
Fonte: Elaborado pela autora

Dentre os cômodos sociais, a casa possui uma **sala de estar** localizada à frente da residência por onde era realizado o principal acesso à residência, uma **sala de jantar** bem ao centro da planta e um possível **escritório** interno. Em relação aos cômodos privados, na lateral da planta, ficam alojados os 4 **dormitórios**. Por fim, nas alas formadas pela planta, ficam localizados a leste o **quarto de banho** e a oeste, os cômodos relacionados ao serviço doméstico, como a **cozinha** e a **despensa**.

A presença do porão confere imponência à casa, o qual, provavelmente, reteve usos administrativos, alguns dormitórios de empregados e depósito de grãos (BENINCASA, 2007, p. 492). Como o porão apresenta altura suficiente para ser considerado um porão habitável, leva-nos a acreditar que alguns trabalhadores domésticos o utilizavam também como residência (Figura 67). A divisão interna não era conhecida, mas dada a estrutura da fazenda, pode-se considerar que seja a mesma encontrada atualmente. Além disso, através dos relatos, pode-se considerar

que ali eram realizadas as atividades de cuidados com as vestimentas dos proprietários (lavar, passar e engomar), estocagem de grãos, de mantimentos e de alguns equipamentos utilizados para manutenção da casa e manutenção das latrinas do banheiro e dos lavabos.

Figura 67: Planta do 1º Pavimento (Porão) - Fazenda Serra Negra



Fonte: Elaborado pela autora

No interior das residências, o forro era todo executado em madeira, que por sua vez era pintada de branco. Na sala de estar e jantar, ainda recebiam os acabamentos com majestosos lustres, além de pequenos pontos de iluminação nos 4 cantos do cômodo, a fim de garantir um ambiente bem iluminado e indicar a presença de energia elétrica no interior da residência. As paredes, como já dito, eram revestidas e recebiam cores em tons claros, não havendo registro da presença de pinturas parentais ou do uso de papel de parede, ao contrário, o espelho é um elemento que está sempre presente nos relatos. O assoalho de madeira predominava no revestimento dos pisos da casa, presente nas duas salas de receber e os quartos. O

quarto de banho e a ala dos serviços domésticos possuíam revestimento diferenciado, com ladrilhos e desenhos específicos. A cozinha sofreu alteração ao longo dos anos, fazendo com que não se possa identificar a conformação original na sua gênese. Chama a atenção, arquitetônica e simbolicamente, a dimensão do quarto de banho na ala leste da casa: um quarto revestido por espelhos e que possuía mais de uma banheira. Era o principal cômodo utilizado pelas damas para se arrumarem para os grandes bailes. A manutenção destes cômodos revela uma preocupação sanitária, já à frente dos costumes da época, tratando-se de sedes rurais, que também fica evidente na dimensão das aberturas e do uso do vidro para manter a casa sempre arejada e iluminada. Em si, a casa passou pouco tempo sem o abastecimento de energia elétrica, pois logo Manoel Ernesto fez com que uma ligação se estendesse até o interior da residência, o que mantinha as atividades cotidianas da casa por um período maior.

Os cômodos eram mobiliados de muito luxo, a figura 68, raro retrato do interior da fazenda mostra o requinte dos móveis utilizados, ao que parece ser uma sala de estar.

Figura 68: Figura do Caipira no interior da Fazenda Serra Negra - Quadro Ferrigno



Fonte: <http://botucatuicultura.blogspot.com/> - Acesso em 08/11/2020

Os quartos eram utilizados apenas para o repouso, visto que as demais atividades eram realizadas nos cômodos sociais ou na área externa da fazenda. Possuíam também pequenos lavabos para a higiene individual e até mesmo as louças ricas em detalhes. Os relatos dos trabalhadores apontam que a sala de estar recebia

um grande piano no qual a Condessa executava suas ensaiadas peças, sendo também palco para os bailes e o local usado para receber os convidados à sede, costume trajado à época, tal qual cita Homem (1996):

Mesmo que a casa possuísse fachadas formais, ou fosse de aluguel, os interiores apresentavam-se com aquela intenção, onde não faltava o piano, instrumento por excelência do século XIX, evocativo da cultura musical dos moradores. Aliaram-se a tudo isso a ordem, a meticulosidade e a limpeza, e eis que se delineou a morada da burguesia do século XIX, onde estariam jogados ao acaso objetos evocativos das prendas maternas, tais como xales, bordados, pinturas, etc., especialidades da dona da casa. (HOMEM, 1996, P. 29).

Já a sala de jantar recebia majestoso guarda-louças com peças de prata e onde eram servidas as refeições aos proprietários e em dias de festa.

À frente da residência, se posicionava o jardim, onde as moças realizavam caminhadas e dedicavam-se ao cuidado das flores que enfeitavam o jardim. Não era um local de extensa permanência, sendo caracterizado mais como passagem. Seu projeto só é passível de ser contemplado por meio de fotografias mais recentes (Figura 69), datadas da década de 60, antes que o mesmo fosse descaracterizado.

Figura 69: Repuxo d'água e aspecto do jardim lateral na década de 1960



Fonte: <http://botucatuicultura.blogspot.com/> - Acesso em 08/11/2020

Através das imagens, é possível referenciar a presença de um repuxo d'água que criava um eixo no desenho geométrico do jardim, centralizando simetricamente com a entrada original da residência. Há vestígios de caminhos calçados por tijolos com diferença de altura entre os canteiros e as áreas de passagem. Outro eixo é formado por uma alameda de Salgueiros-chorões (*Salix babylonica*), na direção leste do jardim, que cortava o muro e permitia acesso à casa do administrador e à sala de jantar, na fachada leste da residência. Os canteiros, assim como a casa, respeitavam as curvas de nível, não criando platôs ou desconformidades com a topografia original do terreno, sendo marcados por espécies gramíneas e delimitados por vegetação de

pequeno porte, no qual era possível executar a técnica da topiaria²⁹. Duas fileiras de palmeiras imperiais (*Roystonea oleracea*) marcam eixos paralelos ao eixo central e são retratadas também no quadro de Sekolas (Figura 65), sendo que a espécie era um traço característico das fazendas de café da região (como na fazenda Saltinho, fazenda Monte Alegre, fazenda Lageado). Além das palmeiras, árvores de médio e grande porte foram utilizadas, sobretudo, para criar um isolamento na lateral oeste da residência, onde são encontrados exemplares de Sibipiruna (*Caesalpinia pluviosa*), Flamboiã (*Delonix regia*) e Pau Ferro (*Caesalpinia leiostachya*), além da presença de algumas espécies de pinus e frutíferas, sobretudo Mangas Palmer (*Mangifera Indica*), também presente em outras variedades no pomar.

O pomar fica localizado na área posterior da residência e possui cerca de 1,5 metros elevado em relação ao 2º pavimento da casa-sede. Um muro circunda a diferença das curvas de nível executadas em pedras, formando um caminho que fixa o eixo central trazido desde o jardim, passando pela entrada da residência, pelo acesso posterior e, por fim, o acesso da sala de jantar ao pomar. De vasta extensão, o pomar possuía árvores agrupadas de acordo com a espécie, variedades de mangueiras, jabuticabas, pitangas, laranjeiras e espécies nativas de frutos não comestíveis. Assim como o jardim, o pomar era utilizado principalmente pelas damas para caminhadas e traziam o ar bucólico, porém organizado e civilizado, permitindo um certo isolamento das áreas destinadas ao trabalho.

Casa do Administrador

A casa do administrador ficava localizada muito próxima ao muro que dividia o espaço residencial do proprietário e a área de trabalho, à frente da casa, onde localizava-se um sino, que era utilizado para gerenciar os colonos nas horas de trabalho. Apesar da localização e da dimensão privilegiada, a estrutura e a organização espacial da casa do administrador não era diferente das colônias

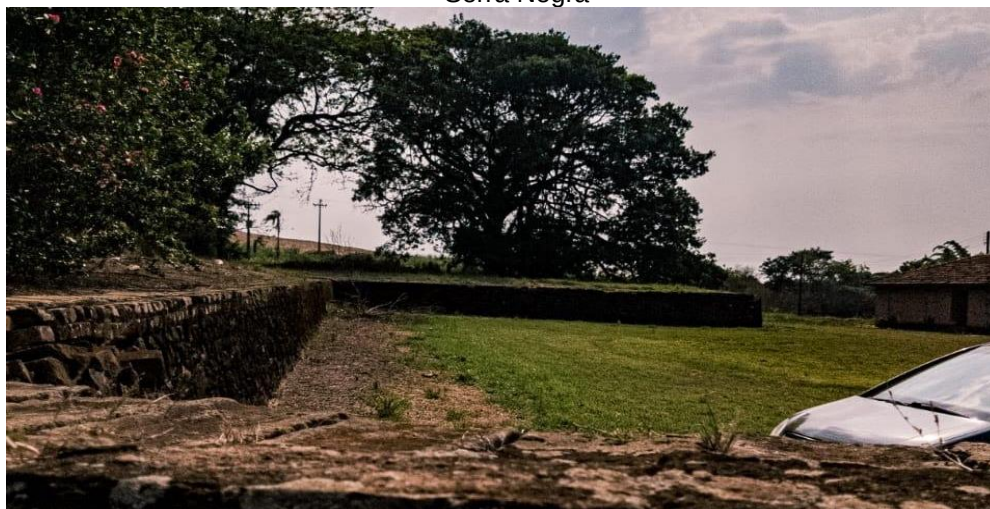
A casa do administrador da fazenda Serra Negra aparece apenas em um dos registros de Ferrigno, que confere com a descrição fornecida por meio de entrevista realizada no dia 09/10/2020: Sob um muro de arrimo executado em pedras, se assenta um platô observado na figura 70, no qual a residência térrea era fixada, que possuía cobertura em duas águas, uma queda direcionada à parte fronteira e a outra, à parte

²⁹ Arte de adornar os jardins conferindo a grupos de plantas, por meio de podas e cortes, configurações diversas.

posterior. A casa retratada por Ferrigno no quadro “Fazenda Victória, dos Condes de Serra Negra” possui traços simples e sem ornamentos na fachada ou nas aberturas.

Ao longo da pesquisa, não puderam ser recolhidas outras fontes de informação sobre a casa do administrador, pois hoje não restam sequer vestígios de sua arquitetura, com exceção do terreno de sua implantação (Figura 70). Nessas condições, as características da casa do colono também serão enquadradas para a casa do administrador.

Figura 70: Terreno onde era implantada a casa do administrador na configuração atual da Fazenda Serra Negra

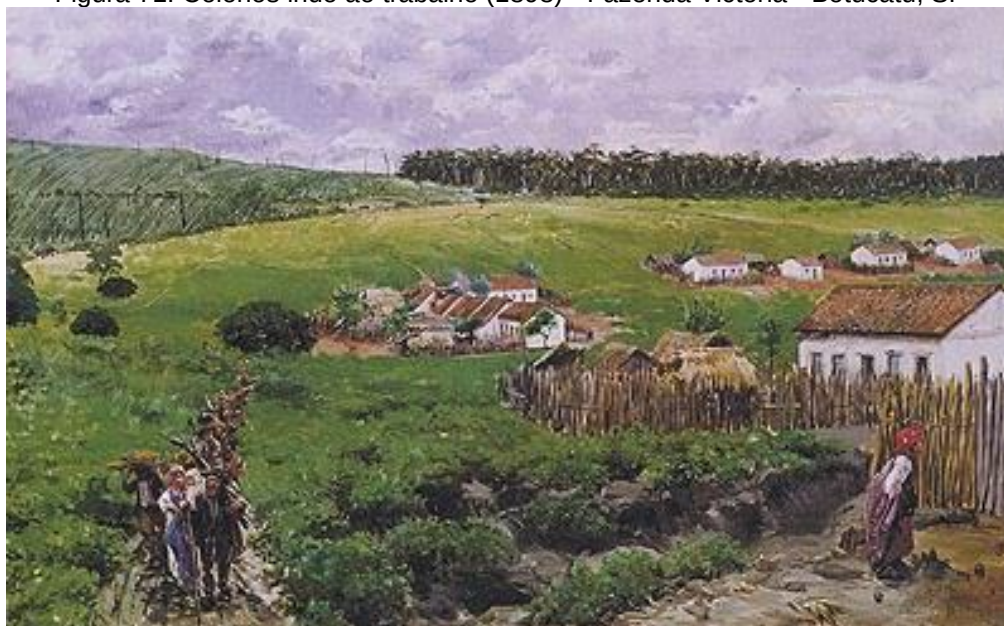


Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

Casa dos Colonos

Para melhor compreensão da casa dos colonos, observamos a figura 71. Como visto nas figuras 61 e 62, a implantação das colônias ocorre de maneira linear e em área não passível de cultivo. As casas eram comumente geminadas e térreas, construídas em pequenos núcleos, que eram espalhadas pela extensão da fazenda, mas concentradas nessas áreas mais próximas ao núcleo de plantação e de beneficiamento. Buscavam delimitar seus lotes com muros feitos de bambu ou de madeira. Os caminhos percorridos por eles não eram calçados e eram executados de acordo com a demanda das plantações.

Figura 71: Colonos indo ao trabalho (1898) - Fazenda Victória - Botucatu, SP



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/> - Acesso em 07/11/2020

Ao que tudo indica, as casas dos colonos na Serra Negra não tinham o caráter simplório e compacto observado em outras fazendas cafeeiras da Sorocabana. Ao contrário, possuíam as paredes vedadas por tijolos e revestidas com pintura de cal, dando esse aspecto branco que, unidas à cobertura de duas águas, dão a ideia de harmonia e de uniformidade ao complexo residencial. A fachada era simples, sem adornos e composta por aberturas de madeira, porém sem a vedação de vidro. Apesar da inexistência de elementos decorativos, as casas possuíam floreiras carregadas de espécies coloridas que enfeitavam a entrada da moradia.

A planta tem formato retangular e o acesso se dava de maneira direta ao interior da residência, sem o intermédio de varandas ou alpendres. O interior das casas está registrado apenas na memória dos antigos trabalhadores da fazenda, que descrevem a presença de um grande salão que funcionava tanto como estar e jantar, onde eram realizados os bailes e noites de músicas sertanejas. Havia também dormitórios internos,

a cozinha interna e o banheiro, porém ficavam localizados fora da casa. Internamente, as paredes eram revestidas, porém sem pintura, e o piso era de chão batido, sem diferenciação entre os cômodos. O pé direito das casas era simples e havia presença de forro de madeira, porém sem a existência de energia elétrica. Conforme é possível visualizar na figura 71, cada unidade familiar possuía sua própria criação de animais e, por essa razão, avistamos um pequeno curral coberto com telhado de madeira simples, sendo que alguns utilizavam desse espaço também para o cultivo de algum grão ou alguma hortaliça para aumentar sua renda, raramente para consumo próprio.

A síntese de todos os elementos expostos no ambiente físico está disposto no quadro 8.

Quadro 8: Ambiente Físico na Territorialização

PARÂMETRO	ARQUITETURA DESTINADA AO HABITAR						
	1	2	3	4	6	7	8
	IMPLANTAÇÃO	COMPOSIÇÃO DA FACHADA	SISTEMA CONSTRUTIVO	FORMATO DA PLANTA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	PISO	PAREDES	FORRO
SEDE	Implantação sob meia encosta, com dois pavimentos.	Aspectos neoclássicos de harmonia, simetria e ornamentos em gesso. Aberturas em vergas retas, com venezianas de madeira e fechamento em vidro. Portas de acesso com bandeiras envidraçadas e folhas almofadadas.	Malha estrutural dos assoalhos e da cobertura (telhas cerâmicas em 4 águas) em madeira, alvenaria estrutural	Planta em U, organizada em Sala de Jantar, Sala de Estar e Escritório (cômodos sociais), Cozinha, porão e despensa (cômodo de serviço), quarto de banho e dormitórios (cômodos privados)	Assoalho de madeira nos cômodos sociais e dormitórios, revestimento cerâmico no alpendre, cômodos de serviço e quarto de banho. Porão com piso de pedra.	Revestidas com Reboco e pintura em tons pastéis	Forro de madeira pintada em todos os pavimentos
CASA DO ADMINISTRADOR	Pavimento único sob platô, próximo à casa-sede	Fachada sem ornamentos. Aberturas em vergas retas, com fechamento em madeira.	Estrutura de madeira, vedada com técnica tijoleira e cobertura cerâmica em duas águas.	Planta em Retangular, organizada em: Sala de Estar (cômodos sociais), Cozinha (cômodo de serviço), banheiro e dormitório (cômodos privados).	Piso de Pedra ou cimento queimado	Pintura de Cal e a cor era dada pelo material.	Sem forros, estrutura aparente.
CASA DOS COLONOS	Implantação linear em conjuntos geminados de um pavimento sob platô único próximo ao curso d'água.	Fachada sem ornamentos. Aberturas em vergas retas, com fechamento em madeira.	Estrutura de madeira, vedada com técnica tijoleira e cobertura de madeira em duas águas.	Planta em Retangular, organizada em: Sala de Estar (cômodos sociais), Cozinha (cômodo de serviço), e Dormitório (cômodos privados).	Piso de Pedra ou cimento queimado	Pintura de Cal e a cor era dada pelo material.	Sem forros, estrutura aparente.

NÚCLEO INDUSTRIAL	
CULTIVO	Terreno com declive acentuado e diferença de altitude, o café era plantado em nível, seguindo as curvas em direção ao córrego. A colheita era realizada de forma manual, e transportada aos tanques de lavagem com carros de boi. O beneficiamento era realizado por via única.
TERREIRO	3 níveis de platô, localizados próximo ao curso d'água, revestido por tijolos, com sistema de comportas e transporte do grão por canaletas.
TULHA	Dois Pavimentos, com implantação inferior aos terreiros, cuja ligação é realizada por meio de uma passarela, que acessa ao segundo pavimento. Composição simétrica e harmônica da fachada, com aberturas em arco pleno, com fechamento em madeira, presença de ornamentos em gesso. Estrutura de madeira e técnica tijoleira revestidas com reboco e pintura, Cobertura cerâmica sem a presença de forro dividida em duas águas. Planta retangular, com pavimento de pedra.
CASA DE MÁQUINAS	Um pavimento, com implantação na fachada posterior da tulha, com o mesmo nível. Fachada sem ornamentos, com escassez de aberturas. Estrutura de madeira, revestida por tijolos. E cobertura de madeira. Planta retangular, com pavimento de pedra.
ARQUITETURA COMPLEMENTAR	
ESTÁBULO	Implantação em nível superior à tulha e inferior à casa do administrador, possui um pavimento e planta retangular que se dispõe de forma predominantemente longitudinal. Estrutura, fechamento e cobertura de madeira.
ARMAZÉM	Localizado no sul do córrego Bom Jardim, ficava próximo ao maior conjunto de colônias. Edificação com um pavimento, cobertura em duas águas, sem ornamento nas fachadas, com planta retangular e paredes revestidas de tijolos e pintura de cal.
CAPELA	Localizado no sul do Córrego Bom Jardim ficava próximo ao maior conjunto de colônias. Edificação com um pavimento, cobertura em duas águas, presença de uma torre frontal, sem ornamento nas fachadas, com planta retangular e paredes revestidas de tijolos e pintura de cal.
INFRAESTRUTURA	
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	O lago artificial funciona como um tanque de represamento do córrego das flores, que era a principal fonte de energia para o maquinário da fazenda, pois as comportas garantiam a força motriz para a roda d'água, localizada à nível interior da tulha. Um sistema de bombas recolhe essa água e destina à uma Caixa d'água localizada na cobertura do quarto de banho.
ENERGIA ELÉTRICA	Abastecimento de energia elétrica apenas para a casa-sede, por tempo limitado
ESGOTO	A coleta de esgoto era realizada por meio de fossas sanitárias, e recolhimento de dejetos no pavimento inferior.
TRANSPORTE	Possuía uma chave da estrada de ferro Sorocabana que ligava à fazenda ao ramal da estação Victória, ligando-se à Botucatu e a exportação dos grãos, além disso, era comum o uso de jardineiras para transporte entre o distrito e o município. Além disso, o transporte de muares, e as carroças estavam relacionados com os trabalhadores do campo.
CAMINHOS	Os caminhos fora dos muros do jardim da casa-sede eram predominantemente descalçados, já no jardim recebiam tratamento que variava entre lajotas cerâmicas e a pedra.
JARDIM E POMARES	O projeto paisagístico do jardim remete-se a desenhos tipicamente franceses: há presença de eixos simétricos demarcados pelas espécies das palmeiras imperiais e chorões, bem como a presença de árvores ornamentais e caminhos demarcados por topiaria. No centro do jardim, ficava localizado um tanque com repuxo d'água, o qual recebia uma estatueta cerâmica ao centro. No pomar localizado na parte posterior da residência, implantado a nível suavemente superior, as espécies predominantes eram as mangueiras, as pitangas e o jambo.

Fonte: Elaborado pela autora

5.1.2 Ambiente Social da Fazenda Serra Negra

Os principais atores sociais da Fazenda Serra Negra foram os Proprietários (GP), Administradores (GA), Trabalhadores fixos (GTF), Trabalhadores Temporários (GTT).

5.1.2.1 Proprietários (GP)

Após a compra de Antônio de Barros, a propriedade passou a compor o patrimônio da família Serra Negra: Manoel Ernesto da Conceição (pai) e Maria Justina de Sousa Resende (mãe), cujo matrimônio gerou os 9 filhos: Pedro (1894), Francisco (1895), Stella (1897), Raul (1898), May (1900), Cecília (1901), Gastão (1903) Elizabeth (1905) e Angelina (1907).

Manoel Ernesto da Conceição nasceu no dia 29 de outubro de 1850, no município de Piracicaba, filho de Francisco José da Conceição, o Barão de Serra Negra, e Gertrudes Eufrosina Oliveira Rocha.

O Barão³⁰ (Figura 72), descendente de imigrantes portugueses, foi um fazendeiro, político e cafeicultor fundamental para a consolidação urbana do município de Piracicaba. Conhecido por ser o precursor dos aparelhos para beneficiamento de café e de instrumentos aratórios na região, também contribuiu para a construção de diversos edifícios da cidade, como a Santa Casa de Misericórdia, o Hospício dos Alienados e o Banco de Piracicaba. Foi casado com Gertrudes Eufrosina Oliveira Rocha e, do casamento, nasceram 10 filhos, dos quais 3 deles foram cafeicultores de grande destaque na região de Botucatu: João Baptista, Manoel e Júlio, que, a partir de 1880, investem em compras de terras próximas uns aos outros. Em suas propriedades, aplicaram técnicas e conhecimentos adquiridos ao longo de sua convivência com as fazendas do pai, o que pode ser observado através de técnicas semelhantes utilizadas nas fazendas Serra Negra (Manoel Ernesto) e Lageado (João Baptista).

³⁰ Agraciado com o título de Barão pelo então imperador Dom Pedro II, em 17 de Maio de 1871

Figura 72: O Barão de Serra Negra sentado à direita rodeado por seus filhos



Fonte: <https://www.aprovincia.com.br/> | Acesso em: 07/11/2020

Ao redor de 1890, Manoel Ernesto da Conceição, já com a fazenda consolidada, (PIZA, 2015, p. 311) casa-se com Maria Justina de Souza Resende em 1893.

Maria Justina de Souza Resende nasceu no dia 4 de Maio de 1874 no Rio de Janeiro (RJ), filha de Pedro Ribeiro de Souza Resende (Barão de Valença) e de Justina Emerich (Baronesa). Fidalgo, Pedro foi engenheiro civil e serviu à força militar no Rio de Janeiro, forma pelo qual adquiriu seu título nobiliárquico. Após retornar da Guerra do Paraguai, dedicou-se à agricultura e à plantação de café no Rio de Janeiro e no Vale do Paraíba. Dada a diferença de idade entre Maria Justina (19 anos) e Manuel (43 anos) e sua ascendência nobre genealógica, acredita-se que foi um casamento acordado, afinal, este não foi o único casamento realizado entre as nobres famílias Conceição e Resende. Ana Cândida da Conceição, irmã de Manuel Ernesto, casou-se com o 1º Barão de Resende (Estêvão Ribeiro de Sousa Resende), o qual foi um dos fundadores da Companhia Ituana de Navegação e responsável por fundar o Engenho de Piracicaba.

Tais fatos ascendentes à genealogia do Conde e da Condessa revelam seu próprio contexto cultural, sendo que ambos estavam inseridos na economia agrícola, vindos de famílias nobres paulistas, desfrutando de muito luxo e vivendo cercados de riquezas e de contatos com a Europa, seja através da relação com a família imperial, seja através dos estudos. Também foi no ano de 1893 que o café enfrentou sua primeira crise, devido à superprodução do grão (TARASANTCHI, 2005, p. 24).

Como um grande investidor, a fazenda Victoria/ fazenda Serra Negra (objeto de estudo) não foi a única propriedade rural de Manoel Ernesto, o qual possuiu terras ao longo da linha férrea em São Paulo e também no Rio de Janeiro. Ao final da década, movido pelos diversos investimentos que já havia feito em suas propriedades, Manoel, já com 4 filhos, decide unir-se a fazendeiros da região em favor de uma grande propaganda do café paulista na Europa (TARASANTCHI, 2005, p. 26). Assim contrata, por volta de 1898, o pintor Antonio Ferrigno.

Antonio Ferrigno, nascido na Itália, chega em terras brasileiras em 1893 e permanece até 1905, buscando sucesso econômico. Ficou conhecido como o pintor do café e sua obra tem caráter de pintura histórica, sendo que, além das fazendas, retratou a antiga São Paulo e o litoral paulista. O Conde convidou Ferrigno para retratar sua Fazenda Victória e a Fazenda Santa Gertrudes, passando parte de sua estadia no Brasil em suas propriedades. As pinturas foram expostas na Exposição Universal em Paris (TARASANTCHI, 2005, p. 22-26), cujo principal objetivo era enaltecer o produto no comércio externo e nas exposições industriais que ocorriam pela Europa.

Firme em seus propósitos, em 1904, Manoel Ernesto se mudou com a família e fixou residência em Paris na Rua Dome, nº 5, após instalar, em 1902, uma moderna torrefação e uma casa comercial na rua Jean Jacques Rousseau, nº 73 (CORREIO PAULISTANO, 1914), e o depósito no faubourg Montmartre, nº 43, de onde eram distribuídos os grãos produzidos em Botucatu e nas demais propriedades (PUPO, 2001, p. 284). Os filhos ali foram educados, em grande mansão com diversos serviçais. Pedro e Raul desenvolveram estudos e auxiliaram na administração dos bens da família. Junto de sua esposa, organizava exposições, oferecia cafés em chávenas, dava festas, jantares e grandes bailes, tudo exclusivamente para tornar conhecido o café brasileiro. Essa mudança foi um marco na trajetória de Manoel Ernesto, pois simbolizou o perfil itinerante e viajante do proprietário: entre suas viagens, passava 6 meses na Europa e 6 meses no Brasil, visitando suas diversas propriedades. No Brasil, a Condessa ocupava-se das suas obrigações sociais e assistenciais na Corte, no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde a família convivia com o Poder Político e com os grandes financistas paulistas. Nas fazendas, as mulheres comumente ocupavam-se do trato dos jardins e pomares. Não diferente, as fazendas

da Condessa contavam com jardins planejados e vastos pomares, o que levava a caminhadas no interior de sua propriedade e ao cuidado das espécies vegetais.

Em 1906, após a morte do Barão do Rio Pardo, Manoel adquire seu palacete localizado entre as Alamedas Ribeiro da Silva e Barão de Piracicaba, nº 180 no Bairro Campos Elíseos na capital Paulista (Figura 73). Em Botucatu, por volta de 1905, influenciou a instalação da companhia de luz elétrica no município e em sua propriedade, sendo pivô de negociações com empresas inglesas. Suas residências eram lugares de pouso e estadia por entre viagens, recebia convidados, amigos como a família Cardoso de Almeida, e aproveitava para administrar seus negócios.

Figura 73: Palacete do Barão do Rio Pardo na cidade de São Paulo em 2009 - antes da demolição



Fonte: <https://saopauloantiga.com.br/> - Acesso em 07/11/2020

Em 1909, Manoel Ernesto (Figura 74) recebe condecoração do Governo Francês frente aos serviços prestados na divulgação do café brasileiro, o título de Chevalier du Mérite Agricole (O BOTUCATUENSE, 1909). Em 1913, o jornal Correio Paulistano aponta em nota de Santa Cruz do Rio Pardo que Manoel Ernesto recebe o título de Conde Serra Negra concedido pelo Papa Pio X (CORREIO PAULISTANO, 1913).

Figura 74: Retrato do Conde Serra Negra



Fonte: <https://www.botucatuonline.com/> - Acesso em 07/11/2020

Em 1914, foi convidado a participar da Exposição Internacional de Lyon, cujos méritos foram reconhecidos pelo governo da província. Em Londres, a Condessa foi responsável por organizar um modesto, porém requintado pavilhão, no qual foram fornecidos festas, bailes e banquetes por cerca de um mês, sendo um local de apresentação do Conde de sua inovadora mistura de Café e Champagne (CORREIO PAULISTANO, 1914). Empenhou boa parte de sua fortuna somente pelo prazer de tornar o café conhecido. Além de empreender, o Conde tinha costume de usufruir e apostar em corridas de cavalo, por vezes realizadas em sua propriedade.

Ao final da Primeira Guerra Mundial em 1917, a queda do café era iminente e, uma a uma, suas propriedades foram sendo desativadas, com exceção da Vila Victória, cuja venda Manoel não presenciou em vida. O Conde faleceu em 14 de março de 1923, na cidade de São Paulo. Coberto por seus méritos, seu féretro foi acompanhado pela imprensa e entidades da política paulistana e cortejo de seus familiares que prestaram suas últimas homenagens. Após a morte de seu marido, a Condessa (Figura 75) ainda jovem, tornou-se uma figura pública paulistana.

Figura 75: Fotografia da Condessa de Serra Negra em 1950



Fonte: O Diário de São Paulo, Ed. 50 de 10 de abril de 1950

Como mulher católica, doou terras para a construção de uma igreja em Vitoriana (Nossa Senhora das Vitórias) e fazia parte de diversas ações de caridade na cidade de São Paulo. Tornou-se presença nobre, seguia rigidamente as regras de etiqueta, como boa anfitriã que era. Apreciava jogos de xadrez e tocar piano, além de ser assídua frequentadora de óperas.

Apreciava receber convidados para os quais oferecia lautos almoços. Permaneceu, ela, após a morte do marido na propriedade remanescente do primitivo latifúndio. Nas tardes quentes de verão, acompanhada pela voz das cigarras, passava horas ao piano, executando as mais famosas músicas, dos mais famosos autores. Dependendo de seu estado de espírito, executava músicas de Strauss, quando calma, e as de Chopin, quando exaltada. Certa feita, Dr. Madureira de Camargo, então Juiz de Direito desta Comarca, foi convidado pela Condessa para um almoço, juntamente com membros da família forense local (escrivães, escreventes, etc...). Enquanto se aguardava o início do almoço, em determinado momento, a Condessa, com toda aquela altivez de Rainha do Café, tocando de forma estridente uma campainha, advertiu o garçom de serviço, de que os talheres localizados em tal lugar da mesa, estavam em pequeno desalinho, o que foi imediatamente observado. À frente de cada "almoçante" havia copos e talheres, os mais diversos, o que acarretou aos convivas muito desconforto no manuseio deles. Findo o almoço, pela Condessa, foram executadas ao piano páginas clássicas. (FIGUEIROA apud SCARPELLINI, 2009).

A Condessa dedicou-se também à escrita, tecendo comentários e colunas sobre sua experiência com a Europa e com a corte. Em uma de suas declarações, a Condessa fala sobre sua dedicação à vida escrita: “Sou mãe de oito filhos. Porém já estão todos casados. Enviuvando, achei que devia procurar uma ocupação. Encontrei-a: a história e os pobres, que dividem o meu tempo em duas partes, absorvendo-as inteiramente” (SERRA NEGRA, 1956, p. 8). Faleceu na cidade de São Paulo no dia 10 de abril de 1956.

Figura 76: Reunião da família Serra Negra - Condessa ao centro



Fonte: <http://botucatuicultura.blogspot.com> – Acesso em: 07/11/2020

De seus filhos, apenas Pedro Serra Negra fixou-se na cidade e seguiu os passos do pai com relação à agricultura e à política. Casou-se e estabeleceu-se na rua João Passos, nº 393 no município de Botucatu, exerceu dois mandatos como vereador, frente à causa da Revolução Paulista de 1932.

5.1.2.2 Administradores (GA)

Com as intensas viagens de Manoel Ernesto através da ferrovia, a figura do administrador tornou-se indispensável. De acordo com Benincasa (2008, p.135), o administrador era um profissional de confiança do proprietário, responsável por direcionar os assuntos cotidianos do trabalho na fazenda e tinha o privilégio de residir numa casa com certo isolamento familiar, que funcionava como um misto de escritório e moradia.

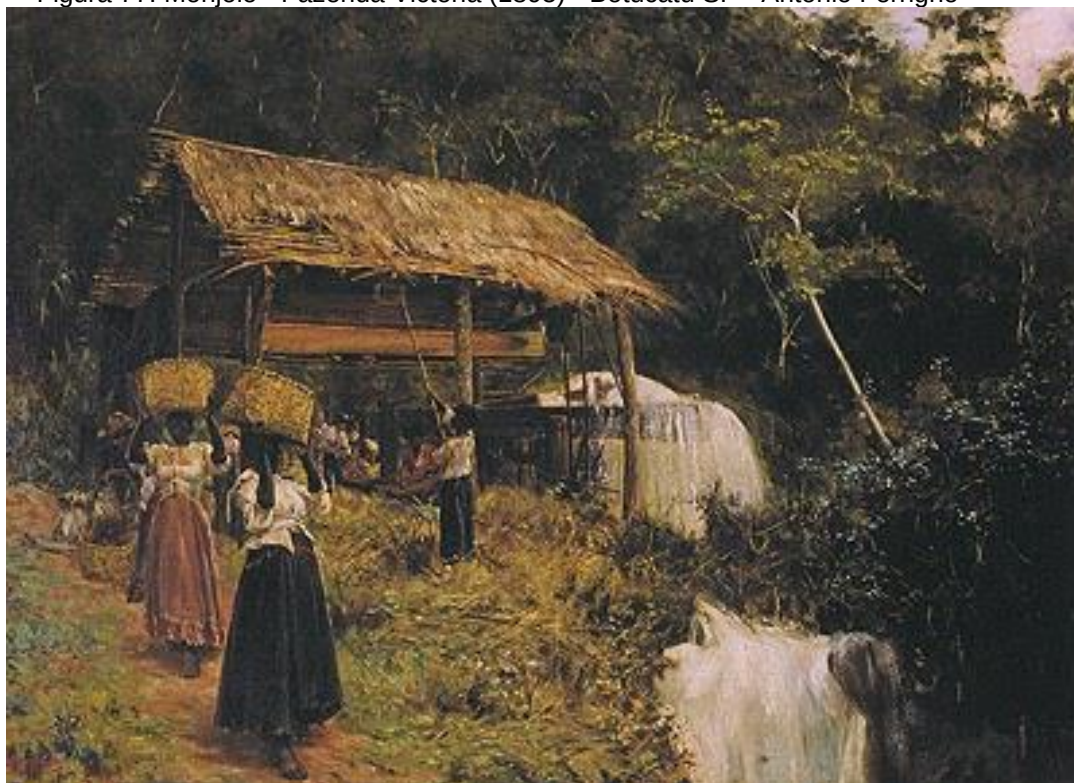
Na fazenda Serra Negra, o mais antigo administrador de que conseguimos resgatar por meio dos relatos foi a família Petreconi. O sr. Petreconi era responsável pela contratação de pessoal, pela compra e venda de produtos necessários e pelo pagamento de funcionários. Além do serviço de escritório, abria caminho diariamente entre as plantações andando a cavalo e cuidando da lavoura e das oficinas no núcleo central da fazenda. Possuía estreitas relações com o proprietário, cuidando dos negócios na época da colheita e em visitas realizadas pelo Conde esporadicamente à fazenda. Juntavam-se aos trabalhadores para as atividades de lazer, que serão melhor descritas a seguir.

5.1.2.3 Trabalhadores Fixos (TF)

Antes mesmo da proclamação da República, Manoel Ernesto sempre preteriu pela presença do trabalhador imigrante ao invés da mão de obra escrava em suas terras. Entretanto, estava sempre acompanhado de amas e de trabalhadoras domésticas, contando, até a abolição da escravatura, com a posse de alguns escravos. Prova disso é que em 1880, data em que adquire a fazenda Serra Negra, foi processado por um de seus escravos para obter liberdade, em favor da Lei do Ventre Livre (MARAFANTE, 2010, p. 31).

Em sequência, no quadro Monjolo da Fazenda Victória (Figura 77), o pintor retrata mulheres negras carregando cestas de palha sobre a cabeça próximas a um monjolo. Como nessa época o beneficiamento dos grãos já era feito de forma mecanizada, tudo indica que o monjolo era para subsistência dos próprios trabalhadores que tinham uma certa independência na vida, além do trabalho. Essa figura revela os valores pictóricos de Ferrigno, de valores comerciais, a fim de retratar um cenário bucólico que as fazendas tinham.

Figura 77: Monjolo - Fazenda Victória (1895) - Botucatu SP - Antonio Ferrigno



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/> - Acesso em 07/11/2020

A Vila Victória foi uma das primeiras terras Botucatuenses a ser cortada pela estrada de ferro e, com a alta demanda que sua produção cafeeira necessitava, a maioria dos imigrantes, sobretudo italianos, que chegavam a Botucatu eram destinados à fazenda Serra Negra e ali constituíam família. Uma grande representação da imigração italiana na fazenda Serra Negra é a família Zanotto.

De acordo com Piza (2015, p. 312) a família Zanotto foi a responsável pela edificação da estrutura da fazenda construída em Botucatu. De fato, pertenciam à segunda leva de imigrantes trazidos à Botucatu, visto que à chegada de tão grande família ocorreu por volta de 1890. No registro Emigrazione Veneta³¹, Guglielmo (1878) e seu irmão Guido Zanotto (1880), filhos de Angelo e Lúcia Gottardo aparecem nos dados partindo da região de Padova (Pádua) na Itália. Apesar de não estarem registrados, a família Zanotto era composta pelos irmãos Ricardo, Guglielmo, Guido e Hemenegildo (nascido na fazenda Vila Victoria) e mais duas irmãs mulheres. Entre os familiares, destacam-se, em Botucatu, as figuras de Ricardo e de Guido que, por meio da vivência, poderemos tratar o perfil do trabalhador imigrante que chegava à fazenda Serra Negra.

³¹ <http://www.emigrazioneveneta.com/>

Ricardo e Guido trabalharam desde criança, a princípio auxiliando seu pai na construção da sede da fazenda. Ricardo logo despertou atenção de Manoel Ernesto e foi levado para trabalhar no interior da casa sede, cuidando do manuseio de papéis, de cadernetas e da escritura da fazenda (GODOY, 2009, p. 308). Guido foi carpinteiro, ferreiro e carroceiro e não teve oportunidade de frequentar a escola, sendo educado dentro de casa (UNIFAC, 1986).

Por volta de 1902, assistindo o fluxo de colonos à cidade a fim de fazerem pequenas compras, os irmãos associaram-se estabelecendo um armazém de secos e molhados ainda nas antigas propriedades do Conde, onde visavam as plantações também do entorno, visto que montaram maquinário de beneficiar café e arroz. Católicos, ambos frequentavam a missa que era realizada logo pela manhã (GODOY, 2009, p. 308). Em 1911, Guido mudou-se definitivamente para a cidade e, desligando-se da sociedade com Ricardo, cria novas instalações na Vila dos Lavradores (antigo Bairro da estação) com seu maquinário de beneficiamento, enquanto seu irmão Ricardo dedica-se ao comércio na Rua Amando de Barros (antiga Riachuelo) no município de Botucatu com diversas filiais. Guido (Figura 78) participou da instalação da primeira rádio, da fundação do Botucatu Tênis Clube e foi membro da sociedade italiana, recebendo, em 1915, uma condecoração pelos trabalhos em prol da cafeicultura (CORREIO DE BOTUCATU, 1971).

Figura 78: Retrato de Guido Zanotto



Fonte: UNIFAC, 1985

A fazenda possuía colônias espalhadas por toda sua extensão, sendo que o maior grupo de imigrantes que chegava vinha da Itália, estabelecia-se na fazenda que ficava próxima ao pontal do ramal da Sorocabana e, após um período de trabalho na lavoura, adquiriam seus próprios negócios na área urbana, chegando até mesmo a constituir cafezais. O quadro 9 a seguir busca sintetizar algumas famílias que iniciaram sua vida na Fazenda Serra Negra:

Quadro 9: Famílias estabelecidas na Fazenda Serra Negra

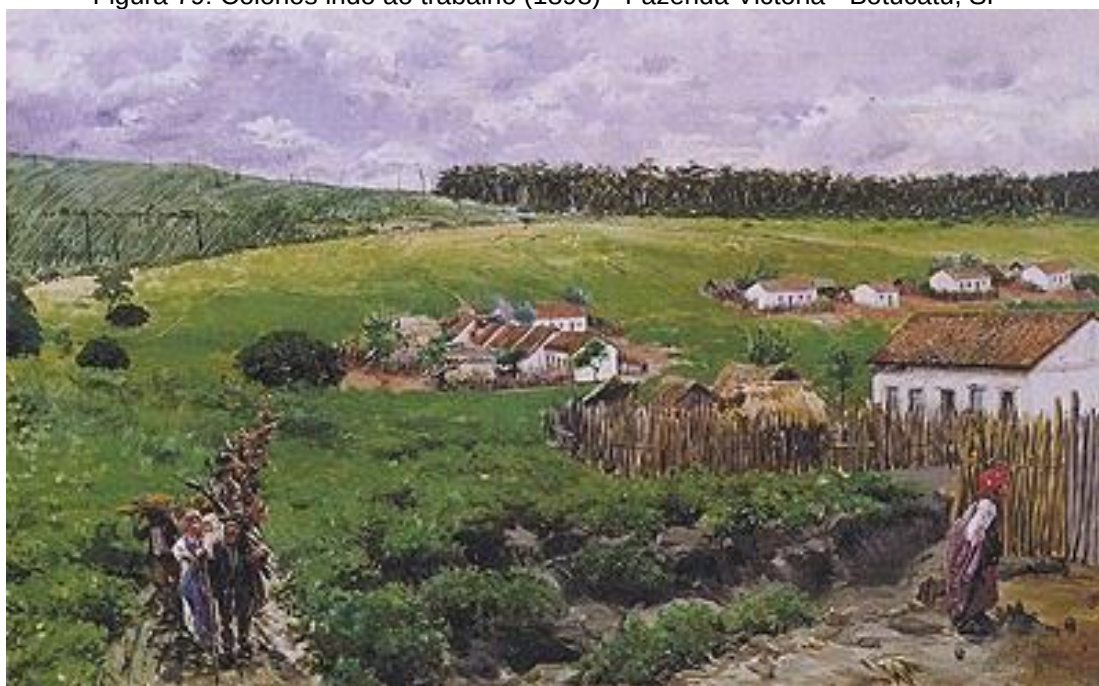
FAMÍLIAS DE TRABALHADORES FIXOS

NOME E SOBRENOME DA FAMÍLIA	LOCALIDADE EMIGRADA	PERÍODO FIXO NA FAZENDA	TRABALHO FIXO DA FAZENDA	TRABALHO DA CIDADE
Spera (Pietro, Elisa Papa, e Mario)	<i>Frosione (Roma) - Itália</i>	1914-19??	Lavoura	Comércio
Rodrigues (Antônio, Maria Rosalina e Rosa)	<i>Itália</i>	1917-19??	Lavoura	Arrumadeira e Lavadeira
Bartolli (Ernesto, Ângela, Guilherme e Virgílio)	<i>Venancia – Itália</i>	1897-1909	Lavoura	Cultivo de Café e Milho
Cardinalli (Alfredo e sua família)	<i>São Giorpi D’Pezaro – Itália</i>	1901-1912	Lavoura	Comerciante de móveis e colchões
Papa (Ângelo Antônio, Concheta Calcangi e 13 filhos)	<i>Pontevolve – Itália</i>	1904-19??	Lavoura	Fornecedor de Lenha para Locomotivas
Covre (Ângelo e Maria Graciosa Tenore)	<i>Udine – Itália</i>	1894-1918	Lavoura e Mestre-Escola	Ferrovária
Rodrigues Venegas (Antonio Mathias, Maria Veiga e Plácido)	<i>Granada – Espanha</i>	1905-1919	Lavoura	Comerciante de Bar e Pensão
Carnietto	<i>Itália</i>	1900-1940	Lavoura	Armazém da Fazenda

Fonte: Elaborado pela autora

A figura do imigrante também aparece no retrato de Ferrigno, Fazenda da Baronesa (1898), mostrando um pouco do dia-a-dia do trabalho na fazenda. Nele, um grupo de pessoas aparece cortando uma densa vegetação com seus utensílios de trabalho em mãos (Figura 79), sendo representadas figuras majoritariamente brancas a caminho do seu trabalho na lavoura, trajadas com roupas simples.

Figura 79: Colonos indo ao trabalho (1898) - Fazenda Victória - Botucatu, SP



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/> - Acesso em 07/11/2020

Acredita-se que a rotina tinha início por volta das 5h da manhã, ao soar o sino que o administrador controlava, iniciavam-se os trabalhos na lavoura; ao segundo toque, os trabalhadores sabiam que esta seria a pausa para o almoço (BASSANEZI, 2019, p.31). Comumente, alimentavam-se de carne de porco e de fubá de milho, que cultivavam em suas próprias residências. Ao findar o dia de serviço, volviam-se para suas casas, onde nas horas de lazer tocavam modas sertanejas e faziam festas no interior de suas habitações, sendo que raramente as famílias ficavam presas às casas, antes participavam de qualquer evento social (PUPO, 2001, p. 358). iam à cidade para frequentar as reuniões da sociedade italiana, faziam compras e quando era necessário algum atendimento médico que a farmácia local não era suficiente. As mulheres também trabalhavam na colheita e cuidavam dos animais que criavam no interior de suas pequenas propriedades. Algumas eram direcionadas ao trato da Casa-sede, cuidavam dos afazeres domésticos: eram cozinheiras, lavadeiras, passadeiras, arrumadeiras e, por vezes, faziam companhia às filhas da Condessa.

As crianças, quando não trabalhavam na lavoura, frequentavam o extinto grupo escolar Conde Serra Negra mais próximo ao núcleo urbano de Vitoriana, fazendo esse percurso caminhando diariamente. Frequentavam a Igreja Católica, cuja representação se dava por meio de uma capela, onde eram organizadas turmas de catequese, fazendo com que crianças e jovens fossem introduzidos na fé cristã. Os

jovens reuniam-se para jogos de futebol e festas religiosas, no qual a banda Villa Victória animava os festejos da fazenda e na estação Victória.

Ao findar o dia de serviço, volviam-se para suas casas, onde nas horas de lazer tocavam modas sertanejas, e faziam festas no interior de suas habitações, raramente as famílias ficavam presas às casas, antes participavam de qualquer evento social (PUPO, 2001, p. 358). iam à cidade para frequentar as reuniões da sociedade italiana, faziam compras e quando era necessário algum atendimento médico que a farmácia local não era suficiente. As mulheres também trabalhavam na colheita, e cuidavam dos animais que criavam no interior de suas pequenas propriedades. Algumas eram direcionadas ao trato da Casa-sede, cuidavam dos afazeres domésticos: foram cozinheiras, lavadeiras, passadeiras, arrumadeiras e por vezes faziam companhia às filhas da Condessa.

As crianças, quando não trabalhavam na lavoura, frequentavam o extinto grupo escolar Conde Serra Negra mais próximo ao núcleo urbano de Vitoriana, faziam esse percurso caminhando diariamente. Frequentavam a Igreja Católica, cuja representação se dava por meio de uma capela, lá eram organizadas turmas de catequese, onde crianças e jovens eram introduzidos na fé cristã, essa massiva presença da religião garantiu forte coesão e homogeneidade cultural entre os imigrantes da fazenda (BASSANEZI, 2019, p. 161). Os jovens reuniam-se para jogos de Futebol e festas religiosas, no qual a banda Villa Victória animava os festejos da fazenda e na estação Victória.

Em Outubro, visita Botucatu, tomando parte nos festejos organizados pela colônia italiana, em virtude da paz ítalo-turca, à Banda Villa Victoria, regida pelo professor Andreilino Vieira, “Essa magnífica banda musical, que se acha competentemente uniformizada, é composta exclusivamente de elementos da importante fazenda Villa Victória, do sr. Manoel Ernesto da Conceição. (PUPO, 2001, p. 358).

5.1.2.4 Trabalhadores Temporários (TT)

Ao longo da coleta de dados foram identificados diversos atores sociais que fizeram parte da história da fazenda, e que tinham contato esporádico com os moradores que ali residiam. De acordo com Stolcke (1986), por vezes os cafeicultores valiam-se de grupos de trabalhadores temporários, quando as necessidades da lavoura cafeeira não podiam ser cobertas pelas famílias de colonos, a maioria desses trabalhadores temporários foi constituída por homens solteiros que, por essa razão, não podiam encontrar trabalho como colono. Benincasa (2008, p. 293), ainda

acrescenta que ao final do século XIX, os profissionais se especializaram para se organizar na ausência do proprietário, funções específicas como guarda-livros, fiscal geral, mestre-terreiro, maquinista, entre outros responsáveis pelo cuidado da casa-sede.

O Guarda Livros era responsável pela contabilidade da fazenda (BENINCASA, 2008, p. 293). No caso da Serra Negra, o sr. José Martins de Barros, conhecido como Bem de Barros, era responsável por tal atividade. Botucatuense, Bem de Barros era produtor rural, trabalhou com a plantação de gado e produção cafeeira, foi do Conselho da Caixa Econômica e administrou financeiramente a fazenda Serra Negra, Sobrado e Nossa Senhora da Conceição (GODOY, 2001, p. 194). Em 1940, mudou-se para o espaço urbano, sendo residente à Avenida Dom Lúcio, nº 50 (ao lado da Casa das Meninas). Viajavam a cavalo, prestando serviços às fazendas, enquanto mantinham sua família à cidade, sendo seus filhos educados nos grupos escolares da cidade, como o Liceu Botucatuense e o Colégio dos Anjos. Algumas personalidades, como Primo Paganini (1888 - Quistelo, Itália), tendo conhecimento do potencial da fazenda, mudaram-se para Vitoriana e edificaram estabelecimentos comerciais para atender aos trabalhadores da fazenda e demais propriedades ao redor. No caso de Primo, ele construiu uma alfaiataria e uma barbearia (GODOY, 2001, p. 298-299).

Além deles, todos os dias carroceiros percorriam as propriedades durante a colheita e levavam sacas da produção para a cidade. Invariavelmente, de acordo com as biografias do Cavaleiro Serafim Blasi, industriais realizavam manutenção das máquinas fornecidas por eles às fazendas. Algumas mulheres, ainda moças, vinham trabalhar diariamente na fazenda. Trabalhavam como arrumadeiras e lavadeiras nas dependências da casa-sede, visto que a Condessa não ocupava-se de atividades tão veniais. Ocupavam-se também do ofício de babás e de cuidadoras, durante a permanência das crianças filhas do proprietário.

Disposto no quadro 10 a seguir, encontra-se a síntese dos dados expostos ao longo do ambiente simbólico, a fim de contribuir para a análise sociofísica da Fazenda Serra Negra na territorialização.

GRUPO SOCIAL	Gênero	ATIVIDADES													
		Cultivo	Cenário Físico	Programadas	Cenário Físico	Espontâneas	Cenário Físico	Locais	Cenário Físico	Circulação	Cenário Físico				
Trabalhadores Fixos Imigrantes Italianos	M	Colheita, Secagem e Beneficiamento	Núcleo Industrial	Trato de Animais Domésticos	Casa dos Colonos e Estábulo	Saúde	Rua Riachuelo	Atividades Religiosas	Igreja N. Senhora das Vitórias e Capela	Cavalgadas e carroças	Estrada Alcides Soares				
						Comércio	Rua Riachuelo e Vitoriana								
						Política	Centro Republicano			Caminhar	Estrada Alcides Soares				
						Educação	Escola Conde Serra Negra (Vitoriana) e Centro Republicano					Cultura Imigrante	Associações de Imigrantes		
				Compra de Secos e molhados	Armazém					Ligação entre Vitoriana e Botucatu	Estação Victória – Estação Central				
				F	Colheita e Secagem	Plantação e Terreiros	Cuidado Doméstico			Casa dos Colonos e Cozinha e Porão (Casa-Sede)	Saúde e Comércio	Rua Riachuelo	Atividades Religiosas	Igreja N. Senhora das Vitórias e Capela	Caminhar
	Bordados	Casa dos Colonos	Ligação entre Vitoriana e Botucatu					Estação Victória – Estação Central							
	Educação	Escola Conde Serra Negra (Vitoriana) e Centro Republicano							Festas		Convivência entre as colônias	Trato dos Jardins			Jardim frontal
	Trabalhadores Temporários	M	Contabilidade				Escritório (Casa-Sede)	Arquivos	Escritório			Atividades Religiosas	Matriz de Sant’Anna		
		F	Cuidado dos Filhos dos proprietários				Casa-Sede			Saúde	Rua Riachuelo	Atividades Religiosas	Igreja N. Senhora das Vitórias. E Matriz de Sant’Anna		

Fonte: Elaborado pela autora

5.1.3 Ambiente Simbólico da Fazenda Serra Negra

Os resultados acerca da dimensão simbólica revelam os significados atribuídos pelos grupos sociais (proprietários, administradores e trabalhadores fixos e temporários) da Fazenda Serra Negra. Vale ressaltar que diversas edificações e escolha dos locais implantação da lavoura e dos caminhos não são utilizados por acaso, eles são, na verdade, reveladores de significados que os diferentes grupos sociais carregam. A título de exemplo, para os proprietários, a fazenda simbolizava um grande investimento no qual a sua principal renda se valeria da quantidade de café que se poderia produzir. Para tanto, era necessário que toda a área cultivável fosse ocupada com a plantação de café e somente as áreas remotas, geralmente próximas aos cursos de água, seriam destinadas para as colônias, que se dispunham em linhas retas para também ocupar menor parte do terreno, conferindo à implantação aspecto tofóbico, pois fazia referência à insalubridade.

O muro que separa as edificações segue tendências burguesas do final do século XIX, sendo representadas as características de separação do ambiente privado e aristocrático da família do fazendeiro, daquele do mundo do trabalho, onde circulavam os trabalhadores, cujo proprietário prezava por manter afastado das mulheres da casa (BENINCASA, 2007, p. 471). Ou seja, podemos considerar que, para as mulheres proprietárias, o ambiente de trabalho detinha valores tofóbicos e representavam uma paisagem desagradável, a qual não fazia parte de sua representação simbólica.

Para uma figura de posses, como o Conde Serra Negra, viagens à Europa eram constantes e o fato de um imigrante italiano ter sido responsável pelo início da construção da residência com traços e programas inspirados pela Paris de Haussmann (LEMOS, 1933, p. 38).

A arquitetura torna-se reveladora de valores históricos e artísticos, praticados não somente por esse grupo de proprietários isoladamente, mas também tendo um traço característico dessa classe social, o que leva a uma percepção tofílica com relação ao casarão. Os nobres hábitos praticados pelo Conde e pela Condessa revelam o apreço pela paisagem, fazendo com que as fachadas se abram para o exterior (BENINCASA, 2007, p. 496), além de ser um ponto estratégico de observação do proprietário para a lavoura, tal elemento se disseminando nos alpendres pelas fazendas construídas ao longo do século XIX. De todos os legados culturais pelo

território paulista, as diversas formas de arquitetura doméstica propiciaram um amplo e diversificado conjunto arquitetônico e talvez sejam as que mais marcaram a transformação dos costumes locais (SETUBAL, 2004, p. 39), sendo que a arquitetura era a forma que o proprietário detinha de ostentar as suas propriedades.

Outro fator determinante era a questão de gênero, pois existiam espaços destinados para o uso comum femininos ou masculinos. As salas de visitas, os jardins e pomares eram espaços relacionados à proprietária e suas filhas e eram proibitivos para os trabalhadores da lavoura (BENINCASA, 2010, p. 10). Os jardins possuíam desenhos inspirados no paisagismo Francês e eram de cuidado da senhora, sendo o pomar localizado ao fundo da casa uma garantia à Condessa de maior privacidade em relação aos funcionários que circulavam para manutenção de sua própria casa e entendido como uma atividade de lazer. A sala de visitas era usada como ostentação da posição social da Condessa e era densamente decorada com peças de louça, cristais, mármore e dos trabalhos manuais das mulheres da casa, que utilizavam as superfícies para expor suas obras em renda e crochê que de forma alguma estão desobrigadas de apresentar “muita variedade e perfeição”. A sala era equipada com mobília necessária para que a mulher apresentasse publicamente habilidades no campo da conversação, da música e da literatura (CARVALHO, 2008, p. 156). Assim sendo, promove a sensação topofílica aos proprietários e convidados, pois era um local comumente associado ao entretenimento e à fonte de renda em decorrências das negociações realizadas durante estes eventos. A sala de Jantar e os escritórios eram espaços masculinos, onde o proprietário realizava negócios, sendo frequente o uso de móveis robustos confeccionados em madeira nobre, não polidas (CARVALHO, 2008, p. 127); apenas o Conde tinha contato com o administrador e também com a capital, sendo que por muitas vezes deixava a família na fazenda e fazia longas viagens pela Europa. Dessa forma, novamente representam um espaço topofílico, pois apropriou-se do espaço como área de negócios e de uso masculino.

Para o trabalhador escravo, a princípio, e, posteriormente, para os trabalhadores livres, os valores topofóbicos estavam relacionados com a conduta e com a administração da fazenda, mais do que com o próprio proprietário. As mulheres, destinadas ao serviço doméstico, não possuíam expectativas topofílicas e sensações de segurança, pois viviam constantemente sob o medo de ficarem sem trabalho e fonte de renda. As sensações constantes faziam referência ao medo, aos cheiros

desagradáveis do trabalho árduo e à limpeza de dejetos. Apesar disso, há relatos de que a fazenda também simbolizava o porto seguro, para o qual, diversos escravos volveram-se ao não encontrar trabalho e comida quando finalmente alcançaram sua alforria.

Quanto aos imigrantes, como visto, a fazenda tinha valor simbólico toponímico, pois representava um degrau no caminho de sua ascensão social. Muitos reuniram capital suficiente e abriram suas próprias casas de comércio e plantações, entre outros, no espaço urbano, sendo condições que não alcançariam em sua terra natal, no velho continente.

As memórias com relação às habitações fazem constante referência às reuniões de família e a dia de festas, a casa era organizada e decorada para receber festejos, sendo eles religiosos, cívicos ou para fins de divulgação. As propriedades localizadas na Europa foram motivo de orgulho e de ostentação da família Serra Negra por anos, sendo referência para tratamento de saúde e também de educação. Simbolizavam a conquista máxima da família Conceição.

A síntese de todos os elementos expostos no ambiente simbólico está disposta no quadro 11 a fim de auxiliar na interpretação das congruências sócio-simbólicas e simbólicas-físicas.

Quadro 11: Ambiente Simbólico na Territorialização

TERRITORIALIZAÇÃO					
GRUPO SOCIAL	Gênero	TOPOFILIA		TOPOFOBIA	
		Simbolismo	Cenário Físico	Simbolismo	Cenário Físico
Proprietários - Família Serra Negra Conde, esposa e filhos	M	Fonte de Renda	Casa-Sede: Escritório e Sala de Jantar Estrada de Ferro Sorocabana	Insalubridade, Código de Posturas – afastamento da área de trabalho da área de morar.	Núcleo Industrial e Colônias
		Valor afetivo		Código de Posturas – afastamento das áreas de serviço e áreas privativas.	Casa-Sede: Cozinha e Porão
		Ascensão Social		Costumes da época: áreas predominantemente femininas	Casa-Sede: Sala de Estar
		Religiosidade	Capela e Igreja N. S. das Vitórias		
	F	Ascensão Social	Casa-Sede: Sala de Janta Sala de Estar	Insalubridade, Código de Posturas – afastamento da área de trabalho e serviço doméstico da área de morar e relacionar-se.	Núcleo Industrial e Colônias; Casa-Sede: Porão
		Valor Afetivo		Costumes da época: áreas predominantemente masculinas	Casa-Sede: Escritório
Administradores - Família Petreconi	M	Fonte de Renda	Casa-Sede e Núcleo Industrial	Costumes da época: áreas predominantemente femininas	Casa-Sede: Pomar, dormitórios e Sala de Estar
	F			Insalubridade e diferença social	Colônias
				Código de Posturas – afastamento da área de trabalho da área de morar.	Colônias e Núcleo Industrial
				Costumes da época: áreas predominantemente masculinas	Casa-Sede: Escritório
Trabalhadores Fixos Imigrantes Italianos	M	Fonte de Renda e Ascensão Social	Núcleo Industrial Casa-Sede (Escritório)	Trabalho exacerbado e pressão social	Casa do Administrador e Casa Sede: Escritório
		Entretenimento	Praças, Associações de Imigrantes, Convivência entre as colônias.	Insalubridade	Colônias
		Religiosidade	Capela e Igreja N. S. das Vitórias	Costumes da época: áreas predominantemente femininas	Casa-Sede: Jardim e Pomar, dormitórios
	F	Fonte de Renda e Ascensão Social	Colheita e Terreiros Casa-Sede: Porão, Cozinha, Área de serviço.	Trabalho exacerbado e pressão social	Casa do Administrador e Casa Sede: Escritório e Porão
		Entretenimento	Praças, Associações de Imigrantes, Convivência entre as colônias.	Insalubridade	Colônias
				Trabalho exacerbado	Núcleo Industrial
Trabalhadores Temporários	M	Fonte de Renda	Casa-Sede: Escritório	Insalubridade, diversidade cultural	Núcleo Industrial e Colônias
	F	Fonte de Renda	Casa-Sede	Insalubridade, odores e paisagens desagradáveis	Núcleo Industrial

Fonte: Elaborado pela autora

5.1.4 Matrizes de congruências e correspondências da territorialização

Ao longo da apresentação dos ambientes físico, social e simbólico identificados, o quadro 10 busca apresentar as relações entre as atividades, os grupos sociais e os cenários físicos, o que corresponderia às congruências sociofísicas, enquanto, logo a seguir no quadro 11, são apresentados simbolismos positivos (topofílicos) e negativos (topofóbicos), relacionando-os a seus principais grupos sociais e cenários, o que também caracterizaria as congruências simbólico-físicas e as correspondências sociossimbólicas. Para deixar ainda mais clara, as relações entre os ambientes simbólicos, os quadros 12 e 13 buscam apresentar a aceitação e compatibilidade entre os grupos sociais e entre as atividades.

Quadro 12: Matriz de Aceitação entre os grupos sociais na territorialização

GRUPOS SOCIAIS	GRUPOS SOCIAIS								
		CONDE E FILHOS	CONDESSA E FILHAS	ADM. E FILHOS	ADM. E FILHAS	COLONOS	COLONAS	TRABALHADOR TEMPORÁRIO	TRABALHADORA TEMPORÁRIA
	CONDE		+	+	+	+	-	+	-
	CONDESSA	+		+	+	-	+		+
	ADMINSTRADOR	+	+		+	-	-	+	-
	ADMINISTRADORA	+	+	+			+		+
	COLONOS	-	-	+	-		+	+	
	COLONAS		+		+	+		-	
	TRABALHADOR T.	+		+		+	-		+
	TRABALHADORA T	-	+	+	+	-	+	+	

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 13: Matriz de compatibilidade entre as atividades da territorialização

		ATIVIDADES								
ATIVIDADES		SUPERVISÃO	NEGOCIAÇÕES E DIVULGAÇÃO	COMÉRCIO	CUIDADO DOMÉSTICO	EDUCAÇÃO DOS FILHOS	TRATO ANIMAIS DOMÉSTICOS	VIAGENS	EVENTOS SOCIAIS	COLHEITA, SECAGEM E BENEFICIAMENTO
	SUPERVISÃO		+	-	+		+			-
	NEGOCIAÇÕES E DIVULGAÇÃO	+		+				+	+	
	COMÉRCIO	-	+		+			+	+	-
	CUIDADO DOMÉSTICO	+		+		+	+		-	
	EDUCAÇÃO DOS FILHOS				+		+	+	+	-
	TRATO ANIMAIS DOMÉSTICOS	+			-	+		+		+
	VIAGENS	-	+	+	+	+	+		+	+
	EVENTOS SOCIAIS		+	+	-			+		
	COLHEITA, SECAGEM E BENEFICIAMENTO	+		-	-		+	+		

Fonte: Elaborado pela autora

A análise destes dados nos permite compreender que a questão de gênero, na agroindústria, até meados do século XIX, foi responsável por criar barreiras físicas para que o sexo masculino e feminino não se relacionassem. Outro fator determinante foram as medidas sanitárias e códigos de postura que promoveram o afastamento do núcleo industrial com o núcleo do proprietário, fazendo com que essas relações também tivessem seus bloqueios. Fora isso, pode-se considerar que as congruências apontadas no quadro 14, estão muito relacionadas aos relatos saudosos, que tendem a excluir os momentos difíceis enfrentados durante a vida de trabalho na fazenda, em detrimento dos momentos festivos e gloriosos. Vale ressaltar no quadro 14 as incongruências socio-físicas apontadas pelos trabalhadores com o seu ambiente de trabalho no campo.

Quadro 14: Matriz de congruência sociofísica na territorialização

CENÁRIOS FÍSICOS	ATIVIDADES									
		SUPERVISÃO	NEGOCIAÇÕES E DIVULGAÇÃO	COMÉRCIO	CUIDADO DOMÉSTICO	EDUCAÇÃO DOS FILHOS	TRATO ANIMAIS DOMÉSTICOS	VIAGENS	EVENTOS SOCIAIS	COLHEITA, SECAGEM E BENEFICIAMENTO
	CASA-SEDE	Proprietário+ Colonos (-)	Proprietário (+)	Proprietário (+)	Colonas (+) Proprietário (-)	Proprietária (+)	Proprietários (-)		Proprietários (+) Convidados externos (+)	
	JARDINS E POMARES	Proprietário (-) Administradores (-)			Colonas (+) Proprietária (+) Colonos (-)					
	CASA DO ADMINISTRADOR	Administrador (+) e Proprietários (+)	Colonos (-) Proprietário e Administradores (+)		Administradoras (+)	Administradoras (+)				
	CASA DOS COLONOS				Colonas (+) Proprietários (-)	Colonas (+)	Colonos (+)		Colonos (+) e Administradores (+)	Colonos (+)
	PLANTAÇÃO	Administrador (+)	Proprietário (+)							Colonos (+) Colonos (-)
	TERREIRO	Administrador (+)								Colonos (-)
	TULHA	Administrador (+)	Proprietário (+)							Colonos (-)
	CASA DE MÁQUINAS	Administrador (+)	Proprietário (+)							Colonos (-)
	ESTÁBULO	Administrador (-)	Proprietário (-)				Administrador e Colonos (-)		Colonos (+)	Colonos (+)
	ARMAZÉM		Proprietário (+) Colonos (+)	Administradores e Colonos (+) Proprietário (-)					Colonos (+)	
	FERROVIA SOROCABANA		Proprietários (+)	Proprietários (+)		Proprietários (+)		Proprietários, Administradores e Colonos (+)		Colonos (+)
	CENTRO URBANO BOTUCATU		Proprietários (+)	Proprietários, Administradores e Colonos (+)	Colonos (+)	Colonos e administradores (+)		Proprietários, Administradores e Colonos (+)	Proprietários, Administradores e Colonos (+)	

Fonte: Elaborado pela autora

5.1.5 Quadros de sinergias da Fazenda Serra Negra na Territorialização

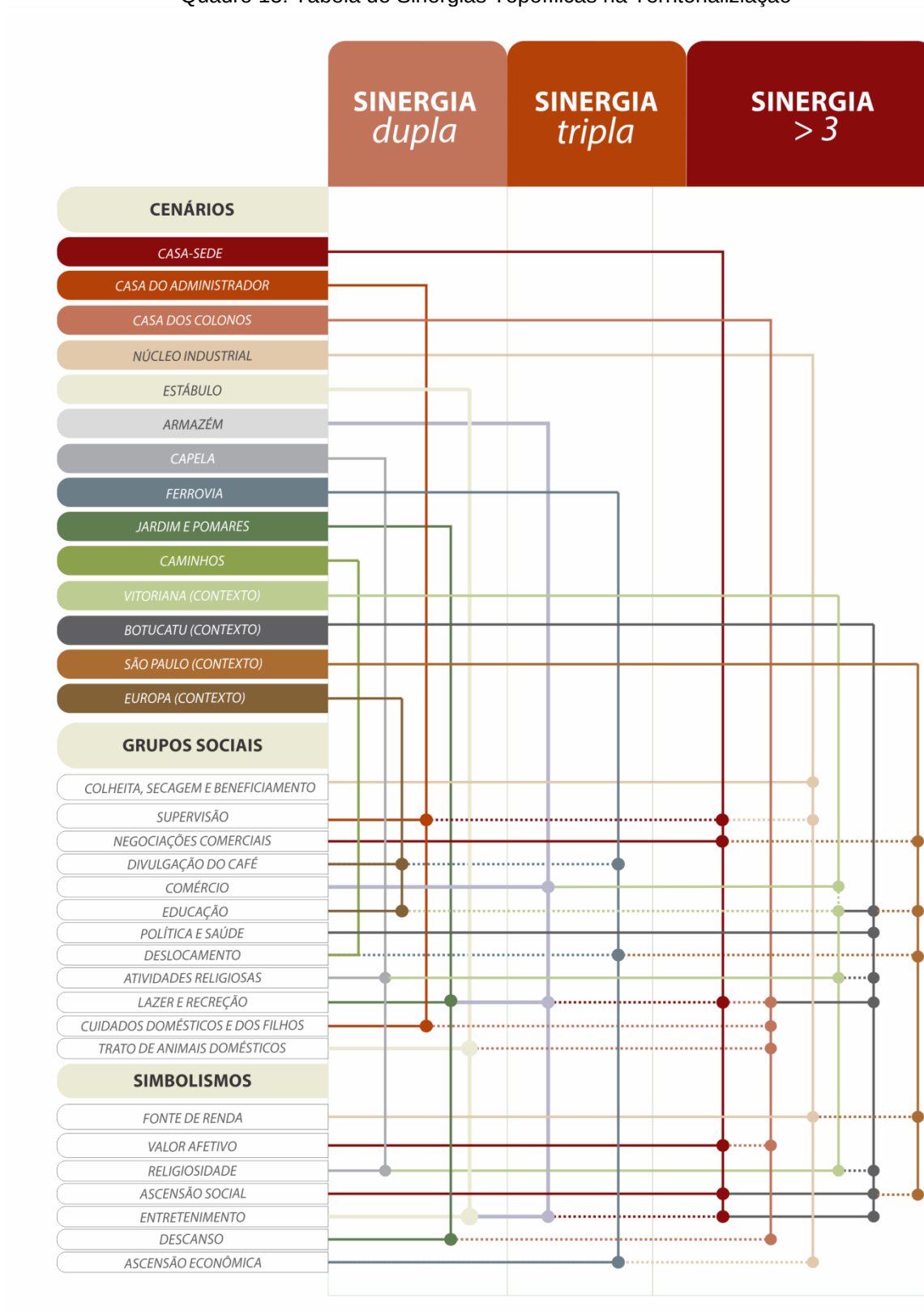
Ainda na territorialização, a fazenda funcionava como um complexo emaranhado de lugares sociofísicos, com todos os cenários vivos. Dessa forma, não existia cenário físico que apresentasse apenas uma relação sinérgica, mas se não relações, duplas, triplas ou ainda mais, como podemos observar no quadro 15 a seguir.

Como já citado, as congruências e as correspondências são muito superiores às relações topofóbicas. Não puderam ser extraídos em nenhum dos relatos pontos negativos com relação aos cenários, porém a literatura expõe algumas atividades que não se relacionavam entre os grupos sociais, assim como a relação de trabalho exacerbado e por muitas vezes insalubre vivenciado pelos colonos, conforme pode ser observado pelo quadro 15.

A partir da leitura do quadro 15, podemos concluir que no período da territorialização as relações da fazenda estavam em equilíbrio topofílico. Os cenários físicos que apontavam maior relação entre os ambientes sociais e simbólicos (sinergias >3) foram: O município de Botucatu (7 ligações), o estado de São Paulo (5 ligações), o distrito de Vitoriana (4 ligações), o núcleo industrial (4 ligações), a casa dos colonos (5 ligações) e a casa-sede (6 ligações), o que indica o potencial dos cenários para identificação das Unidades Ambientais. O que aponta uma forte relação, e certa dependência entre a Fazenda Serra Negra e o abastecimento urbano, principalmente de seus trabalhadores para atividades de educação, lazer, saúde e comércio. Nas sinergias triplas encontram-se a Ferrovia e o Armazém, que estavam conectadas com o transporte, comércio e divulgação do produto cafeeiro. Já os jardins e pomares, caminhos, casa do administrador, estábulo, capela possuem apenas relação dupla sinérgica.

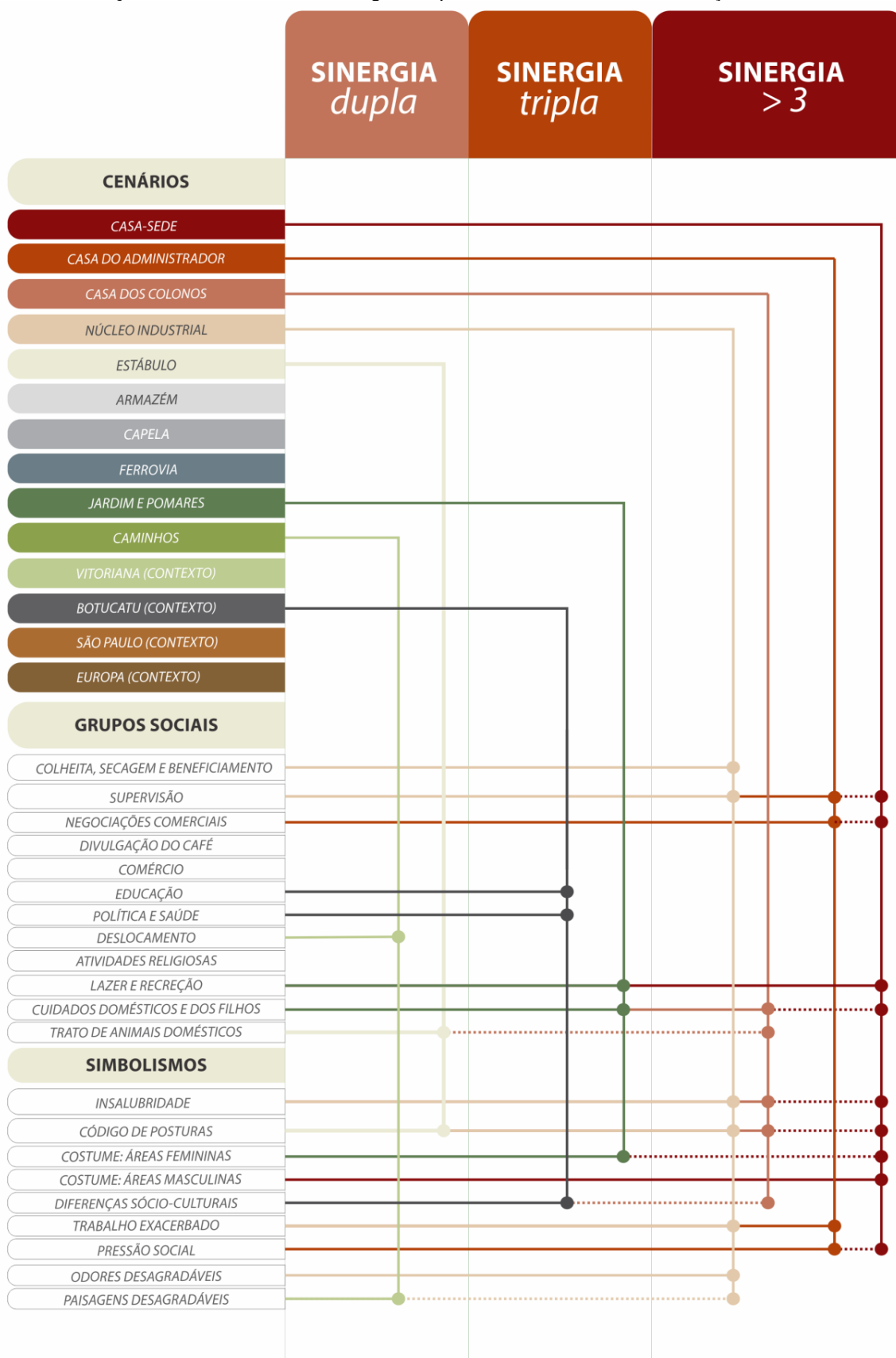
Já o quadro 16, sintetiza as relações topofóbicas descritas ao longo do texto e, pode-se constatar que o ambiente simbólico que altera a percepção de áreas de acordo com gênero masculino e feminino, e realiza uma separação simbólica das áreas do proprietário em relação ao núcleo do trabalhador promove uma relação hostil entre o fazendeiro e seus trabalhadores, e entre os próprios proprietários, o que leva a Casa-Sede (9 ligações), Casa do Administrador (4 ligações), Casa dos Colonos (5 ligações) e núcleo industrial (7 ligações) ao maiores números de sinergias topofóbicas na época.

Quadro 15: Tabela de Sinergias Topofílicas na Territorialização



Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 16: Tabela de Sinergias Topofóbicas na Desterritorialização



Fonte: Elaborado pela autora

5.2. DESTERRITORIALIZAÇÃO DA FAZENDA SERRA NEGRA (1950 aos dias de hoje)

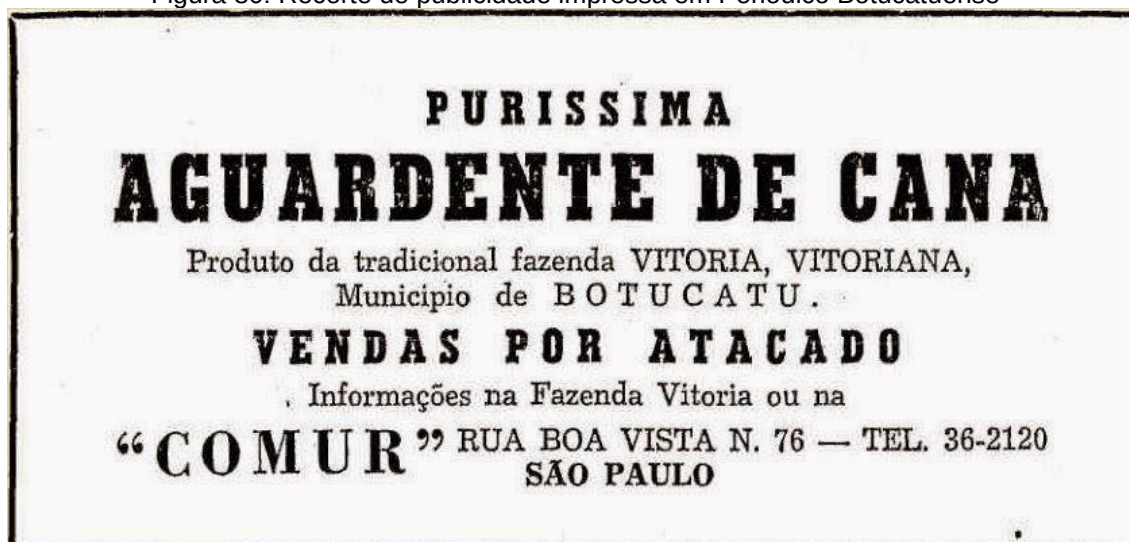
Após a morte do Conde Serra Negra em 1923, conformou-se a nova divisão da propriedade entre seus herdeiros e a Condessa. A economia paulista já assistia à decadência da produção cafeeira e ao aumento do fluxo de migração para a cidade, em detrimento da vida no campo, sendo que, pouco a pouco, a família foi abrindo mão de suas terras em favor de outras produções agrícolas, mas permanecendo com seu núcleo principal. De acordo com os relatos obtidos, a família permaneceu na propriedade até aproximadamente 1940, quando a Condessa se fixou definitivamente no município de São Paulo e houve a venda da propriedade para a Companhia de Melhoramentos Urbanos e Rurais (COMUR), que substituiu a lavoura cafeeira para a produção de Cana de Açúcar.

A baixa da comercialização do café desestabilizou toda a infraestrutura que subsidiaria sua produção, sobretudo, com a política nacional das rodovias, assistiu-se ao desmonte das estruturas ferroviárias. Em 1954, como visto na semiogênese, a desativação da navegação fluvial da Sorocabana nos rios Tietê e Piracicaba fez com que a estação de Vitoriana e as outras pertencentes a esse ramal fossem definitivamente fechadas.

Novas famílias se instalaram na fazenda, agora pertencente à COMUR, e houve grande migração de comerciantes saindo de Vitoriana, abrindo novas casas de comércio nas principais ruas da cidade de Botucatu. A COMUR manteve a implantação da antiga fazenda, preservando até mesmo o desenho paisagístico anterior. A empresa estabeleceu seus trabalhadores nas colônias e contratou pessoal que já tinham fixado residência no pequeno centro urbano de Vitoriana. Como a sede da COMUR ficava localizada em São Paulo, a fazenda possuía um encarregado para os fins de administrar o trabalho na lavoura, este agora recebia nome de gerente, e fez residência na Casa-sede pertencente à família Serra Negra.

A lavoura cafeeira foi em parte substituída e um grande galpão foi instalado para funcionar como garagem, estábulo e escritório; próximo à tulha, foi construído um alambique para auxiliar na produção de aguardente. Conforme folheto publicitário (Figura 80):

Figura 80: Recorte de publicidade impressa em Periódico Botucatuense



Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/> - Acesso em: 08/11/2020

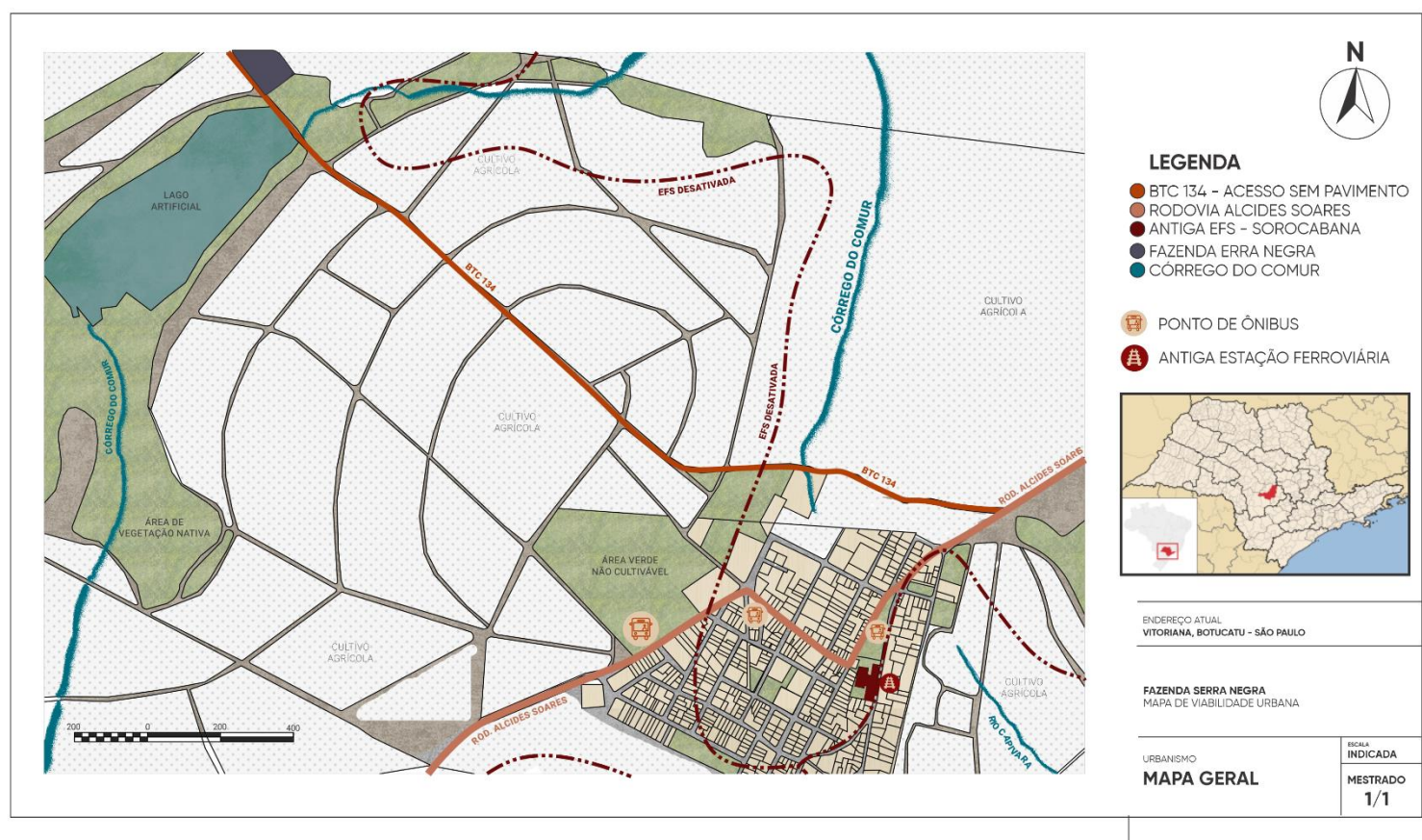
As terras ainda eram utilizadas em parte para a plantação de café e para a criação de gado. Mantinham diversos costumes pré-estabelecidos pelos imigrantes, usavam as colônias para organizar festejos e utilizavam a capela no interior da fazenda para suas práticas religiosas, sendo que há relatos de grandes comemorações e de reuniões para acompanhar os jogos da Seleção Brasileira de Futebol. A Casa-sede, entretanto, não era mais o palco de grandes almoços ou de bailes nobres e tornou-se restrito à família do gerente e da administração da COMUR.

Com o aumento do êxodo rural e as dificuldades financeiras vivenciadas pela COMUR, a propriedade foi vendida diversas vezes até que, em 1990, a plantação canavieira foi incorporada por uma grande usina produtora de etanol na região de Botucatu.

5.2.1 Ambiente físico da Fazenda Serra Negra

Atualmente, a fazenda fica localizada no distrito municipal de Vitoriana, distante 14,7 km do centro histórico do município de Botucatu. O principal acesso se dá por meio da Rodovia Alcides Soares, que corta o distrito e a determina como a via principal de circulação, pois dá acesso à Rodovia Geraldo de Barros (SP - 191) (destaque em rosa na figura 49). Já no percurso através da Rodovia a caminho de Vitoriana, é possível avistar a presença da Fazenda Serra Negra (destaque em cinza a oeste da figura 81), devido à ausência de edificações.

Figura 81: Mapa de Viabilidade Urbana da Fazenda Serra Negra- Acessos por meios de transporte



Fonte: Elaborado pela autora

Além do veículo particular, é possível ter acesso à Fazenda por meio do transporte público. De acordo com a Semutran, a linha que acessa é a 208 - Rodoviária/Vitoriana, que também utiliza a Rodovia como itinerário no distrito. Como visto na figura 80 (em rosa claro), existem três pontos de ônibus localizados na via, todos eles distando cerca de 3 km da Casa-Sede da Fazenda, percurso este que deveria ser realizado a pé até encontrar a via coletora BTC 134 não pavimentada.

A via coletora BTC 134 (em vermelho claro) é o principal caminho que corta a antiga propriedade do Conde Serra Negra e a atual plantação canaveira. De semelhante forma, todas as trilhas que cortam as terras de cultivo agrícola não possuem pavimentação, fazendo com que o acesso seja limitado às condições climáticas. Já as vias secundárias presentes no distrito são em sua maioria pavimentadas.

A figura 81 destaca também o antigo ramal da Estrada de Ferro Sorocabana (em vermelho escuro) e o percurso estabelecido por ela até as dependências da antiga Estação Ferroviária, pioneira nas terras de Botucatu. Nota-se que a malha férrea cortava as propriedades da Fazenda e faziam a ligação dela com a antiga Vila Vitória

e, posteriormente, com a estação central do município. Com o fechamento dos trilhos que se conectavam à antiga estação Victoria, o prédio ficou em desuso por muitos anos, porém conservou suas fachadas e abriga um novo uso: uma Escola Municipal (Figura 82).

Figura 82: Atual Grupo Escolar Raimundo Cintra - Antiga Estação Ferroviária



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

A rua que antigamente abrigava os trilhos tornou-se majoritariamente residencial. Por ser um distrito praticamente rural, as residências em Vitoriana apresentam caráter em sua maioria simplório, houve até a apropriação das estruturas da ferrovia, como a casa de administradores e os pátios férreos que foram adaptados como residência, sem ao menos se desfazer de suas fachadas originais.

Figura 83: Mapa de Uso do Solo de Vitoriana (Botucatu - SP)



Fonte: Elaborado pela autora

Muitos edifícios de comércio e de serviço apropriaram-se também da arquitetura deixada no período cafeeiro e concentram-se no eixo da Estrada Alcides Soares. O número 16 da legenda na figura 83 destaca também a capela de Nossa Senhora das Vitórias, doada e construída pela família Serra Negra, em decorrência de uma cura alcançada em uma doença para uma das filhas do Conde e da Condessa. Inspirada em uma arquitetura francesa, a torre da igreja fica voltada para trás da linha férrea, onde seria sua fachada principal (Figura 84).

Figura 84: Atual capela Nossa Senhora das Vitórias



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

O estancamento deste pequeno núcleo urbano de Vitoriana representa o impacto do fim da economia cafeeira e do fechamento dos trilhos que a interligavam com o município de Botucatu, não conseguindo se recuperar ao longo dos anos e, semelhante ao que acontece nas fazendas cafeeiras, sucumbindo ao abandono.

5.2.1.1 Infraestrutura

Atualmente, a Fazenda Serra Negra está inserida de acordo com o Plano Diretor (BOTUCATU, 2017), na Macrozona Rural Norte, que compreende as áreas favoráveis ao desenvolvimento das atividades agropecuárias, e onde deverá eleger a preservação e a recuperação das áreas de reserva legal e de preservação permanente, definidas pelo Código Florestal Federal, e matas ciliares (BOTUCATU, 2017). Além disso, de acordo com o Art. 21, as Macrozonas de Uso Rural poderão também acumular simultaneamente as Zonas Especiais de Interesse Turístico - ZEITUR, passíveis assim, de parcelamento e de ocupação do solo, definidos e delimitados em leis específicas.

A presença do córrego Bom Jardim (figura 85) no interior da fazenda insere-a nos limites da Área de Proteção Ambiental Corumbataí-Botucatu-Tejupá³², conforme pode ser observado na figura 86 e são válidas para a área de estudo, as diretrizes e o zoneamento ambiental do Plano de Manejo específico do perímetro, conforme deliberações do CONSEMA em 2014 (BOTUCATU, 2017).

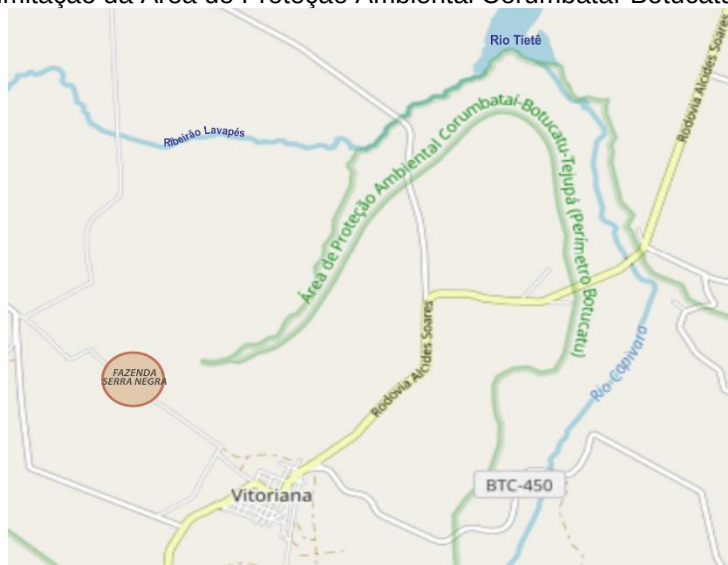
Figura 85: Tanque de represamento do Córrego Bom Jardim



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

³² Pertencente à Bacia Hidrográfica do Alto do Paranapanema, possui 213968.520 hectares. Este perímetro envolve a região localizada na Serra de Botucatu, no reverso da cuesta basáltica, entre os rios Tietê e Paranapanema. Nesta APA encontra-se um dos mais importantes sítios arqueológicos do estado, o Abrigo Barandi, no município de Guareí, com registros pré-históricos com cerca de 6.000 anos. A fauna registra 424 espécies de vertebrados. (Fonte: <https://guiadeareasprotegidas.sp.gov.br/>)

Figura 86: Delimitação da Área de Proteção Ambiental Corumbataí-Botucatu-Tejupá



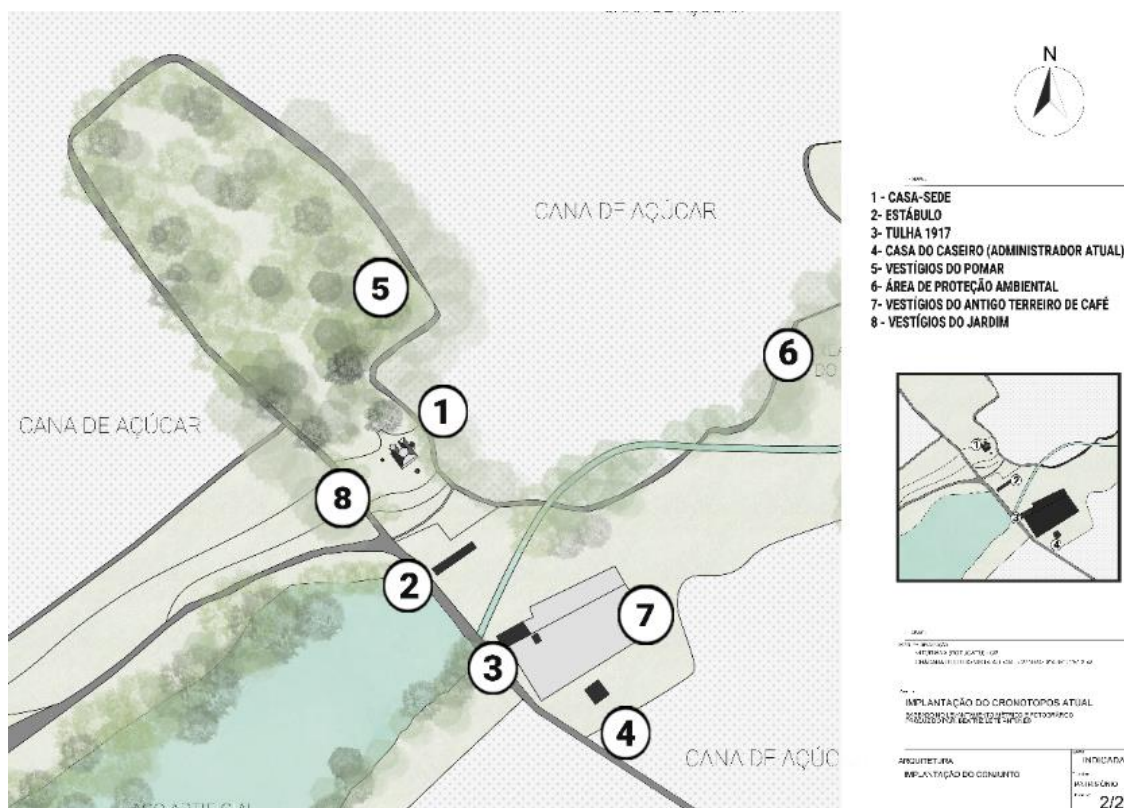
Fonte: <https://datageo.ambiente.sp.gov.br/> e editado pela autora

A área Área de Proteção Ambiental Corumbataí-Botucatu-Tejupá é protegida em função da formação da cuesta, e de testemunhos da mata original, as paisagens naturais são permeadas por vales amplos e suaves, com presença das várzeas ao longo dos cursos dos rios. Dessa maneira, as áreas que circundam os limites urbanos são dotadas de cursos d'água e cachoeiras, o que caracteriza o ecoturismo na área, fato que justifica a flexibilidade de ocupação do solo em função do fluxo turístico.

Devido ao abandono e inutilização de suas estruturas, o abastecimento de energia elétrica é restrito para a residência do administrador que já recebe nova implantação, afastado do conjunto histórico. A água não é mais utilizada como força motriz, porém ainda é utilizada para abastecimento das áreas cultiváveis e limpeza dos maquinários de semeadura e colheita. Com o fechamento dos ramais conectados à Vitoriana, a chave da ferrovia também foi fechada, e suas dormentes retiradas da paisagem, não restando nem mais vestígios de sua passagem pela propriedade.

Durante as visitas técnicas, pode-se constatar que o estado de conservação e o grau de preservação da fazenda pouco corresponde ao dos tempos áureos de funcionamento, os poucos edifícios que ainda restam estão representados na figura 87 e mostram uma implantação muito mais reduzida, se comparada a implantação da gênese, dotada de vida, uso e relações.

Figura 87: Implantação da Fazenda no Cronotópo Atual



Fonte: Elaborado pela autora

5.2.1.2 Núcleo Industrial

No núcleo industrial, o cenário físico do cultivo já tinha sido alterado com a troca do produto na fazenda, de café para aguardente, entretanto, após a compra pela Usina, o cenário atual configura um verdadeiro “mar de cana” com uma significativa expansão de suas áreas de cultivo para além das antigas propriedades do Conde.

A **Casa de Máquinas** foi demolida, levando a entender que suas funções ao longo dos anos foram suprimidas pela grande dimensão da tulha, que ainda foi preservada. A tulha ainda conserva seus aspectos originais, incluindo as inscrições nos elementos que adornam sua fachada, contudo apresenta degradação, como infiltração e descascamento, e presença de agentes biológicos como mofos e musgos. Vale ressaltar que todas as edificações receberam nova pintura e esse tom avermelhado que aparece na figura 88 não corresponde aos aspectos originais da fazenda.

Figura 88: Tulha no Cronotopo Atual



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

Os **terreiros** encontram-se em um estágio tão alto de degradação que é extremamente difícil identificá-los sob a vegetação invasora que esconde as lajotas cerâmicas, como pode ser observado na figura 89. A implantação permanece, contudo, sendo que um dos terreiros foi utilizado como terreno para a implantação da casa do administrador.

Figura 89: Reminiscências do Antigo Terreiro de Café e Casa do administrador ao Fundo



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

5.2.1.3 Arquitetura Complementar

A arquitetura complementar da fazenda Serra Negra foi praticamente toda demolida, não existem mais vestígios da Capela ou do Armazém; ao contrário, no seu antigo local de implantação, atualmente só é possível contemplar a Cana de Açúcar. Mais adiante na implantação, encontra-se o único edifício restante dessa arquitetura complementar: o estábulo (Figura 90). Um dos poucos edifícios preservados na fazenda, talvez possa ter relação com seu uso ao longo dos anos, foi utilizado como depósito, escritório, local de festa para os trabalhadores no período da produção de aguardente e até mesmo como sala de aula. Implantado sob terreno com aclive debaixo de sua fachada oeste, não possui marcas de intervenção, sendo que as aberturas de madeira também conferem a ele aspectos de originalidade.

Figura 90: Estábulo da Fazenda Serra Negra



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

5.2.1.4 Arquitetura destinada ao habitar

Todas as residências dos trabalhadores foram demolidas, restando apenas a casa-sede do modelo original. A casa do administrador, como já mencionado, foi implantada sob um dos terreiros, ainda mais afastada da casa-sede. A Casa foi construída seguindo os moldes contemporâneos, contando com um canil e uma horta localizada na frente da residência. A planta se dispõe de forma linear, com um prolongamento da sua cobertura cerâmica para além dos cômodos internos, conformando uma larga varanda. Por se tratar de uma propriedade particular, não foi possível fotografar ou fazer reconhecimento interno da edificação (Figura 91).

Figura 91: Casa do Administrador atualmente

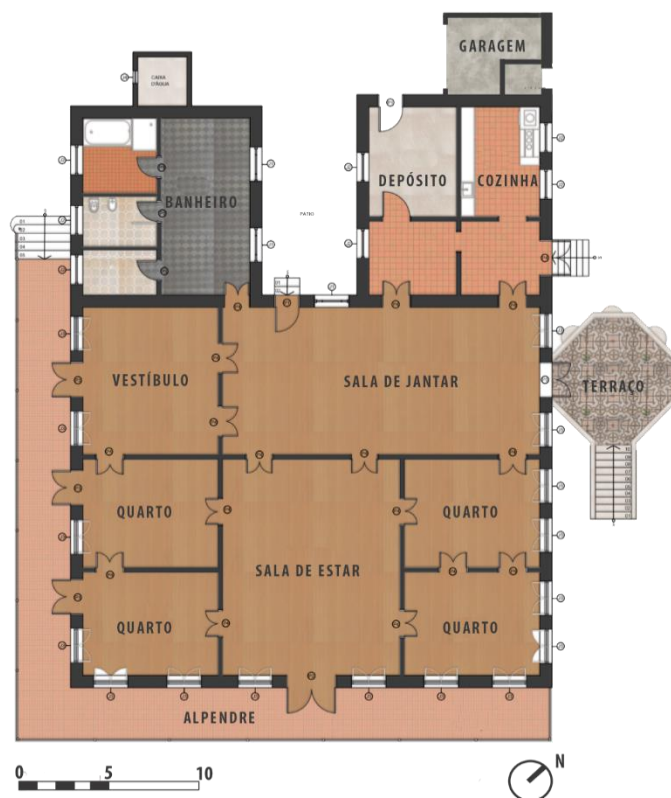


Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

Casa-Sede

A casa-sede sofre alterações ainda no período da territorialização como o acréscimo do alpendre e do terraço, e, posteriormente, no período de ocupação da COMUR, como é o caso das aberturas e da construção da garagem anexa. Por fim, o período de administração da empresa sucroalcooleira coloca as estruturas em desuso, o que não promove sua manutenção, somado às ruínas de suas estruturas, o que resulta na planta a seguir (Figura 92).

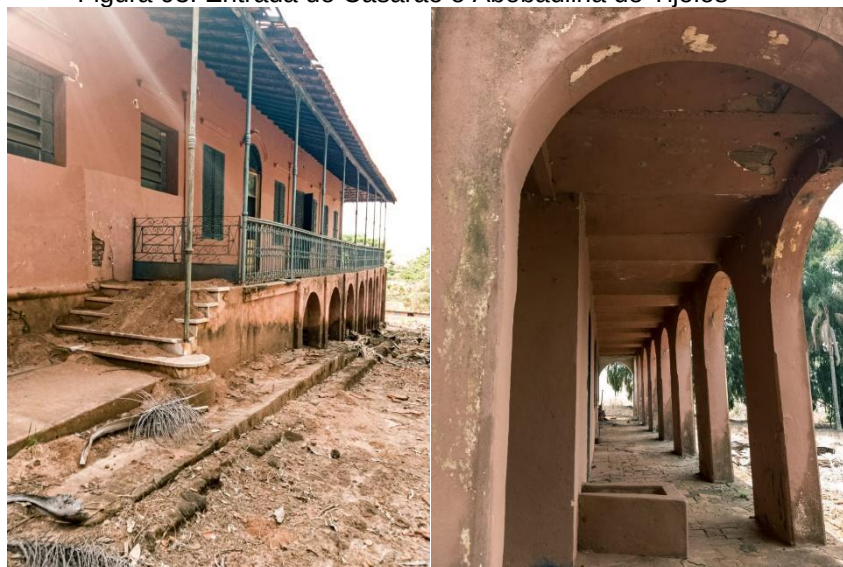
Figura 92: Planta do Pavimento principal nos dias de hoje



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Levantamento métrico realizado em 09/10/2020

O acesso à residência se dá através de uma pequena escadaria incorporada numa das laterais do alpendre frontal, feita de pedra (Figura 93 – à esquerda). O piso cerâmico do alpendre está apoiado sobre abobadilhas de tijolos, apoiadas em estrutura feita com arcos e pilares de alvenaria estrutural de tijolos (figura 93 – à direita), que permitem a entrada do porão. Essa arcada confere um aspecto monumental ao casarão. O piso deste alpendre transforma-se, assim, numa espécie de proteção coberta à entrada do porão (Figura 93).

Figura 93: Entrada do Casarão e Abobadilha de Tijolos



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

A configuração da planta manteve-se em “U”, porém com alguns acréscimos sofridos, como, por exemplo, a existência de uma caixa d’água (Figura 94 – à esquerda) elevada na ala oeste, acoplada junto à rouparia, a uma casa de ferramentas e garagem junto à ala leste ao fundo da cozinha (Figura 94 – à direita). É possível reconhecer indícios de que se trata de um acréscimo, além da arquitetura que não dialoga com os elementos da fachada posterior, também as aberturas e as coberturas utilizadas não concordando com o caimento original do telhado. Para Benincasa (2007, p. 492), o terraço hexagonal (Figura 95) também não pertence à gênese, ou seja, à planta original, sendo uma das intervenções ocorridas para além do auge cafeeiro.

Figura 94: Acréscimos na fachada posterior da casa-sede



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

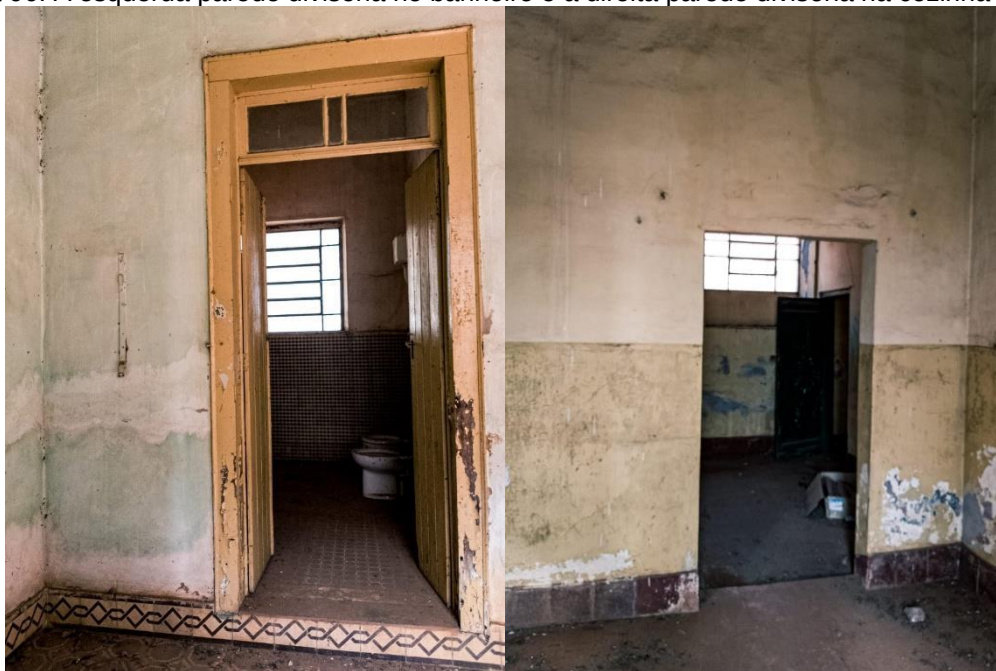
Figura 95: Acréscimo do Terraço Hexagonal



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

Apesar da planta não ter sofrido alterações nas especializações internas, novas divisões foram inseridas tanto na casa de banho (Figura 96 – à esquerda) quanto na cozinha (Figura 96 – à direita), o que justifica uma diferença nas espessuras das paredes e na presença de aberturas que não dialogam com as demais, sendo claramente de tempo posterior. Os cômodos, no entanto, tiveram seus usos alterados: o escritório que antes ficava localizado na fachada lateral da residência, deu lugar à sala de visitas e o antigo salão fronteiro ficou deslocado da articulação principal e do eixo original da fazenda.

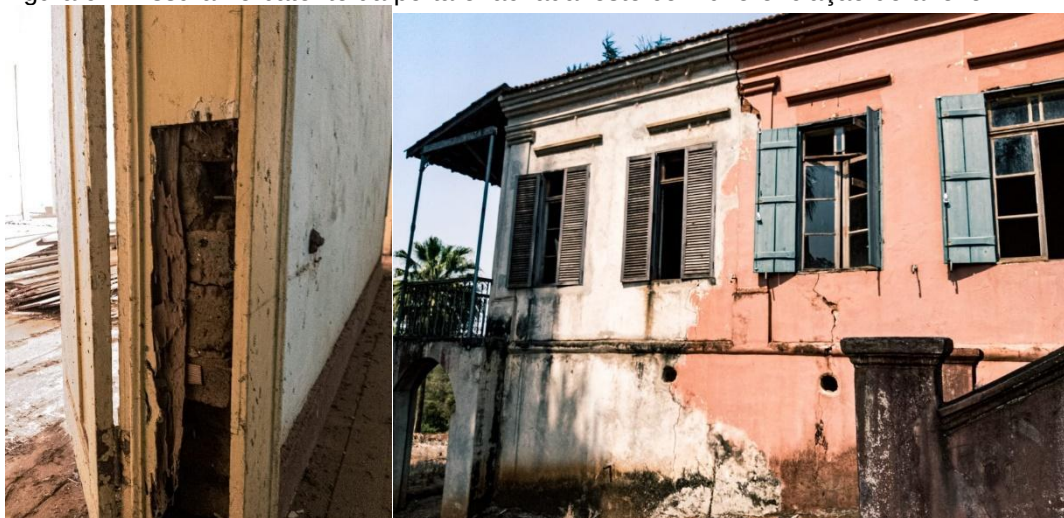
Figura 96: À esquerda parede divisória no banheiro e à direita parede divisória na cozinha



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

A alvenaria, atualmente, fica exposta pelas fissuras abertas pela falta de conservação ao longo do tempo (Figura 97 – à esquerda); além disso, foi necessário realizar um reforço estrutural para impedir que a lateral leste da casa ruísse. Parte da fachada precisou ser refeita e foi realizada uma reconstrução (Figura 97 – à direita), um restauro histórico da fachada exatamente como era antes de ruir. É possível identificar essa intervenção, pois não foram realizados reboco e pintura, fazendo com que o anexo destoasse da coloração do restante da fachada.

Figura 97: Fissura no batente da porta e fachada leste com diferenciação do anexo



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

A fachada foi pintada na cor vermelha, o que fez com que ela perdesse um dos traços formais do neoclássico: as cores claras (Figura 98). Não se sabe ao certo o ano desta intervenção, mas ela foi realizada em todas as edificações pertencentes à fazenda: Casa-Sede, Tulha, Casa do Administrador, antiga ponte de acesso à casa de máquinas, estábulo, e anexos da garagem e caixa d'água.

Figura 98: Fachada da Casa-Sede



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

As paredes estão pintadas internamente nas cores amarelo (Figura 99 – à esquerda) e verde em tons claros (Figura 99 – à direita), ainda presentes em alguns cômodos, inclusive nas áreas molhadas. Atualmente a pintura encontra-se gasta e apresenta diversos pontos de rachaduras (Figura 100 – à esquerda), e presença de mofos e decomposição por microorganismos (Figura 100).

Figura 99: Cores nos cômodos internos, presença de mofos e rachaduras nas paredes



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

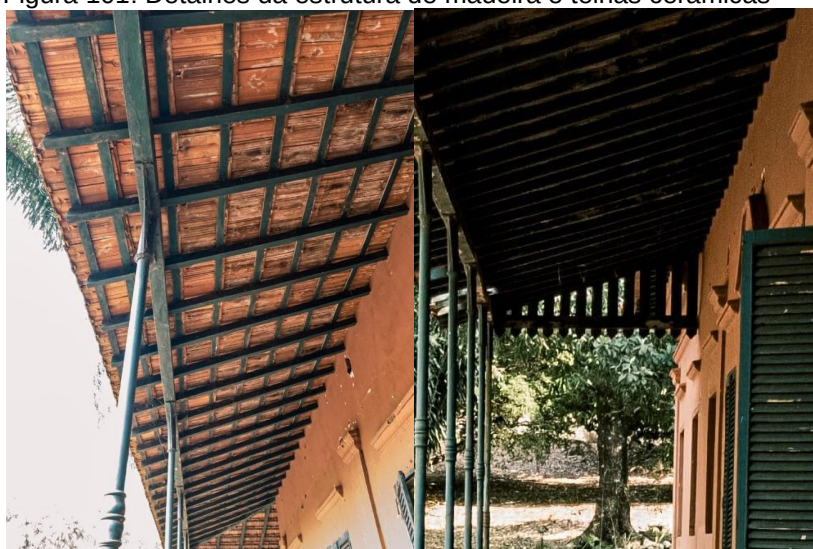
Figura 100: Contraste espaço interno do banheiro e fachada externa, presença de mofo e rachaduras nas paredes



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

A casa é coberta por telhas cerâmicas apoiadas sobre estrutura de madeira. Algumas alterações podem ser notadas através das pinturas e vestígios deixados pelo acréscimo de estruturas: a cobertura foi a parte que mais sofreu alteração, devido ao acréscimo do alpendre que foi prolongado por toda a fachada frontal (Figura 101 – à direita) e pela lateral esquerda (Figura 101 – à esquerda), unindo sua cobertura com a da edificação (Figura 102). Anteriormente, ele era um pouco mais baixo.

Figura 101: Detalhes da estrutura de madeira e telhas cerâmicas



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

Figura 102: Caimento da Cobertura na Fachada Oeste



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

Os pisos e as paredes permanecem revestidos, exibindo o apreço pelos detalhes através da diferenciação dos desenhos dos pisos: às vezes, feitos com ladrilhos cerâmicos (figura 103 – à esquerda) e, em outras, por ladrilhos hidráulicos (de cimento), chegando até mesmo a revestir alguns aparelhos sanitários. O assoalho de madeira (figura 103 – à direita) foi o que mais tem sofrido com a falta de manutenção; na sala de jantar, seu estado de conservação é grave, podendo ruir a qualquer momento, o que simboliza uma falha na estrutura que necessita de reparo.

Figura 103: Revestimento cerâmico dos banheiros e assoalho de madeira da sala de Jantar



Fonte:

Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

As portas que dão acesso aos ambientes, no interior da edificação, foram mantidas e conservadas em madeira com abertura simples em duas folhas. Já as portas que conduzem aos cômodos e ao alpendre, possuem indícios de modificação e podem ser classificadas como portas-balcão, que substituíram antigas janelas das fachadas (figura 104 - à direita). Essas portas possuem a folha de madeira e outras

são envidraçadas. As aberturas internas foram descuidadas e apresentam desprendimento da folha de madeira, que trabalhava como veneziana, da estrutura da abertura, além de muitos vidros quebrados (Figura 104 – a esquerda).

Figura 104: Aspecto das aberturas internas e Porta com elemento decorativo externa



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

Em relação ao equipamento encontrado, destacam-se instalações embutidas que não poderiam ser retiradas com facilidade, principalmente das áreas molhadas, e as luminárias dos cômodos sociais. Nas áreas molhadas, tem-se nos banheiros e na cozinha equipamentos não originais, datados do início do século XX, o que tem relação com o tempo em que a viúva ainda permaneceu no local, como pias, bacias sanitárias, banheiras, fogão de tampo metálico (Figura 106) e armários embutidos. Vale ressaltar a presença das luminárias (figura 105 – à esquerda) que confirmam a existência de energia elétrica na residência. Por fim, uma característica peculiar dessa casa sede são os lavabos originais que ainda resistem; esses foram encontrados nos dormitórios e na sala de jantar, onde apresentam, inclusive, diferenciação do revestimento no local em que foram instalados para proteção das paredes contra a umidade resultante de seu uso (figura 105 – a direita).

Figura 105: Luminária e lavabo existente na sala de jantar



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

Figura 106: Armário embutido revestido com pastilha cerâmica e fogão a lenha presentes na cozinha



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

Com relação aos jardins e ao pomar, as espécies gramíneas foram totalmente descaracterizadas e deram lugar a um terreno árido com grama seca e vegetação invasora (Figura 107). As palmeiras imperiais não acompanham mais eixos ortogonais no jardim, em decorrência da morte de alguns exemplares. A entrada lateral ainda é demarcada por uma alameda de chorões e é possível identificar alguns exemplares de Pau Ferro, de Sibipiruna, de Mangueiras e de Pitangueiras. O repuxo de água (Figura 108) já foi descaracterizado e não tem mais ligação com o abastecimento de água, tampouco relembra a antiga e a vistosa fonte que ficava localizada ali.

Figura 107: Vestígios do Jardim e à esquerda repuxo d'água



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

Figura 108: Atual estado de conservação do repuxo d'água



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

A síntese de todos os elementos expostos no ambiente físico está disposta no quadro 17:

Quadro 17: Ambiente Físico na Desterritorialização

CENÁRIO FÍSICO	ARQUITETURA DESTINADA AO HABITAR				
	1	2	3	4	5
	MANUTENÇÃO DA ESTRUTURA	USO ATUAL DA PROPRIEDADE	ESTADO DE PRESERVAÇÃO DA PROPRIEDADE	ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA PROPRIEDADE	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL
CASA-SEDE	Permanece com alterações	Abandonado	Fachada com alterações já no período da territorialização, acompanhando tendências do período eclético, e substituição de algumas aberturas. A fachada atual recebeu nova pintura e apresenta sinais de degradação e substituição das estruturas, representada na diferença de pigmentação da pintura.	No geral ruim, porém o dormitório norte na fachada está péssimo e há necessidade de substituição na estrutura, piso e paredes.	Manutenção da implantação do edifício e da disposição espacial da planta, apresentando alteração somente na cozinha, com acréscimo de divisórias e de garagem conectada à essa alça da planta.
CASA DOS COLONOS	Demolido	-	-	-	-
CASA DO ADMINISTRADOR	Demolido e substituído	Em uso	Demolição da antiga estrutura e construção de arquitetura contemporânea, que contém bom estado de conservação dado ao uso do edifício.	Bom	Com a redução da área preservada da fazenda, a casa do administrador foi localizada em ponto estratégico para a regulação e controle do fluxo de visitação, sob um dos terreiros de café.
NÚCLEO INDUSTRIAL					
CULTIVO	Substituído	Em Uso	Desde 1950 o solo da Fazenda é utilizado para cultivo de Cana de Açúcar. O uso mantém, porém o destino da Cana não é de produção interna, mas sim, para a produção de Etanol.	Bom	As áreas de plantio foram ampliadas com a demolição de diversas estruturas na fazenda, demarcando uma diferença entre a vegetação existente e as áreas de cultivo da Cana de Açúcar.
TULHA	Permanece com alterações	Em Uso	A estrutura atual data de 1917, evidenciando uma modernização. As aberturas apresentam certo grau de degradação, bem como a cobertura.	Ruim	A tulha datada de 1917, foi alocada mais afastada em relação à casa-sede, que é a implantação que permanece até os dias de hoje.
CASA DE MÁQUINAS	Demolido	-	Permanecem apenas vestígios da antiga estrutura.	-	-

NÚCLEO INDUSTRIAL					
TERREIROS	Permanece com alterações	Abandonado	A estrutura encontra-se coberta por vegetação invasora, e os tijolos desgastados pela ação de intempéries.	Ruim	Manteve-se a implantação em relação à tulha, um dos terreiros foi utilizado como terreno de implantação da casa do administrador.
ARQUITETURA COMPLEMENTAR					
ESTÁBULO	Permanece com alterações	Em Uso	A primeira estrutura simples foi substituída por uma estrutura de tijolos e já recebeu diversos usos ao longo dos anos. Possui pintura semelhante ao conjunto em tons terrosos.	Bom	Substituição da implantação inicial que localizava-se na face posterior à tulha, e atualmente encontra-se na face posterior.
CAPELA	Demolido	-	-	-	-
ARMAZÉM	Demolido	-	-	-	-
INFRAESTRUTURA					
CAMINHOS	Permanece com alterações	Em uso	-	Péssimo	-
JARDIM E POMARES	Permanece com alterações	Abandonado	Desenho paisagístico encoberto pela vegetação invasora, preservação das espécies de grande porte e vestígios dos caminhos e repuxos de água	Ruim	Manteve-se a implantação da territorialização.
ÁGUA E ESGOTO (ÁGUA, ESGOTO, TRANSPORTE).	Permanece com alterações	Abandonado	Tubulação possui abscessos, não é mais utilizada para abastecimento da casa-sede. O lago artificial é utilizado por funcionários da usina para abastecimento de caminhões pipa, lavagem de equipamentos, entre outros.	Péssimo	O fornecimento de água, energia elétrica e esgoto concentram-se na casa do administrador. As demais estruturas se mantiveram na implantação, entretanto não são
TRANSPORTE	Demolido	-	O ramal da ferrovia foi desativado, as dormentes retiradas, e não há mais vestígios da linha férrea, com exceção do caminho entre a vegetação que ainda é marcado.	-	-

Fonte: Elaborado pela autora

5.2.2 Ambiente Social da Fazenda Serra Negra

Em 1990, as terras produtivas para cana de açúcar da Usina açucareira avançam a zona rural de Botucatu e encontram esse sítio histórico abandonado. A Usina é um ator social que atualmente impacta no espaço, pois, através de sua percepção comercial de avanço da cultura de cana-de-açúcar, atua em 11 municípios, onde são administrados 47.000 hectares do produto. Após a aquisição da Fazenda Serra Negra e demais sítios no entorno, a paisagem que observamos é um “mar de cana”, frequentado diariamente apenas pelos trabalhadores que realizam atividades desde a preparação do solo, plantação de mudas, fertilização e colheita e desconhecem os fatos históricos da fazenda Serra Negra. No período da colheita, a casa-sede torna-se visível até mesmo a longas distâncias, como na figura 109. Diariamente, passam pela propriedade para abastecer com água os caminhões Pipa, utilizada para amenizar a poeira das estradas dentro das plantações, como a figura 110.

Figura 109: Colheitadeira de Cana de Açúcar e ao fundo Casa-Sede fazenda Serra Negra



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

Figura 110: Bica para abastecimento do Caminhão pipa localizada ao lado da Tulha



Fonte: Levantamento Fotográfico realizado em 09/10/2020

O acesso irrestrito é exclusivamente do administrador e de sua família que possui residência na fazenda. A família é composta pelo caseiro, esposa e filhos que residem na propriedade a cerca de 7 anos, porém não tem o costume de frequentar as dependências da casa-sede, pois o estado de abandono os preocupa, bem como a possível aparição de animais peçonhentos. As crianças circulam pela propriedade livremente e utilizam as dependências para brincar, pescar e circular sob a supervisão dos pais.

Como o acesso é restrito, a propriedade é utilizada somente com autorização por alguns antigos moradores que, saudosos, utilizam o caminho plano formado no entorno do tanque para realizar caminhadas e pescas esportivas no tanque.

Apesar de ter o acesso proibido, a propriedade é procurada por fotógrafos, por memorialistas e, muitas vezes, por grupos turísticos, a fim de retratar e conhecer sobre a história do casarão. Os fotógrafos realizam ensaios fotográficos justamente aproveitando-se do aspecto de ruína em que a casa se encontra. Invariavelmente, por estar afastada do núcleo urbano, a casa também é invadida e utilizada para práticas sexuais, rituais religiosos e até mesmo por pessoas atraídas por lendas relacionadas à casa abandonada.

A síntese de todos os elementos expostos no ambiente social está disposta no quadro 18 e auxilia na compreensão das relações sociofísicas da fazenda.

Quadro 18: Ambiente Social na Desterritorialização

DESTERRITORIALIZAÇÃO															
GRUPO SOCIAL	Atividades														
	Cultivo	CF	F	Programadas	CF	F	Espontâneas	CF	F	Locais	CF	F	Circulação	CF	F
Proprietários	Administração	Plantação	Moderada	X			X			Adminitração	Casa - Sede	Baixa	X		
Trabalhadores Fixos	Plantio e Colheita	Plantação	Alta	X			X			Recarga do Caminhão Pipa	Lago Artificial	Moderado	Manutenção das Vias	Caminhos	Moderado
Administradores	Supervisão	Plantação	Alta	Supervisão da Parte Histórica	Jardins e Terreiros	Baixa	Manutenção Casa - Sede	Casa-Sede	Baixa	X			Supervisão do perímetro com motocicleta	Caminhos	Alta
							Pescaria	Lago Artificial	Baixa						
							Brincadeiras Infantis	Terreiros e Jardins	Alta						
Antigos Residentes	X			Busca por tesouros	Casa-Sede	Moderada	Contemplação	Casa-Sede e Tulha	Moderada	X			Caminhadas	Plantação	Alta
				Pescaria	Lago Artificial										
Fotógrafos	X			Ensaaios Fotográficos	Casa-Sede e Tulha	Baixa	Contemplação	Casa-Sede e Tulha	Baixa	X			Caminhada	Parte histórica	Baixa
							Fotografia Artística	Casa-Sede							
Pescadores	X			Pescaria	Lago Artificial	Baixa	X			X			Caminhada	Plantação	Baixa
Casais de namorados	X			Práticas Sexuais	Casa-Sede	Baixa	X			X			X		
Práticas religiosas	X			Rituais Religiosos	Casa-Sede	Baixa	X			X			X		
População de Botucatu	X			Pesquisa Histórica	Casa-Sede	Baixa	Contemplação	Casa-Sede e Tulha	Baixa	X			Passagem entre Botucatu e Vitoriana	Estrada Alcides Soares	Alta
							Fotografia Artística	Casa-Sede							

Fonte: Elaborado pela autora

5.2.3 Ambiente Simbólico da Fazenda Serra Negra

Os resultados obtidos no ambiente simbólico foram coletados por meio de visitas técnicas à fazenda Serra Negra e entrevistas online realizadas através de aplicativos gratuitos, seguindo roteiro pré-estabelecido no anexo 2. Foram executadas 20 entrevistas, das quais 60% declaram se reconhecer com o gênero masculino e 40% com o gênero feminino, sendo que 65% são adultos e 35% idosos. Entre as respostas, 90 % das pessoas residem atualmente em Botucatu e 80% da relação atual que possuem com a fazenda Serra Negra é para visita da mesma e o restante (20%) a trabalho. As visitas se subdividem principalmente em: contemplação (60%) no período da tarde e atividades esportivas (30%) no período da manhã. 25% dos usuários aproveitam da fazenda para cortar caminho.

A fim de reconhecer as relações simbólico-físicas da fazenda, lhes foi perguntado “Atualmente, a configuração da fazenda lhe agrada?”, 85% das respostas apontaram “não” como resposta, enquanto 15% respondeu “sim”. Aprofundando-se nas respostas, foi questionado se existe algum cenário físico da fazenda que lhes provoca uma má sensação, 18 entrevistados declaram não se sentir bem na Casa-sede da fazenda e 4 nos terreiros. E por fim foi perguntado: “Quando você pensa sobre a fazenda, quais são os lugares ou elementos que a lembram?” 20 entrevistados responderam a Casa-Sede, seguidos por 4 respostas pela Tulha e 3 pelo Tanque de represamento/lago. Vale ressaltar que, após a demolição de muitas estruturas, a Casa-Sede tornou-se um marco nesse sítio histórico, recebendo a maior parte das atividades e dos simbolismos, mesmo daqueles que antes estavam vinculados aos trabalhadores.

Durante as visitas, pode-se constatar o apreço histórico por parte da empresa proprietária, até mesmo pela reconstrução de parte da fachada principal. Mas essa preocupação torna-se paradoxal, se considerarmos as demolições que pouco a pouco vêm destruindo elementos da fazenda para tornar-se área cultivável para a Cana de Açúcar. A fazenda aparenta representar um fardo para esse ambiente agrícola-capitalista, pois precisa despender de parte para plantação, parte para um administrador de terras e parte para cuidar de invasores, que não o fariam, caso a Casa fosse demolida. O abandono parece simbolizar o descaso, comportando-se como um agente que não pode nada fazer para a manutenção das estruturas, mas ao contrário, espera fazê-la ruir.

Os trabalhadores da fazenda pouco sabem sobre a história da fazenda e muito do que aprendem está relacionado com a visita de antigos moradores e historiadores que os fizeram conhecer. Os administradores possuem um acúmulo de funções e, além de trabalhar como vigias da Casa-Sede, também os fazem para a plantação, não podendo esperar de si e de sua família a boa conservação de um sítio histórico tão extenso e antigo. Por muitos anos, dedicou-se ao cuidado e à limpeza também da casa, entretanto, devido ao trabalho exacerbado e somado à frustração de diversos desastres naturais enfrentados por Botucatu, não foi mais capaz de realizar essa manutenção. Além disso, eles são os responsáveis por muitas vezes expulsar eventuais invasores que, sem autorização, apropriam-se do espaço, regozijando-se do isolamento e do caráter de ruína das estruturas para práticas sexuais ou rituais religiosos.

Para a identificação das relações sociossimbólicas, foi questionado: “Quando você ouviu falar sobre a fazenda, qual a primeira coisa que lhe vem à mente?” foram 18 respostas que relacionam à fazenda ao Conde Serra Negra, 13 à história, 10 ao abandono. Vale também ressaltar que 80% dos entrevistados alegam conhecer a história da fazenda e de seus proprietários. É inegável a figura mística criada entorno do Conde Serra Negra, não somente por sua produção cafeeira, mas também pelo fato de ser um entusiasta investidor e, sobretudo, uma figura de imponência que carrega o título de Conde e filho do Barão, sendo um cafeeiro internacional de sucesso. Os antigos trabalhadores fixos, que ainda residem em Vitoriana, possuem uma relação mais estreita com a casa. Além das lendas contadas por eles, são o grupo social responsável por dar continuidade à história dessas edificações, trazendo família e amigos para mostrar a fazenda, como se, a eles, sempre tivesse pertencido esse pedaço de terra. Aqueles que não a visitam mais, fazem questão de rememorar os bailes e as festas promovidos pela Condessa de Serra Negra e como se sentiam pessoas importantes por frequentar a casa, convidados por ela.

Como as atividades não são realizadas com frequência, foi perguntado: “Qual foi a sensação que sua última visita a fazenda lhe causou?” foram mencionadas as seguintes sensações: Abandono (17), história (11), medo de animais peçonhentos (5), “áurea pesada” (3), saudosismo da infância (4). Por fim, quando perguntados sobre a importância da preservação da fazenda e o que poderia ser feito para melhorar suas estruturas, 100% das respostas considera importante sua preservação e sugerem: O Restauro da casa-sede (17 respostas), a construção de um museu (3 respostas),

permitir a visitação às estruturas (10 respostas), mostrar a tecnologia do café na época e a criação de um restaurante ou café (2 respostas).

Vitoriana carrega ainda a imagem da cidade que o Conde deixou e nela investiu toda sua fortuna, enquanto Botucatu resgatou uma via que liga o município à Vitoriana, batizando-a com o nome do Conde, onde, não por acaso, diversas lojas recebem o nome Serra Negra.

O quadro 19 resgata ainda a população de Botucatu, com dados e simbolismos apresentados no item 5.1. Quando a produção de Cana de Açúcar está no período de colheita, chama a atenção às estruturas da Fazenda, logo da estrada, aos curiosos e aventureiros; a visita sempre termina em um álbum de fotografias e a surpresa de Botucatu ainda preservar um exemplar tão grande de Casa-Sede, se comparado à fazenda Lageado. A síntese de todos os elementos levantados segue no quadro 19, e auxiliam na compreensão das relações sócio-simbólicas e simbólico-físicas.

Quadro 19: Ambiente Simbólico na Desterritorialização

DESTERRITORIALIZAÇÃO				
GRUPO SOCIAL	TOPOFILIA		TOPOFOBIA	
	Simbolismo	Cenário Físico	Simbolismo	Cenário Físico
Proprietários	Fonte de Renda	Plantação	Insegurança	Casa-Sede
Trabalhadores da Usina	Fonte de Renda	Plantação	Abandono e esquecimento	Casa-Sede
	Descanso	Lago Artificial	Valor de desuso	
			Lendas	
Administradores (Caseiros) atuais da Fazenda	Fonte de Renda	Plantação	Abandono, Trabalho exacerbado, Lendas e Isolamento	Casa-Sede e Jardins
	Descanso	Lago Artificial	Insalubridade	Tulha e Lago Artificial
	Entretenimento	Casa-Sede	Insegurança	Plantação e Casa-Sede: Porão
Antigos Trabalhadores Fixos	Valor Afetivo	Casa-Sede e Tulha	Trabalho exacerbado (memória)	Núcleo Industrial
	Apropriação do Espaço	Estábulo	Isolamento, Valor de Desuso, Abandono e Esquecimento, odores desagradáveis, insegurança estrutural.	Casa-Sede
	Entretenimento	Lago Artificial		
	Lendas	Casa-Sede		
Fotógrafos	Fonte de Renda Valores Históricos e Artísticos	Casa-Sede	Insegurança, Abandono e desapropriação do espaço	Casa-Sede
	Paisagens Agradáveis	Conjunto histórico		
Pescadores	Entretenimento	Lago Artificial	Desapropriação do Espaço	Conjunto histórico
Casais de namorados	Isolamento	Casa-Sede	Insegurança e pressão social	Casa-Sede
	Abandono			
Práticas religiosas	Lendas	Casa-Sede	Pressão social e odores desagradáveis	Casa-Sede
	Isolamento			
População de Botucatu	Lendas	Casa-Sede	Barreira Visual	Plantação
	Valor Histórico e Artístico		Abandono e Descaso Público	Jardins e Casa-Sede
	Paisagens agradáveis	Contraste da Vegetação	Insegurança estrutural, odores desagradáveis, insalubridade	Casa-Sede

Fonte: Elaborado pela autora

5.2.4 Matrizes de congruências e correspondências da desterritorialização

O quadro 19, apresenta uma síntese dos ambientes físico, social e simbólico identificados, a partir da espacialização topofílica e topofóbica dos simbolismos compreendidos por meio das entrevistas e da observação do espaço, o que corresponderia às correspondências e não correspondências simbólico-físicas. No mesmo quadro, estão dispostos também os grupos sociais, o que também pode ser extraída uma interpretação das congruências e incongruências sociossimbólicas. A fim de complementar essa análise, os quadros 20 e 21 buscam apresentar a aceitação e compatibilidade entre os grupos sociais e entre as atividades.

Quadro 20: Matriz de aceitação entre os grupos sociais na territorialização

GRUPOS SOCIAIS	GRUPOS SOCIAIS									
		Trabalhadores da Usina	Administradores (Caseiros) atuais da Fazenda	Antigos Trabalhadores Fixos	População de Botucatu	Fotógrafos	Práticas religiosas	Pescadores	Casais de namorados	Proprietários
	Trabalhadores da Usina		+	+	-					+
	Administradores (Caseiros) atuais da Fazenda	+		+	-	-	-	-	-	+
	Antigos Trabalhadores Fixos	+	+		+	+	-	+	-	-
	População de Botucatu	-	+			+	-	-	-	
	Fotógrafos	+	+		+					-
	Práticas religiosas		-		-					-
	Pescadores	+	+	+	+	+	-		-	-
	Casais de namorados		-							-
	Proprietários	+	+	-	-	-	-	-	-	

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 21: Matriz de compatibilidade entre as atividades da desterritorialização

ATIVIDADES										
ATIVIDADES		ADMINISTRAÇÃO E SUPERVISÃO	PLANTIO E COLHEITA	PRÁTICAS SEXUAIS	PRÁTICAS RELIGIOSAS	CONTEMPLAÇÃO	FOTOGRAFIA	CAMINHADA	PESCA	BRINCADEIRAS INFANTIS
	ADMINISTRAÇÃO E SUPERVISÃO		+	-	-	-	-	+	-	-
	PLANTIO E COLHEITA	+						+		
	PRÁTICAS SEXUAIS	-	+							
	PRÁTICAS RELIGIOSAS	-	+							
	CONTEMPLAÇÃO	-	-	-	-		+	+	+	+
	FOTOGRAFIA	-	-	-	+	+		+		
	CAMINHADA	+	-	-			+		+	
	PESCA	-		-	-	+	+	+		+
	BRINCADEIRAS INFANTIS	+	+			-	+	+	+	

Fonte: Elaborado pela autora

Vale destacar um aspecto muito forte entre as matrizes, que é a incompatibilidade de atividades e a não aceitação do grupo social dos proprietários com os demais grupos sociais, com exceção dos administradores e trabalhadores fixos da empresa. Outra incompatibilidade ocorre graças a invasão da propriedade para práticas sexuais e para rituais religiosos, aproveitando-se do caráter de isolamento e abandono da fazenda. Por fim, podemos concluir que a atividade que admite maior compatibilidade atualmente são as caminhadas, isto se deve ao fato de que o transeunte apenas passa pela passagem, por vezes nem dando tempo de se encontrar com o supervisor da fazenda. O quadro 22, aborda as congruências e incongruências sócio-físicas, que evidenciam o espaço da casa-sede e da plantação como detentoras das maiores relações sejam elas de congruência ou incongruência.

Quadro 22: Matriz de congruência sociofísica na desterritorialização

ATIVIDADES										
CENÁRIO FÍSICO		ADMINISTRAÇÃO E SUPERVISÃO	PLANTIO E COLHEITA	PRÁTICAS SEXUAIS	PRÁTICAS RELIGIOSAS	CONTEMPLAÇÃO	FOTOGRAFIA	CAMINHADA	PESCA	BRINCADEIRAS INFANTIS
	CASA-SEDE	Proprietários e Administradores (-)	Trabalhadores da Usina (-)	Casais de Namorados (+) e administradores (-)	Práticas Religiosas (+) e administradores (-)	População de Botucatu e Antigos trabalhadores fixos (+)	População de Botucatu e Fotógrafos (+)	Antigos trabalhadores fixos (+ e -)		Administradores (+)
	TULHA	Proprietário (+) Administradores (-)	Trabalhadores da Usina (+)			População de Botucatu e Antigos trabalhadores fixos (+)	População de Botucatu e Fotógrafos (+)	Antigos trabalhadores fixos (+ e -)		
	TERREIROS	Administrador (-)					Administradores (-)			Administradores (+)
	ESTÁBULO	Administrador (+)	Trabalhadores da Usina (+)							Administradores (+)
	LAGO ARTIFICIAL	Administrador (+)	Trabalhadores da Usina (+)			População de Botucatu e Fotógrafos (+)	Fotógrafos (+)	Antigos trabalhadores fixos (+)	Antigos trabalhadores fixos e pescadores (+)	Administradores (+)
	CASA DO ADMINISTRADOR	Administrador (+)								Administradores (+)
	PLANTAÇÃO	Trabalhadores da Usina, e proprietários Administrador (+)	Trabalhadores da Usina (+)	Casais de Namorados (+)	Práticas Religiosas (+)	População de Botucatu (-)	Fotógrafos (-)	Antigos trabalhadores fixos (+)		

Fonte: Elaborado pela autora

5.2.5 Quadro de Sinergias da Fazenda Serra Negra Na Desterritorialização

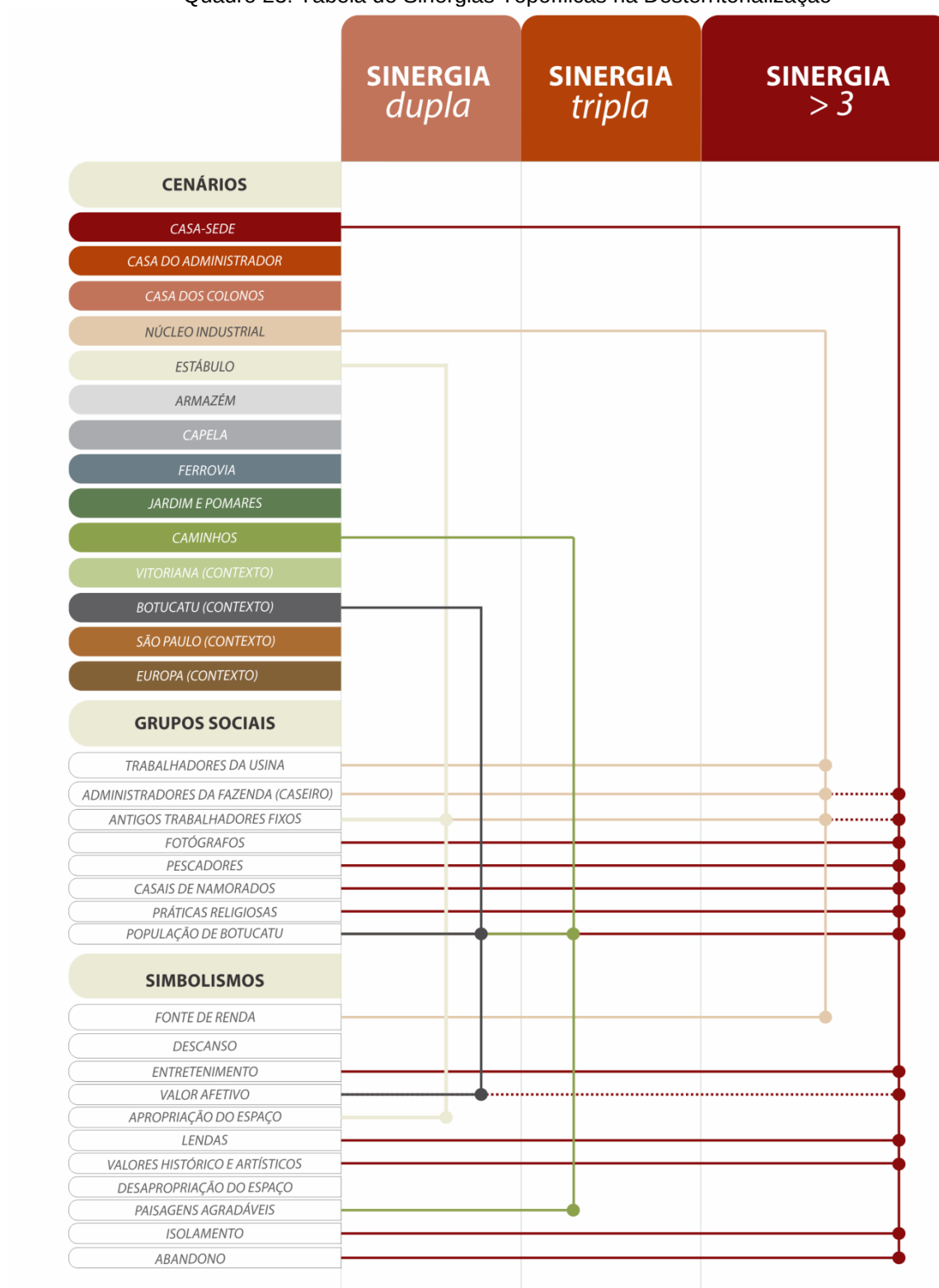
Neste momento da pesquisa, a aplicação do método reúne os cenários físicos da territorialização, a fim de evidenciar o acréscimo de simbolismos topofílicos ou topofóbicos, assim como a desarticulação de diversos cenários, já que o lugar sociofísico que antes representava a fazenda encontra-se abandono e descaracterizado como visto no item 5.2. As sinergias não se encontram mais em equilíbrio, tal como visto na territorialização. Ao contrário, a Casa-Sede cumula boa parte dos simbolismos, sejam eles topofílicos ou topofóbicos, mas, principalmente topofóbicos conforme os resultados apontados pelos questionários.

O quadro 23, apresenta uma síntese das relações interpretadas pelos ambientes físico, social e simbólico e pelas matrizes sóciofísicas, sociossimbólicas e simbólico-físicas. Foi possível identificar a Casa-sede (13 ligações) e o Núcleo Industrial (4 ligações) como os pontos de relações topofílicas mais sinérgicas (sinergias >3), o que reforça o potencial já apresentado na territorialização do estabelecimento destas como Unidades Ambientais, e reforça seus valores históricos, artísticos e simbólicos nos dias de hoje. Aparecem também nas sinergias triplas os Caminhos, utilizados pelos atuais funcionários da empresa e pela população para cortar caminho. Assim como nas sinergias duplas a relação com o estábulo e o município de Botucatu, o que demonstra a desarticulação entre o espaço urbano e rural promovida pelo fechamento dos ramais ferroviários.

Por fim, o quadro 24 de sinergias topofóbicas, corresponde aos valores de abandono e insegurança atribuídos à fazenda, e principalmente à Casa-Sede (17 ligações) e aos jardins e pomares (5 ligações), que podemos considerar compor parte da implantação da residência. O núcleo industrial também aparece nas sinergias duplas, vide a memória dos antigos trabalhadores que influenciou também em sua topofobia na territorialização, associado ao trabalho exacerbado exercido na lavoura. Assim como, representam pontos de insegurança aos administradores, visto que seu estado de conservação não é adequado e as crianças costumam utilizar os terrenos para brincadeiras. Por fim, a casa do administrador, e a ligação entre o município de Botucatu e o distrito de Vitoriana, também são destacados nas sinergias duplas. Vale ressaltar, comparado a territorialização, a fazenda encontra-se desconexa da relação entre o ambiente urbano e rural e a sensação de isolamento prevalece sobre a fazenda. Consideramos que nestes pontos abordados, estão as problemáticas da pesquisa e que com os apontamentos da Unidades Ambientais serviram como ponto

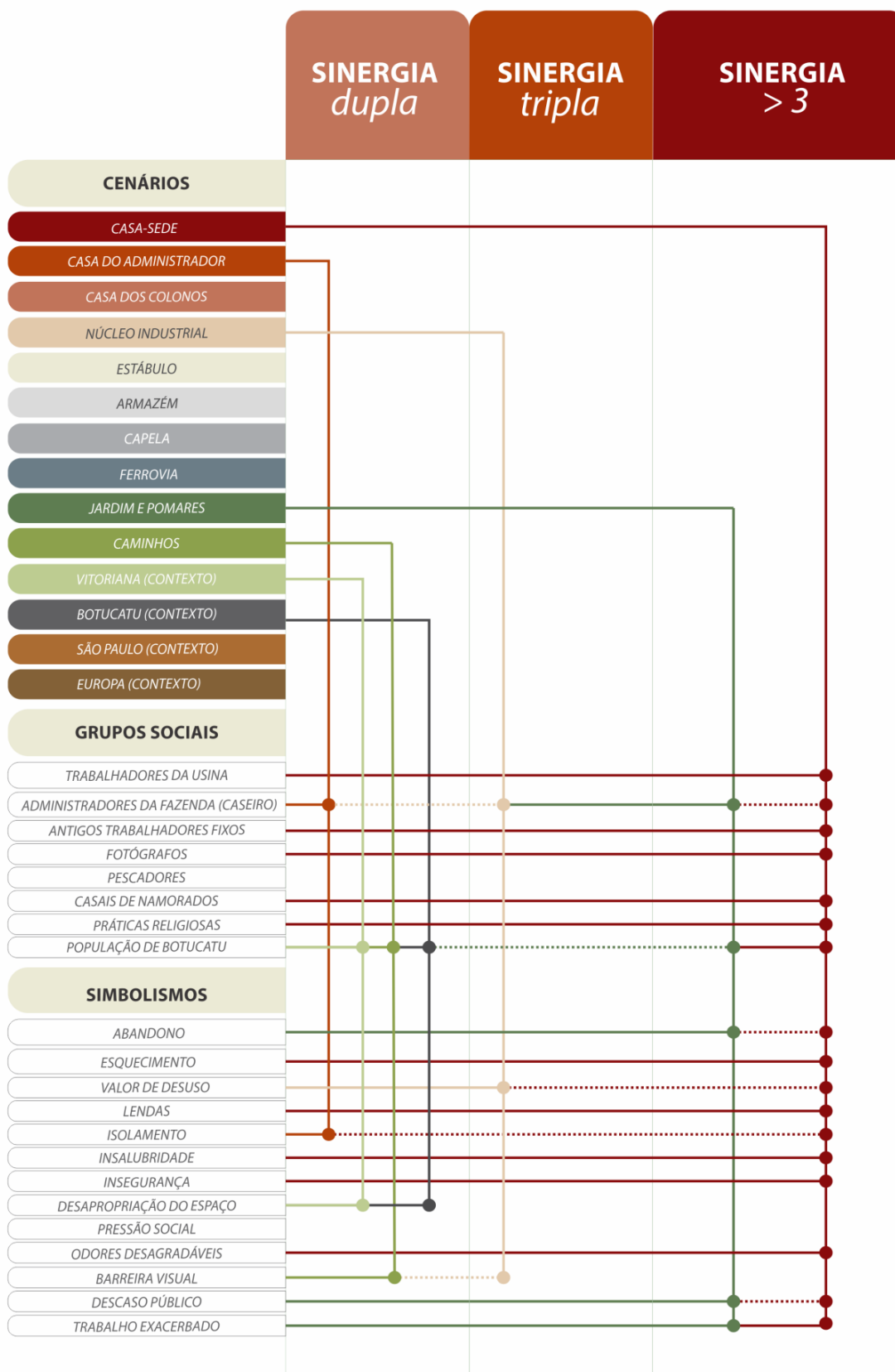
chave para a elaboração das diretrizes de reterritorialização deste patrimônio industrial de Botucatu.

Quadro 23: Tabela de Sinergias Topofílicas na Desterritorialização



Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 24: Tabela de Sinergias Topofóbicas na Desterritorialização



Fonte: Elaborado pela autora

5.3. UNIDADES AMBIENTAIS DA FAZENDA SERRA NEGRA

As Unidades Ambientais correspondem aos principais pontos de congruências e de incongruências, de correspondências e de não correspondências evidenciadas pela Tabela de Sinergias na Territorialização e que se mantiveram na Desterritorialização ou que dão novo sentido para a fazenda. Invariavelmente as Unidades Ambientais se caracterizam pelos cenários físicos que correspondem às atividades, aos grupos sociais e aos seus significados, desta forma, a Fazenda Serra Negra organiza-se em 4 Unidades Ambientais: Casa Sede, Núcleo Industrial, Plantação e Casa dos Colonos.

A Casa-Sede é a Unidade que retém maior parte das atividades e dos simbolismos nos dias de hoje, sejam eles negativos, sejam eles positivos, principalmente, após a subutilização das demais estruturas da fazenda. Uma hipótese levantada é que devido ao à tipologia neoclássica expressiva, a residência desperta maior interesse em visitação e, ao mesmo tempo, devido a sua degradação e abandono, transmite a sensação de insegurança.

O Núcleo Industrial é uma das unidades mais intrigantes, pois na tabela de sinergias da territorialização, aponta-se como ponto de reunião das atividades cafeeiras e dos simbolismos, sendo o coração da fazenda. Apesar disso, após a substituição das plantações, torna-se subutilizado e hoje praticamente não aparecem nas sinergias da desterritorialização, sejam elas topofílicas, sejam elas topofóbicas. Contudo, a ocupação de uma das quadras pelo administrador, levanta a problemática de incluí-lo em quaisquer intervenções que possam ser realizadas neste sítio histórico.

Vale ressaltar que nem sempre as unidades ambientais terão uma referência territorial, já que podem ser apresentadas por correspondências sociossimbólicas, vide as significações que podem ser assinaladas entre os grupos sociais e as atividades praticadas (FERNANDES, 2019, p. 172). Exemplo disso é o caso da problemática encontrada na Matriz do quadro 20 em decorrência da não aceitação do grupo social dos proprietários, em relação à todos os atores, com exceção daqueles que pertencem à seu quadro de funcionários (administrador e trabalhadores fixos).

O caso repete-se na Unidade Casa dos Colonos, já que as edificações foram demolidas em meados da década de 1990, mas que ainda mantém o simbolismo, expresso pelos antigos trabalhadores em seus relatos. Estes são o único grupo social mantido em ambos os cronotopos e que praticamente perdeu todo o cenário físico correspondente às suas atividades de morar e de lazer. A síntese que reúne os aspectos de cada unidade está exposta nas figuras a seguir:

Figura 111: Unidade Ambiental - Casa-Sede



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 112: Unidade Ambiental - Casa dos Colonos



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 113: Unidade Ambiental - Núcleo Industrial



NÚCLEO INDUSTRIAL

O núcleo industrial outrora representou o centro das atividades de toda a Fazenda Serra Negra, ali proprietário, trabalhador e administrador se encontravam e dali advinha toda a fonte de renda da fazenda, pois o café era seco, beneficiado, ensacado e transportado. O apreço pela casa de máquinas e a tulha era tamanho, que esta possui apelo estético, em uma fachada simétrica, com ornamentos na platibanda e molduras nas aberturas. Após a queda do café, a tulha foi usada apenas como estocagem e hoje encontra-se fechada com alguns materiais da empresa armazenados e, por essa razão, não existe atividade alguma além da observação, visto que ela atrai os olhares dos visitantes vide sua estonteante beleza arquitetônica. Os terreiros encontram-se encobertos por vegetação e um deles ocupado pela casa do administrador, que apresenta diversas relações entre a fazenda.

TERRITORIALIZAÇÃO		
FÍSICO	SOCIAL	SIMBÓLICO
<i>Pé direito duplo, Composição simétrica da fachada, com aberturas em arco pleno, fechamento em madeira, presença de ornamentos. Planta retangular, com pavimento de pedra.</i>	<i>Proprietário, Administrador, trabalhadores fixos.</i> <i>Supervisão, secagem e beneficiamento do café, ensacamento e transporte (trabalho)</i>	<i>Fonte de Renda, Valor Afetivo, Ascensão Social.</i> <i>Diferenciação de pressão social, diversidade cultural, insalubridade, preconceito.</i>
DESTERRITORIALIZAÇÃO		
FÍSICO	SOCIAL	SIMBÓLICO
<i>A estrutura atual data de 1917, evidenciando uma modernização. As aberturas apresentam certo grau de degradação, bem como a cobertura.</i>	<i>Proprietários e Fotógrafos e a População de Botucatu</i> <i>Armazenamento e Contemplação</i>	<i>Valor afetivo, entretenimento</i> <i>Trabalho exacerbado</i>



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 114: Unidade Ambiental - Plantação



Fonte: Elaborado pela autora

6. PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DO MUNICÍPIO DE BOTUCATU

A valorização do patrimônio industrial do Município de Botucatu, busca ressignificar as relações entre o ambiente urbano e o rural, tem como base os processos da sociogênese, morfogênese e semiogênese que a configuraram no território, assim como as memórias, identidades, significados e expectativas da população em relação a ele. Dentro deste contexto, foi proposta a reterritorialização da Fazenda Serra Negra.

A partir disso, a proposta de valorização do patrimônio industrial se baseou em:

- Nas legislações vigentes que incentivam o turismo regional e a preservação do patrimônio industrial, bem como das paisagens naturais.
- No restauro ou reabilitação arquitetônico que terá como base as cartas patrimoniais e os teóricos do restauro.
- Exemplos de ressignificação patrimonial e de reterritorialização na macroescala e microescala e que já obtiveram resultados satisfatórios.
- Cada problemática, em decorrência de sinergias toponímicas, terá a proposta de uma nova intervenção, a fim de requalificá-la.
- Todos os vínculos topofílicos serão preservados, restaurados e reabilitados.

6.1. PROPOSTA MACRO-ESCALA – RELAÇÃO ENTRE O ESTADO DE SÃO PAULO E O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DE BOTUCATU

De acordo com os conceitos apresentados no capítulo 2 pela Carta de Dublin (2011) os valores históricos, artísticos e de uso da Agroindústria cafeeira de Botucatu são capazes de caracterizá-la como patrimônio industrial. O patrimônio industrial é extremamente vulnerável e está em risco constante, sendo frequentemente perdido não só pela falta de conscientização, documentação, reconhecimento ou proteção (TICCHI, 2011, p.1), mas também pela falta de seu vínculo com a população.

Para que o conjunto de bens pertencentes ao patrimônio industrial botucatuense continue fazendo parte da vida das pessoas, são necessários novos usos e significados de acordo com a tipologia indicada e os valores simbólicos da população. Acredita-se que seja válida uma proteção a nível local e estadual destes sítios históricos, tal como foi aplicado na Fazenda Lageado, dada ao estado de conservação e de seu valor arquitetônico, relevância e valor histórico que representou

a produção da variedade do café amarelo na região de Botucatu, e do saber técnico científico disseminados em outros exemplares pelo Estado de São Paulo.

o Conselho Municipal de Patrimônio Cultural e Natural de Botucatu (CONPATRI), foi criado pela Lei Complementar nº 775/2010, órgão de caráter deliberativo, normativo, fiscalizador e consultivo em assuntos relacionados ao patrimônio histórico, cultural, natural, paisagístico, turístico e imaterial do Município de Botucatu (BOTUCATU, 2010, p. 1). Entretanto, não há evidências de atuação do Conselho no município, mas ao contrário, existem requerimentos feitos pela Câmara Municipal de Botucatu datados dos anos de 2012 (Nº 551), 2013 (nº 1276), e 2017 (nº 682) no qual os vereadores solicitam a abertura urgente do CONPATRI, para evitar maiores perdas patrimoniais. Neste contexto, não há possibilidade de recorrer à um tombamento à nível local.

Para tanto, levando em consideração o valor histórico e artístico do patrimônio industrial de Botucatu para a escala do Estado de São Paulo é essencial realizar o processo de identificação do patrimônio para dar início ao processo de tombamento pelo Colegiado do CONDEPHAAT. A identificação do patrimônio industrial de Botucatu corresponde ao inventário das fazendas e equipamentos cafeeiros encontrados, para isso a Carta de Dublin (2011) recomenda:

Diversas fontes de conhecimento e informação devem ser utilizadas, incluindo coleta de campo e registro, investigação histórica e arqueológica, análise de material e paisagem, história oral e/ou pesquisa em arquivos públicos, de empresas ou privados. A pesquisa e preservação de registros documentais, arquivos de empresas, plantas de edifícios e exemplares de produtos industriais devem ser incentivadas. A avaliação e análise de documentos devem ser realizadas por um especialista da respectiva área industrial para determinar seu significado patrimonial. A participação das comunidades e de outras partes interessadas também é uma parte essencial dessa atividade (TICCHI, 2011, P.5).

Também para abertura do processo no Condephaat³³ são necessárias:

- Carta ao Presidente do Condephaat, contendo justificativa do solicitante e requerimento padrão.
- Endereço dos bens:
 - **Sítio Histórico de Botucatu – Centro Republicano:** Av. Dom Lúcio, Av. Sant’Anna, Rua Monsenhor Ferrari, R. Dr. Costa Leite, R. Moraes de Barros, Rua Velho Cardoso.
 - **Fazenda Serra Negra -** Chácara Recreio Vista Alegre, 6HJM+QW

³³ <http://condephaat.sp.gov.br/>

- **Fazenda Lageado** - R. Dr. José Barbosa de Barros, 1780 - Jardim Paraíso, 5H4F+H3
- **Fazenda Monte Alegre** - Chácara Recreio Vista Alegre - Bairro Monte Alegre, 48JX+48
- **Fazenda Monte Selvagem** – Estrada Municipal Geraldo Biral - 3JV4+W6
- **Fazenda Boa Esperança** - Estrada Domingos Papa - Chácara Recreio Vista Alegre, 5G88+MW.
- Denominação e descrição sumária do bem proposto para tombamento e fotografias atuais do bem, e informações sobre a atual utilização do bem.
- Apresentação de certidão atualizada de propriedade, passada pelo Cartório de Registro de Imóveis competente na qual figure o(s) nome(s) do(s) proprietário(s) do imóvel.
- Referências documentais e bibliográficas disponíveis.
- Deve constar no inventário: Ano da Construção, breve histórico do autor da obra, Planta do Imóvel e ocupação em relação ao terreno, identificação em mapa dos edifícios solicitados para tombamento, demarcação topográfica da área proposta identificação de proteção dos bens à nível federal ou municipal se houver, Documentação histórica sobre o bem, da qual deverá constar seu valor em relação ao desenvolvimento socioeconômico e cultural do Município ou Estado.

De nada adianta ter um bem protegido por um órgão estadual se este permanece sem uso e sem uma ligação simbólica com a população. Existe uma questão cultural, conforme aponta Maria Alice Setúbal (2004, p. 94), que conduz os paulistas a procurarem patrimônio em antigas localidades de Minas Gerais, Parati, Salvador, e não são capazes de enxergar como fazendas de açúcar e café guardam belos testemunhos do passado, tornando-se assim, ameaçados pela falta de reconhecimento dos que as herdaram. Por isso, em cidades como Botucatu, é necessário proteger ambas as escalas – urbana e rural, pois uma só existe graças as intervenções da outra, como uma teia que justapõe a cultura rural com a urbana ascendentes, essencialmente interligadas.

Com o olhar para o passado, o poder público em parceria com a sociedade, pode contribuir para que também a memória afetiva de sua população não se perca dentro dos canaviais. Para recompor as raízes que configuraram o oeste paulista, tal

como é hoje, são necessárias políticas públicas que possam proteger as edificações e, concomitantemente incentivar a visibilidade desse patrimônio.

6.2. PROPOSTA MICRO-ESCALA – RELAÇÃO ENTRE BOTUCATU E O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL – A “ROTA DO CAFÉ”

Um dos pontos chave apresentados pela leitura do contexto foi a relação entre urbano e rural, principalmente as raízes rurais que toda o processo de urbanização do município de Botucatu apresentou, num primeiro momento como forma de demarcação de terras de indígenas, jesuítas e posseiros, avançando para uma estratégia econômica no período cafeeiro que consagrou o espaço urbano como articulador entre as esparsas propriedades.

Papel fundamental para essa articulação foi a passagem da ferrovia Sorocabana, que permeava o meio urbano e rural interligando as propriedades e que hoje encontram-se desconexas. O papel fundamental dessa intervenção seria reconectar, ainda que simbolicamente essas fazendas. Assim sendo, a proposta de intervenção na escala territorial, toma como base os seguintes dados apresentados ao longo do trabalho:

- O Plano Diretor de Turismo – que apresenta o ecoturismo e a beleza das paisagens naturais do município como principal atrativo, mas não deixa de descartar o Turismo Rural como ferramenta;
- O público apresentado pelo plano como principal atuante na região: Jovens adultos, vindos de grandes centros urbanos e que permanecem no espaço por pouco tempo. Além de contemplar famílias, idosos e estudantes da rede municipal de ensino.
- Os simbolismos positivos vinculados à memória das fazendas: Beleza Arquitetônica, História e Café
- A possibilidade de tombamento à nível estadual e a conservação atual do sítio histórico anteriormente chamado de Centro Republicano na Avenida Sant’Ana e dos exemplares citados entre as fazendas Serra Negra, Lageado, Monte Alegre, Monte Selvagem e Boa Esperança.

Na escala territorial, uma alternativa encontrada por semelhante problemática foi a criação do Caminho dos Moinhos, que integra diversas cidades do Rio Grande do Sul, o que poderia ser aplicado na região turística do Pólo Cuesta, unindo os diversos municípios que integram o consórcio, ainda que em uma segunda etapa de

aplicação da estratégia. No Estado de São Paulo, a ferramenta de roteiro foi aplicada com sucesso no município de São Roque, que integra por meio de atividades diversas o ambiente rural, o distrito industrial e o centro urbano da cidade, evidenciando a viabilidade da proposta também para o município de Botucatu. A seguir, será exposto uma síntese dessas propostas, a fim de subsidiar um modelo exemplar, que possa ser aplicado também a Botucatu.

6.2.1 Exemplos de ressignificação entre o espaço urbano e rural

Premiado internacionalmente, o Complexo Arquitetônico Museu do Pão, localizado em Ilópolis, na região alta do Vale do Taquari, é considerada o coração do roteiro turístico cultural rural e gastronômico dos Caminhos dos Moinhos, do qual também fazem parte os municípios de Anta Gorda, Arvorezinha e Putinga, que juntos somam aproximadamente 25 mil habitantes.

Potente espaço de preservação da memória e patrimônio imaterial da cultura italiana na região, o museu reforça o caráter comunitário e de preservação do saber e fazer da arte branca e da molinologia, e também de sua força como ferramenta de promoção do desenvolvimento local sustentável (cultural, gastronômico, ambiental, arquitetônico e turístico), o espaço conta com visita guiada ao Complexo Arquitetônico do Museu do Pão, onde também são realizadas oficinas de panificações e degustação de produtos produzidos.

O Caminho dos Moinhos está localizado na região do Vale do Taquari e engloba as cidades de Ilópolis, Anta Gorda, Arvorezinha e Putinga, a 200 km de Porto Alegre, na ERS332. São 70 km de percurso, nos quais podem ser visitados diferentes moinhos instalados em diferentes paisagens, herança trazida pela vinda massificada dos imigrantes para o sul do país. Tal como visto no caso de Botucatu, a vinda dos imigrantes simbolizou para todos mecanização e modernização, para a região da Serra Gaúcha, os artefatos destinados à produção de farinha, exibem o conhecimento de novos materiais, como por exemplo a madeira da araucária.

Apesar de sua relevância histórica, os moinhos entraram em processo de degradação e esquecimento, até que em 2003 foi lançada uma rota turística que percorresse todos os moinhos da região, iniciando pelo Moinho Colongnese, localizado na cidade de Ilópolis-RS (Figura 115). Os arquitetos Marcelo Ferraz e Francisco Fanucci, foram entusiastas da ideia, pois quando a história ganha vida, a arquitetura acaba sendo uma pequena parte de tudo, além do fato de uma cidade tão pequena, com 4.500 habitantes ter se mobilizado de tamanha forma para proteger o seu

patrimônio e agora produzir Fubá e vender até mesmo em Porto Alegre (FERRAZ; FANUCCI, 2005, p.18). O percurso conduz o turista a pé, de carro ou de ônibus por estradas de saibro, e oferecem serviços de alimentação, produtos locais, artesanato e hospedagem³⁴. O caminho simboliza uma irradiação de conhecimento, e uma potente rede de relacionamentos e transformações socioculturais para essa região que somada conta apenas com 25 mil habitantes.

Figura 115: Restauro e Reabilitação Moinho em Ilópolis - Museu do Pão de Ferraz e Fanucci



Fonte: archdaily.com – Acesso em 02/04/2021

Já na cidade de São Roque, a tradição vinícola também é histórica, mas atua apenas localmente e não globalmente como a atração dos moinhos. Graças ao fundador da cidade, Pedro Vaz de Barros, São Roque deu início ao cultivo da uva e da produção de vinhos ainda no início do século XVII³⁵. O Roteiro do Vinho (Figura 116) é formado pela Estrada do Vinho, Estrada dos Venâncios e Rodovia Quintino de Lima, é gratuito e permite a entrada de qualquer visitante, promove também a degustação de todos os produtos típicos: vinhos, sucos de uva, bebidas destiladas, alcachofra, hortaliças, além de promover hospedagem e alternativas para o enoturismo. A iniciativa é alavancada pela sua proximidade com a capital paulista, e a cidade recebe em torno de 700 mil turistas ao longo do ano³⁶, dos quais 55,5% correspondem ao Roteiro do Vinho (SOLHA, 2020, p. 29).

³⁴ <https://www.turismo.rs.gov.br/>

³⁵ <https://www.roteirodovinho.com.br/>

³⁶ <https://www.saoroque.sp.gov.br/>

Figura 116: Rota do Vinho - São Roque



Fonte: www.roteirodovinho.com.br/mapa – Acesso em 02/04/2021

6.2.2 Rota do Café

Observando os modelos, a curto prazo a proposta seria a construção de uma “Rota do Café” que englobasse todas as estruturas de Botucatu conservadas: Centro Urbano (5), Fazenda Serra Negra (8), Lageado (4), Monte Alegre (1), Monte Selvagem (6) e Boa Esperança (3) unindo as características cafeeiras que as compõe; mas, a longo prazo, essa iniciativa poderia se estender para demais municípios vinculados ao Pólo-Cuesta, conforme já exposto. As rotas turísticas são caracterizadas pela liberdade proporcionada ao visitante, que se desloca com veículo próprio pelo trajeto recomendado, realizando as paradas nos sítios demarcados com placas e sinalizações por totens, isso poderia até mesmo combinar um fluxo turístico já existente entre o eco-turismo e esse patrimônio industrial.

Com as rotas, busca-se atrair o fluxo turístico já reconhecido no capítulo 4, Desterritorialização: Adultos na faixa de 30 a 55 anos, acompanhados de familiares e amigos, deslocando-se de centros urbanos como São Paulo, Bauru, Campinas e Sorocaba, permanecem na cidade por uma curta duração (de 1 a 3 dias), motivados por atividades de esporte, lazer e cultura, apreciam a culinária típica e valorizam produtos autênticos e artesanais. Fora o novo público, é de extrema importância que todas as intervenções valorizem a comunidade local, os atuais moradores das fazendas, caseiros, administradores, e tal como as cidades subsidiaram as atividades rurais no período cafeeiro, assim também pequenos artesãos, comerciantes possam

usufruir desse novo fluxo. Somado a eles, a população de Botucatu atrelada à Educação Patrimonial possa ter acesso aos edifícios a fim de compreender as origens da cidade e de suas famílias, assim como uma alternativa de lazer, tal como já é utilizada a Fazenda Lageado. A rota poderia incluir a visita de grupos escolares em dias letivos, a visita de famílias para enriquecimento cultural ou apenas para desfrutar as belas paisagens naturais.

Assim como o Caminho dos Moinhos e a Rota do Vinho, o roteiro não apresenta início ou um fim, mas uma oportunidade capaz de proporcionar ao visitante diversos pontos de vista acerca do período cafeeiro em Botucatu, por meio de suas próprias rotas e trajetos, como: o modo de vida, a história do café, a produção do café, a história do imigrante italiano e belga, turismo religioso, entre outros.

São 46 km de percurso, que podem ser percorridos no período de 1 a 3 dias, dependendo do caráter de aprofundamento e atividades correlatas que o visitante almejar conhecer. Pode ser realizado por meio das vias locais já existentes, como a Estrada Municipal Alcides Soares, e a Rodovia Marechal Rondon. Além dos pontos citados, pode também agregar pontos do Ecoturismo, como a Cachoeira e o Vale da Indiana (7), a Cachoeira Boa Esperança (3), a Basa da Nuvem (9) e a Cachoeira da Pavuna (2), a fim de contemplar todos os públicos, aqueles já existentes e os que podem existir baseado no perfil turístico da cidade. Todas as estruturas receberiam adaptações coerentes, para que possam garantir formas econômicas de assegurar a sobrevivência destes edifícios industriais conforme prevê a Carta de Nizhny (TICCHIH, 2003, p.5). Assim como o ocorrido no Caminho dos Moinhos, almeja-se que seja um empenho conjunto com a população, e que possa valorizar todos os predicados existentes em Botucatu, promovendo principalmente a valorização do saber fazer, da cultura e da memória do trabalhador industrial, conforme previsto na Carta de Dublin (TICCHIH, 2011).

A figura 117 apresenta a proposta esquemática de implantação da Rota, vale destacar os elementos em verde no esquema que representam os principais centros urbanos e suas respectivas vias de acesso. Por exemplo, para um visitante vindo da cidade de Bauru, o percurso ideal teria início pela Rodovia Marechal Rondon à Fazenda Monte Alegre, podendo incluir a visita à cachoeira da Pavuna, depois a Fazenda Boa Esperança, e aí por diante. Já para um visitante vindo de Piracicaba, recomendar-se-ia iniciar o percurso pela Fazenda Serra Negra, posteriormente, a Lageado, o Centro Urbano de Botucatu, etc.

Figura 117: Proposta para Rota do Café em Botucatu-SP



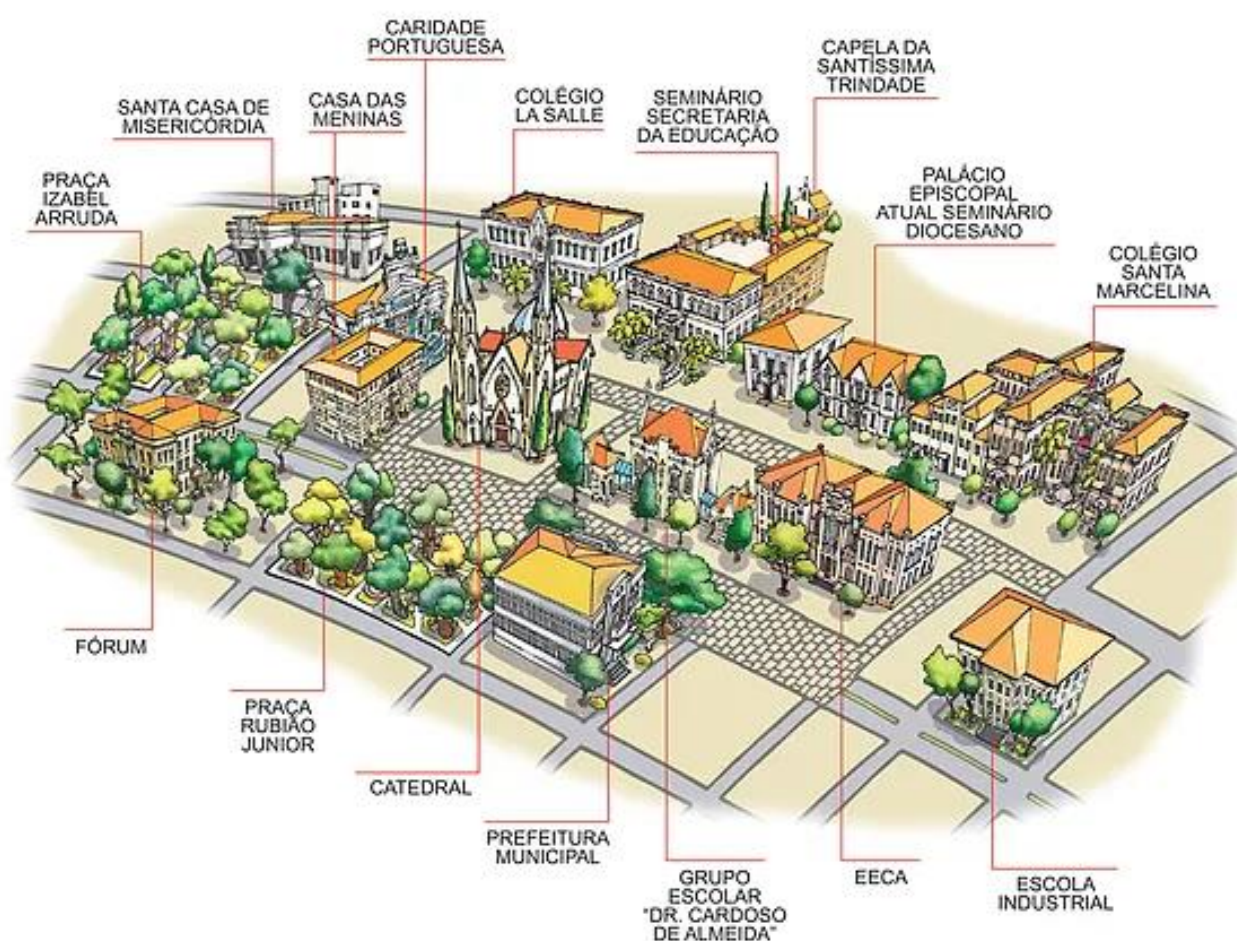
Fonte: Elaborado pela autora

A seguir, serão apresentados os pontos observados nos capítulos 4 e 5, como inerentes e significativos para cada um dos elementos. Vale ressaltar, que para uma verdadeira intervenção, é necessária uma análise heurística e sociofísica de cada uma das estruturas, tal como foi realizado na Fazenda Serra Negra, para melhor compreender individualmente o papel dessas estruturas no período cafeeiro de Botucatu.

Sítio Histórico de Botucatu – Centro Urbano

O município de Botucatu, interlocutor das antigas relações do café, possui um centro que reúne diversos exemplares construídos após as alterações e transformações sociais e arquitetônicas ocorridas no período da territorialização cafeeira. Atualmente fica localizado na Avenida Sant'Ana e é um verdadeiro retrato do Ecletismo na cidade, é composto por: Casa das Meninas, Caridade Portuguesa, Colégio Diocesano (atual Colégio La Salle), Antigo Seminário Diocesano, Colégio dos Anjos (atual Santa Marcelina) Catedral Metropolitana de Botucatu, Grupo Escolar Cardoso de Almeida, Escola Estadual Cardoso de Almeida, Antigo Prédio dos Correios (atual prefeitura de Botucatu), Antigo Fórum-Cadeira (atual Pinacoteca) e a Praça Rubião Júnior, conforme figura 118. Devido às medidas promovidas pela candidatura do Município como Interesse Turístico, todos os pontos estão registrados com totens de identificação e contém um breve histórico e o que visitar em cada um dos pontos citados.

Figura 118: Ilustração do Centro de Botucatu de Sebastião Xavier de Lima



Fonte: <https://xaviardelima1.wixsite.com/> - Acesso em 02/04/2021

Ferrovia e Indústria

A Estrada de Ferro Sorocabana desempenhou papel fundamental para a urbanização de Botucatu, mas foi também responsável pelo escoamento e transporte de toda produção agrícola, assim como dos antigos proprietários e trabalhadores da zona rural para a urbana. Esse valor histórico, outrora já foi reconhecido, graças ao tombamento deste conjunto pelo CONDEPHAAT conforme apresentado no capítulo 4, mas para o roteiro do café além da estação ferroviária, acredita-se que as antigas indústrias (Blasi, Lunardi e Milanesi) e o curtume localizados nas proximidades da Avenida Floriano Peixoto. Essas indústrias estavam vinculadas com maquinário para beneficiamento do café, confecção de sacas para transporte, metalúrgicas, atividades que em sua maioria subsidiavam a produção agroindustrial do café. Os edifícios encontram-se hoje em bom estado de conservação, alguns foram reabilitados, mas conservaram boa parte de suas fachadas, que retratam a arquitetura industrial da década de 1930.

Ainda que em projeto, vale ressaltar que em reunião ocorrido no dia 4 de maio de 2021, foi criada uma comissão no Conselho Municipal de Turismo para instituição do Trem Turístico em Botucatu, o caminho seria percorrido entre a Estação Ferroviária Central de Botucatu e a Estação de Vitoriana³⁷. A iniciativa foi criada em 2018 pela Secretaria adjunta de turismo e tem dado continuidade ao longo dos mandatos. Vale ressaltar que a criação de um Conselho Patrimonial (CONPATRI) e a ação adjunta da secretaria municipal de cultura seriam imprescindíveis para que a intervenção fosse realizada de maneira coerente com a valorização do patrimônio industrial e ferroviário.

Fazenda Lageado

Próxima ao centro urbano de Botucatu, a Fazenda Lageado é utilizada atualmente pela Universidade Estadual Paulista como campus da Faculdade de Ciências Agrônômicas, mas sua área histórica encontra-se preservada e em funcionamento abrigando o atual Museu do Café de Botucatu. O museu do café já possui certo fluxo de visitantes como apontado pelo Plano Diretor de Turismo, e, além disso, possui vínculo forte com a população que a utiliza como Parque para práticas de exercícios físicos, piqueniques, ensaios fotográficos, e outras atividades de lazer. Neste sentido, as intervenções necessárias seriam apenas de conservação e manutenção de suas estruturas, visto que após as fortes chuvas ocorridas em fevereiro de 2020, as estruturas da fazenda ficaram em risco de desabamento.

³⁷ Comunicação COMUTUR – 05/05/2021

A partir dos questionários, um ponto que chamou atenção foi que a população talvez desconheça a origem da Fazenda Lageado, e apesar da manutenção de suas estruturas, não imagina como estas funcionavam. Valeria uma atração dentro do Museu do café que pudesse explicitar de forma lúdica, um pouco mais sobre o proprietário, sua relação com o Conde Serra Negra e como a família viveu e morou naquele sítio histórico.

Fazenda Monte Alegre

A fazenda Monte Alegre vivenciou diversos cronotopos ao longo de sua trajetória, e alguns deles possuem maior valor simbólico do que outros. Um dos fatores marcantes da Fazenda observados a partir dos questionários, é a sua relação com o Fundador da Cidade de Botucatu – O Capitão José Gomes Pinheiro, sua descendência, a Família Pinheiro Machado são apontados no gráfico da sociogênese como uma das famílias mais conhecidas de Botucatu. Outro cronotopo importante foi a colonização ocorrida na propriedade, esta responsável por abrigar diversos belgas na década de 1960 e alterar suas estruturas para estes novos usos, como a Capela Santo Agostinho, uma das arquiteturas mais peculiares da Fazenda e responsável pelo principal fluxo turístico da propriedade.

Unindo-se ao fato do uso da propriedade pela Fazenda da Esperança e ao turismo religioso já existente, pode-se considerar que este grupo social e suas respectivas atividades precisam ser mantidos. Além deles podem ser atribuídos novos usos à fazenda que à incorporem à Rota do Café, como por exemplo um memorial em homenagem a vida do fundador da cidade relacionado à casa-sede, bem como algum elemento que rememore a colonização Belga. Os visitantes de Bauru (SP), apontados como público alvo para o Município de Interesse turístico, tem acesso à Botucatu através da Rodovia Marechal Rondon, facilitando que seu percurso tenha início por essa fazenda.

Fazenda Monte Selvagem

Outra propriedade que os fundadores possuem papel fundamental. No caso da Monte Selvagem, o fato de sua proprietária ter lidado sozinha com os negócios e se tornado uma mulher influente em meio a uma sociedade patriarcal, definitivamente foi um fator marcante para época e a conservou ativa por bastante tempo, mantendo viva também a comunidade imigrante que ali vivia. Dessa forma, diferentemente das intervenções propostas nas outras fazendas, aqui busca-se das valor não ao trabalho,

nem ao proprietário da Casa-Sede, mas a mão de obra, ou seja, a figura do trabalhador imigrante.

Toda origem urbana de Botucatu está relacionada com esse grupo de pessoas, que após sua passagem pelas fazendas, faz morada na cidade, abre negócios, frequenta espaços de lazer, enquanto os proprietários migram-se para as grandes capitais seja no Brasil ou na Europa. Por essa razão, a Fazenda Monte Selvagem, buscava ser um refúgio para as memórias e atividades dos imigrantes no período do café, a vida que tinham em seu país de origem, as festividades que realizavam nas fazendas, as comidas típicas, a nova vida na cidade industrial.

Atualmente, a fazenda fica localizada próxima à Estrada Geraldo Biral, que dá acesso à diversos pontos ecoturísticos, como por exemplo a Base da Nuvem, o Vale da Indiana e a Cachoeira Indiana. É uma oportunidade para demonstrar que a Rota do Café poderia acumular outros tipos de turismo, ou que a fazenda, em atividade, poderia ser ponto de parada para aqueles que frequentam os pontos ecoturísticos.

Fazenda Boa Esperança

Após as compras pela família Amando de Barros, nunca mais a fazenda parou de produzir café. Dessa forma, a fazenda conserva todo o processo industrial de colheita e beneficiamento do café, perseverando todo o saber fazer que a economia cafeeira concedeu ao início do século XIX. Nessa primeira análise, portanto, poderíamos apontar como um dos fortes pontos da Fazenda Boa Esperança o conhecimento acerca da técnica utilizada na fazenda para a produção de café naquele período, podendo oferecer ao visitante essa imersão do processo agroindustrial até a degustação do produto.

Assim como no caso da Fazenda Monte Selvagem, a cachoeira Boa Esperança fica muito próxima ao núcleo industrial da fazenda, tornando possível essa comunicação. A sua localização próxima a Marechal Rondon também contempla a facilidade de acesso aos visitantes vindos de Bauru.

Fazenda Serra Negra

A Fazenda Serra Negra fica nas proximidades da Estrada Alcides Soares, na localização oposta da Fazenda Monte Alegre, então pode ser tanto um ponto inicial quanto final da rota do café e pode representar uma fonte de trabalho importante para si e para a comunidade local de Vitoriana, que antes retirava dela boa parte de seu sustento. A análise do ambiente simbólico do patrimônio industrial em Botucatu, atrela o nome do Conde Serra Negra muito fortemente à cidade, além da sua beleza

arquitetônica que quando revelada revela a curiosidade das pessoas, estes aspectos serão retomados através de intervenções de restauro, reabilitação e projetos dialógicos que serão detalhados no item 6.3 Reterritorialização do patrimônio industrial da Fazenda Serra Negra.

6.2.3 Educação Patrimonial

O patrimônio industrial de Botucatu tem sido negligenciado ao longo dos anos, sucumbindo ao abandono e descaso público, com leituras meramente mercadológicas de seu valor simbólico. Até mesmo as iniciativas turísticas, embarcam-se restritamente nos pontos naturais, deixando de considerar o potencial histórico da cidade. Parte dessa cultura, está relacionada ao desconhecimento por parte de todos os atores sociais envolvidos (população, investidores e poder público) com relação ao patrimônio na cidade e as legislações de proteção e salvaguarda do mesmo.

Para que esta, e demais iniciativas que valorizem a história de Botucatu, possam ter andamento, é necessário que a população ressignifique essa relação de pertencimento com o patrimônio. Uma das alternativas para tal fato, é a inclusão da educação patrimonial no currículo base da educação infantil na cidade. É necessário aprender sobre as lendas, culturas, geografia e história de Botucatu. De acordo com Albuquerque (2012), a educação patrimonial possibilita promover no indivíduo a noção de cidadania, o sentido de pertencimento, gerar orgulho e autoestima, o que eleva o senso de preservação do patrimônio. Não somente, às crianças, mas investir em Educação patrimonial, nos termos de Oliveira (2020, p. 25): é realizar uma verdadeira “alfabetização cultural” que possibilita o indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, e da trajetória histórico-temporal em que está inserido”.

À exemplo do Circuito dos Moinhos – RS, é necessário que a parceria população x patrimônio seja efetiva, para que uma transformação social também aconteça, caso contrário, o saber técnico científico, muitas vezes restrito às relações acadêmicas, irá assistir o desmonte, de cada um dos edifícios do patrimônio industrial cafeeiro, e de todos os demais elementos históricos da cidade.

6.3. RETERRITORIALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DA FAZENDA SERRA NEGRA

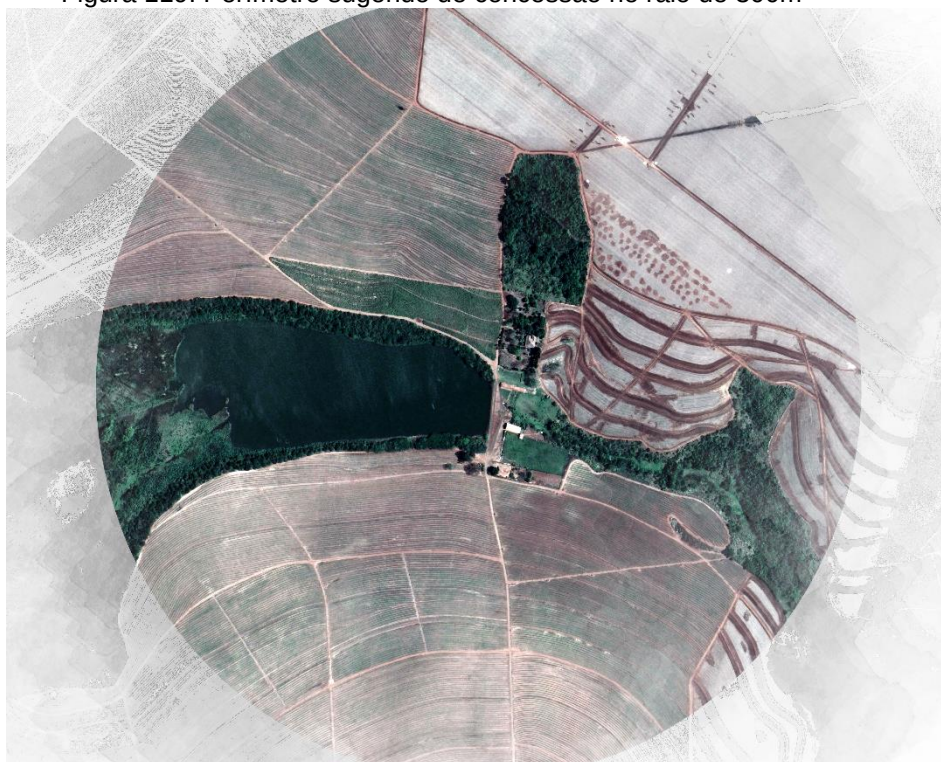
A partir deste ponto da pesquisa retomaremos as relações apontadas no capítulo 6 e 7 que abordam diretamente o objeto de estudo da pesquisa (texto) – a Fazenda Serra Negra. O principal ponto de partida para as intervenções são as

relações de congruência e incongruência apontadas nas Unidades Ambientais e que serão melhor detalhadas a seguir.

6.3.1 Relação entre a usina e a Fazenda

A incongruência existente nessa Unidade Ambiental é relacionada com a perda simbólica da área de cultivo de cana de açúcar, não somente pela Casa-Sede, como pela área de preservação permanente, e as constantes invasões sofridas pela propriedade, e a preocupação de acidentes devido ao mau estado da propriedade. Propõe-se para tal, que seja realizada uma concessão de terras a partir de um raio de 300m em relação à Casa-Sede, de acordo com parâmetros estabelecidos pelo CONDEPHAAT, além do respeito à Área de Preservação Permanente (Figura 119).

Figura 119: Perímetro sugerido de concessão no raio de 300m



Fonte: Google Earth editado pela autora

Em contrapartida a empresa poderia investir na unidade em favor de um projeto cultural inscrito no programa do governo federal da Lei de Incentivo à Cultura. A Lei 8.313/91 contempla a isenção fiscal de 100% do valor investido nos débitos a declarar do imposto de renda, podem ser direcionados 4% de impostos, podem ser inclusos nesta lei:

Artes cênicas, livros de valor artístico, literário ou humanístico; Música erudita ou instrumental; Exposições de artes visuais, doações de acervos para bibliotecas públicas, museus, arquivos públicos e cinematecas, bem como treinamento de pessoal e aquisição de equipamentos para a manutenção desses acervos; Produção de obras cinematográficas e videofonográficas de curta e média metragem e preservação e difusão do acervo audiovisual; Preservação do patrimônio cultural material e imaterial, construção e manutenção de salas de cinema e teatro, que poderão funcionar também como centros culturais comunitários em municípios com menos de 100 mil habitantes (BRASIL, 1991)

Poderia também ser estabelecida uma Parceria Público-Privada com o município de Botucatu, trata-se de um contrato de prestação de serviços que pode durar de 5 a 35 anos de acordo com a Lei 11.079/2004, no caso o município poderia prestar um serviço, ao utilizar e conservar as estruturas da fazenda e isente-se dos impostos devidos, ou participe dos lucros que possa oferecer uma intervenção contemporânea de reabilitação e restauro nesse espaço. Dessa forma, a empresa deixaria de ser responsável pela manutenção da residência, e poderia se isentar da conservação de suas estruturas nos próximos anos, ainda usufruindo para o abastecimento de água e descanso para os trabalhadores do plantio e colheita da Cana de Açúcar.

6.3.2 Unidade Ambiental - Plantação

Como visto, a fazenda Serra Negra dista 14,7 km do Centro Urbano de Botucatu, somado à isso, a plantação de Cana de Açúcar gera uma barreira visual que impede a visibilidade das estruturas, mesmo aquelas que estão alocadas em topografia mais elevada. Entretanto, como vimos na territorialização, essa é uma característica da fazenda, que fica localizada próxima ao curso d'água e que a própria topografia somada à plantação, mesmo que seja o café, irá esconder a visibilidade das estruturas.

Para tanto, propõe-se a identificação da fazenda com placas de sinalização, desde a Avenida Sant'Ana, quanto em todas as outras Fazendas pertencentes à Rota do Café, até a chegada de um ponto adequado para a entrada na Fazenda. Com a concessão de terras, pretende-se também que seja construída uma entrada bem demarcada, por um pórtico que permita a visualização, ou que ao menos possa criar essa curiosidade, essa expectativa pelo que será encontrado ao final do caminho.

Além desse isolamento físico, existe a relação topofóbica com a sensação de isolamento que a fazenda transmite. Para essa questão, busca-se que a fazenda esteja sempre em atividade, no período diurno com as atividades já propostas e noturno com seu espaço aberto para práticas de exercícios já realizada pelos antigos

moradores e que pode ser expandida para todos os moradores de Vitoriana, hospedagem, atividades culturais a fim de trazer a vida de volta às suas estruturas. Além disso, o novo vínculo proposto pela Rota do Café entre as demais fazendas, não a torna mais um patrimônio industrial isolado, mas reconectado às raízes cafeeiras do município.

Ainda nessa Unidade, propõe-se que seja usufruído de parte das terras dentro do limite sugerido (raio de 300m) para o cultivo do café para abastecimento local. Dessa forma, poderiam ser gerados novos empregos também para trabalhadores rurais e promover-se-ia o uso do antigo núcleo industrial.

6.3.3 Unidade Ambiental – Núcleo Industrial

Seria impossível retomar todas aquelas atividades e simbolismos sem o retorno dos mesmos personagens para o cenário. Reconhecemos que este espaço foi ressignificado, mas sua beleza arquitetônica ainda é um chamariz para a fazenda. Com o reestabelecimento do café proposto na Unidade Ambiental da Plantação, os terreiros poderiam ser usados para a secagem do café, enquanto a tulha abrigaria os novos equipamentos de beneficiamento do café para consumo e degustação no interior da Casa-Sede.

Entretanto, deve-se levar em consideração que um dos terreiros tem sido utilizado como terreno de implantação para a residência do administrador há no mínimo 8 anos. Existe já uma relação criada com aquela localização que não pode ser desconsiderada. Além disso, a nova proposta de área para plantio do café é muito menor em relação àquela apresentada na territorialização, o que viabiliza o uso de apenas um dos terreiros para a secagem do café. Por isso, a estratégia prevê a manutenção da casa e do seu uso, mas, para garantir a privacidade e a ambiência do conjunto, sugere-se o isolamento das estruturas por meio de vegetação que podem sugerir uma barreira visual e sonora para a casa. Com a intervenção nesse conjunto, as estruturas apresentariam maior segurança também para o restante da família que poderia circular com maior segurança estrutural por todas as dependências.

Como visto, nas proximidades da tulha, há uma bica utilizada por funcionários da empresa para abastecimento de caminhões pipa e manutenção das vias no período de plantação, fertilização e colheita. Por essa razão, propõe-se que à frente da tulha seja estabelecida uma praça que possa ser utilizada por esses atores sociais como área de descanso e convivência, seja durante o abastecimento dos caminhões, ou no horário de almoço, além da sensação de pertencimento à esse grupo social,

isso auxiliaria na delimitação do fluxo de grandes veículos afastado da casa-sede, que receberiam mais visitantes.

6.3.4 Unidade Ambiental – Casa dos Colonos

Quando remontada a paisagem da fazenda, cheia de edifícios, cheia de moradores e, por consequência, de vida, nota-se que ela nada lembra a paisagem que se vivencia nos dias de hoje. Praticamente foram suprimidos todos os edifícios que diretamente estavam vinculados com a figura do trabalhador: Casa dos Colonos, Casa do Administrador, Armazém, Capela e Ferrovia.

Como o patrimônio industrial busca valorizar as dimensões intangíveis, como a organização dos trabalhadores e seu legado social e cultural (TICCHIH, 2011), a proposta visa também contemplar a memória desses antigos trabalhadores, principais responsáveis pela conservação dessas edificações, por meio de uma intervenção dialógica neste sítio histórico. Uma das formas de estabelecer o diálogo entre o contexto histórico (a fazenda Serra Negra) e a arquitetura contemporânea (a intervenção) é através da desconstrução.

A desconstrução trata da decomposição dos elementos e a sua reorganização através de uma nova leitura, estabelecida pela interação entre sujeito e meio, em suas naturezas dialógicas, e, sobretudo conservando o que já estava definido previamente. Somado a isso, a desconstrução colabora para a inclusão do sujeito no processo de leitura e compreensão da obra, resultando numa arquitetura intertextual (PAMPANA, 2016, p. 4-5). Para tanto, separamos alguns elementos sempre apontados nos ambientes físico, social e simbólico toponímicos relacionados ao trabalhador:

- A implantação linear da maior parte de conjunto de colônias à margem sul do lago artificial
- A simplicidade das estruturas e o acabamento em reboco e cal, ou tijolos aparentes
- As festividades realizadas no estábulo e as áreas comuns de convivência, com relação ao tanque de represamento do Córrego Bom Jardim. Que ainda hoje são permitidas aos antigos moradores para pesca.
- Os trilhos da ferrovia que entravam na propriedade: o ritmo e a linearidade entre as dormentes e os trilhos.
- Como o núcleo industrial possuía vínculos toponímicos relacionados aos colonos e aos proprietários na territorialização, não nos leva a acreditar

que estes edifícios possam refletir simbolismos tão fortemente positivos quanto suas antigas residências

A partir destes preceitos, a proposta seria a construção de uma praça em homenagem às antigas estruturas dos colonos. O local destinado à implantação seria à margem sudeste do tanque, onde outrora existia um grupo de colônias instalado. Esse local foi escolhido para melhor se integrar ao conjunto, dada a proximidade com a tulha e a casa-sede. Os equipamentos serão dispostos em platôs e organizados de forma linear, tal como a implantação das residências. O piso receberá tratamento permeável, vide a retirada de vegetação das margens do tanque. Também será demarcado com diferenciação de material, para que relembre a antiga localização das residências. Propõe-se também a construção de um totem explicativo, que conte a história dos imigrantes, como eram organizados seus espaços de convivência e residência.

6.3.5 Unidade Ambiental – Casa-Sede

Ao longo da pesquisa, observou-se que a arquitetura destinada ao habitar sempre desempenhou papel fundamental na propriedade, seja para a demarcação de terras, ou para a representação simbólica de supervisão e ascensão social. Uma das ferramentas que pode ser aplicada para a salvaguarda do patrimônio industrial é o restauro e a reabilitação, um modelo exemplar que pode ser citado é a Fazenda do Pinhal (São Carlos-SP) que foi capaz de transformar suas estruturas em um local de aprendizagem desde o processo de recuperação de suas estruturas.

6.3.5.1 Exemplo de reterritorialização do patrimônio industrial: o caso da Fazenda do Pinhal

A Fazenda do Pinhal (Figura 120), localizada na cidade de São Carlos, foi adquirida na década de 1780, Carlos Bartholomeu de Arruda, avô do futuro Conde do Pinhal, e seu filho, Manoel Joaquim Pinto de Arruda, compraram as terras por meio de cartas de sesmaria na região dos Campos de Araraquara. Nas mãos da família Botelho, a fazenda deu início às atividades econômicas, com a plantação de cana de açúcar, criação de gado, e café. Neste último ciclo, a fazenda sofreu alteração na infraestrutura, quando construiu sua Casa-Sede, nas primeiras décadas do século XIX, além da tulha, da casa de máquinas, dos terreiros de secagem e de adaptações para receber maior quantidade de trabalhadores.

A edificação resistiu à degradação de seu patrimônio por mais de 200 anos, e adquiriu apreço da população, dada a importância da fazenda para o início da cidade, o berço de São Carlos. A obra de restauro teve como princípio refigurar o cenário bucólico que a fazenda cafeeira se inseria e desvendar diversos questionamentos históricos acerca do grande casarão. Além disso, propunha-se um espaço realmente adequado para receber uma população que sempre possui uma relação afetiva com esse sítio histórico, propiciando-lhes um retorno histórico. Além disso, a casa também conserva memórias do modo de vida republicano, apesar de ter sofrido diversas reformas (devido sua frequente ocupação), porém preservou a essência das inovações e alterações propostas pela modernização dos estilos.

As atividades de restauração, conservação e preservação contaram com o trabalho de historiadores, arquitetos, museólogos, engenheiros, restauradores, marceneiros, pintores e curadores. Fora o restauro da arquitetura do casarão, os jardins e o entorno sofreram reforma e alterações para que fossem readequados ao modelo original. Já no início do processo, descobriu-se que a casa do Pinhal foi originalmente concebida como uma planta em “U”, o que demonstra uma suntuosidade diferenciada para a data original da obra, o resultado são duas alas abertas para um pátio que proporciona ao usuário uma maior relação interior-exterior.

Figura 120: Aspectos externos do restauro na Fazenda do Pinhal



Fonte: <http://www.casadopinhal.com.br/> - Acesso em 05/05/2021

O processo de restauro consistiu na recuperação detalhada dos alicerces e da pintura da casa. Possui o uso de materiais locais e sofisticados, como as madeiras da região, e a cal italiana, respeitando os métodos utilizados também na época de construção. Também foram reformados os jardins nos moldes do paisagismo francês, com desenhos geométricos e canteiros bem definidos. O resultado foi um belo complexo arquitetônico

que possui um Centro de Estudos, um terreiro de café, que dá acesso à plantação cafeeira, vai para a capela, que fica dentro do casarão restaurado nos cômodos internos. A visita guiada é concluída em uma escadinha de água, onde as pessoas podem caminhar descalças, em contato com a natureza, também no fim, o café produzido na fazenda também é servido no fim do tour. O resultado foi voltado para o turismo educacional e recebe diversos públicos, tanto para conhecer a história do modo de viver republicano quanto para historiadores que buscam no vasto e organizado acervo da fazenda informações exclusivas sobre a historiografia de São Carlos (Figura 121).

Figura 121: Aspectos internos do restauro na Fazenda do Pinhal



Fonte: <http://www.casadopinhal.com.br/> - Acesso em 05/05/2021

Da mesma forma, os simbolismos ligados à Casa-Sede na fazenda Serra Negra, está presente na maior parte das relações sociais sejam elas topofílicas ou topofóbicas, para tanto se torna um ponto chave de conservação integral nesse sítio histórico: externa e internamente. Entretanto, para garantir que as estruturas permaneçam conservadas, é necessário mantê-las em uso (KUHL, 2006). Para tanto prevê-se que seja realizada uma reabilitação das atividades, adaptando-a para o contexto contemporâneo.

6.3.5.2 Reabilitação da Casa-Sede na Fazenda Serra Negra

Como a figura do Conde e da Condessa de Serra Negra ainda é fortemente lembrada por sua relevância econômica, cultural e política, a casa buscaria retomar o cenário vivenciado pelos proprietários, tendo como base a memória dos herdeiros, dos trabalhadores, e frequentadores da casa nos áureos tempos do café. Isso faria com que a fazenda se tornasse um centro de estudos sobre o papel do Conde na divulgação do café internacionalmente, sobre os registros da Condessa realizados após sua morte e sobre o modo de vida paulista no período do café. Este uso é compatível para a preservação das conformações originais da planta, e para que seja possível, na

posteridade, alteração do seu uso e sua reversibilidade, conforme previsto na Carta de Dublin (2011).

A entrada permanece sendo pelo alpendre lateral que dava acesso ao antigo escritório e agora recepção e ponto de informações do conjunto histórico. Os dormitórios localizados à sudoeste seriam utilizados para mostrar um pouco do vestuário, da árvore genealógica da família Conceição – sobre o Barão de Serra Negra, a família Rezende, os descendentes do Conde e sua vida após a queda do Café. A sala de estar sofre alteração de uso, e serviria como um memorial do Conde e Condessa Serra Negra, trazendo de volta o piano praticado pela Condessa, as Colunas do jornal O Estado de São Paulo escritas por ela, as aparições no jornal “O Correio Paulistano” feitas pelo Conde Serra Negra, condecorações e títulos recebidos também por ele. Para aqueles localizados à sudeste, pretende-se que seja instalado um espaço de degustação do café produzido localmente, em parte da área concedida pela empresa. A sala de jantar também funcionaria como espaço de exposição do modo de vida paulista, com as louças, lustres, quadros e elementos de negociação da época. Assim também, na cozinha o fogão a lenha será restaurado, com utensílios e produtos típicos da época, para que possa ser adquiridos produtos locais. Por fim, o porão que possui dimensões habitáveis seria utilizado para acervo do museu e área de pesquisa e convivência dos funcionários da instituição, mantendo a fazenda em constante uso independentemente do fluxo de visitantes.

Figura 122: Isométrica da proposta de reabilitação



Fonte: Elaborado pela autora

Para que essas mudanças de uso sejam efetivadas, são realizadas pequenas modificações estruturais que podem auxiliar na circulação e melhor espacialização dos ambientes e maiores atrativos para a fazenda, como por exemplo, a fachada, a planta e os anexos.

6.3.5.3 Restauro da Casa-Sede na Fazenda Serra Negra

De acordo com Beatriz Kuhl (2018, p.60) as práticas de restauro são realizadas devido aos aspectos formais, documentais, simbólicos, memoriais, científicas graças ao conhecimento em vários campos do saber; e. questões éticas, a fim de não esmaecer os traços do passado. Sendo assim, a fachada será restaurada, levando em consideração que sobre ela prevalece a estância histórica de Brandi (2004). Existem três pontos no qual a fachada da fazenda necessita de recuperação: a coloração das paredes, a fachada sudoeste (frontal e parte da lateral) que caiu e foi reconstruída e as aberturas que não correspondem à época e a degradação das demais.

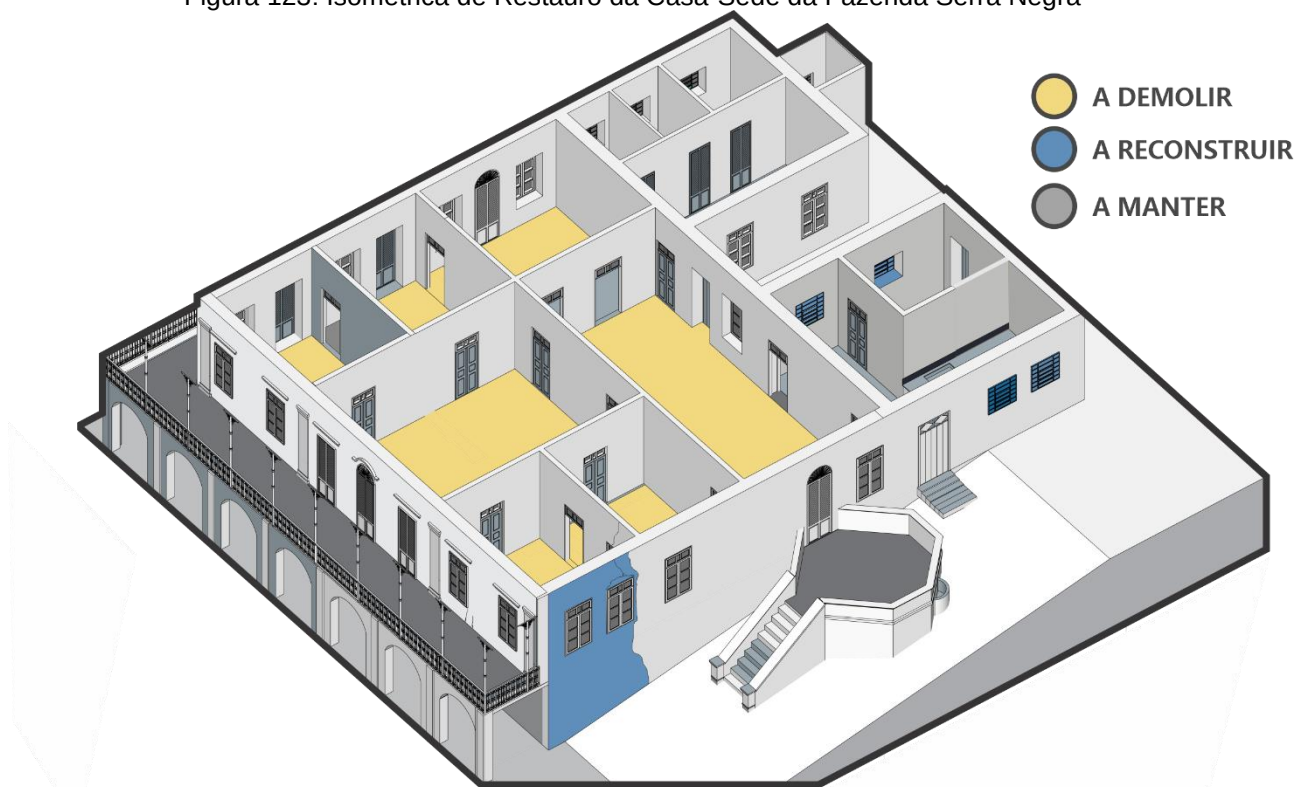
Composição da Fachada

A cor em tons avermelhados que foi pintada toda a fazenda não corresponde ao estilo dos demais elementos da fachada, tampouco remonta a cor original da fazenda. Por essa razão sugere-se que seja realizado o processo delicado de descascamento das paredes em local específico, para que seja revelada sua real pintura. Os relatos apontam para uma paleta de cores em tons pasteis, observando a tonalidade esverdeada das aberturas que já era presente anteriormente, mas que deve ser comprovado através da aplicação adequada deste método. De acordo com Brandi, é essencial que a obra não cometa um falso histórico, nem possa cancelar nenhum traço da passagem da obra no tempo (BRANDI, 2004, p. 33), por essa razão, apesar da cor vermelha não caracterizar os traços neoclássicos da fachada, ele marcou o cronotopo atual da fazenda que já corresponde à 30 anos da posse da empresa, e deverá ser representado em alguma parte da casa, deixando em evidência o processo de restauro ali ocorrido. Vale ressaltar que antes da camada de pintura, é necessário realizar um processo cauteloso de remoção da pátina e correção de fissuras.

A fachada frontal e lateral sofreu com um rompimento da malha estrutural do assoalho nesse cômodo, conforme figura 123, o que levou a um acúmulo de forças para a parede da fachada composta por tijolos maciços, que não suportou seu próprio peso e acabou ruindo. Foi feita uma reconstrução exata dessa parede a fim de

substituí-la, sem conhecimento científico, mas aos moldes do que sugere Luca Beltrami, com os materiais mais parecidos que pudessem encontrar e com semelhantes ornamentos, deixando, apesar disso em evidência tal intervenção pela não aplicação da pintura. Apesar da aparência externa, internamente a parede demonstra a profundidade de suas fissuras, mostrando que há necessidade de um reforço estrutural.

Figura 123: Isométrica de Restauro da Casa-Sede da Fazenda Serra Negra

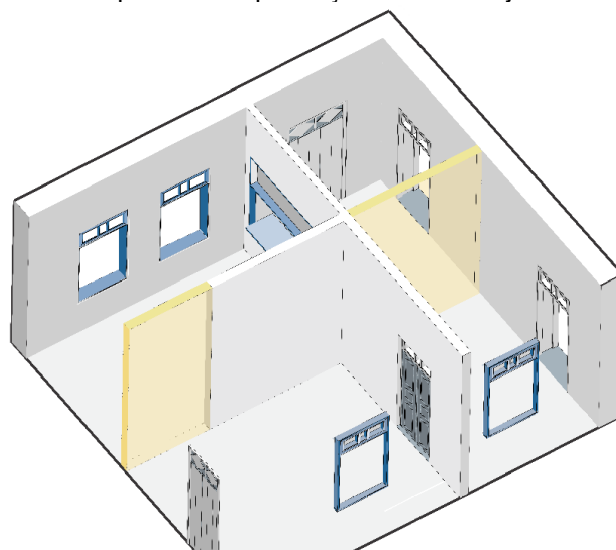


Fonte: Elaborado pela autora

Do ponto de vista estético de Brandi, propõe-se também a retirada da garagem anexa à fachada nordeste da casa, pois esta encobre parte do acabamento das fachadas originais, além do mais, trata-se de uma intervenção posterior realizada e que não condiz com o uso proposto.

As aberturas em ambas as alas, foram substituídas por modelos mais recentes, e contrastam negativamente com as demais aberturas e venezianas de madeira. Nessa forma, propõe-se a substituição destas estruturas por um modelo contemporâneo, mas que remeta ao modelo original. Para tanto propõe-se um modelo conforme a figura 124, que permita a visibilidade através do vidro, e que mantenha o desenho das vergas, remontando as demais janelas. Ainda prezando pela estância histórica da casa, opta-se pela recuperação das venezianas, que estão despencando das dobradiças, em decorrência da chuva ocorrida em fevereiro de 2020.

Figura 124: Proposta de implantação das novas janelas



Fonte: Elaborado pela autora

Organização espacial e formato da planta

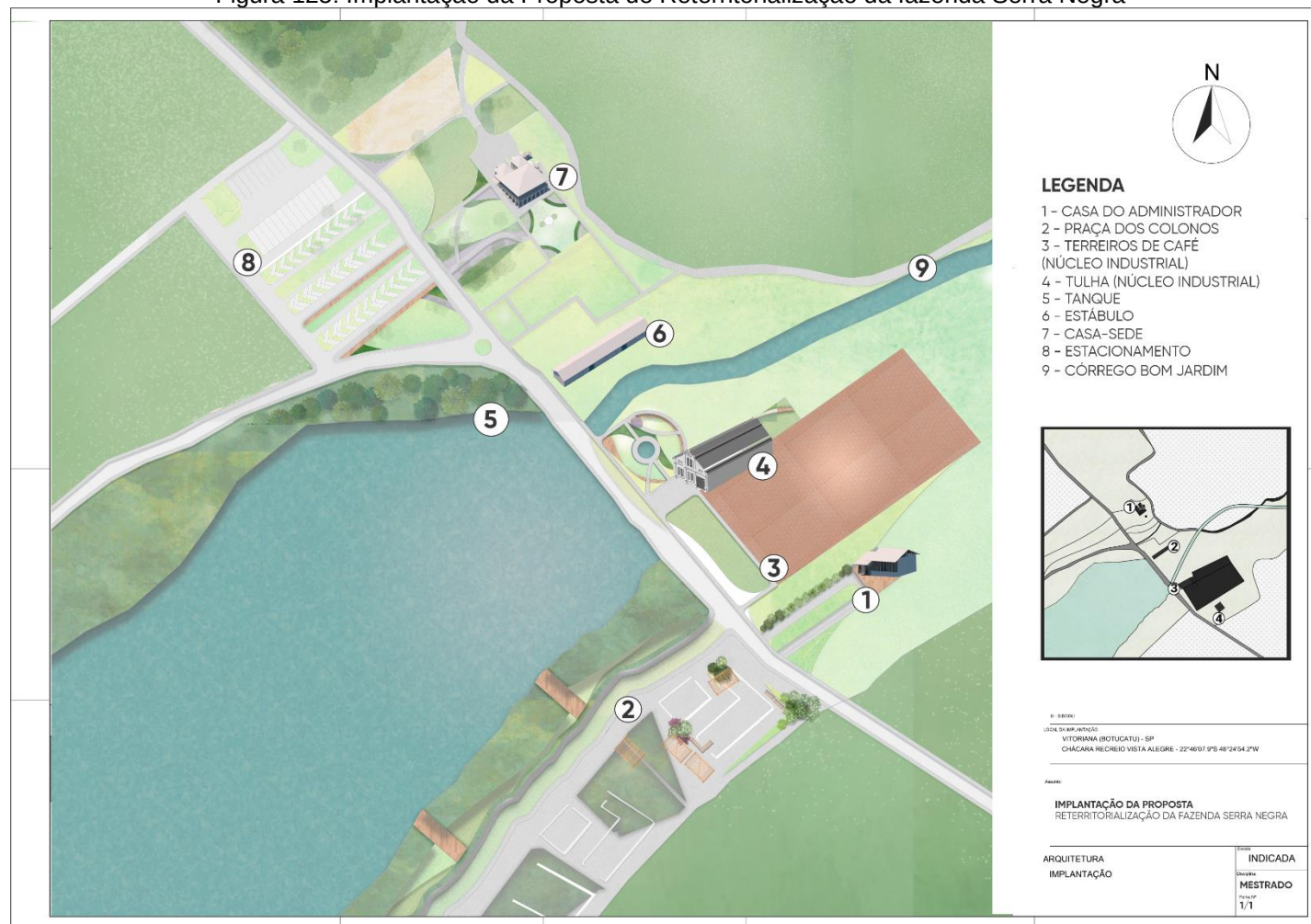
No interior da casa, como já apontado o assoalho de madeira provavelmente tem sofrido com a degradação da malha estrutural, apontando que ali será necessário um estudo multidisciplinar, para a proposição de um reforço estrutural que mescle o antigo saber técnico à materiais contemporâneos como o uso de vigotas de ferro para sustentação.

Para melhorar a circulação entre os ambientes, tanto do público quanto da entrada de luz natural e ventilação cruzada, prevê-se a retirada das portas internas, isso auxilia na integração do espaço e faz com que não haja mais pontos de isolamento na casa.

6.3.6 Implantação completa da proposta

A figura 125 a seguir contempla todas as diretrizes propostas na reterritorialização em cada uma das Unidades Ambientais, assim como o estabelecimento de uma área destinada ao estacionamento de veículos de passeio. Vale ainda acrescentar, que para o bom funcionamento das estruturas, seria necessário reestabelecer o abastecimento de água e energia elétrica para todas as instalações, assim como instalação de postes de iluminação pública para reforçar a sensação de segurança no período noturno.

Figura 125: Implantação da Proposta de Reterritorialização da fazenda Serra Negra



Fonte: Elaborado pela autora

A partir da proposta deve ser elaborado um Plano de Gestão para as obras, que devem ser registradas continuamente, para que possa ser apresentado os resultados de transformação das estruturas, e um restauro bem documentado. Essa documentação é de utilidade pública, para que qualquer indivíduo possa desenvolver ainda mais as pesquisas destas edificações. Além da documentação, a divulgação é essencial para despertar a curiosidade, o sentimento de participação coletiva e o respeito e o zelo pelo patrimônio.

A obra deverá ser executada com planejamento prévio de suas etapas, por mão de obra especializada e equipe multidisciplinar, tal como ocorrido na Fazenda do Pinhal. Ao fim da proposta, pode-se considerar que tanto as Propostas de valorização do patrimônio industrial em Botucatu, como a Reterritorialização da Fazenda Serra Negra, contemplam os Modelos de Gestão, Exemplar e de Cidade Análoga propostos pelo método.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo industrial do café foi incentivado pelas políticas de transporte ferroviário, pela substituição da mão de obra escrava ao trabalho livre imigrante e pelas políticas positivistas da República Velha no Brasil. A configuração do território de Botucatu (urbano e rural) é resultado da influência exercida pelos fatos históricos, econômicos, políticos, sociais e culturais ocorridos no Brasil e, mais especificamente, no Estado de São Paulo neste período. Compreende-se que o processo de urbanização da cidade ocorreu graças à articulação da agroindústria cafeeira (Fazendas Monte Selvagem, Boa Esperança, Monte Alegre, Lageado e Serra Negra), com a prestação de serviços, o comércio, a saúde, a educação e as finanças ocorridas no centro urbano.

Nesse cenário, a fazenda Serra Negra foi um exemplar muito significativo do patrimônio industrial no período cafeeiro no qual estava sob administração do Conde Serra Negra. Após o declínio da produção cafeeira no estado de São Paulo, a fazenda foi vendida, as plantações de café substituídas pela cana de açúcar e suas edificações subutilizadas, até que nos dias de hoje, encontra-se abandonada.

Com base nisso, essa dissertação foi motivada pela investigação das relações entre a Fazenda Serra Negra, o processo agroindustrial do município de Botucatu e o Estado de São Paulo por meio da leitura da morfogênese, da sociogênese e da semiogênese. Tendo conhecido o papel da Fazenda Serra Negra neste contexto, buscou-se a identificação e a análise dos ambientes físicos, sociais e simbólicos da fazenda por meio do Urbanismo Ambiental Hermenêutico (UAH). Esse método foi proposto pelo professor Marcelo Zárate (2014) e já foi aplicado em estudos da professora associada Rosio Fernández Baca Salcedo.

Nesse sentido, considera-se que a pesquisa cumpriu o objetivo delineado de analisar o processo agroindustrial cafeeiro do Município de Botucatu (contexto) e suas relações com a fazenda Serra Negra (texto), através dos cronotopos que marcaram sua trajetória: territorialização (1880 a 1950) e desterritorialização (1990 aos dias de hoje). A partir disso, foi proposta a valorização do patrimônio industrial do município de Botucatu e dentro dela, a reterritorialização da Fazenda Serra Negra com base no método UAH.

Em função do objetivo, a abordagem teórica subsidia a proposta metodológica e a análise dos resultados. O método UAH está embasado na abordagem teórica e filosófica da dialogia de Bahktin, da narratividade e da hermenêutica de Ricoeur, do

lugar sociofísico de Muntañola e da territorialização de Magnaghi, complementando-se com autores que auxiliam na compreensão da morfologia do território rural, dos métodos de restauro e das percepções topofílicas e topofóbicas.

O método relaciona o contexto – agroindústria do município de Botucatu – com o texto – a fazenda Serra Negra, em dois cronotopos: na territorialização (1880 até 1950) e na desterritorialização (1950 até os dias de hoje). A análise levanta a problemática do lugar, bem como evidencia os pontos chaves para uma proposta de valorização do patrimônio industrial de Botucatu e a reterritorialização da fazenda Serra Negra.

No período da territorialização, o estado de São Paulo teve sua primeira produção agrícola efetiva em grande escala no período cafeeiro, tendo, como porta de entrada, o Vale do Paraíba. A partir daí, com o incentivo da criação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, o café foi avançando ao interior de São Paulo, até atingir as Frentes Pioneiras, na qual encontra-se o objeto de estudo dessa pesquisa.

A essa época, o café já havia chegado em Botucatu no ano de 1870 após a descoberta da variedade exclusiva das terras basálticas da região: o café amarelo, que foi amplamente divulgado entre as fazendas do município: Monte Alegre, Monte Selvagem, Boa Esperança, Lageado e Serra Negra. Botucatu já recebia a migração de um grande contingente vindo do sul de Minas Gerais e, com a chegada da ferrovia, passou a atrair grandes investidores cafeeiros do estado de São Paulo, como o Conde Serra Negra.

Manoel Ernesto da Conceição, filho do Barão de Serra Negra, teve papel fundamental na divulgação do café paulista pela Europa e, juntamente de sua esposa (Maria Justina Rezende, a Condessa de Serra Negra), foi responsável pela consolidação urbana do atual distrito de Vitoriana, que funcionava, sobretudo, para abastecimento das fazendas cafeeiras de seu entorno.

A política de imigração e o sistema de colonato surgiram como alternativa para a mão de obra da lavoura cafeeira, após a abolição da escravatura em 1888. A figura do colono não era baseada em um personagem isolado, mas toda uma família que era trazida da Itália, da Espanha, da Alemanha, do Japão, dentre outros, para realizar um sistema de trabalho que mesclava a remuneração pelas tarefas na plantação cafeeira com a sua produção de subsistência, a qual era sua fonte adicional de renda. O colonato representou para muitos imigrantes a oportunidade de ascensão social e de mudança de vida, pois muitos iniciavam sua vida em São Paulo pelas fazendas,

mas aplicavam seu dinheiro em investimentos urbanos, como o caso tratado da família Zanotto, que se dedicou ao comércio em Botucatu. Podemos dizer que a primeira leva da mão de obra cafeeira foi responsável pela consolidação do processo de urbanização do município de Botucatu.

Na territorialização, o centro urbano de Botucatu funcionava, através da ferrovia, como articulador entre as fazendas cafeeiras. Algumas, como a Monte Alegre e a Monte Selvagem, dependiam de maquinário de beneficiamento em que as indústrias na Av. Floriano Peixoto se especializavam cada vez mais. Em outras, seus trabalhadores e proprietários tinham o centro urbano como fonte de lazer graças aos Cineteatros, às apresentações da banda nas praças e bosques e às práticas religiosas, sobretudo católicas, nas matrizes e largos. Outras ainda utilizavam a Rua Riachuelo (atual Amando de Barros) para comércio tanto de seu excedente produzido na fazenda quanto para compra em armazéns de secos e molhados, de vestuário, de instrumentos, entre outros. Por fim, com a proclamação da República, os proprietários e trabalhadores também frequentavam a Av. Sant'Ana para fins políticos e educacionais, graças a programas de estatização da educação, que espalhou diversos Grupos Escolares por São Paulo, como é o caso da Escola Normal Cardoso de Almeida. Além dela, havia ainda o Grupo escolar Cardosinho, o Colégio dos Anjos (atual Santa Marcelina) e o Colégio Diocesano (atual La Salle).

A construção da Casa-sede reflete a influência do contexto na arquitetura: sua implantação à meia encosta era uma característica tipicamente mineira; a planta em U é um modelo que repete-se em diversas propriedades ao longo da linha férrea; a separação da casa em relação ao núcleo de trabalho é um costume criado a partir de medidas higienistas como o Código de Posturas de Botucatu e o Código Sanitário do estado de São Paulo; e os avanços em materiais e técnicas, sobretudo tijoleiras, são reflexo da influência da imigração nas fazendas cafeeiras. Em especial, na fazenda Serra Negra, a ferrovia funcionou como porta de entrada para diversos imigrantes, graças a sua posição estratégica em relação à Sorocabana – era o primeiro ponto de parada da linha na cidade. Entende-se, a partir da Fazenda Serra Negra, que a ferrovia teve um simbolismo muito forte a sua época, desbravando os sertões para a cafeicultura, protegendo as fronteiras e auxiliando no crescimento urbano. Ademais, foi através dela que ocorreram inovações técnicas na arquitetura e viagens dos proprietários entre a capital e o interior.

A articulação entre os ambientes físico, social e simbólico da fazenda Serra Negra, desde sua aquisição pelo Conde em 1888 até a queda da produção cafeeira em 1930, corresponde ao processo de identificação do primeiro lugar sociofísico que representou essa fazenda (territorialização). A identificação foi realizada graças à interpretação dos quadros pintados por Antonio Ferrigno, somado a Cartas Topográficas do IGC, a relatos, a memórias de antigos moradores coletados por meio de entrevistas online e às visitas técnicas realizadas entre 2019 e 2021. Podemos concluir que o cenário físico da fazenda Serra Negra era composto por:

- Arquitetura destinada ao habitar: Casa-Sede, Casa do Administrador e Casa dos Colonos;
- Arquitetura Complementar: armazém, capela e estábulo;
- Núcleo Industrial: plantação de café, 3 quadras de terreiro de secagem, casa de máquinas e tulha;
- Infraestrutura: transporte ferroviário, abastecimento de água e sistema de coleta de esgotos.

Os grupos sociais identificados foram os proprietários (Família Serra Negra), os administradores, os trabalhadores fixos e os trabalhadores temporários.

A leitura dos simbolismos, tais quais eles se deram nessa época, correspondem às memórias passadas de gerações em gerações e à bibliografia acerca do modo de vida e dos costumes da época. Em linhas gerais, pode-se dizer que haviam muitas restrições ligadas ao gênero e à separação dos locais de trabalho e de moradia e, por essa razão, atribui-se uma sinergia toposfóbica a elas tanto nas incongruências sociossimbólicas quanto nas não correspondências sociofísicas. Entretanto, prevalecem as relações toposfílicas relacionadas à possibilidade de ascensão social e de mudança de vida que representava tanto a Casa-Sede ao proprietário quanto o núcleo industrial ao colono.

Coincidentemente, a morte do Conde Serra Negra e a divisão das terras na sua herança ocorreu em um período muito próximo à queda da Bolsa de Valores em Nova York e o consequente excedente de produção cafeeira paulista, que representou o declínio para a economia cafeeira de Botucatu, correspondendo ao período da desterritorialização nesta pesquisa. A partir desse marco histórico, as fazendas de café precisaram se reinventar, seja com outra produção agrícola, como é o caso das Fazendas Serra Negra (Cana de Açúcar), Monte Alegre (Eucalipto) e Monte Selvagem (Cevada e laticíneos), seja investindo em outro viés da cafeicultura, como foi o caso

da Boa Esperança, a qual investiu no abastecimento interno de café, e a Lageado que se tornou uma estação experimental para estudos das técnicas cafeeiras.

Tal como a agroindústria, a cidade que, antes funcionava como abastecimento para as fazendas, aderiu fortemente à industrialização como fonte da economia local. Somado a isso, a partir de 1920, o governo federal passou a investir fortemente no rodoviarismo com políticas de incentivo às indústrias automobilísticas e às rodovias soberanas ao modal ferroviário. Sem o transporte do café e sem o incentivo fiscal, diversas companhias ferroviárias paulistas sucumbiram à falência e encontram-se atualmente privatizadas com diversos trechos interrompidos, como foi o caso da Sorocabana, provocando a estagnação, por exemplo, do distrito de Vitoriana. Com isso, as fazendas tornam-se desconexas entre si e com o centro urbano e suas atividades, fazendo com que boa parte dos trabalhadores deixe o campo em busca de maiores oportunidades de emprego, de educação e de cultura na cidade.

Sem a conexão promovida pela ferrovia, somado ao êxodo rural e ao abandono das estruturas não aproveitadas pelas novas culturas, as fazendas, apesar de seu claro valor histórico e artístico como patrimônio industrial, passam a ficar isoladas por verdadeiros desertos de eucalipto e de cana de açúcar, que tornam a paisagem rural homogênea em detrimento ao apelo arquitetônico das estruturas urbanas.

O patrimônio industrial cafeeiro do município de Botucatu está composto pelas fazendas e pelos seus componentes: edifícios e maquinários, fábricas, centros de produção, meios de transporte, habitações, locais de culto e de educação. Assim como é composta pelos bens imateriais: o conhecimento técnico, o complexo cultural que moldou a vida de uma comunidade, em síntese, tudo que se relaciona com uma produção industrial.

Como forma de identificar, proteger, valorizar e divulgar o patrimônio cultural no Estado de São Paulo, o CONDEPHAAT foi criado pela Lei Estadual nº 10.247/1968, a fim de permitir que um conjunto de bens, como o patrimônio industrial, continue fazendo parte da vida das pessoas. Uma das principais ações de salvaguarda patrimonial realizadas pelo CONDEPHAAT compreende o tombamento.

No município de Botucatu, as edificações tombadas pelo CONDEPHAAT são: o complexo da Estação Ferroviária de Botucatu, a EMEI Dr. Cardoso de Almeida, o Instituto de Educação Cardoso de Almeida, o Fórum de Botucatu e a Fazenda Lageado. Também constam em estudo de tombamento, a Fazenda Serra Negra e a Igreja Santo Antônio de Rubião Júnior.

Apesar de aparecerem no Plano Diretor municipal, as demais fazendas permanecem sem conexão e salvaguarda, o que pode ser atribuído à ausência de um Conselho Municipal³⁸ e de uma escala de proteção a nível municipal deste patrimônio.

Atualmente, as fazendas estão relacionadas às seguintes atividades:

- Fazenda Monte Alegre: abriga o turismo religioso vinculado à Capela Santo Agostinho;
- Fazenda Boa Esperança: conserva os equipamentos agroindustriais e sua produção cafeeira;
- Fazenda Monte Selvagem: conserva a Casa-Sede sem uso e suas terras produtivas foram arrendadas para a plantação de eucalipto;
- Fazenda Lageado: após incorporação pela UNESP, abriga a Faculdade de Ciências Agrárias para o Ensino, a Pesquisa e a Extensão;
- Fazenda Serra Negra: conserva a Casa-Sede e o núcleo industrial, enquanto suas terras produtivas foram substituídas pela plantação de cana de açúcar.

Ainda sobre a identificação da semiogênese na desterritorialização, buscou-se concluir a relação entre o município de Botucatu e o patrimônio agroindustrial, por meio da aplicação do questionário que obteve 259 respostas. Pode-se notar o desconhecimento das estruturas físicas das fazendas afastadas do núcleo urbano (Serra Negra, Monte Alegre, Monte Selvagem e Boa Esperança): em média, apenas 20% da população admite reconhecer as fazendas por meio das fotografias.

Porém, os nomes dos proprietários representam significativas relações e reconhecimentos. Nomes, como os das famílias Serra Negra, Pinheiro Machado e Aranha, aparecem entre os mais lembrados, mesmo sem o reconhecimento físico das fazendas. Fora isso, o patrimônio está fortemente relacionado à figura do café, de sua beleza arquitetônica e o valor histórico de suas propriedades, o que pode sugerir que, apesar de ainda não conhecer, poderia ser um ponto de visitação vinculado ao Município de Interesse Turístico.

Desde a aprovação do projeto de Lei 57/2018 que torna Botucatu reconhecida como Município de Interesse Turístico, reconheceu-se neste segmento uma nova vertente de sua economia. O Turismo em Botucatu está vinculado fortemente ao ecoturismo, graças ao Consórcio Municipal e à região turística a qual o município

³⁸ Ver item 6.1, página 231

pertence: o Pólo Cuesta, bem como às paisagens naturais formadas pela geografia da cuesta. Dessa forma, além de ser um projeto turístico local, o município também está incluso no programa de Regionalização turística do Estado de São Paulo.

Atualmente, a fazenda Serra Negra (texto) encontra-se isolada das atividades urbanas, o que é reforçado pela estagnação do desenvolvimento de Vitoriana. Os ambientes físico, social e simbólico puderam ser reconhecidos por meio da comparação entre o estado original da fazenda, o levantamento métrico e fotográfico realizado, as visitas técnicas realizadas entre 2019 e 2021 e as entrevistas com familiares e antigos trabalhadores da Fazenda em seus diversos cronotopos.

Mediante análise, conclui-se que o cenário físico da fazenda Serra Negra está organizado da seguinte maneira:

- Arquitetura destinada ao habitar: a Casa do Administrador e a Casa dos Colonos foram demolidas. A **Casa-Sede** foi mantida, porém apresenta estrutura abalada, assoalho em péssimo estado de conservação e presença de anexos que não correspondem à arquitetura original tampouco corroboram para a estância histórica do edifício. Os caminhos e os jardins encontram-se irreconhecíveis e apenas as espécies mais frondosas de vegetação mantiveram-se na implantação.
- Arquitetura Complementar: o **armazém** e a **capela** foram totalmente demolidos. O **estábulo** se manteve e se apresenta em bom estado de conservação, mas é subutilizado, desde a aquisição pela empresa sucroalcooleira para estocagem.
- Núcleo Industrial: plantação de cana de açúcar em nível. Os terreiros estão irreconhecíveis e uma das quadras foi utilizada para construção da casa do administrador atual. A casa de máquinas foi demolida, restando apenas a tulha do conjunto industrial original, que também se encontra subutilizada, impedindo seu reconhecimento interno. As fachadas possuem pequenas patologias, mas é passível de restauro.
- Infraestrutura: os trilhos da Sorocabana e a chave da ferrovia foram suprimidos; o abastecimento de água não depende mais do córrego Bom Jardim e foi redirecionado para a nova casa do administrador. O tanque de represamento foi mantido, atualmente pertence a uma área de preservação Permanente – Corumbá e é utilizado pelos antigos moradores para atividades de pesca recreativa.

Com relação às atividades dos grupos sociais na Fazenda Serra Negra, o administrador mora na residência construída e trabalha na administração e na segurança da propriedade. Os proprietários atuais não se relacionam bem com as estruturas históricas da fazenda e a Casa-Sede também é invadida para práticas sexuais e religiosas, aproveitando de seu abandono e de isolamento urbano.

Com relação ao ambiente simbólico, foram entrevistados 20 usuários da fazenda. Todos reconhecem o seu valor histórico e seu potencial para reabilitação da fazenda. Prevalece uma relação topofóbica com o abandono e com a insegurança promovida pela degradação da Casa-Sede. Pode-se reconhecer também uma relação topofóbica com as antigas relações de trabalho do núcleo industrial e a topofilia relacionada ao saudosismo dos eventos sociais ocorridos tanto na Casa-Sede quanto entre os próprios trabalhadores. Acreditam também que a Casa-Sede é o cenário físico primordial para restauro e para recuperação e gostariam de manter as atividades de caminhada e de pescaria já realizados na fazenda.

Também foi possível concluir, após a análise dos ambientes físico, social e simbólico, o papel fundamental dos simbolismos na conservação dos edifícios cafeeiros por mais de 100 anos na história de Botucatu. Eles estão ligados, principalmente, à memória dos antigos trabalhadores rurais que preferem relacionar os árduos tempos de trabalho vivenciados na lavoura cafeeira a um símbolo de ascensão e de transformação social. Apesar dessa conexão, esse conhecimento fica restrito às antigas famílias, enquanto que a população, conforme apontado no questionário, pouco reconhece esse patrimônio, em detrimento daquele localizado mais próximo da área urbana.

O método baseado no Urbanismo Ambiental Hermenêutico possibilitou ao trabalho uma visão fragmentada do lugar, permitindo dissecá-lo e compreendê-lo na sua verdadeira complexidade. A análise individual converge para as relações que são dependentes entre si e que permitiram compreender pontos-chaves topofílicos e topofóbicos do projeto. Foi através da aplicação do método que podemos traçar, com coerência, diretrizes projetuais, as quais visam a reterritorialização deste lugar sociofísico, por meio da valorização das sinergias topofílicas, e novas estratégias para as sinergias topofóbicas.

A proposta de valorização do patrimônio industrial de Botucatu retoma o valor do patrimônio histórico e artístico das fazendas apresentado no capítulo 4. Na macroescala, a proposta inclui o tombamento das edificações das fazendas Serra

Negra, Monte Alegre, Monte Selvagem e Boa Esperança pelo CONDEPHAAT, ou seja, a nível estadual. Outrossim, promove o estabelecimento de uma área envoltória de no mínimo 300m, assim como a criação de um limite de centro urbano consolidado, a fim de manter a ambiência dos bens já tombados.

Na microescala, busca valer-se do investimento direcionado ao Município de Interesse Turístico para a criação de uma Rota turística denominada “Rota do Café”. Seriam 47km de percurso que poderiam atrair o perfil turístico de Botucatu: moradores de grandes centros urbanos como Bauru, Sorocaba e São Paulo, que viajam com seus veículos particulares, acompanhados de suas famílias, e permanecem poucos dias na cidade. Além disso, o percurso inclui os pontos ecoturísticos já frequentados pela cidade, como as cachoeiras Pavuna, Boa Esperança e Indiana. Para tanto, todas as fazendas seriam reabilitadas e seus usos compatíveis com a proposta da Rota do Café:

- Centro Urbano: seria o ponto articulador entre as fazendas, fornecendo hospedagem, alimentação e comércio para os visitantes, além da sinalização adequada para que os atuais moradores se interessem pelo percurso;
- Fazenda Lageado: já possui o Museu do Café com certo fluxo turístico, porém, através das entrevistas, foi constatado que pouco se sabe sobre o seu antigo proprietário, o que poderia ser sanado por meio de uma intervenção de interação dentro do museu já existente que permitisse uma melhor relação simbólica com ele;
- Fazenda Monte Alegre: o turismo religioso incluiria na Casa-Sede um memorial de fundação da cidade para fins de educação patrimonial e de reconhecimento simbólico da população com suas raízes, já que esta foi a propriedade do fundador da cidade.
- Fazenda Monte Selvagem: o imigrante sempre foi fundamental para as atividades cafeeiras tanto que as reuniões e celebrações da cultura italiana ocorriam na fazenda. Por essa razão, a proposta contempla um memorial da vida imigrante em Botucatu através da exposição de seus utensílios, vestuários, listas de famílias imigrantes, dentre outras.
- Fazenda Boa Esperança: manteve sua produção cafeeira e, por essa razão, seria ponto chave na rota para a compreensão da produção

industrial do café, das etapas de plantio, da colheita, do beneficiamento e até mesmo da degustação do café.

- Fazenda Serra Negra: como mencionado nas entrevistas, a figura do Conde Serra Negra é apontada com relevância sociossimbólica pela população de Botucatu. Já pelos antigos moradores, sua beleza arquitetônica é um dos grandes atrativos para visitas. Dessa forma, por meio da restauração da Casa-Sede, propõe-se a mobília dos quartos, a fim de mostrar a residência na época do Conde Serra Negra. Assim como, reabilitar alguns cômodos para que funcione um Centro de pesquisa sobre a história da fazenda Serra Negra, de seus proprietários e da agroindústria cafeeira de Botucatu no cenário internacional. A casa permanecerá aberta à visita para alunos e pesquisadores do município, da região, do estado e do Brasil.

A proposta de reterritorialização da Fazenda Serra Negra foi baseada nas relações de congruência e de incongruência apontadas nas Unidades Ambientais: Plantação, Casa-Sede, Casa dos Colonos e Núcleo Industrial.

- Plantação: Por meio da lei de incentivo à cultura, pretende-se resolver o conflito entre os proprietários e a manutenção da parte histórica da fazenda Serra Negra. Para isso, a partir do tombamento pelo CONDEPHAAT e o estabelecimento de um raio de proteção da ambiência de 300m, neste perímetro, seria reestabelecida a plantação de café apenas para abastecimento próprio e para degustação local do produto. Para combater o isolamento da fazenda, propõe-se o tratamento dos caminhos de acesso à fazenda pela BTC 134 e pela sinalização ao longo da Rodovia Alcides Soares, indicando a entrada da fazenda por meio de um pórtico, além da iluminação pública destas vias.
- Núcleo Industrial: propõe-se a manutenção da casa do administrador e o isolamento de sua residência por meio de uma camada de vegetação. Além disso, prevê-se que, com o reestabelecimento do café, o núcleo seja reutilizado, com o uso de maquinário contemporâneo e o beneficiamento do café no interior da fazenda, utilizando-se do terreiro para secagem do café. Além disso, propõe-se a criação de uma praça de descanso para os trabalhadores da empresa sucroalcooleira, a fim de manter a relação topofílica dos mesmos com a fazenda.

- Casa dos Colonos: apesar das casas dos colonos terem sido demolidas, ainda há uma relação simbólica entre os antigos trabalhadores e suas atividades. Reserva-se para o antigo local de implantação das residências, a criação de uma praça, que possa rememorar as casas por meio de um trabalho de pisos, bem como identificação da história dessas edificações.
- Casa-Sede: é o novo centro de atividades da Fazenda Serra Negra e, por essa razão, seria a principal atração deste sítio histórico. Como foi apontado, o simbolismo vinculado ao Conde Serra Negra seria o norteador de um projeto de reabilitação da fazenda que contaria com uma área de exposição dedicada ao Conde e à Condessa. Essa área contemplaria as principais atividades realizadas por eles, como as colunas escritas, as peças de piano, as mesas de jantar, o vestuário, entre outros. Além disso, seria proposta uma área dedicada à pesquisa da história do café e uma área para degustação do produto local. O restauro contempla a instância histórica de Brandi, incorporando todas as intervenções realizada na arquitetura como parte de sua permanência ao longo dos anos. Prevê, porém, a demolição do anexo da caixa d'água e da garagem, assim como a substituição do assoalho de madeira e das janelas que não correspondem à época, bem como, o reforço estrutural de suas fundações.

Assim, podemos concluir que, além do tombamento e do restauro, o uso coerente é fundamental para a manutenção de um bem histórico, assim como toda pesquisa que busca reunir diferentes documentos para passar uma visão técnica-científica dos valores históricos e artísticos do patrimônio contribuem para a visibilidade, e, por consequência, a salvaguarda do patrimônio.

Sendo assim, a Rota do Café colaboraria para que as pessoas de Botucatu e região pudessem desempenhar atividades culturais diversas, mesclando experiências urbanas e rurais, historiográficas e de aventura, em uma vivência que resgata as raízes da indústria no Estado de São Paulo e as raízes da própria cidade de Botucatu. Espera-se que o diagnóstico e as ideias aqui propostas possam suscitar e viabilizar uma intervenção do Poder Público para preservação do patrimônio industrial, da história, da memória e da identidade de sua população.

Vale lembrar que os estudos sobre o patrimônio industrial localizado no meio rural são escassos se comparados àqueles localizados no meio urbano e não relacionam a organização complexa entre os ambientes físicos, sociais e simbólicos, o que promove uma lacuna em estudos coerentes sobre os métodos de salvaguarda destes bens. Em contrapartida, a partir da aplicação do método, esta pesquisa contribui: com os estudos sobre o Método Urbanismo Ambiental Hermenêutico, auxiliando no desenvolvimento de ferramentas para identificação dos ambientes físicos, sociais e simbólicos dos sítios históricos; com a valorização do patrimônio agroindustrial e com o incentivo às políticas de educação e de cultura patrimonial.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Giovana G. F. de A.; ENGEL, Vonia. **A influência da Economia cafeeira no processo de industrialização do Brasil na República Velha**. In: Revista de Desenvolvimento Economico, V. 2, N.34. ISSN 2178-8022, 2016.

ALMEIDA, João T. de. **Ruas de Botucatu**. Botucatu: Prefeitura Municipal, 2007.

ALVES, Eliseu. SOUZA, Geraldo da S. MARRA, Renner. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. In: Revista de política agrícola, nº 2, 2011.

ARGOLLO FERRÃO, André M. **Arquitetura do Café**. 2ª Ed. Campinas, Sp: Editora da Unicamp, 2015.

AGUIAR, Marco Alexandre de. **Botucatu: Imprensa e Ferrovia**. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.

ALBUQUERQUE, U. P. **Patrimônio cultural: uma construção da cidadania**. In Tolentino, Á. B. (org). Educação Patrimonial: reflexões e práticas. João Pessoa, PB: Superintendência do IPHAN, 2012.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal / Mikhail Bakhtin** tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. 2º cd. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior)

BASSANEZI, Maria S. C. B. **Atlas da imigração internacional em São Paulo, 1850-1950**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

_____. **Colonos do Café**. São Paulo: Contexto, 2019.

BENINCASA, Vladimir. **Fazendas de Café: O patrimônio arquitetônico rural em São Paulo, Brasil, 1800-1940**. Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo - FAPESP: Anais do II Seminário do Café em Itu, 2003.

_____. **Fazendas Paulistas: arquitetura rural no ciclo cafeeiro**. 2 Volumes. São Carlos: EESC-USP, 2008 (tese de doutorado).

_____.; ANTUNES, Beatriz L. **Casarões ecléticos das Fazendas Cafeeiras dos Sertões de Botucatu –SP**. São Paulo: FAPESP, 2018 (monografia de iniciação científica).

BLOUNT, III, John A. A administração da saúde pública no Estado de São Paulo o serviço sanitário 1892-1918. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 40-48, Dec. 1972. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003475901972000400003&lng=en&nrm=iso. Acessado em: 25 de Julho de 2020.

BOTARO, Luís Gustavo M. **Botucatu: Modernização e infraestrutura urbana no interior paulista (1928-1934)**. Dissertação de Mestrado (História). UNESP, Assis: Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015.

BRANCO, Adriano M. **Ferrovia versus Rodovia**. In História Viva, Caminhos do Trem, vol. 6, De volta aos trilhos. VASQUEZ, Pedro (org). São Paulo, Dueto Editorial, 2008.

BRANDI, C. **Teoria do Restauro**. Tradução de Beatriz Mugayar Kühl. Cotia - Ateliê Editorial, Coleção Artes & Ofícios, 2004.

CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

CASTRO, Ellen B. S. F. de. **Genocídio Velado: trajetória da EFNOB e perspectivas para o patrimônio industrial ferroviário**. Dissertação de Mestrado. UNESP, Bauru: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2016.

CASTRO, Julierme de A. **A Terra dos Bons Ares**. Botucatu: 1966.

CARVALHO, Vânia C. de. **Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920**. São Paulo: Edusp/FAPESP, 2008.

CHOAY, F. **Alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001, P. 125-143.

CÔRREA, Lucas M. **A Sorocabana Railway Company: a relação de uma empresa privada com as diretrizes governamentais (1907-1919)**. Dissertação de Mestrado. UNESP: Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2014.

CRUZ, Cícero F. **Fazendas do Sul de Minas Gerais: arquitetura rural nos séculos XVIII e XIX**. São Carlos: EESC-USP, 2007 (dissertação de mestrado).

CUNHA, C. Alois Riegl e "O culto moderno dos monumentos". Revista CPC, n. 2, p. 6-16, 1 out. 2006.

CURY, I (org.). **Cartas Patrimoniais**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

DALL'ACQUA, Fernando M. **Contribuição ao estudo do êxodo rural no estado de São Paulo. Dissertação de Mestrado**. FGV EAESP – Mestrado em Administração de Empresas: 1975.

DONATO, Hernani. **Achegas Para a História de Botucatu**. Botucatu: Banco Sudameris Brasil: Prefeitura Municipal de Botucatu, 2008. (3a Ed.)

FERNANDES, Mariana M. da C. **Espaços públicos urbanos dialógicos: A Praça Matriz. O Caso da Praça Rui Barbosa, Bauru - SP**. Dissertação de Mestrado. UNESP, Bauru: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2019

FERRAZ, Marcelo; FANUCCI, Francisco. **Brasil Arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2005. Apresentação de João da Gama Filgueiras Lima [Lelé] e Max Risselada. Textos de Cecília Rodrigues dos Santos e Vasco Caldeira.

FIGUEIROA, João Carlos. **Café e Ferrovia** – Edição da Revista História Botucatu. Botucatu: Copy Gráfica, 2005.

FILHO, Nestor Goulart R. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 7ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1995.

FINGER, Anna Eliza. **Vilas Ferroviárias no Brasil: Os casos de Paranapiacaba em São Paulo e da Vila Belga no Rio Grande do Sul**. 2009, 166 p. Dissertação,(Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.

GHIRARDELLO, Nilson. **À beira da linha, formações urbanas da Noroeste paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **A formação dos Patrimônios Religiosos no processo de expansão urbana paulista (1850-1900)**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

_____. **Os códigos de posturas e as cidades paulistas do século XIX**. In *Arquitetura, urbanismo e paisagismo: contexto contemporâneo e desafios*. Org. MAGNAGNIN R, SALCEDO, R. CONSTANTINO, N. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

GODOY, Olavo P. **A História do Capitão José Gomes Pinheiro - Fundador de Botucatu**. Botucatu: Gráfica Santana, 2000.

GOFF, Jacques le. **Documento / Monumento**. In: _____. *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990, p. 235-249.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas / Jan Gehl**. Tradução Anita Di Marco. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva e memória histórica**. In: *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, pp. 53-89.

HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934**. Rio: Paz e Terra, 1984.

HOLQUIST, Michael. **On the Dialogics of the Architectonic Answerability: Is Architecture a Text?**. *Architectonics: MIND, LAND & SOCIETY*, Barcelona, v. 27, p.9-20, 2015. Anual. Transcription of a lecture in Barcelona in June 2013.

HOMEM, Maria Cecília N. **O Palacete Paulistano e Outras Formas Urbanas de Morar da Elite Cafeeira, 1867-1918**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Cozinha e Indústria em São Paulo. Do rural ao urbano**. São Paulo: Edusp, 2015.

_____. **Mudanças Espaciais na Casa Republicana. A higiene pública e outras novidades.** Pós - Revista do Programa da Pós-Graduação da FAU/USP, São Paulo: no.03, jun.1993. (p.05-18).

ICOMOS. **Carta de Veneza – Carta Internacional sobre a conservação e restauração de monumentos e sítios.** Veneza, ICOMOS, 1964.

ICOMOS. **Carta de Burra, 1980.** Burra, ICOMOS, 1980.

ICOMOS. **Carta Internacional de Turismo Cultural – Gerenciamento do turismo em locais de importância histórica.** México, ICOMOS, 1999

ICOMOS. **Carta para Interpretação e Apresentação de Patrimônios Culturais.** Quebec, ICOMOS, 2008.

ICOMOS. IFLA – **Princípios relativos à paisagem rural como Patrimônio.** Rascunho final para distribuição aos membros do ICOMOS em vista da submissão à 19ª Assembleia Geral do ICOMOS, 2017.

KÜHL, Beatriz M. **Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação.** *Patrimônio.Revista Eletrônica do IPHAN*, São Paulo, n. 4, 2006. Disponível em: <<http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=165>>. Acesso em 22/05/2021

_____. **Notas sobre a Carta de Veneza.** In: Anais do Museu Paulista v. 18 n.2, 2010.

_____. Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação. ***Patrimônio.Revista Eletrônica do IPHAN***, São Paulo, n. 4, 2006. Disponível em: < <http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=165> >.

LAMAS, José M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2011.

LANG, Aline E. **As ferrovias no Brasil e Avaliação econômica de projetos: uma aplicação em projetos ferroviários.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2007.

LEMOS, Carlos A. C. **A casa brasileira.** São Paulo: Contexto, 1996.

_____. **Alvenaria Burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café.** São Paulo: Nobel, 1989.

_____. **A república ensina a morar (melhor).** São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista.** São Paulo: Perspectiva, 1978.

MARTINS, Neide M. **Entre Vilas e Fazendas.** São Paulo: Arte & Cultura, 1995.

_____. **O Fazendeiro Paulista no Final do Oitocentista.** São Paulo: História, 1989.

_____. **O Partido Arquitetônico Rural no século XIX.** São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

MAGNAGHI, Alberto. *El Proyecto Local: hacia una conciencia del lugar.* Barcelona: Edicions UPC, 2011.

MAGALHÃES, Augusto de. **Almanack de Botucatu – Anno 1º.** São Paulo: Pedro Rezzini & Cia, 1920.

MARTINS, Juliana C. **Habitação Social em Centros Urbanos Consolidados: Análise dialógica desde o percurso do projeto ao uso social: São Paulo (Brasil) e Roma (Itália).** Dissertação de Mestrado. UNESP, Bauru: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2016.

MARTINS, Neide M. **O Fazendeiro Paulista no Final do Oitocentista.** São Paulo: História, 1989.

MARTINS, Neide M. **O Partido Arquitetônico Rural no século XIX.** São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

MARAFANTE, Cássio. **Trama e crime senhorial: Justiça e Direitos, Pactos e Poderes em Embates Piracicaba e o Oeste Paulista entre as décadas de 1870-1880.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2010.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana.** Petrópolis: Vozes, 2001.

MARIUZZO, Patrícia. **Desafios para se preservar o patrimônio rural.** Cienc. Cult., São Paulo, v. 64, n. 2, p. 61-63, 2012 .

MASSAKO, Iyda. **Mudanças nas relações de produção e migrações: o caso de Botucatu e São Manuel.** Dissertação (Mestrado em Saúde Pública)- Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

MENDES, Antônio N. G.; GUIMARÃES, Rubens J. **Economia Cafeeira: O Agribusiness.** Lavras (MG): Universidade Federal de Lavras, Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão, 1997.

MESQUITA, Carlos M. de et al. **Manual do café: implantação de cafezais Coffea arábica L.** Belo Horizonte: EMATER-MG, 2016.

MICHELIN, Guilherme A. **O Reconhecimento de uma Paisagem Cultural - Fazenda Lageado Botucatu/SP.** Dissertação Mestrado. UNICAMP, Campinas: Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, 2010.

MILLIET, Sérgio. **Roteiro do Café e outros ensaios.** 3ª Edição. Volume XXV. São Paulo, 1941.

PATETTA, Luciano. **Considerações sobre o ecletismo na Europa**. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel & EDUSP, 1987.

PELEGRIN, Rodolfo A. M. **Agroindústria canavieira no interior de São Paulo: O Caso de Lençóis Paulista**. Dissertação de Mestrado. UNESP: Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe, 2016.

PELLEGRINI, Sandra. **Memória social e arquitetura do século XIX: representações de opulência e poder na sede da Fazenda do Pinhal – Rio Claro (SP)**. Chapecó: Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Comunitária Regional de Chapecó, 2014 (dissertação de mestrado).

PIZA, João Fernando B. de T. **Arquitetura e território nos sertões de Botucatu: das sesmarias pioneiras às grandes instalações cafeeiras (1830-1930)**. São Paulo: FAUUSP, 2015 (tese de doutorado).

PRADO JR, Caio. **Evolução política do Brasil e outros estudos**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

PUPO, Trajano C. de F. **Botucatu antigamente (das origens até 1917)**. Itu: Editora Ottoni, 2001.

QUINTELA, Raphael. **Les Périodiques brésiliens en France au XIX e siècle**. Dissertação de “Master d’histoire culturelle et sociale”. Université de Versailles/Saint-Quentin en Yvelines, 2013.

RICOEUR, Paul. **Arquitectura y Narratividad**. *Arquitectonics: MIND, LAND & SOCIETY*, Barcelona, nº 4, p-9-29, 2002. Annual.

_____. **Do texto à Acção: ensaios de hermenêutica II**. Porto: Rés, 1991. 406 p.

RAPOPORT, Amos. **Cultura, arquitectura y diseño**. In: *Revista Arquitectonic: Mind, land & society*, n 5, Edicions: UPC, 2003.

_____. **Vivienda y Cultura**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 2003.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem**; tradução Wener Rothschild Davidsohn, Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RUSKIN, John. **Las Siete Lámparas de la Arquitectura**. Espanha, Valencia: F. Sempere, 1910.

ROCHA, Alexandre L. **Fazenda Santa Gertrudes: modelo de produção cafeeira no Oeste paulista 1895-1930: Contribuição de Eduardo Prates à**

definição de novos parâmetros produtivos. Tese de Doutorado. USP, São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2008.

RODRIGUES, Paulo R. A. **Introdução aos Sistemas de Transporte no Brasil e à Logística Internacional** - Edições Aduaneiras Ltda - 2000 - São Paulo - ISBN 85-7129-239-6

SALCEDO, Rosio F. B. al. **Arquitetura Diálogica no Contexto do Centro Histórico: o Método.** In: SALCEDO, Rosio Fernandez Baca; PASCHOARELLI, Luís Carlos. *Interação: Panorama das Pesquisa em Design, Arquitetura e Urbanismo.* Bauru: Canal 6, 2015. Cap. 19. P. 1-11

_____. **Teoria e métodos na restauração arquitetônica.** In: *Arquitetura, urbanismo e paisagismo: contexto contemporâneo e desafios.* Renata Cardoso Maganin, Rosio Fernandez Baca Salcedo, Norma R. Truppel Constantino (org). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013, p. 25-44.

SAIA, Luís. **Morada Paulista.** 3ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SANCHEZ, Edgar M. B. **Qualidade da habitação do Projeto Piloto Locação Social para população em situação de rua: Uma análise dialógica.** Dissertação de Mestrado. UNESP Bauru: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2020.

SETUBAL, Maria Alice (coord.). **Modos de Vida dos Paulistas: identidades, famílias e espaços domésticos.** Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, São Paulo: CENPEC, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

SILVA, S. **Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil.** Editora Alfa-Omega, São Paulo, 1986

SILVA, Marcos F. A. da. **Análise Dialógica da qualidade da Habitação Social da parceria público-privada na ambiência do Centro Histórico de São Paulo.** Dissertação de Mestrado. UNESP Bauru: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2020.

SILVEIRA, Pedro P. **A percepção da paisagem cultural das praças em centros históricos: Uma análise dialógica da praça Roosevelt em São Paulo-SP.** Dissertação de Mestrado. UNESP Bauru: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2018.

STOLCKE, Verena. **Cafeicultura: Homens, Mulheres e Capital.** (1850–1980). Brasiliense, São Paulo, 1986.

SUNDFELD, Carlos Ari. **O Estatuto da Cidade e suas diretrizes gerais.** In: DALLARI, Adilson; FERRAZ, Sérgio (orgs.). *Estatuto da Cidade: comentários à Lei Federal 10.257/2001.* São Paulo: Malheiros Editores Ltda, 2001, p. 44-60.

TARASANTCHI, Ruth S. **Antonio Ferrigno: 100 anos depois**. São Paulo, Pinacoteca do Estado: Sociarte, 2005.

THOMAZIELLO, Roberto A. et. al. **Cultura do Café**. Campinas: Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, 1996.

TICCHIH, Brasil. **Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial**. Nizhny Tagil, 2003.

_____. **Princípios comuns para a conservação de Sítios, Estruturas, Áreas e Paisagens do Patrimônio Industrial**. Dublin: ICOMOS, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagem do Medo**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012. 342 p.

VOLPATO, Gilson; BARRETO, Rodrigo. **Elabore projetos científicos competitivos**. Botucatu: Best Writting Editora, 2014.

ZÁRATE, Marcelo. **El lugar urbano como estratégia de conocimiento proyectual en urbanismo**. In Revista Arquitectonic: Mind, land & Society, n. 19-20, Edicions: UPC, 2010, p. 26-63.

_____. **Urbanismo Ambiental Hermenéutico**: Una estratégia dialógica y sociofísica de conocimiento proyectual para un urbanismo ambiental alternativo. 2014. 190f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidad Politécnica de Cataluña, Barcelona.

_____. **Urbanismo Ambiental: la construcción de una perspectiva cognoscitiva alternativa**. 1 ed. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2015.

LEGISLAÇÕES E NORMATIVAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo: Roteiros do Brasil**: Diretrizes Operacionais. Brasília, 2004.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Turismo Rural: orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRASIL, Ministério da Cultura. **Lei nº 8.313/91 – Dispõe sobre a criação da Lei de incentivo à Cultura**. Brasil, 1991.

BOTUCATU, Poder Executivo. **Lei Nº 2481 de 01 de Julho de 1985. Dispõe do código de Obras do Município de Botucatu**. Botucatu, 1985

BOTUCATU, Poder Executivo. **Lei Complementar nº 1224/2017 – Dispõe sobre o Plano Diretor Participativo do Município de Botucatu e dá outras providências.** Botucatu, 2017.

BOTUCATU, Poder Executivo. **Lei Ordinária nº6095 – Dispõe sobre o Parcelamento do Solo Urbano do Município de Botucatu e dá outras providências.** Botucatu, 2019.

BOTUCATU, Poder Executivo. **Lei Complementar nº 1233 – Institui o Plano Diretor de Turismo do Município de Botucatu e dá outras providências.** Botucatu, 2018. Disponível em: <http://www.botucatu.sp.gov.br/semanario/docs/2304.pdf>. Acesso em 21/04/2020

SÃO PAULO, Secretaria da Cultura. **Contrato de prestação de serviços que celebram o Estado de São Paulo, por intermédio da Secretaria da Cultura e a Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S.A - EMPLASA, para a prestação de serviços referentes à elaboração das bases de dados geográficos de bens tombados e áreas envoltórias.** Processo SC nº 15858/2014. São Paulo, 2014.

SÃO PAULO, Secretaria de Turismo. **Município de Interesse Turístico: Cartilha de Orientação** de acordo com a Lei 1261/15. Disponível em: <<http://www.turismo.sp.gov.br>>. Acesso: 27 de dezembro de 2017.

SUNDFELD, Carlos Ari; SUNFELD, Carlos Ari. DALLARI, Adilson Abreu. FERRAZ, Sérgio. **O Estatuto da Cidade e suas diretrizes gerais.** São Paulo. Estatuto da Cidade (comentários à lei federal 10.257/2001). 3ª Ed

ACERVOS CONSULTADOS

Almanak da Provincia de São Paulo: Para 1873 (SP) - 1873. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 23/10/2020

Arquivo Municipal de Botucatu

Casa da Cultura de Botucatu

Museu Histórico Pedagógico – Francisco Blasi (Botucatu – SP)

Memórias de um Jovem Imigrante. Folha de Botucatu. 13 de setembro de 1947.

O ÉCO - Lençóis Paulista, 18 de Junho de 1961

SERRA NEGRA, Condessa. O Diário de São Paulo, São Paulo, 11 de Abril de 1956. Caderno Geral, p.5.0000

HOME PAGE ACESSADAS

ARCHDAILY. Museu do Pão/ Moinho Colgnese Brasil Arquitetura.

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-8579/museu-do-pao-moinho-colognese-brasil-arquitetura>. Acesso em: 18/05/2018

Arquidiocese de Botucatu.

Disponível em: <<https://arquidiocesebotucatu.org.br/>>. Acesso em: 22/07/2020

ANTÔNIO, Ferrigno. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22413/antonio-ferrigno>>. Acesso em: 25/10/2020

A Província – Paixão por Piracicaba.

Disponível em: <<https://www.aprovincia.com.br/>>. Acesso em: 28/05/2020

BOTUCATU E CULTURA.

Disponível em: <<http://botucatuicultura.blogspot.com/>>. Acesso em: 25/08/2020

Base de Dados Condephaat.

Disponível em: <<http://condephaat.sp.gov.br/>>. Acesso em: 25/10/2020

CENSO AGROPECUÁRIO – LUPA.

Disponível em: <<https://www.agricultura.sp.gov.br/programas-e-projetos/censo-agropecuario-lupa/>>. Acesso em: 28/02/2021

DATAGEO, Infraestrutura de Dados Espaciais Ambientais do Estado de São Paulo – IDEA-SP. Disponível em: <<https://datageo.ambiente.sp.gov.br/>>. Acesso em: 23/04/2021.

DELMANTO, Armando M. Conde Serra negra: Maior produtor de Café do Brasil na Monarquia e na República. Disponível em: <<http://blogdodelmanto.blogspot.com/>> Acesso em: 22/10/2020

DELMANTO, Armando M. Lawrence da Arábia. Disponível em: <<http://www.arandomoraesdelmanto.com.br/>>. Acesso em: 22/10/2020

FIGUEIROA, João C. O Conde de Serra Negra, o marido de Dona Baby. Disponível em: <<https://www.botucatuonline.com/>>. Acesso em: 22/10/2020

GODOY, Olavo P., CIACCHIA, Paulo P. Tempo de Dante, Gente de Hoje - 100 artigos publicados no jornal o “Correio de Botucatu”. Disponível em: <<http://www.historiadebotucatu.com.br/>>. Acesso em: 22/10/2020

Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/>>. Acesso em: 23/04/2021.

Faculdade de Ciências Agrônômicas - Câmpus de Botucatu. Disponível em: <<https://www.fca.unesp.br/>>. Acesso em 23/10/2020

GIESBRECHT, Ralph M. Vitoriana (antiga Victoria) - Município de Botucatu, SP.
Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/>>. Acesso em: 25/10/2020

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Cidades e Estados.
Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/botucatu.html/>>. Acesso em:
07/11/2020

IDESP, Infraestrutura de Dados Espaciais do Estado de São Paulo.
Disponível em: <<http://www.idesp.sp.gov.br/>>. Acesso em 28/01/2021

Patrimônio Belga no Brasil.
Disponível em: <<http://www.belgianclub.com.br/>>. Acesso em 24/12/2020

Prefeitura Municipal de Botucatu – Disponível em:
<<https://www.botucatu.sp.gov.br/>>. Acesso em: 22/05/2021

SEMUTRAN, Secretaria Municipal de Trânsito em Botucatu. Transporte Coletivo: linhas, horários e itinerários. Disponível em:
<<http://semutran.botucatu.sp.gov.br/linhas.html/>>. Acesso em: 11/07/2020

NASCIMENTO, Douglas. Palacete do Barão do Rio Pardo.
Disponível em: <<https://www.saopauloantiga.com.br/>>. Acesso em: 22/10/2020

Vendendo de tudo para as fazendas de Café. História de Botucatu.
Disponível em:<<http://www.ybytucatu.net.br/>>. Acesso em 22/10/2020

YOUTUBE. Documentário Restauro da Casa do Pinhal. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=aEirQJgfo-E>. Acesso em 13/06/2020

APÊNDICE 1

ENTREVISTA DE RECONHECIMENTO SÓCIO-FÍSICO, SÓCIO-SIMBÓLICO E SIMBÓLICO FÍSICO DA FAZENDA CAFEEIRA

Pesquisa de Mestrado de Beatriz Leite Antunes (aluna regular do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - PPGARQ)

DADOS PESSOAIS

Nome Completo: _____ Data: _____ Idade _____ Gênero
☐ Homem ☐ Mulher ☐ Prefiro não mencionar ☐ Outro: _____

Ocupação atual: _____

Reside atualmente em Botucatu? ☐ SIM ☐ NÃO, resido em: _____

Se sim, há quantos anos? Em qual Bairro? _____

Qual o grau de parentesco que possui com o proprietário ou funcionário da fazenda?

RECONHECIMENTO SÓCIO-FÍSICO

1. Qual o tipo de atividade que realizava na fazenda?
☐ Proprietário ☐ Trabalho fixo ☐ Trabalho temporário ☐ Visita ☐ Comércio
2. Em quais cômodos ou lugares da fazenda se desenvolviam essas atividades?

3. Você morou na fazenda? Se sim, poderia descrever como era sua residência?

4. Até quando você morou na fazenda? Ainda era produzido café na propriedade?

5. Quais foram as motivações que o levaram à trocar a vida no campo pela vida na cidade?

6. Onde ficava a casa que se mudou? Pode descrever como era sua residência?

7. Desenvolvia atividades fora da fazenda? Se sim, quais eram?

8. Você frequentava as dependências da cidade? Se sim, para quê?

9. Existia alguma festividade que era celebrada na fazenda? Se sim, qual?

10. Quando era necessário algum tratamento médico, como este era realizado?

11. Existiam muitas crianças e jovens nas dependências da fazenda? Eles frequentavam a escola e onde? _____

12. Onde era realizado o abastecimento doméstico?

13. Nas suas horas livres desenvolvia algum tipo de atividade de lazer? Se sim, onde eram realizadas tais atividades?

14. Quais eram as suas relações com o proprietário da fazenda e onde se encontravam?

RECONHECIMENTO SÓCIO-SIMBÓLICO

15. O trabalho que se desenvolvia na fazenda era remunerado? Se sim, esse salário era suficiente para manter toda a família? _____

16. Quando foi a última vez que você foi à fazenda?

17. Qual foi a sensação que isso lhe causou?

18. Você conhece alguma lenda vinculada à história da fazenda?

RECONHECIMENTO SIMBÓLICO-FÍSICO

19. Quando você ouve falar sobre a fazenda, qual a primeira coisa que lhe vem à mente?

20. Você considera a preservação da fazenda importante? Se sim, por quê?

21. Se tivesse que representar a fazenda através de uma imagem, qual seria ela?

APÊNDICE 2

PESQUISA DE OPINIÃO SOBRE A FAZENDA CAFEEIRA

Pesquisa de Mestrado de Beatriz Leite Antunes (aluna regular do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - PPGARQ)

DADOS PESSOAIS

Nome Completo: _____ Data: _____ Idade _____

Gênero ☐ Homem ☐ Mulher ☐ Prefiro não mencionar ☐ Outro: _____

Ocupação atual: _____

Reside atualmente em Botucatu? ☐ SIM ☐ NÃO, resido em: _____

Se sim, há quantos anos? Em qual Bairro? _____

RECONHECIMENTO SÓCIO-FÍSICO

1. Qual sua relação atual com a fazenda Serra Negra?
☐ Funcionário ☐ Aposentado ☐ Visitante ☐ Fotógrafo ☐ Proprietário
☐ Outros: _____
2. Se você realiza atividades de lazer, quais são elas?
☐ Passeio ☐ Atividades esportivas ☐ Piquenique ☐ Pesca esportiva ☐ Nado
☐ Contemplação ☐ Visitas culturais
☐ _____
 Outros: _____
3. Onde você realiza tais atividades? _____
4. Você normalmente frequenta a fazenda: ☐ Durante a semana (segunda à sexta-feira) ☐ Aos finais de semana ☐ Não tenho preferência
☐ Outros: _____
5. Você prefere frequentar a fazenda em que período?
☐ Manhã ☐ Tarde ☐ Noite ☐ Por _____ quê?

6. Em média qual é o seu tempo de permanência nas dependências da fazenda?
☐ 1 hora ☐ 2 horas ☐ 3 horas ☐ Mais que 3 horas
7. Você conhece a história da fazenda? Ou o nome de seus primeiros proprietários?

8. Você utiliza as dependências da fazenda para cortar caminho?

9. Se tivesse que representar a fazenda através de uma imagem, qual seria ela?
-

RECONHECIMENTO SIMBÓLICO-FÍSICO

10. Atualmente, a configuração da fazenda lhe agrada? ☐ Sim ☐ Não
11. Você se sente bem em algum lugar da fazenda? Se sim, em qual?
-

12. Você se sente mal em algum lugar da fazenda? Se sim, em qual?
-

13. Quando você ouve falar sobre a fazenda, qual a primeira coisa que lhe vem à mente?
-

14. Quando você pensa sobre a fazenda, quais são os lugares ou elementos que a lembram?
-

RECONHECIMENTO SÓCIO-SIMBÓLICO

15. Você conhece alguma lenda vinculada à história da fazenda?
-

16. Quando foi a última vez que você foi à fazenda?
-

17. Qual foi a sensação que isso lhe causou?
-

18. O que a fazenda representa pra você?
-

19. Você considera que há problemas no uso atual da Fazenda? Poderia apontar quais?
-

20. Você considera a preservação da fazenda importante? Se sim, por quê?
-

21. Na sua opinião, o que poderia ser feito para melhorar a estrutura da fazenda?
-

APÊNDICE 3

PESQUISA DE RECONHECIMENTO SOBRE PATRIMÔNIO AGROINDUSTRIAL

Pesquisa de Mestrado de Beatriz Leite Antunes (aluna regular do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - PPGARQ)

DADOS PESSOAIS

Nome Completo: _____ (não obrigatório)

Faixa Etária: ☐ 18 a 25 anos ☐ 26 a 35 anos ☐ 36 a 45 anos ☐ 46 a 55 anos ☐ 56 a 65 anos
☐ 65 anos ou mais

Reside atualmente em Botucatu? ☐ SIM ☐ NÃO, resido em: _____

Se sim, há quantos anos? Em qual Bairro? _____

RECONHECIMENTO FÍSICO

22. Você reconhece a fazenda representada na figura abaixo? ☐ SIM ☐ NÃO



23. Você reconhece a fazenda representada na figura abaixo? ☐ SIM ☐ NÃO



24. Você reconhece a fazenda representada na figura abaixo? ☐ SIM ☐ NÃO



25. Você reconhece a fazenda representada na figura abaixo? ☐ SIM ☐ NÃO



26. Você reconhece a fazenda representada na figura abaixo? ☐ SIM ☐ NÃO



RECONHECIMENTO SOCIAL

27. Conhece alguém que trabalhou ou morou em uma dessas fazendas? Se sim, em qual delas? Poderia descrever o que sabe sobre o trabalho realizado?
28. Sua família possui alguma ligação com a fazenda?
29. Você já ouviu falar sobre os antigos proprietários de alguma dessas fazendas? Se sim, qual o nome do proprietário e de sua fazenda?
30. Você ou alguém da sua família já trabalhou em alguma fazenda de Botucatu?

RECONHECIMENTO SIMBÓLICO

31. Qual desses nomes abaixo você já ouviu falar?
- ☐ Fazenda Serra Negra ☐ Fazenda Lageado ☐ Fazenda Monte Selvagem ☐ Fazenda Monte Alegre ☐ Fazenda Villa Victoria ☐ Fazenda Boa Esperança
32. Qual desses nomes abaixo você já ouviu falar?
33. ☐ Conde Serra Negra ☐ Família Pinheiro Machado ☐ Guido Zanotto ☐ Antônio de Carvalho Barros.

34. Você tinha ideia que Botucatu tinha tantos exemplares de fazendas históricas? ☐ SIM

☐ NÃO

35. Ao rever essas imagens da fazenda, quais os sentimentos que mais afloram para você?

☐ Saudosismo ☐ Natureza ☐ História ☐ Abandono ☐ Beleza

Arquitetônica ☐ Café

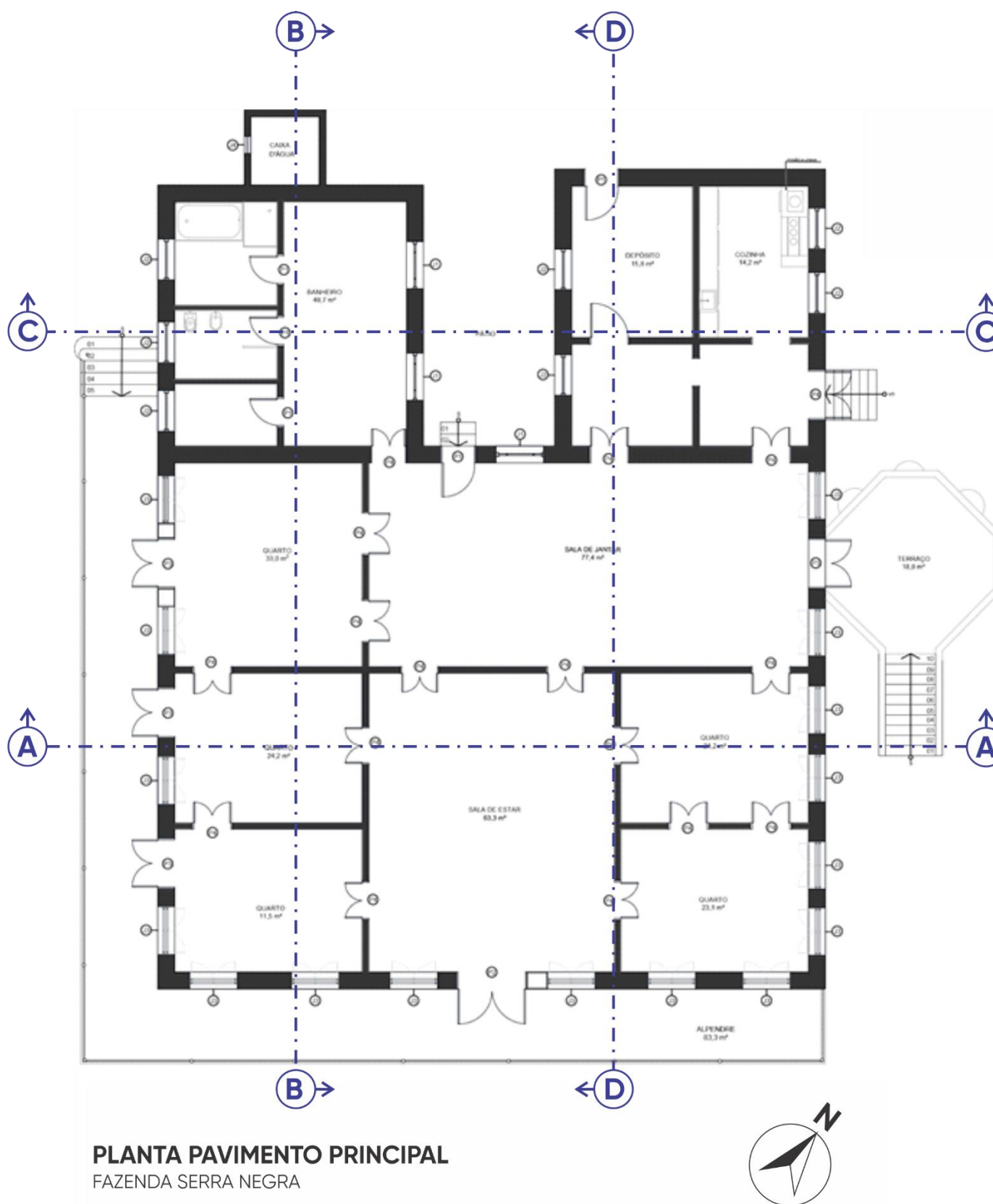
☐ Ferrovia ☐ Trabalho ☐ Trem ☐ Ascensão Social ☐ Imigrante ☐

Outros: _____

APÊNDICE 4

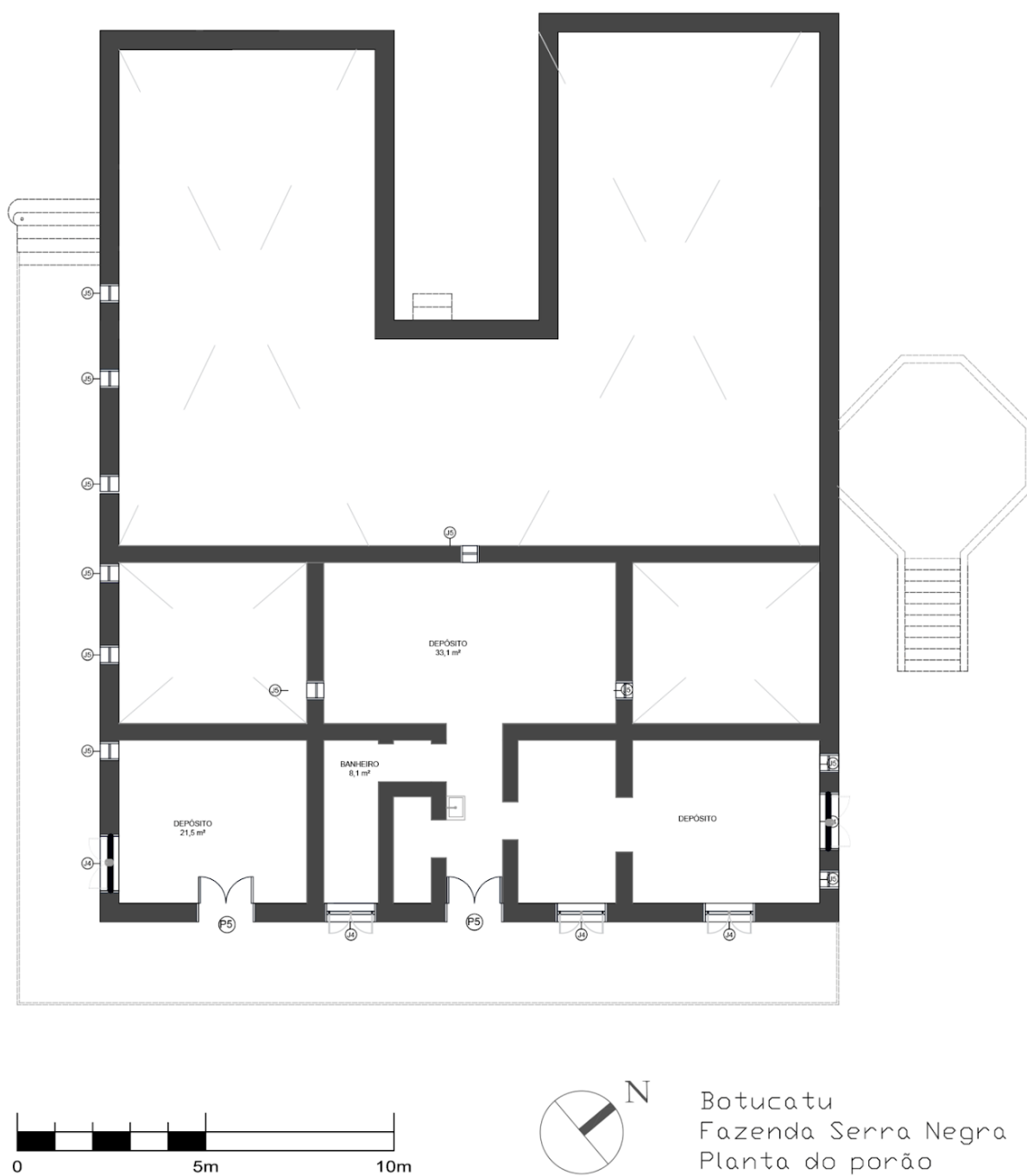
Levantamento métrico realizado em 09/09/2020

Figura 126: Planta pavimento principal



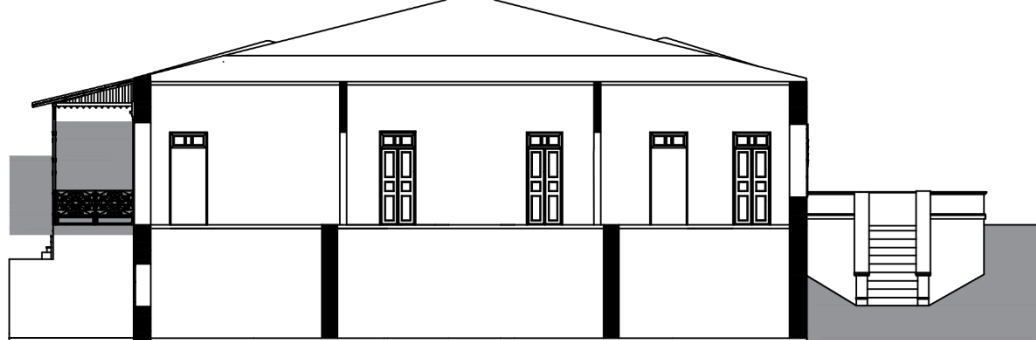
Fonte: Elaborado pela autora

Figura 127: Planta do Porão - Pavimento Térreo

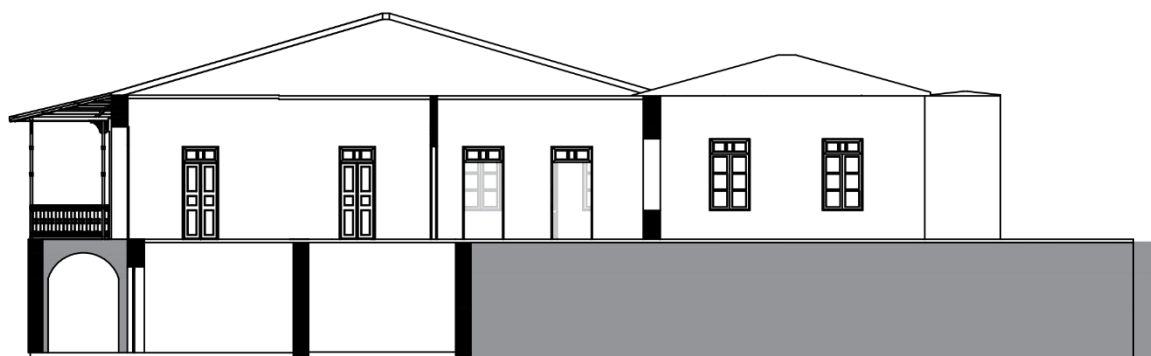


Fonte: Elaborado pela autora

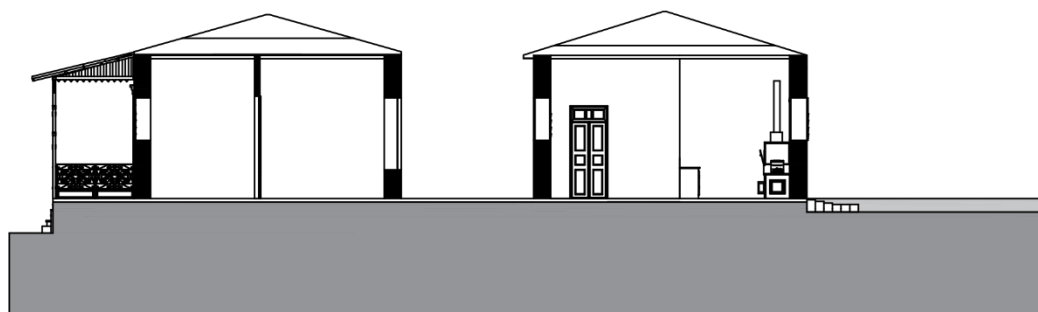
Figura 128: Cortes da Fazenda Serra Negra

**CORTE TRANSVERSAL A**

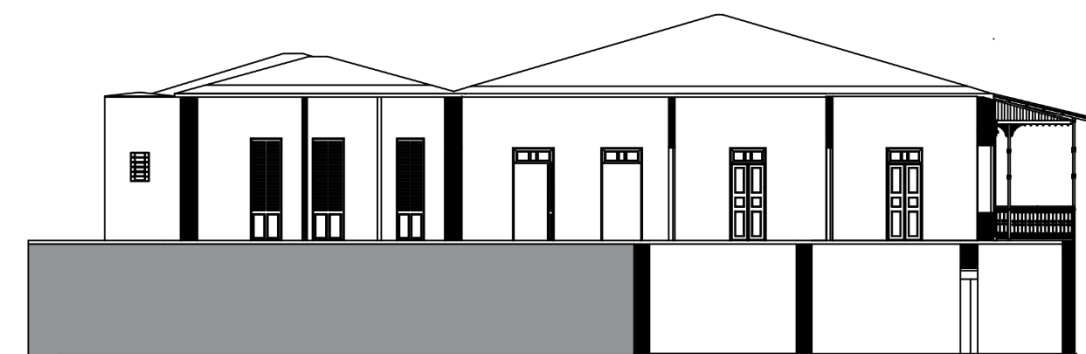
1 - LARGO DO ROSÁRIO

**CORTE LONGITUDINAL B**

FAZENDA SERRA NEGRA

**CORTE LONGITUDINAL C**

FAZENDA SERRA NEGRA

**CORTE TRANSVERSAL D**

FAZENDA SERRA NEGRA

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 129: Elavações Frontal e Lateral Fazenda Serra Negra



Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 25: Quadro de conservação das esquadrias

TABELA DE PORTAS - ESTADO DE CONSERVAÇÃO				
	TIPO	MATERIAL	CONSERVAÇÃO	ORIGINAL
P1	ABRIR	MADEIRA	DETERIORADA	SIM
P2	ABRIR DUAS FOLHAS	MADEIRA COM DETAHES DE FERRO	CONSERVADA	SIM
P3	ABRIR DUAS FOLHAS	MADEIRA	COSERVADA	SIM
P4	ABRIR DUAS FOLHAS	MADEIRA	DETERIORADA	SIM

TABELA DE JANELAS - ESTADO DE CONSERVAÇÃO				
	TIPO	MATERIAL	CONSERVAÇÃO	ORIGINAL
J1	ABERTURA	MADEIRA	RETIRADA	SIM
J2	MAX-IN AR	METAL E VIDRO	CONSERVADA	NÃO
J3	ABRIR 2 FOLHAS	MADEIRA E VIDRO	CONSERVADA	SIM

Fonte: Elaborado pela autora